

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA  
MESTRADO EM HISTÓRIA

EGISELDA BRUM CHARÃO

**MULHERES ITALIANAS E TRABALHO EM PORTO ALEGRE/RS (1945-1965)**  
**História de uma imigração esquecida**

Porto Alegre

2015

EGISELDA BRUM CHARÃO

**MULHERES ITALIANAS E TRABALHO EM PORTO ALEGRE/RS (1945-1965)**

**História de uma imigração esquecida**

Dissertação apresentada como requisito para a obtenção do grau de Mestre em História pelo Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof. Dr. Antonio de Ruggiero

Porto Alegre

2015

### **Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**

C469 Charão, Egiselda Brum

Mulheres italianas e trabalho em Porto Alegre/RS (1945-1965) : história de uma imigração esquecida / Egiselda Brum Charão – 2015.

206 fls.

Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul / Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, Porto Alegre, 2015.

Orientador: Prof. Dr. Antonio de Ruggiero

1. Imigração italiana – Rio Grande do Sul. 2. Porto Alegre –

EGISELDA BRUM CHARÃO

**MULHERES ITALIANAS E TRABALHO EM PORTO ALEGRE/RS (1945-1965)**

**História de uma imigração esquecida**

Dissertação apresentada como requisito para a obtenção do grau de Mestre em História pelo Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Aprovada em: \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2015.

Banca Examinadora:

---

Professor Doutor Antonio de Ruggiero – Orientador – PUCRS

---

Professora Doutora Claudia Musa Fay – PUCRS

---

Professora Doutora Vânia Herédia – UCS

*Dedico esta pesquisa à memória da Professora Dra. Núncia Santoro de Constantino e às italianas Iole Tredice, Maria Di Gesù, Amalia Morelli Aita, Valeria Novak Paskulin, Francesca Coniglio Ducceschi, Nidia Giordano, Maria Cristina Liberatore Prando, Vincenza Nani, Maria Vinciprova (Mãe), Maria Mancuso, Antonina Vinciprova, Epifânia Di Fazio, Clara de Vila Gotter Francia, Maria Scavuzzo, Lidia Bolletta Uriarte, Carmela Faro Zuccallá, Tereza Mazzeo Lettieri, Maria Faccin e Carmela Serra Gallicchio, que, com suas colaborações, tornaram possível a realização deste trabalho.*

## AGRADECIMENTOS

À professora Núncia Santoro de Constantino (in memória) e à professora Claudia Musa Fay, sempre presentes, incentivando a pesquisa e o desenvolvimento do trabalho no Laboratório de História Oral.

Ao professor Dr. Antonio de Ruggiero, por sua disponibilidade e confiança em mim depositada, tornando possível a elaboração e a execução do projeto inicial.

A CAPES, que oportunizou, por dois anos, uma bolsa de pesquisa, contribuindo para a execução do trabalho.

Às italianas depoentes, que se disponibilizaram a contar suas histórias de vida e memórias sobre a imigração, contribuindo para a pesquisa.

Aos colegas, conhecidos e parentes que se empenharam na indicação de imigrantes, na participação da coleta dos depoimentos e nas sugestões sobre a organização do texto, Leonardo Conedera, Jaqueline da Silva de Oliveira, entre outros.

E, por fim, mas não menos importante, ao meu marido, que incentivou, colaborou e aceitou aos meus pedidos de paciência e ajuda sempre que solicitado durante a caminhada acadêmica.

*Quando passamos na mesma calçada, junto ao mesmo muro, o ruído da chuva nas folhas nos desperta alguma coisa. Mas, a sensação pálida de agora é uma reminiscência da alegria de outrora. Esta sombra tem algo parecido com a alegria, tem o seu contorno. é uma evocação.*

Ecléia Bosi

## RESUMO

Este texto apresenta e analisa aspectos da imigração italiana em Porto Alegre no período de 1945-1965, mais especificamente busca entender como ocorreu a inserção da mulher imigrante italiana no trabalho. Utilizando a metodologia da História Oral Híbrida expõem-se as histórias e memórias das mulheres imigrantes italianas. Evidenciam-se, desse modo, pontos de vista relativos ao contexto histórico político e econômico da Itália e do Brasil referentes ao período do pós-guerra. O trabalho enfoca o cotidiano da sociedade urbana porto-alegrense na segunda metade do século XX, com ênfase no mundo do trabalho. A partir das histórias individuais das entrevistadas, no caso, as mulheres italianas, identificou-se a singularidade existente e única de cada narração, ressaltando eixos que se cruzavam nas falas individuais. Desse modo, a partir das memórias individuais procurou-se produzir inferências gerais sobre um assunto ainda pouco abordado pela historiografia.

**Palavras-chaves:** História oral. Porto Alegre. Mulheres imigrantes italianas. Trabalho.



## RIASSUNTO

Questo testo presenta e analizza aspetti dell'immigrazione italiana a Porto Alegre nel periodo 1945-1965. Più specificamente si sofferma sulla questione dell'inserimento professionale di donne italiane. Utilizzando la metodologia della Storia Orale Ibrida si tracciano le traiettorie e si ripercorrono le memorie di queste immigrate. Si evidenziano, così, punti di vista relativi al contesto storico, politico e economico dell'Italia e del Brasile negli anni successivi alla Seconda Guerra mondiale. Il lavoro approfondisce l'analisi del vissuto quotidiano nella società urbana portoalegrese della seconda metà del Novecento, con una enfasi particolare sul mondo del lavoro. A partire dalle storie individuali delle immigrate italiane intervistate, si sono identificate le singolarità presenti in ogni narrazione, evidenziando allo stesso tempo i punti di convergenza. Grazie a tali memorie individuali siamo giunti a conclusioni generali su un tema ancora poco analizzato dalla storiografia.

**Parole chiave:** Storia orale. Porto Alegre. Donne italiane immigrate. Lavoro.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1 – Relação nominal de depoentes italianas.....	23
Quadro 2 – Relação de biografias e autobiografias de imigrantes italianas.....	24
Figura 1 – Mapa representativo dos bairros de Porto Alegre.....	24
Figura 2 – O Catavento da Vida.....	24
Figura 3 – De Ponzano a Porto Alegre.....	24
Figura 4 – Uma Trajetória de 80 Anos.....	24
Gráfico 1 – Gráfico de imigrantes entrados no Brasil – 1808/1973.....	31
Figura 5 – Vila IAPI.....	34
Figura 6 – Vila IAPI (Detalhe).....	34
Figura 7 – Aterramento do Guaíba.....	35
Figura 8 – Cortiço da Galeria Caldwell – Bairro Menino Deus.....	36
Figura 9 – Vila São José – 1956 – conhecida como Morro da Cruz.....	36
Figura 10 – Rua da Praia – 1950.....	36
Figura 11 – Linotype Teletypesetter – Comet.....	37
Figura 12 – Ao comércio.....	40
Figura 13 – Restaurante italiano Bom Gosto.....	40
Figura 14 – Governante.....	41
Figura 15 – Cozinheira.....	41
Figura 16 – Pierina Trenti – 1893 – Brasil.....	42
Figura 17 – FIATECI.....	42
Figura 18 – Marcella Gallinati.....	42
Figura 19 – Fanfulla.....	45
Figura 20 – Lydia Mosquetti.....	45
Figura 21 – Instituto Santa Luzia.....	45
Figura 22 – Mapa demonstrativo do local de partida e chegada das imigrantes italianas (1935-1962).....	47
Figura 23 – Iole Tredice (17 anos) – 1946.....	48
Figura 24 – Norte da Poente Del Duomo.....	48
Figura 25 – Cinema Garibaldi (Pescia).....	50
Figura 26 – Iole Tredice e Pedro Paz.....	51

Figura 27 – Navio Almirante Jaceguai.....	51
Figura 28 – Reportagem sobre a chegada de Iole em Porto Alegre.....	53
Figura 29 – Cândido Norberto dos Santos (dir.) e João Pedro Paz (esq.).....	53
Figura 30 – Pedro e Iole em um momento de evocação da memória.....	55
Figura 31 – Iole sendo entrevistada por Silvio Santos – Canal SBT – 26/11/1995.....	56
Figura 32 – Solenidade do monumento Ten. Miguel Pereira em Passo Fundo/RS – 2008.....	56
Figura 33 – Pietro Di Gesù (pai), Rosa Rimo Di Gesù (mãe) e Maria Di Gesù.....	56
Figura 34 – Maria Di Gesù.....	57
Figura 35 – Antiga Rua Havaí.....	58
Figura 36 – Società Italiana di Beneficenza Principessa Elena Montenegro.....	58
Figura 37 – Coral da Orquestra Sinfônica de Porto Alegre.....	60
Figura 38 – Orquestra de Cordas Musicâmara.....	60
Figura 39 – Maria Di Gesù no Salão Nacional.....	61
Figura 40 – Madonna – 1969.....	62
Figura 41 – Mãe Extremosa – 1995.....	62
Figura 42 – 13 de junho – 1996.....	62
Figura 43 – Morano Calabro – s/d – óleo sobre tela.....	62
Figura 44 – Morano Calabro – s/d – xilogravura.....	62
Figura 45 – Dalva Di Martino Cassará – 1955.....	63
Figura 46 – Navio Colombo.....	64
Figura 47 – Rua Demétrio Ribeiro – 1950.....	64
Figura 48 – Vista aérea da Usina do Gasômetro – 1955.....	65
Figura 49 – Batismo de Dalva di Martino – da esquerda para a direita: Rocco Gallo e Vicentina Galo (tios e padrinhos), pai e mãe (Dalva é a criança no colo da mãe), tia, prima e irmãs.....	67
Figura 50 – Amália Morelli e Salvatore Aita – 1950.....	68
Figura 51 – Salvatore Aita – 1943.....	68
Figura 52 – Amália Morelli Aita e Salvatore Aita (1955).....	69
Figura 53 – Açougue & Fiambreteria Itália e Sapataria Bela Roma.....	70
Figura 54 – Carmela Serra Gallicchio.....	71
Figura 55 – La Estampa – Notícia sobre Badoglio – 1943.....	72
Figura 56 – Carmela com os filhos – 1955 – Rafaelle (quatro anos) e Conceição (três	

anos)...	73
Figura 57 – Moinho Esperança: saca antiga de Farinha Especial.....	75
Figura 58 – Placa da Rua.....	76
Figura 59 – Capa da Biografia de Carmela.....	76
Figura 60 – Maria Cristina Prando – s/d.....	77
Figura 61 – Ateleta – s/d.....	78
Figura 62 – Assunta Ciotola Liberatore com os filhos.....	79
Figura 63 – Rua da Praia – 1950.....	81
Figura 64 – Maria Cristina Prando (ao centro) e alguns dos alunos do Curso de italiano (ACIRS) – s/d.....	82
Figura 65 – Festa das etnias em Florianópolis.....	83
Figura 66 – Maria Faccin – 1953.....	84
Figura 67 – Parte da família em frente à casa Patriarcal em Ponzano – s/d.....	84
Figura 68 – O Conte Grande com as cores da Italia di Navigazione.....	85
Figura 69 – Loteamento Morro da Cruz – Vila São José. Primeiras casas e primeiros moradores do local.....	86
Figura 70 – Costalta di Cadore – Província di Belluno.....	89
Figura 71 – Maria Scavuzzo.....	92
Figura 72 – Família Scavuzzo – 1950.....	93
Figura 73 – Fábrica Renner – sessão de montagem.....	94
Figura 74 – Navio San Giorgio (ex-Princesa Giovanna).....	95
Figura 75 – Auditório Araújo Vianna (local ocupado de 1927 ao início da década de 1960).....	95
Figura 76 – Vila IAPI.....	96
Figura 77 – Alfaiataria Adriatica.....	97
Figura 78 – Francesca Coniglio Ducceschi.....	102
Figura 79 – Casamento de Francesca e Ermanno.....	103
Figura 80 – Francesca e o filho Giovanni em exercícios de salvamento no navio.....	104
Figura 81 – Casa feita por Ermanno em Viamão.....	105
Figura 82 – Afresco Etruria.....	106
Figura 83 – Vincenza Nani – 1958.....	107
Figura 84 – Costuras do Exército.....	109
Figura 85 – Almanaque Iza Laboratório Kraemer – 1959.....	109

Figura 86 – Cestari S.A.....	110
Figura 87 – Maria Antonina – 1955.....	112
Figura 88 – Arquivamento de documentos.....	113
Figura 89 – Praça da Alfândega – 1955.....	114
Figura 90 – Cinema Vitória – 1957.....	114
Figura 91 – Maria Vinciprova e Inacio Mancuso.....	115
Figura 92 – Gran Fonte.....	116
Figura 93 – Andrea C entrando no porto de Santos.....	117
Figura 94 – Prospecto do Andrea C.....	117
Figura 95 – Mapa com localização de Passopsciario.....	120
Figura 96 – Paisagem de Passopsciario.....	120
Figura 97 – Loja Renner – esquina da Rua Otávio Rocha com a Rua Dr. Flores – 1950.....	121
Figura 98 – Epifânia di Fazio.....	123
Figura 99 – Leonforte – Província de Enna.....	124
Figura 100 – Navio Bretanha.....	125
Figura 101 – Hospedaria do imigrante, no Bairro Braz – São Paulo.....	126
Figura 102 – Antigo terminal da estação Diretor Pestana (no canto inferior esquerdo).....	126
Figura 103 – Epifânia e os filhos (casa em Canoas).....	128
Figura 104 – Antiga Indústria Vigorelli – Jundiaí/SP.....	129
Figura 105 – Passo Brennero.....	130
Figura 106 – Passo Brennero – Estação Ferroviária – 1950.....	130
Figura 107 – Balillas.....	131
Figura 108 – Transatlântico Giulio Cesare.....	132
Figura 109 – Importadora Americana – 1955.....	133
Figura 110 – Trieste.....	134
Figura 111 – Panorama de Trieste.....	136
Figura 112 – Trieste – Itália – navio no porto.....	136
Figura 113 – Porto Alegre – Brasil – ponte móvel do Guaíba – construção – 1955.....	138
Figura 114 – Adria Massas Alimentícias – calendário – propaganda antiga (frente e verso).....	139
Figura 115 – Rofrano – Itália.....	140

Figura 116 – Nidia Giordano e a filha Marina.....	142
Figura 117 – Nápoles – Atentado de 1943.....	143
Figura 118 – Nápoles – Pocillipo – 1950.....	143
Figura 119 – Navio Raul Soares.....	144
Figura 120 – Elisa Di Pinto e Maestro Alfredo Giordano.....	145
Figura 121 – Revista Grande Hotel – 1956 – Editora Vecchi Ltda.....	145
Figura 122 – Nidia e Alberto Gutierrez.....	146
Figura 123 – Nidia em alguns de seus trabalhos – desfilando, fotografando para propaganda em revistas e atuando como figurante de teatro.....	148
Quadro 3 – Imigrantes italianas – empresas e atividades de trabalho.....	149
Figura 124 – Fábrica Eltex Ltda.....	150
Figura 125 – Embalagem de elástico.....	150
Figura 126 – Capa do livro <i>I Secreti della mia Cucina</i> .....	150
Figura 127 – Lancol – Indústria e Comércio de Vestuário – Confecções Unisex.....	151
Figura 128 – TTL antigo 16 (Salomão Jacob Golandski).....	152
Figura 129 – Amélia Testani.....	152
Figura 130 – Conjunto de Pinturas Sem Título, de autoria de Amélia Testani.....	153
Quadro 4 – Quadro descritivo dos Registros de Casamento – 1ª Zona de Porto Alegre...	154
Quadro 5 – Quadro descritivo dos Registros de Casamento – 2ª Zona de Porto Alegre...	154
Quadro 6 – Quadro descritivo dos Registros de Casamento – 3ª Zona de Porto Alegre...	156
Figura 131 – Cestari Ltda.....	160
Figura 132 – Restaurante Jardim Itália.....	160
Figura 133 – Semanário sucessor do “O Orientador”.....	160
Figura 134 – Comércio de bar e biliars.....	161
Figura 135 – Esterina Merolillo Vontobel.....	163
Figura 136 – Placa da Mu-Mu.....	163
Figura 137 – Anúncio de enfermeiras.....	165
Figura 138 – FILEX – Indústria de Elásticos em Geral.....	166
Figura 139 – Os Desaparecidos.....	167
Figura 140 – Empregada a domicílio.....	168
Figura 141 – Anúncios solicitando costureiras.....	168
Figura 142 – Vendedores por conta própria.....	170
Figura 143 – Francesca assinando o afresco no Edifício Etrúria.....	171

Figura 144 – Mãos – escultura em cerâmica.....	171
Figura 145 – Maria Di Gesú – tocando, cantando e pintando.....	172

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	17
<b>1 CONTEXTO DE PARTIDA E DE CHEGADA</b> .....	27
1.1 FASCISMO E SEGUNDA GUERRA MUNDIAL (CENÁRIO MUNDIAL E ITALIANO).....	27
1.2 PÓS-GUERRA E IMIGRAÇÃO.....	30
1.3 BRASIL E RIO GRANDE DO SUL.....	32
1.4 PORTO ALEGRE.....	33
<b>1.4.1 Mulheres imigrantes e trabalho em Porto Alegre – antecedentes</b> .....	38
<b>2 TRAJETÓRIAS SINGULARES DAS IMIGRANTES ITALIANAS</b> .....	46
2.1 O LONGO PERCURSO ATÉ A CAPITAL GAÚCHA.....	46
<b>2.1.1 Região da Toscana</b> .....	48
<b>2.1.2 Região da Calabria</b> .....	56
<b>2.1.3 Região dos Abruzzos</b> .....	77
<b>2.1.4 Região do Vêneto</b> .....	83
<b>2.1.5 Região da Sicília</b> .....	92
<b>2.1.6 Região da Lombardia</b> .....	128
<b>2.1.7 Região Friuli-Venezia-Giulia</b> .....	134
<b>2.1.8 Região da Campania</b> .....	139
<b>2.1.9 Notícias de outras italianas em Porto Alegre</b> .....	150
<b>3 INSERÇÃO NO MUNDO DO TRABALHO</b> .....	157
3.1 INCLUSÃO E SOCIABILIDADE.....	158
3.2 CAPACIDADE DE PROMOVER INICIATIVAS.....	161
3.3 DIVERSIDADE DE OCUPAÇÕES.....	163
<b>3.3.1 Operárias nas fábricas</b> .....	165
<b>3.3.2 Costureiras</b> .....	166
<b>3.3.3 Domésticas / cozinheiras</b> .....	168
<b>3.3.4 Por conta / a domicílio</b> .....	168
<b>3.3.5 Professoras / artistas plásticas / musicistas</b> .....	169
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	172
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	177
<b>ANEXO A – Recrutamento e seleção de imigrantes na Europa</b> .....	202



<b>ANEXO B</b> – Brasileiro naturalizado.....	203
<b>ANEXO C</b> – Acordos do Brasil com a Itália.....	204
<b>ANEXO D</b> – Autorização para comerciar.....	205
<b>ANEXO E</b> – Trabalho, Indústria e Comércio – Semanário sucessor do “O Orientador”...	206

## INTRODUÇÃO

As grandes guerras do século XX trouxeram uma consequência imediata na vida das mulheres, que ficaram mais responsáveis pela família e pela economia dos países, já que havia uma carência de mão de obra masculina, tornando-se, assim, elementos produtivos da sociedade. A mulher do segundo pós-guerra, na década de 1950 foi, antes de tudo, um paradoxo. Por um lado, reivindicava o direito de trabalhar e ocupar espaços públicos, pelo outro, considerava que ser mãe e dona de casa permanecia o seu destino natural. Neste período, o Brasil também passava por transformações sociais e as diferenças entre homens e mulheres diminuíram em termos de convívio, mas não tanto na distinção de papéis. Desse modo, o país acompanhou a tendência mundial de fazer com que a mulher não abandonasse os valores tradicionais da sociedade (BASSANEZI, 2000, p. 608).

A segunda metade do século XX foi um momento de expansão urbana na maioria das grandes cidades brasileiras, que começaram a se converter em lugares propícios para o desenvolvimento de atividades econômicas em virtude do rápido processo de urbanização, que é um fenômeno estrutural relativamente recente, tendo o seu auge medido pela velocidade do crescimento da população, entre os anos 1950 e 1970 (BRITO, 2005, p. 222).

Porto Alegre, capital do Rio Grande do Sul nesse período, também passava por esse fenômeno de transformações estruturais; os meios de comunicação não só informavam, mas também difundiam novos valores culturais. Tanto o rádio tinha um alcance maior, como as revistas com publicidade marcante tiveram grande importância na fixação de uma nova imagem social. Nessa mesma época, também começou a marginalização das populações mais pobres, que irá piorar nas décadas seguintes.

Na década de 1950, a cidade já contava com 400 mil habitantes e, apesar de toda ânsia em se tornar uma metrópole moderna, ainda mantinha ares provincianos. Com o crescimento da capital gaúcha, a imprensa começou a representar um importante meio de divulgação da transformação da cidade, pois através das fotorreportagens as pessoas tinham noção da modificação e modernização urbana. Monteiro lembra que

As páginas das revistas e dos jornais anunciavam edifícios de apartamentos, carros, eletrodomésticos, roupas, produtos de higiene e beleza para o indivíduo moderno. A publicidade abundante vendia os mais variados produtos: eletrodomésticos para a dona de casa moderna, produtos de higiene para a mulher moderna. (MONTEIRO, 2012, p. 79).

Nessa década, surgem grandes lojas de departamentos, sempre destacando a modernidade e o conforto. Eram locais onde homens, mulheres e crianças encontravam todos os tipos de produtos para servir a família. Essas lojas marcam a modernização dos hábitos e

das formas de consumo. Foi também nesse período que foi criado um espaço social para as universidades. (MONTEIRO, 2012, p. 78-79).

A cidade passava por um processo acelerado de metropolização. Os bondes estavam sendo substituídos pelos ônibus e pelos automóveis, que ocupavam cada vez mais espaço nas ruas. Toda a década de sessenta foi de efervescência cultural, na qual as artes e a música viram o surgimento de figuras consagradas nacionalmente como, por exemplo, Iberê Camargo, enquanto músicos importantes do centro do país dividiam o palco com talentos da terra. Em virtude do crescimento populacional a cidade se expandiu para as áreas periféricas, o que causou uma complexa estruturação social. A cidade precisava gerenciar os déficits de serviços básicos de infraestrutura, e também, pensar em transporte de massas, lazer, educação (MONTEIRO, 2012, p. 88).

O crescimento demográfico urbano decorreu de uma emigração do campo para a cidade, somada a uma nova onda de imigração da Europa para a América, que ganhara fôlego no pós-Segunda Guerra Mundial, arrefecendo apenas na primeira metade da década de 1970. Nesses deslocamentos, as populações saíam de seus locais de origem em busca de melhores condições de vida.

Eram, portanto, deslocamentos populacionais relacionados ao trabalho, demonstrando a existência de uma complexa rede social, na qual se encontrava um grande número de imigrantes italianos. As redes, de modo geral, abrangem características que, segundo Charles Tilly (1978), podem se classificar como deslocamentos de carreira e deslocamentos em cadeia. O deslocamento de carreira é aquele em que o indivíduo se desloca respondendo a oportunidades de ocupação de postos oferecidos por uma organização a que pertence, ou, de indivíduos associados a uma profissão que exercem. O deslocamento em cadeia envolve a mobilidade de indivíduos motivados por uma série de arranjos e informações fornecidas por parentes e conterrâneos já instalados no destino (TILLY, 1978 apud TRUZZI, 2008, p. 200).

Toda essa transformação, incluindo uma maior facilidade de ingresso no ensino superior, afetou o universo feminino, mesmo sendo ainda o trabalho da mulher fora de casa cheio de restrições, como informa Paula Rafaela da Silva, que estudou as mulheres e a imprensa feminina durante os anos 1950. A autora afirma que o trabalho feminino regularizado, nesse período, ainda era condenado pelas regras sociais, sobretudo para as mulheres casadas (SILVA, 2010, p. 15).

A partir destas considerações, o presente trabalho analisa os fatores que particularizaram o ingresso de italianas imigrantes nas duas décadas sucessivas à segunda

guerra mundial, contextualizando as específicas trajetórias e a inserção nas ocupações de trabalho e na sociedade de Porto Alegre.

A comprovação de documentos relativos à atuação marcante de imigrantes italianos na época anterior, considerada o auge da “grande imigração” (1875-1914), estimulou a investigação para os anos de 1945 a 1965 quando, apesar dos escassos estudos<sup>1</sup>, não faltam evidências de uma participação significativa na vida urbana. Além disso, a distância temporal recente permitiu encontrar depoentes vivas entre as procedentes da Itália depois do conflito.

A importância da pesquisa justifica-se pelo fato que milhares de mulheres imigrantes desconhecidas e desconsideradas transitam pela cidade, muitas vezes, elas próprias inconscientes do papel que desempenham, pois processos de imigração sempre foram e ainda são considerados assunto de homens. Ao mesmo tempo, é necessário investigar sobre a imigração urbana no Rio Grande do Sul, considerando que a historiografia privilegiou

---

<sup>1</sup>Ao se fazer o levantamento bibliográfico dos trabalhos científicos sobre as mulheres imigrantes e trabalho no Brasil, e especialmente no Rio Grande do Sul, observa-se que existiu pouco interesse pelo tema, dado o número escasso de pesquisas encontradas, principalmente no contexto urbano. Entre os escritos destacam-se alguns trabalhos esparsos, como: *(RE) Conciliação dos usos do tempo: Imigração, Gênero e Trabalho-Família*, de Estefânia Gonçalves Silva, Maria da Conceição Nogueira, Ana Sofia Antunes das Neves (Psicologia Social); *Trajétória de luta: mulheres imigrantes italianas anarquistas*, de Inês M. Minardi (História); *Loucas mulheres alemãs*, de Zelinda Rosa Scott; *“Mamma Mia”: A compreensão do saber fazer cotidiano e a resignificação dos papéis entre mulheres camponesas*, de Fernanda Simonetti (História); *Mulheres atletas: re-significações da corporalidade feminina*, de Mirian Adelman (Sociologia); *Mulheres imigrantes alemãs e Igreja no Brasil: dificuldades e possibilidades para uma pesquisa histórica*, de Gisela A. Büttner Lermen (História); *Memória, Literatura e Cultura: as vozes de mulheres italianas*, de Marilene De Carli Bonafé (Literatura e História); *Condições de vida e trabalho: a mulher no espaço fabril curitibano (1940-1960)*, de Roseli T. Boschilia (Letras e Artes); e *Luzes e sombras: mulheres imigrantes italianas. São Paulo – 1890-1939*, de Andrea Borelli e Maria Izilda S. de Matos. Ressalta-se, ainda, a Dissertação de Marie Felice Weinberg (Letras Orientais), que aborda *Imigrantes Judias empresárias em São Paulo (1945-1956)*, trabalho específico que trata sobre as imigrantes e trabalho. No Rio Grande do Sul os trabalhos pioneiros foram: *A força das mulheres proprietárias histórias de vida de imigrantes italianas - 1875-1925* e *A mulher imigrante e o trabalho*, de Loraine Slomp Giron e *Mulheres sem rosto*, de Maria Abel Machado que focaram na região colonial, entretanto alguns estudiosos dedicaram capítulos de seus estudos às mulheres imigrantes no espaço urbano, como: Alexandre Fortes, em *Nós do Quarto Distrito: a classe trabalhadora Porto Alegrense e a Era Vargas*; Áurea Tomatis Petersen, em *Trabalhando no Banco: trajetória de mulheres gaúchas desde 1920*; Maria Letícia Mazzucchi Pereira, em *“Quando o apito da fábrica de tecidos...” Memória pública e memória coletiva, Fabrica Rheingantz, 1950-1970 Rio Grande, RS*. Destaque especial para a produção acadêmica da Professora Doutora. Núncia Santoro de Constantino (História Social), Coordenadora do Projeto Mulheres Imigrantes nas Cidades do MERCOSUL. Entre seus artigos publicados estão: *Testemunho feminino e imigração: mulheres vênetas em cidades Brasileiras e a construção da identidade*, *Nas entrelinhas da narrativa: vozes de mulheres imigrantes*, *Imigrantes e mulheres adolescentes nos arquivos da Santa Casa*, *Percursos de Hanna na Polônia e no Brasil: história oral, teoria e metodologia*, entre outros. Também ligados ao projeto estão os trabalhos de Egiselda Brum Charão, como o Trabalho de Conclusão do Curso de História da PUCRS, *Mulheres italianas em Porto Alegre (1945-1955): aspectos da imigração urbana*; além dos artigos: *A mobilidade e a interação social em Francesca*; *Nuances nos depoimentos da pesciana e da moranesa: mulheres imigrantes em Porto Alegre (1945-1950)*; *Maria Faccin: de Ponzano a Porto Alegre – fragmentos de uma memória quase esquecida na escrita de si*; *Imigrantes italianas em Porto Alegre (1945-1950)*; *Mulheres imigrantes e trabalho em Porto Alegre (1890-1920)*; e *Imigrantes italianas em Porto Alegre (1945-1955) – memória e identidade nas fotografias*.

tradicionalmente a experiência da colonização agrícola, quantitativamente mais relevante e incisiva no Estado (DE RUGGIERO, 2015, p. 162-163).

A presente investigação parte de uma perspectiva interdisciplinar entre várias áreas do conhecimento, fundamentando-se no paradigma indiciário que toma como ponto de partida os vestígios fornecidos pelo *corpus* documental (entrevistas, autobiografias, biografias, entre outros) para a construção do objeto de pesquisa. Como salienta Ginzburg:

O paradigma indiciário se traduz em “um saber de tipo venatório”, caracterizado pela capacidade de, a partir de dados aparentemente irrelevantes, descrever uma realidade complexa que não seria cientificamente experimentável. Pode-se acrescentar que esses dados são sempre dispostos pelo observador [um caçador, p. ex.] de modo tal que possa se traduzir numa sequência narrativa, cuja formulação mais simples poderia ser “alguém passou por aqui”. (GINZBURG, 1990, p. 150-151).

A pesquisa trata de uma história social que identifica um problema geral a partir da reconstituição da experiência de um grupo de pessoas. (CHARPE, 1992, p. 42). Desse modo, os historiadores sociais contribuem para uma ampliação do conceito de fontes, multiplicação dos objetos de pesquisa e uma abordagem das práticas dos grupos considerados minoritários no contexto da história oficial.

A partir dos preceitos mencionados e visando trabalhar as questões relacionadas com a história oral, inicialmente se buscou apoio nos textos tradicionais de Paul Thompson. O autor, em sua obra trata dos procedimentos teóricos e metodológicos do uso das fontes orais e sua função social relacionada à oralidade de uma narrativa de vivências. As narrativas priorizam um grupo composto por indivíduos que partilham experiências e fatos vividos; portanto, eles também desenvolvem relações de amizade ou trabalho.

Nesse sentido, o método da escolha dos entrevistados deriva de indicações ou pode ser chamado de “bola de neve”, onde o entrevistado indica outro nome para entrevista. Amparada nesses mesmos estudos, Sonia Maria de Freitas, no prefácio da edição brasileira de Paul Thompson (1992), afirma “[...] que a história oral pode dar grande contribuição para o resgate da memória nacional, mostrando-se um método bastante promissor para a realização de pesquisas em diferentes áreas” (FREITAS, 1992, p. 19). A mesma autora ainda chama a atenção para aspectos da memória, afirmando que “[...] é preciso preservar a memória física e espacial, como também descobrir e valorizar a memória do homem. A memória de um, pode ser a memória de muitos, possibilitando a evidência de fatos coletivos” (FREITAS, 1992, p. 19).

Quanto ao social em seus estudos, Thompson (1992) priorizou os grupos ou classes sociais locais de minorias que viviam em determinadas comunidades. De acordo com o autor

(1992, p. 137), a história oral transforma os “objetos” de estudo em “sujeitos”, contribuindo para uma história que, além de ser mais rica viva e comovente é também mais verdadeira.

Para o autor:

A história oral é uma história construída em torno de pessoas. Ela lança a vida para dentro da própria história e isso alarga seu campo de ação. Admite heróis vindos não só dentre os líderes, mas dentre a maioria desconhecida do povo. [...] Traz a história para dentro da comunidade e extrai a história de dentro da comunidade. Ajuda os menos privilegiados, e especialmente os idosos, a conquistar dignidade e autoconfiança (THOMPSON, 1992, p. 44).

Quanto ao uso da história oral, a principal historiadora da imigração italiana em Porto Alegre, Núncia Santoro de Constantino, observa que:

A história oral revitaliza-se através de um trabalho sistemático de recuperação e registro da memória; dá conta da diversidade temática, possibilitando investigar grupos humanos que, por hábito, não frequentam a documentação “oficial”. (CONSTANTINO, 2004, p. 31).

Os depoimentos ajudam a responder à pergunta que orientou esta pesquisa: como ocorreu a inserção da mulher imigrante nas atividades de trabalho na cidade de Porto Alegre entre os anos de 1945 e 1965?

Para tanto, buscou-se entender a dinâmica do processo migratório urbano nessas décadas, contextualizando, a partir dos relatos, os locais de partida das mulheres e a cidade de Porto Alegre no período abarcado. Outro ponto foi investigar os locais e caracterizar as atividades de trabalho desempenhadas pelas mulheres imigrantes em Porto Alegre. Também se buscou apontar as redes sociais constituídas pelas imigrantes na sociedade receptora; examinando as peculiaridades da memória<sup>2</sup> os mecanismos de preservação de identidade<sup>3</sup> étnico-cultural<sup>4</sup>, avaliando os fatores que concorreram para o esquecimento da história dessas

---

<sup>2</sup> “A memória é um fenômeno construído social e individualmente, ela, a memória, existe em função de um determinado grupo que compartilha experiências com outros semelhantes e está sujeita a transformações contínuas. Por muito que se deva à memória coletiva, é o indivíduo que recorda.” (PORTELLI, 1996, p. 127).

<sup>3</sup> “Identidade é o sentido da imagem de si, para si e para os outros. Isto é, a imagem que uma pessoa adquire ao longo da vida referente a ela própria, a imagem que ela constrói e apresenta aos outros e a si própria, para acreditar na sua própria representação, mas também para ser percebida da maneira como quer ser percebida pelos outros.” (POLLAK, 1992, p. 5).

<sup>4</sup> “O estudo de grupos étnicos tem significância justamente em decorrência de todos esses fenômenos: migrações em massa ou por redes sociais; processos de ocupação coletiva de determinados espaços distantes do lugar de origem das populações; inserção em uma sociedade já constituída de novos grupos sociais. Nesse sentido, aproximar o campo dos estudos de imigração à temática da etnicidade significa incorporar, às análises que operam com demografia, processos históricos mais amplos, transformações econômicas e políticas e descrições de costumes, outras que lidam com processos que não são mensuráveis e cujos resultados pouco se prestam à enumeração, isto é, cujo objeto é cambiante e sem contornos definidos, estando sujeito a reelaborações conforme as circunstâncias, mas que, mesmo assim, possui uma dimensão sincrônica.” (WEBER, 2006, p. 237).

mulheres na cidade. Por fim, procurou-se identificar as estratégias utilizadas por elas, a fim de facilitar suas relações sociais<sup>5</sup> na capital gaúcha.

Depois de uma primeira leitura e coleta de dados em livros, artigos e registros documentais da época, se utilizou abundantemente o relato oral de mulheres italianas que imigraram para a cidade de Porto Alegre, no período em questão, exercendo alguma forma de atividade. Nesse processo, devem ser consideradas as trajetórias individuais, já que, quando partem de sua terra natal, estão inseridas dentro de um projeto coletivo que não é vivido de forma homogênea por todos. Isso, porque buscam objetivos pertinentes ao grupo familiar e estes vão se particularizando ou individualizando com o tempo (VELHO, 1994, p. 41). Através de percursos singulares, é possível remontar um fenômeno histórico de grande relevância como a imigração<sup>6</sup> urbana. Além das narrativas, as imigrantes guardam lembranças materiais que ajudam a contar suas histórias, como as cartas, as fotos e os álbuns familiares<sup>7</sup>.

Inicialmente, foram selecionados os depoimentos de mulheres italianas coletados para a investigação do Trabalho de Conclusão do Curso de História que tratou das Mulheres Imigrantes Italianas em Porto Alegre (1945-1955). As narrativas apontavam para o exercício de algumas atividades, espaços de convivências e de trabalho na capital gaúcha. A partir desse pressuposto, buscou-se no acervo do Laboratório de História Oral do Programa de Pós-Graduação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul outras transcrições de depoimentos coletados antes do ano de 2010. Nesse sentido, foi muito proveitoso o trabalho desenvolvido a partir de 2007, pela Professora Doutora Núncia Santoro de Constantino que, através do projeto em parceria com a Universidade de Genova, *Mulheres imigrantes nas cidades do MERCOSUL*, permitindo a produção de fontes para pesquisa da imigração feminina urbana, coletando vários depoimentos contendo as histórias de vida das imigrantes.

---

<sup>5</sup> As relações sociais constituem o tecido de toda coletividade, são para Tönies “[...] relações entre ‘vontades’ humanas [...] conjunto de mecanismos que motivam e orientam a conduta dos homens em relação uns aos outros. Essa vontade apresenta-se sob duas formas: por um lado, a vontade orgânica, que é o domínio do concreto orgânico e afetivo traduzido pelos impulsos do coração. Por outro lado, a vontade refletida que é o domínio intelectual e abstrato e é dominado pelo pensamento. Os dois tipos de vontades opõem também, respectivamente, dois tipos de relações: a comunidade e a sociedade. A primeira, que é a comunidade, é formada por pessoas unidas por laços naturais e espontâneos e por objetivos comuns que ultrapassam os interesses particulares dos indivíduos. Já na sociedade as relações entre as pessoas estabelecem-se na base dos interesses individuais, são relações de competição, de concorrência, com um cunho de indiferença relativamente aos outros.” (TÖNIES, 1887 apud BRANCALEONE, 2008, p. 103).

<sup>6</sup> “Para o historiador da imigração, não se trata de analisar uma massa sem rosto, mas pessoas que se deslocam, motivadas por inúmeras razões, construindo novas identidades, em busca do que acreditam ser melhor, com arrojada iniciativa.” (CONSTANTINO, 2006, p. 69).

<sup>7</sup> “Os álbuns de família traduzem comportamentos referentes a determinado grupo social e, portanto, fornecem elementos para o estudo da História. O grupo social referido aqui é de mulheres que, por algum motivo, deixaram sua terra natal para fixar residência em outro país. Elas constroem suas famílias e, desta forma, passam a fazer parte da sociedade que as acolheu.” (CARVALHO; LIMA, 2009, p. 49).

Também se aplicou Pesquisa de Campo em busca de novas depoentes, que se somaram aos depoimentos coletados anteriormente<sup>8</sup>. Nos quadros demonstrativos, em baixo constam os nomes das vinte depoentes selecionadas, locais de origem, ano da vinda para o Brasil, idade de partida e bairros onde as depoentes foram residir. Somando-se a essas informações, foram analisadas as biografias e autobiografias relacionadas na sequência.

Quadro 1 – Relação nominal de depoentes italianas

Nome	Local de Origem	Ano da partida	Bairro onde foi residir em Porto Alegre	Idade da chegada
***Iole Tredice	Pescia – Pistóia Região da Toscana	1948	Av. Eduardo – B. São Geraldo	20 anos
***Maria Di Gesù	Morano Calabro Calabria	1947	Rua Havai – B. Centro	19 anos
*Dalva Di Martino Cassarà	Morano Calabro Calabria	1948	Demétrio Ribeiro – B. Cidade Baixa	14 anos
***Amalia Morelli Aita	Morano Calabro Calabria	1950	Rua Tomas Flores – B. Bom Fim Rua Mariante – B. Moinhos de Vento Vila São Luiz (Vila Russa) – B. Jardim Botânico	17 anos
**Valéria Novak Paskulin	Trieste – Norte Itália	1951	Av. Polônia – B. São Geraldo –4º Distrito	21 anos
*Francesca Coniglio Ducceschi	Palermo/ Sicília	1948	Av. Praia de Belas – B. Menino Deus	23 anos
***Lidia Giordano / Nidia Gutierrez	Posillipo Nápoli	1948	Rua Ladislau Neto, 163 – B. Ipanema	8 anos
***Maria Cristina Liberatore Prando	Ateleta/ Abruzzo	1953	Lima e Silva – B. Cidade Baixa	7 anos
*Vincenza Nani	Ragusa Sicília	1954	Bairro Glória	16 anos
*Maria Vinciprova (mãe)	Leonforte/ Enna	1955	Av. Ceará – B. Navegantes	26 anos
*Maria Mancuso	Leonforte/ Enna	1955	Av. Ceará – B. Navegantes	6 anos
*Antonina Vinciprova	Leonforte/ Enna	1955	Rua Ceará – B. Navegantes. Rua Dona Margarida – B. Navegantes	25 anos
*Epifânia Di Fazio	Leonforte/Enna	1955	Rua Ceará – B. Navegantes	15 anos
**Clara de Villa Gotter Francia	Costalda di Cadore/	1955 – POA	Rua Getúlio Vargas – B. Menino Deus	25 anos
***Maria Scavuzzo (Retorno)	Adranno Catânia- Sicília	08/12/1950	B. Partenon Vila IAPI – B. Passo D’Areia	17 anos
**Lidia Bolletta Uriarte	Milão Região da Lombardia	1954 – POA 1960 – S. LEO	Av. Brasil – Praça Pinheiro Machado – B. São Geraldo	25 anos
**Carmela Faro Zuccallá	Passo Pieciaro Província de Catânia Sicília	1957	B.. Bom Fim	16 anos
**Teresa Mazzeo Lettieri	Rofrano Província de Salerno Nápoles	1961	B. Jardim Floresta Assis Chateaubriand	20 anos
***Maria Faccin	Ponzano Veneto	1949	Praça Francisco Alves – B. Vila São João Bairro Partenon	13 anos
***Carmela Serra Gallicchio	Morano Calabro Calabria	19/10/1955	B. Menino Deus B. Gloria	27 anos

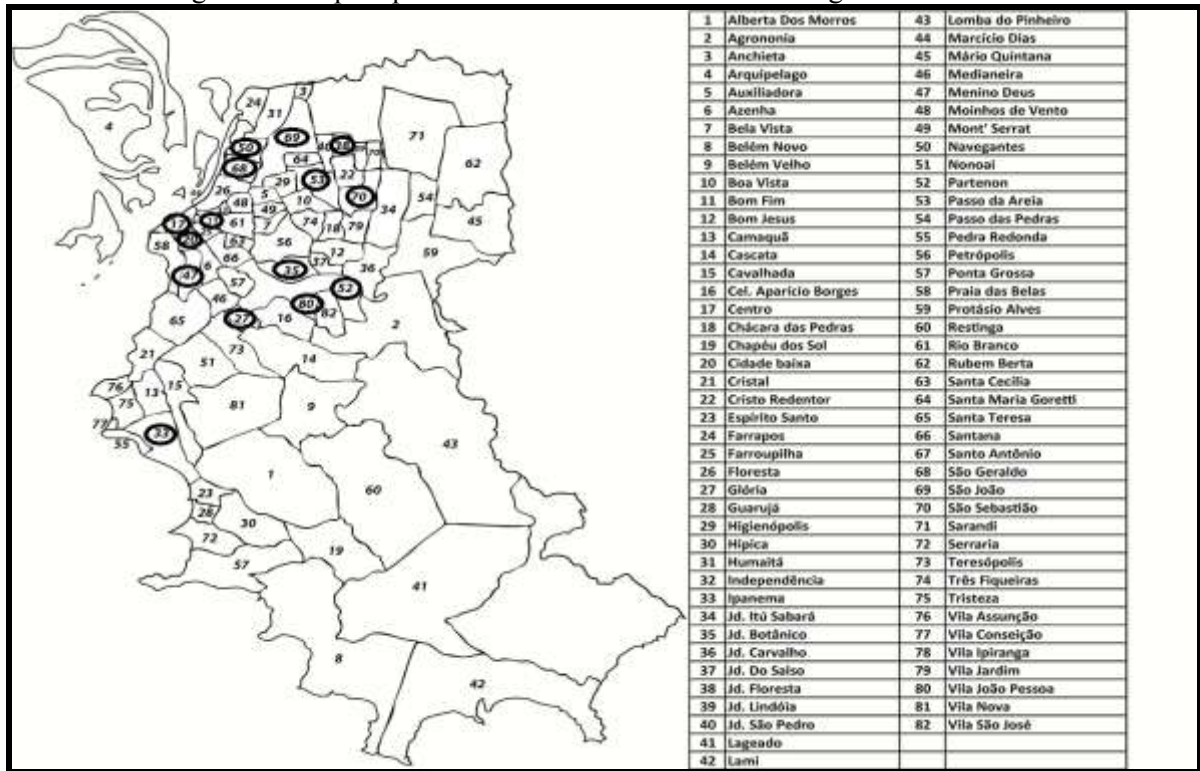
Fonte: Elaborado pela autora

<sup>8</sup> Depoimentos coletados, transcritos e disponibilizados pelo Laboratório de História Oral da PUCRS.

\* Depoimentos coletados e transcritos por Egiselda Brum Charão e Leonardo Conedera entre os anos de 2010 e 2012. \*\*Depoimentos coletados e transcritos antes de 2010. \*\*\*Depoimentos coletados e transcritos por Egiselda Brum Charão e Leonardo Conedera entre 2010 e 2014. Os excertos das partes transcritas dos depoimentos serão destacados em itálico no corpo do trabalho.



Figura 1 – Mapa representativo dos bairros de Porto Alegre<sup>9</sup>



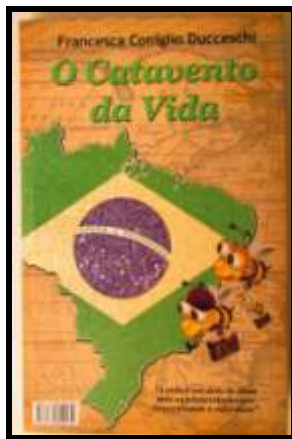
Fonte: Elaborado pela autora.

Quadro 2 – Relação de biografias e autobiografias de imigrantes italianas

Título	Autor	Gênero	Ano da Publicação
O Catavento da Vida	Francesca Coniglio Ducceschi	Autobiografia	2010
De Ponzano a Porto Alegre	Maria Faccin	Autobiografia	2012
Uma Trajetória de 80 Anos	Carmela Serra Gallicchio	Biografia	2011

Fonte: Elaborado pela autora.

Figura 2 – O Catavento da Vida



Fonte: Ducceschi (2010).

Figura 3 – De Ponzano a Porto Alegre



Fonte: Faccin (2012).

Figura 2 – Uma Trajetória de 80 Anos



Fonte: Galicchio (2011).

<sup>9</sup>O mapa demonstra a localização das residências das imigrantes italianas nos respectivos bairros de Porto Alegre

Vale lembrar que tanto os depoimentos orais quanto as biografias e autobiografias<sup>10</sup> são narrativas de experiências vividas e, quanto a essa particularidade se pode dizer que

A autobiografia é um “espaço” significativo de expressão do indivíduo; do mesmo modo, a biografia, ainda que interposta por outrem, também apresenta essa percepção do indivíduo enquanto sujeito, ao mesmo tempo em que demarca sua percepção de si e define sua postura diante da sociedade.(COSTA, 2010, p.24)

Portanto, as modalidades de relatos se aproximam à medida que a história de vida pessoal é também uma autobiografia provocada, onde o depoente rememora e narra sua vida, revelando seu mundo, suas relações, marcas e impressões (HARRES, 2004, p. 153). Nessas fontes se analisa o contexto histórico sociocultural utilizando o paradigma indiciário de Carlo Ginzburg, já referenciado anteriormente. Em termos metodológicos, o estudo parte do emprego da história oral híbrida<sup>11</sup>, bem como da análise de documentos escritos e literatura secundária, seguindo o princípio de análise de conteúdo de Roque Moraes (2003).

No trabalho se utilizaram também imagens pertencentes aos acervos particulares das depoentes. Isto, porque as fotografias, que serviram como ativadores da memória permitem a reconstrução de suas histórias de vida, auxiliando a compreensão das narrativas.

Partindo do contexto histórico, do entrecruzamento de fontes e dos estudiosos já citados, elaborou-se a construção do texto final. Esse se divide em três capítulos. O primeiro capítulo aborda de forma abrangente o contexto histórico abarcado pela pesquisa, desenvolvendo-o em quatro subtópicos que analisam: o cenário italiano desenhado pelo Fascismo e pela Segunda Guerra Mundial; as condições sociais do período posterior ao conflito e os fatores de expulsão determinados pela difícil situação econômico-social; a situação política e econômica do Brasil e do Rio Grande do Sul; a realidade encontrada na capital gaúcha, local de chegada das imigrantes.

O segundo capítulo é mais extenso do que os outros, o que se justifica pela multiplicidade de informações, visto que nele constarão as trajetórias de vida das imigrantes selecionadas para a pesquisa, que vieram de diversas regiões da Itália. Dentro dos relatos são identificados, do ponto de vista de cada uma, aspectos relativos ao local de partida, local de

---

<sup>10</sup> A autobiografia apresenta a existência e a essência total do homem como uma força ativa, nela que se constituem em manifestações “do caráter nos atos e nas expressões” a biografia “baseia num esquema de rubricas, pelas quais se distribui todo o material biográfico: a vida social, a vida familiar, comportamento na guerra, relações com os amigos, aforismos dignos de lembrança, virtudes, vícios, aparência exterior, *habitus*, etc.”. (BAKHTIN, 1988, p. 259).

<sup>11</sup> Os procedimentos utilizados em história oral são: História oral pura: feita com diálogos internos das falas apreendidas; História oral híbrida: quando as narrativas concorrem com outros suportes documentais. (MEIHY; HOLANDA, 2007, p. 48).

chegada, aspectos da viagem, impressões sobre o período fascista, sobre eventos da Segunda Guerra Mundial, bem como as relações sociais, interétnicas e de trabalho, entre outros temas.

O terceiro capítulo trata, a partir da análise de conteúdo, de categorias relacionadas aos espaços de trabalho em Porto Alegre, que emergiram nos depoimentos das imigrantes em questão e que foram divididas nos seguintes tópicos: inserção e sociabilidade; capacidade de promover iniciativas; diversidade de ocupações.

A partir desses três capítulos se procurou responder à problemática posta, referente à inserção das mulheres imigrantes em atividades de trabalho na cidade de Porto Alegre entre 1945 e 1965.

## 1 CONTEXTO DE PARTIDA E DE CHEGADA

### 1.1 FASCISMO E SEGUNDA GUERRA MUNDIAL (CENÁRIO MUNDIAL E ITALIANO)

No início do século XX a Itália passava por uma crise profunda, decorrente das guerras que ocorreram entre 1859 e 1870 e também da unificação tardia do seu território. Além disso, o papado negava-se a se submeter ao rei e as regiões se recusavam a falar o italiano, mantendo o dialeto local. Somando-se a essas dificuldades, a industrialização e a modernização econômica andavam a passos lentos, pois as diferenças entre o sul agrícola e o norte modernizado dificultavam a integração econômica do país.

O estado monárquico, que desde a época da unificação era conservador e apoiado pelas elites industriais, pouco fazia para resolver os problemas sociais. Entrara na Primeira Guerra Mundial contra a Alemanha buscando novos territórios, visando não só o crescimento, mas também o reconhecimento internacional. Quando terminou a Primeira Guerra, a Itália teve suas ambições frustradas, se sentiu traída por Inglaterra e França, visto que, em retribuição ao apoio dado, ambicionava receber alguns territórios, o que não aconteceu. A insatisfação da população diante desses fatos somou-se à crise socioeconômica que se aprofundou no pós-guerra.

O país apresentava um quadro de agitação, insegurança, insatisfação, de medo dos assaltos, da pequena burguesia, das greves nas indústrias e das reivindicações por reforma agrária. Em meio à agitação começaram a se organizar movimentos políticos. Benito Mussolini, em 1919, criou o *Fasci di Combattimento*<sup>12</sup>. O grupo era composto por socialistas, sindicalistas, intelectuais futuristas, militares, nacionalistas, que tinham como objetivo retomar a história do povo italiano, acreditando que a Itália poderia voltar a ter a glória do Império Romano da Antiguidade. Em pouco tempo se tornou um movimento de massas que deu origem, em 1921, ao Partido Nacional Fascista.

Entre 1920 e 1922 houve o crescimento de um fascismo agrário no centro e no norte da Itália. Nos centros urbanos os núcleos fascistas usavam da violência contra organizações e instalações de militantes socialistas e sindicalistas (BLINKHORN, 2010, p. 39). Somente em 1925 foi que se consolidou o regime fascista com a adoção de uma série de medidas repressivas. Os sindicatos foram banidos, a imprensa foi censurada e a administração passou a ser exercida por funcionários nomeados, tudo sob a vigilância acirrada de uma polícia secreta.

---

<sup>12</sup> O termo se origina da palavra latina *fascēs*, ou seja, feixes de varetas atados, significando a força da unidade símbolo do poder dos Cônsules da Antiga Roma (VINCENT, 1995, p. 146).

Nos anos de 1930, o regime emergiu da crise de uma sociedade que avançava do estágio tradicional para uma sociedade moderna e de massas, adquirindo conotação nacionalista com formas de idolatria do *Duce*<sup>13</sup> (BLINKHORN, 2010, p. 54). Ganhou também caráter corporativo, no qual o Estado integrava os empregados e empregadores. Cada associação regulava seu quadro de membros e a natureza da produção (VINCENT, 1995, p. 171), ou seja, o trabalho e o capital estavam subordinados ao Estado.

Essa conformação ocorreu em função dos meios de comunicação, de propaganda, de organizações e de assistência dos tradicionais aos mais modernos e revolucionários; todas essas ferramentas estavam sobre o monopólio do regime que assegurava a Mussolini o controle do país. Para tanto, Mussolini conseguiu o apoio da Igreja por meio do Tratado de Latrão, que formalizava o Estado do Vaticano, subordinando os paramilitares à violência real e sua ritualística. Em 1932, o *Duce* afirmava que seu Estado era uma “[...] democracia modernizada, centralizada, dotada de autoridade e capaz de representar organicamente a nação” (MANN, 2008, p. 138).

O líder se valeu principalmente do vazio no poder que, em meio às dificuldades, criou condições para o surgimento da nova ideologia baseada num estado autossuficiente e moderno. Para atingir esse fim, a parte meridional fornecia matéria-prima e alimentos a custos baixos e a parte setentrional investia na indústria. Entretanto, a política agrária priorizava a produção de cereais em detrimento de outras culturas de exportação. Isso em função da política de crescimento demográfico, que pressupunha um aumento populacional. Em consequência do aumento de consumo de cereais, a população se multiplicaria e o resultado seria o aumento da força militar.

Também foi adotada a campanha de ruralização para desmotivar as migrações do campo para as cidades, pois as mesmas não comportavam a concentração da população, carecendo de habitação para uma grande parcela de pessoas, o que fomentava descontentamento da população. A indústria permaneceu incipiente na região sul, apenas com uma produção artesanal e familiar. O escasso desenvolvimento no sul da Itália resultava do desinteresse de empreendedores e políticos, o que desfavorecia o crescimento da atividade industrial. No norte a indústria alavancou seu desenvolvimento, pois os políticos eram vinculados aos latifúndios. Essa diferença no desenvolvimento econômico criou condições de dependência entre as regiões, acentuando as diferenças sociais existentes. Segundo a interpretação fascista da economia, isso era causado por quatro fatores:

---

<sup>13</sup> Termo usado para designar Benito Mussolini. É a tradução do latim para o italiano da palavra *dux* (chefe). (VINCENT, 1995, p. 14).

Primeiro, a política tinha primazia sobre a economia; segundo, o foco da política estava centrado na nação e no Volk<sup>14</sup>, e, portanto, a economia era essencialmente determinada pelos objetivos nacionais; terceiro, as práticas econômicas adotadas eram uma mistura de políticas socialistas e liberais; e, finalmente, assim como em outras áreas da ideologia fascista, havia uma tensão entre prescrição e realidade. (VINCENT, 1995, p. 170).

Com o objetivo de transformar a Itália no Segundo Império Romano, Mussolini pretendia expandir o território visando ampliar o comércio de matéria-prima, como o carvão, o ferro e o petróleo, monopolizado pela Inglaterra, que ficava posição no Mediterrâneo. A fim de garantir o território, o *Duce* mandou fortificar a ilha de Malta, ao mesmo tempo rearmou o exército e treinou os nativos, que constituíram a base do exército colonial italiano até o início da Segunda Guerra. Entretanto, os arsenais de guerra da aeronáutica, marinha e exército estavam defasados em relação às potências estrangeiras. Como solução, Mussolini conquistou a Abissínia (atual Etiópia), enviou tropas de apoio a Francisco Franco, em Madri, e fez o Pacto de Ferro, acordo de socorro mútuo de guerra com a Alemanha, que só poderia ser cumprido após a modernização da artilharia de guerra.

Hitler iniciou a Segunda Guerra Mundial na mesma década que Mussolini consolidou seu poder, no ano de 1939. O conflito global gerado pela instabilidade da paz depois de 1918 foi causado concretamente pela agressão de três potências descontentes e ligadas por vários tratados desde o início da década de 1930. O confronto teve como marco inicial a invasão da Manchúria pelo Japão, em 1931; a invasão da Etiópia pela Itália, em 1935; a intervenção alemã e italiana na Guerra Civil Espanhola, em 1936-39; a invasão alemã na Áustria e na Tchecoslováquia, em 1938; a ocupação italiana da Albânia, em 1939; e as exigências alemãs à Polônia (HOBSBAWM, 1995, p. 44).

A Segunda Guerra iniciou quando Alemanha e Itália (Forças do Eixo<sup>15</sup>) haviam aproximado suas relações. O estreitamento de relações foi fundamentado em duas razões, a primeira era desviar a atenção da população dos problemas sociais e colocar a Itália no plano internacional na busca de territórios da África. A segunda foi o desinteresse de França e Inglaterra (Forças Aliadas<sup>16</sup>) em conservar os laços de aproximação com a Itália. Esse descaso dos dois países favoreceu o Pacto da Amizade entre Alemanha e Itália. Tal acordo definiria a posição da Itália na Segunda Guerra Mundial (TRENTO, 1989, p. 57-59).

Quando a Itália entrou na guerra, em 1940, o exército estava debilitado e o *Duce* pregava a ideia de que a guerra duraria pouco e o país não poderia ficar fora da partilha que

<sup>14</sup> O termo Volk desenvolveu nas línguas de raiz germânica significados como nação em desenvolvimento ou formação, ou ainda grupo cultural com características que se distingue dos demais.

<sup>15</sup> As Forças do Eixo eram compostas por Alemanha, Itália e Japão.

<sup>16</sup> As Forças Aliadas eram compostas por Inglaterra, França, Estados Unidos, URSS e China.

ocorreria entre os vencedores. Entretanto, as batalhas que decidiriam a guerra se desenrolariam a partir da entrada dos Estados Unidos e da União Soviética no conflito, depois do ano de 1941. A participação da Itália na guerra foi desastrosa mas a Alemanha não desprezou o apoio do *Duce*. Em meio ao conflito, o país acumulava problemas internos: carestia de abastecimento no comércio, desemprego, descontentamento com o regime e, para completar, o norte do país começara a ser atingido pelos bombardeios das tropas dos Aliados. Frente a esses acontecimentos, o rei Vittorio Emanuele III, apoiado pela Igreja e pela burguesia industrial, destituiu Mussolini e nomeou o general Badoglio como novo ministro (TRENTO, 1989, p. 68-70).

O exército foi dissolvido e a península se dividiu em duas partes: a partir de Nápoles, o sul era ocupado pelos Aliados e pelo rei, enquanto Mussolini e os alemães dominavam o centro e o norte. Hitler auxiliou o *Duce*, que fundou a República de Salò para servir aos interesses das forças alemãs, que controlavam o território setentrional e enfrentavam a resistência dos *partigiani*<sup>17</sup>. Mussolini foi capturado e morto quando tentava fugir pela Suíça. A guerra terminou com a derrota das tropas do Eixo, causada por alguns fatores determinantes, como o poder econômico, industrial, tecnológico e militar dos Estados Unidos; a derrota do Terceiro Reich pela URSS; e a transformação dos movimentos de resistências e movimentos políticos militares, condicionando o processo de reordenação no pós-guerra (VICENTINI, 2003, p. 161-163).

## 1.2 PÓS-GUERRA E IMIGRAÇÃO

O saldo da guerra para população civil foi penoso, além da quebra das indústrias das cidades do norte que, privadas da produção, não conseguiam absorver a massa desempregada, nem os soldados egressos do *front* a população sofreu com uma guerra civil de 20 meses, entre os que insistiam em salvar o *Duce* e os *partigiani* (ligados à Resistência).

Para a Itália, o Plano Marshall<sup>18</sup>, sucessivo à Segunda Guerra, não absorvia a mão de obra excedente e a imigração era um complemento necessário a qualquer medida econômica, diminuindo o excesso de habitantes, considerado a causa do desemprego e da baixa renda *per capita* (LACAVA, 1999 apud FACCHINETTI, 2003, p. 45). As pessoas imigravam em busca de um lugar onde pudessem trabalhar e recomeçarem suas vidas.

---

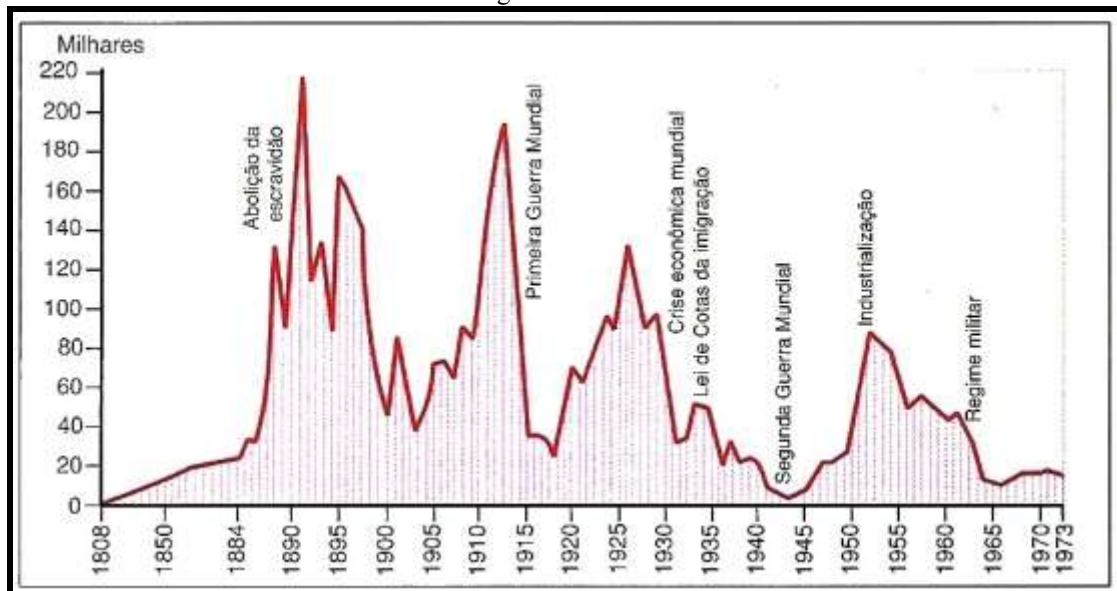
<sup>17</sup> Denominação dos membros integrantes do movimento armado de oposição ao fascismo, à ocupação da Itália pela Alemanha nazista e à República Social Italiana – fundada por Benito Mussolini em território controlado pelas tropas alemãs durante a Segunda Guerra Mundial.

<sup>18</sup> Programa norte-americano destinado a recuperar as economias dos países do ocidente e sul da Europa, profundamente abalados com a Segunda Guerra Mundial.

Eles cruzaram o Atlântico essencialmente por causa do país destruído, mas também pelo desmoronamento de um sonho. Criados no fascismo, sob a promessa de Benito Mussolini de um país unido, grande e forte, foram pagos com moeda falsa. Perderam a infância e parte da adolescência, passaram por muita fome. (FACCHINETTI, 2003, p. 93).

Esse mesmo motivo foi observado por Luciana Facchinetti em sua pesquisa sobre a imigração italiana no segundo pós-guerra e a indústria brasileira nos anos cinquenta. A mesma causa é recorrente nos depoimentos das mulheres analisadas neste trabalho, visto que as mesmas estão dentro deste fluxo migratório. Vale lembrar que durante a Segunda Guerra Mundial o movimento migratório diminuiu consideravelmente (ver Gráfico de Entrada de Imigrantes no Brasil), voltando a se intensificar somente por volta de 1950 (FACCHINETTI, 2003, p. 46).

Gráfico 1 – Gráfico de imigrantes entrados no Brasil – 1808/1973



Fonte: Adas (2004, p. 282).

Acredita-se que entre 1946 e 1976 partiram da Itália 7.447.370 indivíduos, sendo que inicialmente vieram os habitantes da região norte da península seguidos posteriormente, de forma intensa, os habitantes do *Mezzogiorno*. Esse contingente se insere nos deslocamentos populacionais que ocorreram depois da Segunda Guerra Mundial (DE CLEMENTI, 2010, p. 4). Em geral, os imigrantes do pós-guerra eram alfabetizados (estudaram até a quarta série do que hoje chamamos Ensino Fundamental) e qualificados, isto é, detinham conhecimento de ofício ou profissão como marceneiro, barbeiro, pedreiro, alfaiate, carpinteiro, ferramenteiro, costureira, padeiro, motorista, mecânico (de automóvel e da indústria metalúrgica), engenheiro e técnico.



### 1.3 BRASIL E RIO GRANDE DO SUL

Entre os anos de 1890 e 1929 chegaram ao Brasil em torno de um milhão e duzentos mil imigrantes, subsidiados e destinados a suprir a necessidade econômica cafeeira que se expandiu no oeste paulista. Entre os imigrantes destacaram-se portugueses e espanhóis; entretanto, nesse período predominaram os italianos (BRITO, 1995, p. 25). Neste mesmo período que vai até o ano de 1929, a economia americana foi alavancada pelo setor de bens de capital<sup>19</sup> e bens intermediários. Em consequência desse crescimento houve implementação na indústria de bens de consumo, cujo mote era o automóvel.

Após a depressão de 1930, o capitalismo passou por uma fase conturbada no cenário mundial. A emergência da União Soviética e a crise econômica provocaram o “enrijecimento das fronteiras” e as ondas nacionalistas desembocaram no fascismo (BRITO, 1995, p. 26). Países como os Estados Unidos deixaram de ser atração em virtude da onda de desemprego provocada pela grande depressão; então os países periféricos, como o Brasil, começaram a ampliar a industrialização, substituindo as importações de bens de consumo duráveis e intermediários<sup>20</sup>.

Com o desenvolvimento industrial o Brasil necessitava não apenas de mão de obra, mas também de consumidores. Entretanto, nos anos 20 o governo brasileiro estava alinhado com a política migratória adotada pelos Estados Unidos até 1934, que restringia a entrada de estrangeiros no país. Diante das novas possibilidades, em 1934, foi criada a lei que estabelecia quotas destinadas à imigração. A cota estabelecida era anual e equivalia a 2% do total dos peninsulares fixados no país durante os últimos cinquenta anos (CENNI, 1975, p. 66). As cotas tinham a finalidade de promover o equilíbrio na colocação de estrangeiros em áreas produtivas, segundo interesses do país (SILVA, 1996, p. 42). Com esse mecanismo o Estado pretendia regulamentar o fluxo migratório.

Em 1942, os alemães afundaram navios da marinha mercante brasileira que estavam transportando soldados. O Brasil declarou guerra às nações do Eixo, organizando e enviando um corpo expedicionário que, sob o comando do general Mascarenhas de Moraes, embarcou para a Itália em 1944. Terminada a Segunda Guerra – que interrompeu os deslocamentos durante a vigência dos conflitos – a imigração peninsular recomeçou e as normas restritivas

---

<sup>19</sup> “Os bens de capital ou bens de produção são aqueles que permitem produzir outros bens, como, por exemplo, máquinas, computadores, equipamentos, instalações, edifícios”. (FONTEDOSABER.COM).

<sup>20</sup> “Bens de consumo (ou bens de consumo familiar) são os bens utilizados pelos indivíduos ou famílias. A quantidade de bens de consumo que são comercializados em cada país reflete o nível de vida da população e também permite avaliar os gostos e as características da sociedade em questão. São, portanto, os bens produzidos pelo homem e destinados ao consumo das pessoas (diferentemente dos bens intermediários, que são utilizados no processo de produção para serem transformados em bens finais, e dos bens de capitais, que são as máquinas utilizadas pelas indústrias).” (INFOESCOLA.COM).

que vigoravam desde 1934 foram abolidas, em 1948, liberando fluxos migratórios de outros países (CERVO, 1992, p. 196).

No ano de 1945, Getúlio Vargas foi forçado a renunciar. O povo foi às urnas e elegeu o general Eurico Gaspar Dutra. No seu mandato, que se estendeu até 1951, o Brasil se alinhou à política externa dos Estados Unidos e fomentou a imigração, criando a Companhia Brasileira de Colonização e Imigração por meio do Acordo Emigratório ratificado em 1951 (Anexo C). Este previa o fornecimento regular de pedidos de mão de obra divididos por profissão (TRENTO, 1989, p. 412). A necessidade de trabalhadores estrangeiros para suprir a carência nos vazios produtivos do Estado aparece no discurso do deputado Jacinto Rosa, publicado na segunda página do Diário de Notícias no dia 01/07/1948.

Getúlio Vargas, que na legislação trabalhista havia adotado medidas progressistas, foi às urnas e se elegeu após o mandato de Dutra. De volta ao governo, adotou medidas nas relações internacionais: rompeu com a União Soviética e extinguiu o Partido Comunista. Na economia, abriu o mercado brasileiro às importações dos produtos norte-americanos, o que esvaziou as reservas de moeda brasileira e impulsionou a valorização do dólar e o aumento da inflação. Posteriormente, em meio a uma intensa crise política, greves e assassinatos, Getúlio se suicidou, sendo sucedido pelo vice-presidente, Café Filho.

O crescimento industrial brasileiro na década de 1950 foi relevante e o país vislumbrou a possibilidade de liquidez financeira, inserindo-se no capital mundial, segundo o novo padrão de divisão internacional do trabalho. Assim, a economia se expandiu e o fluxo migratório aumentou, em virtude da necessidade de mão de obra para suprir o mercado. Os fluxos migratórios não buscavam os grandes centros, mas países periféricos, como o Brasil.

Entretanto, vale lembrar que foi somente durante o governo de Juscelino Kubitschek, entre os 1956 e 1961, o país viveu uma intensa expansão econômica, quando se intensificaram os investimentos em energia, transporte, alimentação, na indústria de base e na educação.

#### 1.4 PORTO ALEGRE

Entre os anos de 1940 e 1950, Porto Alegre apresentou um aumento demográfico de 122.000 habitantes, marcando sua transição de cidade para metrópole (SILVA, 1996, p. 53-54) para 394.151 habitantes (MONTEIRO, 2004, p. 375). A modernidade se manifestava através do aceleração das novas obras. Abriam-se avenidas que ligariam os bairros ao centro, surgiram os primeiros conjuntos residenciais, como o IAPI<sup>21</sup>. Uma das consequências

---

<sup>21</sup> “Conjunto Habitacional do Passo d’Areia, também conhecido como Vila dos Industriários – hoje informalmente chamado de IAPI, em alusão ao antigo Instituto de Aposentadorias e Pensões dos Industriários.

das obras de melhoramento do centro foi o surgimento das primeiras favelas. Eram aglomerados habitacionais de construções precárias que abrigavam tanto os migrantes provenientes da zona rural, quanto as camadas populares que habitavam os cortiços<sup>22</sup> no centro da capital.

Figura 5 – Vila IAPI



Fonte: WP. CLICRBS.COM.BR.

Figura 6 – Vila IAPI (Detalhe)<sup>23</sup>



Fonte: WP.CLICRBS.COM.BR.

O desenvolvimento industrial também se refletiu no campo com o início da mecanização da lavoura provocando uma onda migratória constante das camadas mais pobres que vinham do interior em direção à capital. A esperança de uma vida melhor e o ciclo de desenvolvimento gerado a partir da Segunda Guerra Mundial impulsionou os deslocamentos internos. Isto porque, com o início da Segunda Guerra, o comércio de Porto Alegre ficou restringido somente à importação de bens de consumo favorecendo o surgimento de novas indústrias na cidade (SILVA, 1996, p. 54). Em decorrência disso, a capital se tornou o maior núcleo industrial do Rio Grande do Sul, atraindo grande número de operários (SINGER, 1968, p. 162). O mesmo cenário atraía além das pessoas provenientes do interior do Estado, os imigrantes de várias nacionalidades que chegavam ao Brasil.

Os imigrantes desembarcavam no Rio de Janeiro ou em Santos e dali eram deslocados para outras cidades brasileiras. Porto Alegre foi o destino de 20% dos imigrantes que chegaram ao Brasil entre 1953 e 1958 (DIÉGUES JUNIOR, 1964, p. 310-311). Na capital gaúcha encontraram um cenário favorável, pois havia necessidade no mercado de mão de obra

---

Construído entre 1946 e 1952, destinava-se aos trabalhadores da indústria e foi considerado um dos projetos mais modernos da época. Na época a obra compreendia: 2500 moradias; 31 lojas comerciais; 12 grupos de escritórios; 1 largo para mercado público; 1 estação de tratamento de esgotos; 15 km de ruas pavimentadas; 46,5 km de redes de água e esgotos; 1 cinema; 1 campo esportivo; 1 sede esportiva; 1 agência IAPI; 1 grupo escolar para 1000 alunos; 11 praças; 2 jardins; 2 parques infantis; 3 postos de distribuição de leite.” (TRINITY.RITTERDOSREIS.BR).

<sup>22</sup> Casa grande com muitos cômodos, os quais eram alugados por várias famílias de baixa renda, em geral ocupavam o centro do quarteirão e possuíam acesso por um pequeno corredor.

<sup>23</sup> A Praça Chopin, no IAPI, à época da criação da paróquia. Foto: Foto Nick, acervo da Paróquia São João Bosco.

qualificada ou não. Essa oferta de trabalho atraiu estrangeiros de todas as nacionalidades. O desenvolvimento da cidade favoreceu a ampliação das estradas, o aterramento do Guaíba, a corrida imobiliária e, consecutivamente, o crescimento imobiliário. Os imigrantes inicialmente se estabeleciam no Centro, na Cidade Baixa e no 4º Distrito; com o passar dos anos foram adquirindo imóveis e se estabelecendo em regiões periféricas, como a Zona Sul, Partenon, e cidades do interior, como Canoas e Novo Hamburgo, fora do eixo inicial, conforme se verificará nos depoimentos das mulheres imigrantes.

Figura 7 – Aterramento do Guaíba



Fonte: Kerpen (2011, p. 94).

O crescimento acelerado possibilitou a ampliação do número de indústrias nos bairros Navegantes e São João e o acesso à região ocorria através de uma rede de transportes que ligava longos e médios trajetos através de rios, trem e aviões. O aumento populacional criou condições para o desenvolvimento funcional urbano, descentralizando a economia do comércio, pois os bairros operários passaram a reunir comércio, indústrias e moradias. Nestes, desenvolvem-se todas as atividades sociais das quais necessitam os contingentes trabalhadores (SILVA, 1996, p. 57).

As residências do centro da cidade e a capital concentraram nos arrabaldes os bolsões de pobreza com suas construções de madeira. Eram casas populares que surgiam tanto como resultado do êxodo rural como também das políticas públicas de reformulação do espaço urbano. As classes pobres, que em geral habitavam os cortiços (Figura 8), deixavam o centro e mudavam para os bairros São João, Navegantes, Partenon e Azenha, mais tarde foram para

<sup>24</sup> A imagem foi tirada no sentido aterro-centro da cidade, no primeiro plano vemos o aterro e o rio e no segundo plano, o centro.

as vilas Ipiranga e Floresta. As favelas mencionadas anteriormente surgiram pouco depois, e em 1951, segundo dados da Secretaria Municipal de Planejamento, havia 3.965 barracos em 41 vilas populares (Figura 9) (JARDIM, 2004 apud COSTA, 1997, p. 50).

Figura 8 – Cortiço da Galeria Caldwell –  
Bairro Menino Deus



Fonte: FOTOS.SA.PO.PT.

Figura 9 – Vila São José – 1956 –  
conhecida como Morro da Cruz



Fonte: FOTOSANTIGAS.PRATI.BR.

As melhorias de mobilidade urbana mencionadas refletiam na cidade a influência do modo de vida americano, com a proliferação de espaços de lazer como:

Cafés, confeitarias e restaurantes de luxo, ao lado de lojas de roupas e tecidos finos, joalherias e bazar de artigos requintados pontuavam o cenário que servia de ponto de encontro para a sociedade gaúcha. [...] Lojas como a Casa Krahe, a Casa Louro, a Casa Masson e a Casa Krieger, cinemas como o Roxy, as confeitarias Central e Nacional, o antigo Grande Hotel, entre tantos outros. Sem contar os muitos namoros e casamentos que começaram na paquera durante o footing, como era conhecido o vaivém dos jovens de sociedade na Rua da Praia. (ZH. CLICRBS.COM. BR, 2009).

Figura 10 – Rua da Praia – 1950



Fonte: ZH. CLICRBS.COM.BR

Novos hábitos eram fomentados pela propaganda nos jornais da capital divulgando produtos que modificaram o cotidiano das pessoas. A propaganda abrangia desde gêneros alimentícios até aparelhos eletrodomésticos e disseminava o uso de algumas marcas estrangeiras, como Kolinós, Quaker e Coca-Cola, alavancando a publicidade e confirmando a presença da indústria americana na capital gaúcha (JARDIM, 2004, p. 50-51). A modernidade se apresentava no aparato tecnológico da imprensa, conforme se verifica que, em comemoração os 40 anos de tiragem do Almanaque do Correio do Povo, em 1955, o jornal anunciava a aquisição de um equipamento importado pelos Estados Unidos, ou seja, seis máquinas de compor Teletypesetter – Comet, registrando dessa forma a modernização de suas oficinas.

Figura 11 – Linotype Teletypesetter – Comet<sup>25</sup>



Fonte: Museu de Comunicação Hipólito José da Costa.

As máquinas adquiridas ocupavam duas salas e eram manejadas por quatro moças e dois rapazes. O autor da nota observa que a presença feminina exercendo tal função na oficina de um jornal poderia causar estranhamento; entretanto, lembra que era um serviço datilográfico. Salienta que as operadoras, como eram chamadas, fizeram um curso sob a direção de um profissional, e se encontravam perfeitamente habilitadas (FORTINI, 1955, p. 109).

<sup>25</sup> A nova máquina era uma adaptação da Linotipo para ser usada remotamente pelas agências de notícias. Funcionava mais ou menos como um telégrafo que ativava o teclado, que perfurava o papel, gerando a matriz (FORTINI, 1955, p. 111).

<sup>26</sup> Imagem capturada pela autora em abril de 2015.

Para contratação das operadoras eram exigidos alguns requisitos como ter bom conhecimento do idioma, ser capaz de passar um texto à máquina com velocidade normal e precisão sem olhar para as teclas. Era necessário datilografar 50 palavras por minuto; portanto, a velocidade contava como qualificação e se olhasse para as teclas era desclassificada. As primeiras operadoras foram Norma T. Moura, Dolores Gomes Fraga, Marina Clélia Nicola e Laura Nicola (FORTINI, 1955, p. 111). Nesse contexto percebe-se a atuação das mulheres italianas ou descendentes em setores que antes eram eminentemente masculinos e essa participação está imbricada com o trabalho qualificado, exigido pela utilização de novas tecnologias advindas da modernização.

#### **1.4.1 Mulheres Imigrantes e trabalho em Porto Alegre – antecedentes**

A presença das mulheres imigrantes atuando nos espaços urbanos de Porto Alegre era marcante antes da Primeira Guerra Mundial. Estas exerciam atividades diversas em alguns segmentos conforme sinalizam as fontes encontradas no acervo do Museu de Comunicação Hipólito José da Costa. São vestígios que apontam a participação das mulheres em vários ramos de trabalho na capital gaúcha. Bem verdade que a crônica publicada no Jornal “A Reforma”, em 1870, intitulada “O trabalho da mulher”, sinalizava expressivamente a atuação de mulheres.

O trabalho da mulher está inteiramente regularizado na Europa, na Inglaterra, na Escóssia, na Irlanda, em França, na Suíça, em Portugal, na Alemanha; na Itália é importantíssima a parte que toma o sexo feminino nos trabalhos de toda a sorte de indústria. Nas grandes manufaturas de lã, algodão, ferro, nas indústrias extractivas de qualquer espécie encarregam-se de grande número de operações que outrora eram executadas só por homens. (JORNAL A REFORMA, 1870).

No Brasil a mulher teve um papel muito expressivo como força de trabalho no setor industrial têxtil, implantado no país em fins do século XIX. Por seu caráter praticamente manufatureiro, a mão de obra feminina passou a ser praticamente hegemônica. Maria Valéria Pena (1981, p. 21) analisa essa conjuntura econômica nos termos em que compara a força de trabalho feminina (e infantil) para operar as primeiras unidades fabris do Brasil correspondia à única alternativa viável numa conjuntura na qual a economia enfrentava escassez de mão de obra após ressaltar que os salários femininos eram muito baixos. Uma das principais atividades das mulheres nos centros urbanos como São Paulo e Rio de Janeiro, onde o setor industrial começou a se desenvolver efetivamente, era o de costureiras. Grande parte das mulheres era jovem e com pouca experiência, pois se faziam sérias restrições à participação

de mulheres casadas nas fábricas, a fim de evitar os prejuízos advindos de gravidez e do cuidado com os filhos (AZZI, 1987, p. 95).

O texto jornalístico, aliado aos estudos de Pena e Azzi, mencionados anteriormente, demonstra que as mulheres eram vistas como uma força de trabalho importante em novas frentes que se abriam decorrentes da modernidade. Ainda informa que as mulheres estavam saindo de casa para exercerem atividades em espaços que antes eram exclusivamente masculinos. Verifica-se o mesmo fenômeno acontecendo na cidade de Porto Alegre, onde se encontravam mulheres imigrantes inseridas em todas as instâncias sociais, que executavam trabalhos diversificados, em espaços geográficos distintos, conforme apurado no levantamento documental. Anúncios de jornais da época revelavam a presença feminina nos espaços de trabalho desde 1870, onde predominam as mulheres germânicas, espanholas e inglesas, seguidas das portuguesas e italianas.

Entre as imigrantes italianas que atuavam no pequeno comércio de Porto Alegre foi possível encontrar Dna. Assunção Bertucci que adquiriu, em 1891, uma Casa de Negócios de secos e molhados situados na Travessa Dois de Fevereiro (atual Salgado Filho), nº 48. Nesse período os pequenos negócios possuíam várias denominações como por exemplo, “Casa de negócio”, “armazém de secos e molhados”, “venda”, “loja comercial”, “taberna”, “botequim” . ou seja, estabelecimentos que promoviam transações comerciais, compra e venda de produtos diversificados, encontros para discutir sobre política, religião e falar sobre a vida dos vizinhos.

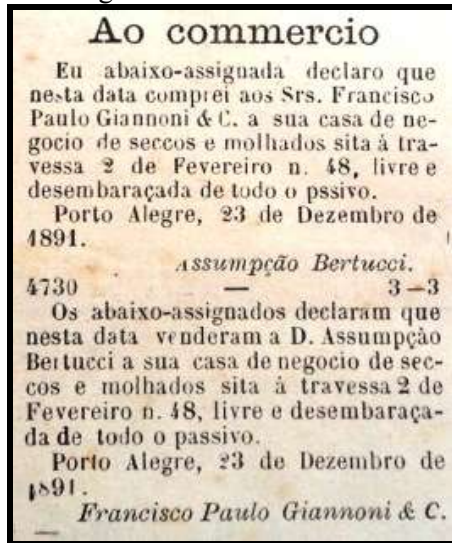
Podiam ser tanto um espaço de sociabilidade, na qual ocorriam jogos de carta, troca de ideias, bailes; como um local de conflito, motivado algumas vezes pela ingestão excessiva de algum tipo de bebida por alguns frequentadores, resultando em xingamentos, brigas ou desordens (VON MÜHLEN, 2014 apud AMADO, 2002, p. 52-53; SPERB, 1987, p 17-18; MARTINY, 2010, p. 238).

O estabelecimento de Dona Assunção era frequentado pelos conterrâneos da proprietária que, além de suprirem suas necessidades, matavam a saudade da terra natal em longas prosas com seus patrícios estabelecidos na capital. Provavelmente nessas prosas eles praticavam o dialeto, trazendo o som da terra natal como consolo da distância. O pequeno negócio era administrado pela família, que tinha poucos empregados. Era recorrente a utilização da mão de obra familiar nesses comércios, que, no caso dos italianos, pressupunha uma rede de relações entre parentes. Na rede, aqueles que estavam estabelecidos na cidade enviavam “carta de chamada” com emprego garantido para aqueles que permaneceram na



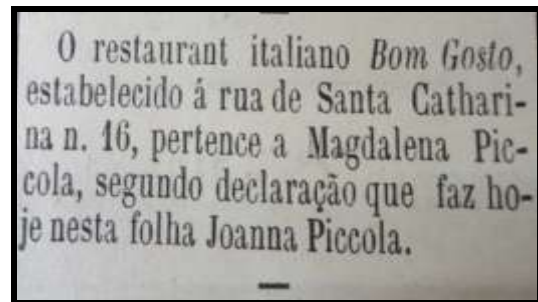
Itália. Muitas vezes forneciam ajuda financeira para os que queriam vir para Porto Alegre e não podiam arcar com as despesas de viagem.

Figura 12 – Ao comércio



Fonte: Jornal do Comércio (1891).

Figura 13 – Restaurante italiano Bom Gosto



Fonte: Jornal do Comércio (1891).

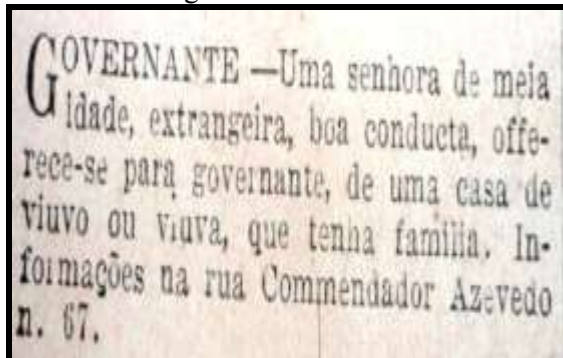
Também no pequeno comércio atuava Magdalena Piccola, proprietária do Restaurante italiano *Bom Gosto*, localizado na Rua Santa Catharina, nº 46, conforme declara, em nota, Joana Piccola. O anúncio indica uma tradição de atividades da mulher italiana associada à culinária e à mesa. Ao mesmo tempo, aponta para a existência de um nicho de consumo e de serviços destinado à comunidade procedente da península itálica. Esse local e serviço evidencia a existência de um número significativo de imigrantes na capital nesse período, criando novas demandas e possibilidades de comércio.

Entre as imigrantes vale lembrar as que trabalhavam em casas de famílias, conforme se observa no anúncio da mulher oferecendo serviços de cozinheira e outro posterior, que solicita uma governanta estrangeira de meia idade. Destaca-se que aquelas com menos recursos financeiros tinham tradição no trabalho doméstico pertinente às atividades restritas à manutenção da casa e à educação dos filhos. Algumas atribuições relativas aos serviços das governantas ou cozinheiras provavelmente não decorram de uma escolha, mas sim da precária instrução, visto que a maioria das imigrantes no período era originária das zonas rurais. Muitas vezes essas mulheres ficavam viúvas ao chegarem ao Brasil ou ao longo do percurso e necessitavam buscar sustento para elas e para os filhos que na maior parte das vezes eram em grande número. Como não possuíam qualificação buscavam colocação de “domésticas”<sup>27</sup> nas

<sup>27</sup> “Designação que indicava o trabalho da mulher nos domínios do lar, como cuidar dos filhos, preparar as refeições, cuidar das roupas da família, enfim, tudo pertinente aos cuidados e à harmonia do lar, enquanto ao homem cabia a manutenção financeira.” (SANTOS, 2008, p. 1-2).

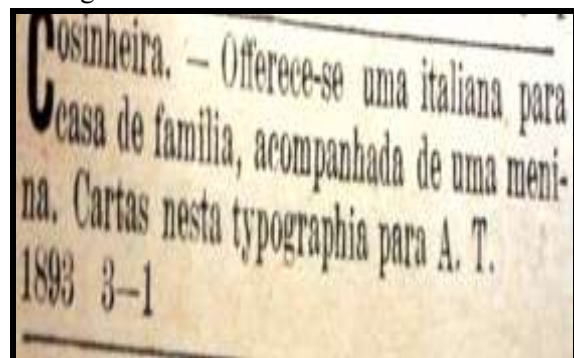
residências familiares ou em casas de pensão e restaurantes onde executavam tarefas pertinentes ao seu cotidiano.

Figura 14 – Governante



Fonte: Correio do Povo (1914).

Figura 15 – Cozinheira



Fonte: Jornal Mercantil (1891).

Outras atividades recorrentes entre imigrantes estavam ligadas aos trabalhos manuais e pode ser constatado através dos seus descendentes, como o caso de Pierina G. Trenti<sup>28</sup>. Em 1892 ou 1893, Domenico e Pierina decidiram emigrar para o Brasil com os três filhos, Giuseppe, Genebra e Carolina Canova, e se estabeleceram à Rua do Parque, no Quarto Distrito da cidade de Porto Alegre.

A divisão de Porto Alegre em seis distritos foi instituída em 1892 – o primeiro corresponde ao atual Centro Histórico, e os demais se espalhavam nas direções norte, leste e sul. O Quarto recebeu muitas indústrias, mas também residências e casas de comércio (WP. CLICRBS.COM. BR).

Domenico era tecelão de ofício, conforme informa sua neta, Josephina Scorcioni, empregou-se em uma fábrica de tecidos – Fiateci<sup>29</sup> – localizada no Caminho Novo (atualmente Rua Voluntários da Pátria), esquina Avenida São Pedro. Naquele tempo havia um número significativo de fábricas estabelecidas na região, para onde acorriam os imigrantes chegados, tanto aqueles procedentes da Europa como os migrantes vindos do interior do Estado. Os imigrantes tiveram forte atuação no ramo têxtil, dedicando-se à tecelagem em maior escala e dando origem a pequenas fábricas têxteis, o que fez com que a atividade perdesse seu caráter artesanal (CASTRO; EGGERT, 2003, p. 108).

<sup>28</sup> Pierina (Pietra) Giovanna Trenti, filha de Marco Trenti e de Catterina Sabaini, nasceu a 27 de março de 1858, na cidade de Verona, região do Vêneto, na Itália. Aos 20 anos de idade, em 09 de junho de 1878, casou-se na cidade de Schio, Província de Vicenza, com Domenico Canova, nascido em 23 de outubro de 1852, em Vicenza, Itália, filho de Giuseppe Canova e Maria Magnabosco, e, conforme consta em sua certidão de casamento, era “*riparatrice*”. (PUFAL.BLOGSPOT.COM.BR).

<sup>29</sup> A Companhia Fiação e Tecidos Porto Alegrense – Fiateci surgiu no 4º Distrito. Foi no ano de 1891, quando seus 95 sócios fundadores constituíram a empresa. A partir daí iniciou-se o arruamento da área entre a Voluntários da Pátria, na época Caminho Novo e a Avenida Bahia, originando as Avenidas Farrapos, Pernambuco, entre outras. Com o surgimento da fábrica, delineava-se um bairro, com a atração de funcionários e suas famílias, que lá construíam suas casas e formavam um centro habitacional. (PORTOALEGRE. RS.GOV. BR).

Figura 16 – Pierina Trenti – 1893



Figura 17 – FIATECI



Fonte: PUFAL. BLOGSPOT.COM.BR Fonte: RODILONTEIXEIRA.BLOGSPOT.COM.BR

Os primeiros anos na nova terra foram duros, com o falecimento do marido, de febre tifoide. Pierina era *riparatrice*, ou seja, pessoa que faz reparos ou costura, acredita-se que ela tenha trabalhado nessa atividade tanto no início, quando chegaram à capital, quanto após a morte do marido e, inclusive foi funcionária dos “Correios e Telégraphos”.

Outro ramo preferido foi na área da saúde, um dos nichos de trabalho das imigrantes quando vinham não apenas da Itália, mas também de outros países. Elas traziam na bagagem alguma formação, em geral obstetrícia, que as capacitava para realizarem partos dando os primeiros cuidados à parturiente e ao recém-nascido. Os textos jornalísticos da década de 1910-1920 acerca da oferta de serviços das parteiras demonstravam a manutenção do perfil e a presença feminina estrangeira nesta área, visível nas décadas anteriores.

Figura 18 – Marcella Gallinati



Fonte: NOVOMILENIO.INF.BR.

Os registros policiais também fazem alusão às parteiras alemãs Joanna Menhert, Emilia Nilles e Bozena Anna Weber. A parteira italiana Marcella Gallinati é mencionada a partir de 1910, apresentada como diplomada pela Faculdade de Medicina de Porto Alegre, nos tratos de clínica obstétrica e ginecologia do Hospital da Santa Casa de Misericórdia. Esta afirmava possuir, em 1915, oito anos de prática civil e hospitalar, estando habilitada a receber parturientes e enfermas do aparelho genito-urinário. Para tanto, oferecia cômodos confortáveis e gabinete de cirurgia em sua residência. A proximidade do Dr. Pithan no mesmo prédio era anunciada pela parteira de maneira a empregar respeitabilidade aos seus serviços, garantia bom trato, sigilo profissional e modicidade de preços. Outras enfermeiras podem ser arroladas, como Philomena Laner Spinato<sup>30</sup>, Leonilda Moraes dos Santos, Guilhermina Jakobetz, Amália Fauth, Maria Luiza da Conceição, Mina Boerger, Clara Weiner Brandt e Carolina (CARELI, 2008, p. 3-4).

Entre as imigrantes que vieram para o Brasil no final do século XIX radicadas na capital gaúcha não se pode esquecer a trajetória de Lydia Mosquetti<sup>31</sup>, que, acima de tudo, trabalhou por Porto Alegre. Nascida na região da Toscana, Itália, em 1888, imigrou para o Brasil entre 1906 e 1908, com 18 anos de idade, na companhia da mãe e de oito irmãos, uma vez que o pai viera antes em outra leva de imigrantes. Lydia ajudava a mãe no sustento dos irmãos trabalhando em diversificadas atividades como professora<sup>32</sup>, tradutora, atriz, cantora lírica; além disso, foi pintora, poetisa e escritora (fundadora da Academia Literária Feminina do Rio Grande do Sul). Dedicou-se ao longo de sua vida à filantropia e entre suas iniciativas mais conhecidas estão o Instituto Santa Luzia (1941) e o Hospital Banco de Olhos (1956).

Essa italiana escreveu suas memórias em um livro intitulado “Autobiografia”, em 1957. As biografias e autobiografias são narrativas de experiências vividas e, quanto a esta particularidade, Joan Scott afirma.

---

<sup>30</sup> “Philomena Laner Spinato foi aprovada na primeira turma do curso de partos da Santa Casa, em 1898, com distinção. Era filha de imigrantes italianos e chegou ao Brasil com dezessete anos e morou com a família no Campo dos Bugres, até 1910, quando, encontrando-se em condição de viuvez, mudou-se com os filhos para Porto Alegre, vivendo do seu ofício de parteira.” (BRANDÃO, 1998, p. 87).

<sup>31</sup> Lydia teve uma intensa produção literária, entre as quais se destacam: A sobrinha do Cardeal (1940), A vida é um ponto de “?” (1941), Um baile uma vida (1944), No altar da caridade (1946), A morte das ilusões (1948), Poesias esparsas (1969), Conferência sobre as Sanções Italianas (1935), Delinquência infantil e sua recuperação (1955), Catálogo da Grande Exposição de Escritores e Poetas das Américas e Europa; e Autobiografia (1969). (ORIUNDI.NET).

<sup>32</sup> “Verifica-se a partir do final do século XIX o aumento da parcela das mulheres que experimentaram e vivenciaram o trabalho docente na cidade e isso pode ser verificado na proliferação dos anúncios nos jornais que discriminavam os serviços oferecidos pelas professoras. Através de variadas representações e práticas sociais, e de uma multiplicidade de trajetórias e experiências, entende-se que algumas mulheres, fazendo-se professoras, buscaram exercer, por necessidade, econômica ou não, uma profissão, atuando na esfera pública.” (SCHUELER, 2005, p. 6-7).

[...] que o desafio à história normativa tem sido descrito [...] como uma ampliação do quadro, uma correção da visão incompleta ou infiel, e tem buscado legitimidade na autoridade da experiência, a experiência direta dos outros, assim como a do/a historiador/a que aprende a ver e a desvendar a vida desses outros em seus textos. (SCOTT, 1999, p. 22).

No texto, Lydia narra sua história de vida desde a infância até o final da década de setenta. Nele se apreciam passagens onde ela descreve algumas atividades de trabalho por ela exercidas quando chegou ao Brasil. A imigrante relata que, quando veio para o Brasil, estava para ocupar um posto de professora. Desembarcaram no Rio de Janeiro após dois meses de viagem na terceira classe, para continuar viagem pouco tempo depois para Santos. Com as irmãs, empenhou-se em trabalhos de costura e bordados, ensinou italiano para os patrícios que só falavam dialetos. Após juntar algum numerário se mudou para São Paulo, onde lecionou em casa de famílias italianas e também escreveu crônicas para o jornal em língua italiana *Fanfulla*<sup>33</sup>.

Figura 19 – Fanfulla



Fonte: CADERNOSP.COM. BR

Lydia, em sua autobiografia, recorda que escrevia crônicas e impressões sobre o Brasil, onde descrevia a vida, o panorama, as mentalidades e o modo de viver. Para tanto, ganhava cinco mil reis por publicação e recorda que seu diretor era o Jornalista Humberto Serfueri (MOSCHETTI, 1975, p. 159).

Lembra que se empregou na casa da francesa Madame Doré, que vendia serviços e produtos de toucador. Ali aprendeu a fazer permanente, lidar com perucas e ser manicure. Voltou a exercer a função de professora com os filhos da prestigiada família do Comendador Puglisi. Também organizava as festas que eram oferecidas pela mesma família à alta

<sup>33</sup> Jornal fundado em 1893 pelo imigrante italiano Vitaliano Rotelini, o *Fanfulla*, começou como um semanário domingueiro até 1898. De 1899 até fins de 1900 mudou o nome para *Gazzetta Del Popolo*, mantendo a epígrafe *Fanfulla*. Posteriormente retornou ao título inicial e tornando-se um diário vespertino. Em 1908, o jornal passou a ser gerido por Angelo Pocci.” (MALATIAN, 2015, p. 1).

sociedade paulistana, a personalidades e artistas. Costumava abrilhantar as recepções entoando canções italianas.

Figura 20 – Lydia Moschetti



Fonte: WP.CLICRBS.COM.BR

Figura 21 – Instituto Santa Luzia



Fonte: SOMOSTODOSRESPONSAVEIS.BLOG.COM

Como cantora, fez ainda “tournês” pela Argentina, Chile, Uruguai e Brasil, até conhecer Luiz Moschetti, quando se casou na Igreja Nossa Senhora das Dores, em Porto Alegre, na década de 1920. A partir de então, Lydia se dedicou à filantropia e à literatura em ações que beneficiaram a sociedade porto-alegrense.

## 2 TRAJETÓRIAS SINGULARES DAS IMIGRANTES ITALIANAS

### 2.1 O LONGO PERCURSO ATÉ A CAPITAL GAÚCHA

Vieram da Itália para o Brasil, mais especificamente para Porto Alegre, inúmeras famílias em busca de melhores condições de vida e o papel de guardião da memória da família é desempenhado majoritariamente pelas mulheres, pois este é um espaço onde elas reinam em absoluto (PEREIRA, 2008, p. 122). Desse modo, “[...] são elas que se dedicam à guarda e reelaboração permanente da memória do seu grupo, produzindo discursos organizados e controlados, referenciados ao passado, que permitem a coesão do grupo” (POLLAK, 1989, p. 8).

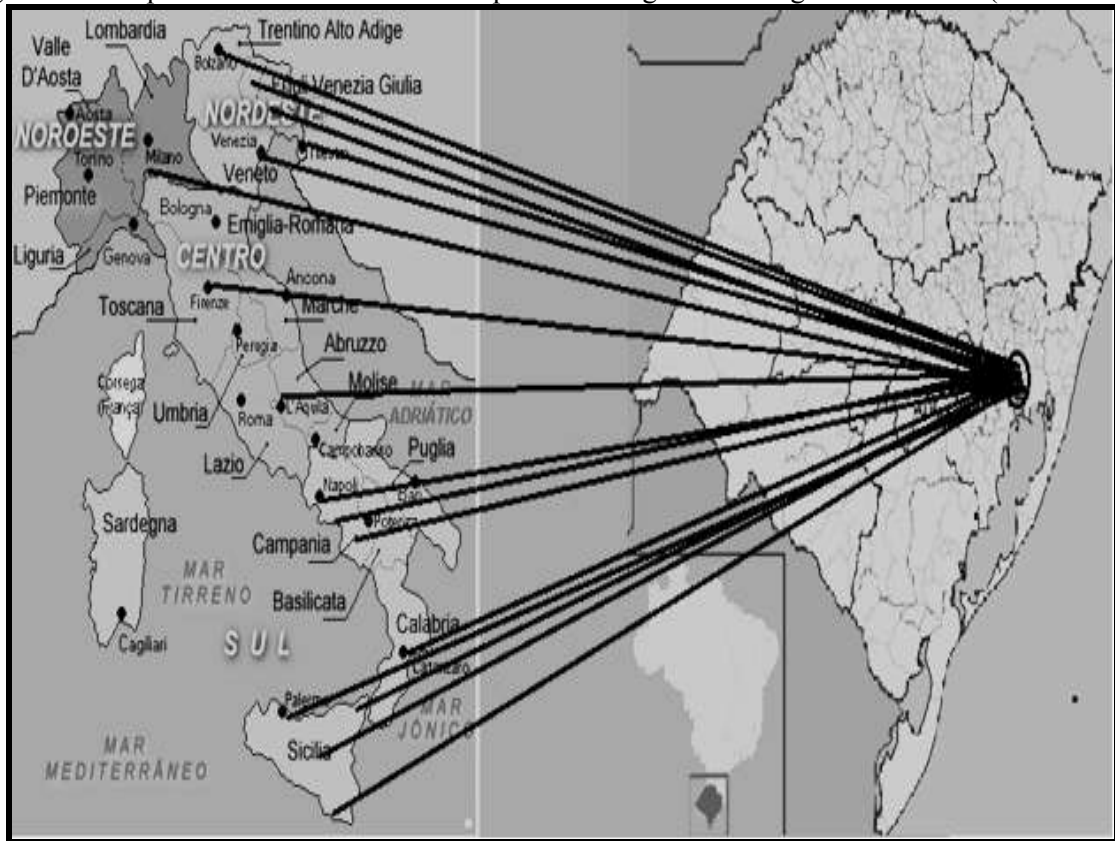
Esses discursos são caracterizados por objetos que exprimem em seus conteúdos vestígios de uma imigração europeia para o Brasil (PEREIRA, 2010, p. 52). Suas narrativas são indiciárias da história coletiva (GINZBURG, 1990, 2006), pois são pessoas mais velhas que têm a função social de lembrar e contar para os mais jovens as suas histórias, de onde vieram, o que fizeram e aprenderam. As pessoas mais velhas, por suas experiências e vivências, se tornam a memória da família, do grupo, da sociedade (BOSI, 1983). Sobre a utilização das lembranças como fonte para pesquisa, Portelli diz o seguinte:

Não o faço porque quero que aquilo que eu saberei dessa pessoa venha da entrevista, não antes dela. Isto é, eu quero aprender quem é essa pessoa da fonte oral, não do contrário. Depois disso faço todas as verificações necessárias. Vou ao arquivo, leio as fontes escritas etc. Mas, o ponto de partida é a narrativa oral. E, então, eu diria que uma diferença é o uso das fontes orais que é essencialmente factual. O historiador procura informações, e não havendo, não as obtendo através de outras fontes, faz entrevistas. E isso vai muito bem, é um uso, usa as fontes orais como fonte de informação como as outras, com as outras. (PORTELLI, 2011, p. 15).

Nesse sentido, os depoimentos das mulheres são importantes para os estudos da história da imigração no Brasil, porque, conforme o pensamento de Giambattista Vico, somente aqueles que criam ou fazem alguma coisa podem entendê-la melhor do que os observadores (VICO, 1984, p. 31). Desse modo, as depoentes são pessoas que indicam caminhos para conhecer o todo, porque seus relatos possibilitam, a partir do micro, conhecer o macro. São narrativas permeadas pela subjetividade e pela abstração. No presente estudo, optou-se pelas mulheres que imigraram para a cidade de Porto Alegre/RS, entre os anos de

1945 e 1955, quando as imigrações espontâneas<sup>34</sup> se intensificaram em virtude da Segunda Guerra Mundial, que gerou uma aguda crise econômica na Europa.

Figura 22 – Mapa demonstrativo do local de partida e chegada das imigrantes italianas (1935-1962)<sup>35</sup>



Fonte: Elaborado pela autora.

A escolha recaiu sobre mulheres vindas de várias regiões da Itália, como toscanas, calabresas, abruzzences, venetas, sicilianas, venezianas, conforme se demonstra no mapa onde estão assinalados os locais de partida e o destino final, no caso, Porto Alegre<sup>36</sup>, e sobre as quais se discorrerá. Elas possuem histórias distintas e particulares, entretanto tem duas características em comum: são mulheres e são imigrantes. Dentro de suas narrativas é possível identificar e abordar algumas categorias que se apresentam objetivamente nos depoimentos selecionados.

<sup>34</sup> Imigração voluntária e espontânea é aquela em que os indivíduos se valem de recursos próprios para financiarem a viagem até o país de destino.

<sup>35</sup> Mapa elaborado pela autora para demonstrar a diversidade cultural das italianas, visto que as mesmas procedem de regiões diferentes da Itália.

<sup>36</sup> Sobre a imigração dos italianos destinada à capital gaúcha, Antonio de Ruggiero faz um breve relato onde sintetiza os estudos existentes referentes a períodos anteriores. Ao mesmo tempo, dá ênfase ao estudo de Leonardo Conedera, que foca nos sicilianos vindos para Porto Alegre no pós-Segunda Guerra, através de redes parentais, e se estabeleceram em Porto Alegre (RUGGIERO, 2014, p. 162-181).



### 2.1.1 Região da Toscana

#### a) Iole Tredice

Iole Tredice nasceu em Pescia<sup>37</sup>, um pequeno povoado da província de Pistóia, na região da Toscana, localizada na parte central da Itália. Filha de Paulo Huderido e Tizira Helene Tredice em seu depoimento recorda que teve uma infância feliz marcada por boas lembranças de sua cidade.

Figura 23 – Iole Tredice – 1946



Fonte: Acervo do LAPHO.

Fonte: PANORAMIO.COM.



Figura 24 – Norte da Poente Del Duomo

Iole lembra, sobretudo, que sua cidade era pequena, mas bonita. Tinha de tudo, lojas, praça, comércio e também uma ponte chamada Ponte Del Duomo sobre o rio que dividia a cidade. A ponte ficava próxima da Igreja de San Francisco, onde brincava com outras crianças como ela. *“Havia uma escada onde desciam para o rio, mas era água de um lado e no outro lado tudo era pedregulho onde podiam brincar bastante fazendo casinha de pedras”*. (TREDICE, 2010, p. 2).

Iole relata que o pai era bombeiro, pintor de casas e morreu aos trinta e três anos de idade, na véspera da Páscoa. A mãe cuidava da casa e dos filhos – ela, Piero, Natalia, Ivana Nadia e Paulo, desde a morte do marido tivera que se ocupar do sustento da casa, juntamente com a irmã mais velha, que fazia tricô e golas para casacos. Iole lembra que estudou até a quarta série e que na época tudo era de graça, *“[...] era a época do Mussolini, do fascismo, não que a gente era fascista, nem sabia o que era”* (TREDICE, 2010, p. 2). Quando era pequena, abriu uma fábrica de seda na sua cidade e a família toda trabalhava extraindo o fio dos casulos para ajudar a mãe. Recorda que a mãe sempre trabalhou, *“[...] trabalhava de*

<sup>37</sup> “Pescia está dividida em duas áreas urbanas por um rio de mesmo nome. Essas áreas são muito contrastantes. A leste a cidade cresceu ao redor da Catedral, Paróquia de Santa Maria, de forma circular, enquanto que, a oeste, o núcleo urbano tem a forma longitudinal originário da Câmara Municipal e da atual Piazza Mazzini. Por causa dessa ‘separação’ a cidade ficou dividida entre o lado religioso e o lado civil. E, entre elas, uma ponte que liga essas duas partes de uma mesma cidade.” (PANORAMIO.COM).

*empregada, trabalhava em loja, no bar do café e no mercado, e depois da morte do pai começou a fazer artesanato de tricô e crochê para vender. Também comprava roupas em Montecatini<sup>38</sup> para revender em Pescia” (TREDICE, 2010, p. 3).*

Quando o assunto é a guerra, Iole lembra que a mãe ia comprar pão no mercado negro, pois o comércio todo – padaria, loja e mercado – fechou as portas. Para conseguir frutas a mãe se juntava com as outras mães do povoado e buscavam maçã, pera e laranja nas plantações que existiam nos arredores do povoado. Fala sobre a proximidade dos alemães e americanos em Pescia:

*Eram os americanos e os alemães e a gente estava no meio deles. Os alemães estavam se retirando, indo embora e os americanos estavam em Montecatini, perto de Pescia. Vinham os alemães não gosto de falar essas coisas para qualquer um por causa de má-fé na gente... Hoje tudo é paz, todos eram humanos também! Não gosto de falar porque que tem muito alemão aqui. Às vezes nem conto essa história. [...] E depois foram embora. Punham as bombas para explodir os prédios com as famílias e tudo. Que coisa! Bombardeamento, bombardeamento que vinha não era tanto assim em Pescia (aponta para o alto sugerindo a direção de cima para baixo: aéreo). Era um pouco mais... Ia onde estavam os alemães, quem bombardeava era os americanos... Então tocava a iiiiuiiiiiiii (imita uma sirene) que avisava e a gente para fugir (sinaliza com as mãos o gesto de disparar, correr, fugir) tudo fugindo... A igreja era o local para onde fugíamos, mas também tinha uma ruazinha onde corríamos e nos escondíamos. Eu até gostava de ver os aviões. Ficava lá abaixo assim (fazendo gesto de abaixar), olha vai cruzar vvvuuuuuuuu (e ri com vontade ao lembrar). Eu tinha mais medo dos soldados que dos aviões. (TREDICE, 2010, p. 6-7).*

Embora as informações de Iole relativas a episódios da Segunda Guerra sejam imprecisas devem-se considerar alguns aspectos, como o longo tempo decorrido entre o fato e o momento da coleta de suas informações, pois as experiências ocorreram na sua adolescência. Iole lembra episódios que ocorreram nas proximidades de sua cidade que influenciaram suas relações e restringiram suas manifestações quando veio morar em Porto Alegre, já que ela e o marido se estabeleceram no Quarto Distrito, onde havia um grande número de imigrantes alemães. Ela prossegue narrando: “Na cidade apagavam as luzes quando anoitecia. Não podia ter uma luz. Minha mamma mandou pintar tudo os vidros de colorido escuro. Se chegassem a ver claridade eles bombardeavam, porque estava quase no fim da guerra, então faziam maldade.” (TREDICE, 2010, p. 7). Iole relata várias passagens de episódios traumáticos experimentados durante a Segunda Guerra a partir do seu olhar juvenil, que observa o outro desconhecido e novo:

---

<sup>38</sup> Cidade próxima a Pescia, considerada o centro mais importante da província de Pistóia, está localizada no extremo leste de Piana di Lucca, e nela se concentram grande parte das indústrias e comércios da região.

*Uma vez me lembro, estava eu e minha amiga (em meio aos risos) se to rindo até hoje. Então fui buscar maçãs, tinha pessoas que davam para gente... Ficava a certa distância, longe de casa. Quando estávamos voltando com a sacola cheia de fruta começou a vir o bombardeio. Lembro estávamos perto da ferrovia, justo na hora que vínhamos correndo felizes... De repente veio aquele avião baixinho. A gente corria. Dava cada risada. Rindo, rindo em vez de chorar de medo, deu aquela coisa de rir com lágrimas. Eu e a minha amiga que morava no prédio, mas não largamos a sacola, ficamos embaixo das árvores vendo os aviões bombardeando o local. Isso aconteceu quando eu tinha 13 ou 14 anos, mas fiquei uma semana com febre por causa do susto que levamos. (TREDICE, 2010, p. 7).*

As lembranças dos episódios cristalizam uma “[...] memória pessoal que também é uma memória social, familiar e grupal mediada pela linguagem, que aproxima as lembranças do passado enquadradas pelo presente” (BOSI, 1983, p. 18). Ou seja, foram eventos presenciados não apenas por ela, mas também por outros que integravam seu espaço cotidiano. Nesse sentido, deve-se levar em conta o lugar que ela ocupava dentro do grupo social. Iole recorda que foi nesse período que os soldados brasileiros chegaram à região.

Sobre a presença de brasileiros na zona de guerra Iole recorda do acampamento perto de Pescia, em uma localidade chamada Staffoli, aldeia de Santa Croce na província de Pisa, em Toscana, região cercada por campos e bosques que se estendem por cerca de quatro quilômetros quadrados. Os soldados vieram depois que a Guerra tinha terminado, pelo menos naquela região. Após a chegada começaram a se integrar à comunidade, participando das festas, dos passeios na praça e dos bailes nos clubes da cidade.

Figura 25 – Cinema Garibaldi (Pescia)



Fonte: Acervo do LAPHO.

Foi na cidade de Pescia, em um baile no Cinema Garibaldi, que conheceu e se enamorou do combatente do exército brasileiro João Pedro Paz, integrante de um dos grupos que tinham ido para a Itália em missão de paz. O povoado ainda vivia as consequências das mortes ocorridas durante a ocupação dos alemães na província de Arezzo, também localizada

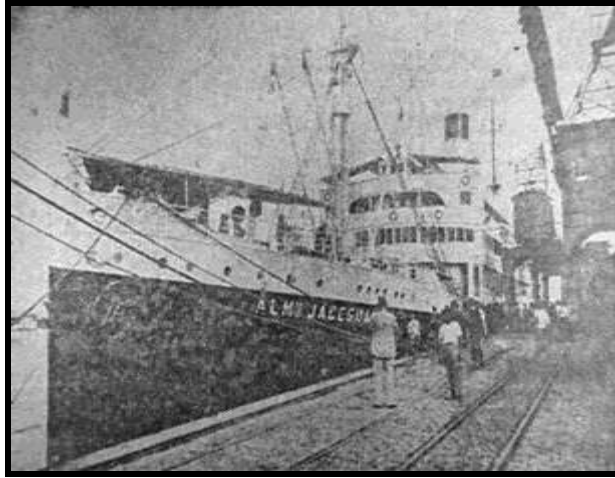
na Toscana (PORTELLI, 1996, p. 103-130)<sup>39</sup>. Encerrada a missão, o pelotão retornou ao Brasil. Meses após ter retornado, Pedro recebeu a notícia que Iole estava grávida.

Figura 26 – Iole e Pedro Paz



Fonte: Acervo do LAPHO.

Figura 27 – Navio Almirante Jaceguai



Fonte: NOVOMILENIO. INF.BR.

Aos 18 anos de idade, um ano após o final da Segunda Guerra, no dia 28 de outubro de 1946, Iole iniciou a sua viagem de vinda para o Brasil. Embarcou em Nápoles e atravessou o mar até Santos; lá embarcou no navio Almirante Jaceguai, navegando até Porto Alegre para encontrar o esposo<sup>40</sup> João Pedro Paz<sup>41</sup>. Pedro integrou a Força Expedicionária Brasileira (FEB)<sup>42</sup>, no ano de 1945, lutando ao lado dos aliados, na Itália, durante a Segunda Guerra Mundial. Já nesse período, a presença italiana estava integrada na vida nacional e a imigração passava por uma fase de estagnação, ou seja, a migração era residual e sustentada pelas redes migratórias. A vinda de Iole foi resultado da organização de uma rede complexa de relacionamento que mobilizou um aparato interestadual e internacional. A sua movimentação envolveu a ajuda de instituições, de associações de mídia, do Consulado Italiano e da

<sup>39</sup> “Em 1944, ao baterem em retirada de Roma, os alemães mataram 13 prisioneiros civis e militares em Civitella Val di Chiana; executaram 115 civis, todos os homens, em La Cornia; mataram 58 pessoas, incluindo mulheres e crianças, no vilarejo de San Pancrazio. Tudo indica que esses atos foram uma retaliação pelo assassinato de três soldados alemães por membros da Resistência, em Civitella, no dia 18 de junho de 1944.” (PORTELLI, 1996, p. 103).

<sup>40</sup> Iole se casou com Pedro por procuração. Lembra que sua mãe o substituiu durante a realização da cerimônia de casamento.

<sup>41</sup> Formado no curso técnico de hotelaria, João Pedro dedicou-se aos trabalhos de garçon, gerente e administrador de hotéis em Porto Alegre e São Paulo, tendo sido, mais tarde, reformado pelo Exército Brasileiro como 2º Tenente.

<sup>42</sup> A Força Expedicionária Brasileira, criada no dia 23 de novembro de 1943, englobava a recém-criada 1ª Divisão Expedicionária e elementos do Corpo de Exército e dos Serviços Gerais, com um contingente total de 25.334 homens, comandados pelo general de divisão João Baptista Mascarenhas de Moraes.

Associação dos Ex-combatentes da Segunda Guerra<sup>43</sup>. A jovem deixava um país marcado pela instabilidade política advinda das mudanças de governo.

Um ano após o retorno dos combatentes brasileiros, Iole veio para o Brasil. Trazia apenas uma pequena maleta de roupas e o filho nos braços. Tinha pouca familiaridade com o mar. Viajar na terceira classe tivera lá seus inconvenientes, que incluíram quarenta dias de privações alimentares, em decorrência “do mal do mar” (ROSSATO, 1883 apud MAESTRI, 1996, p. 201), sensação causadora de enjoos e vômitos constantes, que debilitou a sua saúde, prejudicando a amamentação do filho recém-nascido. Somaram-se a essas dificuldades e, ao fato de viajar sozinha, o roubo de seus pertences quando o navio aportou, em Gênova.

Relatos semelhantes ao episódio vivido por Iole foram evidenciados em estudos anteriores, informando que “[...] a estada no porto de Gênova à espera da partida do navio era uma etapa da viagem que podia reservar sérias e desagradáveis surpresas, inclusive roubando os recém-chegados no porto ou no transcurso da viagem” (MAESTRI, 1996, p. 194). Apesar dos contratemplos, Iole encontrou amizade e ajuda entre os companheiros de viagem. Muitos eram provenientes de várias partes da Europa, dentre eles alguns patrícios e outros brasileiros.

Figura 28 – Reportagem sobre a chegada de Iole em Porto Alegre



Fonte: Folha da Tarde (1946, p. 10).

<sup>43</sup> Fundada em 1945, a associação foi criada com o objetivo de lutar por leis de amparo aos ex-combatentes mais necessitados, de manter viva a chama da FEB, seus ideais, tudo isso respeitando a ação política ou ideológica de cada um. (MAUXHOMEPAGE.COM).

Durante a longa viagem Iole conheceu a ajuda de pessoas desconhecidas que a auxiliaram de várias maneiras. Fora a mesma solidariedade decorrente dos apelos na rádio e nos jornais *Correio do Povo* e *Folha da Tarde* protagonizados por Cândido Norberto<sup>44</sup> que tornaram economicamente possível sua vinda para o Brasil. Após quarenta dias viajando de navio, Iole chegou a Porto Alegre; não olhou para a cidade, porque não formulara a ideia sobre a cidade, visto que o diálogo com Pedro, durante o namoro, não havia superado os entraves da língua.

Figura 29 – Cândido Norberto dos Santos (dir.) e João Pedro Paz (esq.)



O ex-pracinha João Pedro Paz, quando falava à reportagem. Ele é dos poloz que estão ligando dois continentes por uma imensa "saúde"

Fonte: Folha da Tarde (1946).

Para Iole, dois episódios relativos à sua vinda foram marcantes: o primeiro, esta relacionado com a despedida da mãe no porto de Gênova (TREDICE, 2010, p. 11). A figura da mãe significava coesão familiar, segurança e proteção; o porto, por sua vez, um ponto de ligação, entre o passado e o futuro. E o navio sobre o mar pode ser compreendido por suas variações e instabilidade em relação ao percurso. Quando Iole desembarcou em Porto Alegre, além da mudança de cenário, mudam também os papéis das personagens: Iole torna-se a figura de coesão familiar, que antigamente era da mãe. O filho é a ligação entre o passado e a cidade aonde chega, com suas variações, ruas, pessoas e seus sotaques, uma incógnita geradora de incertezas.

<sup>44</sup> Cândido Norberto dos Santos nasceu em Bagé, no dia 18 de outubro de 1927, mesmo ano de fundação da Rádio Gaúcha. Chegou a Porto Alegre em 1943, para trabalhar na *Folha da Tarde*, periódico da Caldas Júnior. Além de experiência, conquistou várias amizades. Cita como exemplos Flávio Alcaraz Gomes e João Bergmann, locutor da PRF-9, Rádio Difusora Porto-Alegrense. (PUCRS.BR).

O segundo episódio foi sua chegada ao porto de Guaíba, marcada por medo e solidão que a ausência do marido provocara em virtude da chegada antecipada do navio (TREDICE, 2010, p. 12). Iole evocou a cidade sob a expectativa de seus sonhos, isto é, intuitiva e emocionalmente. Nesse sentido, o imaginário não apenas “[...] compõe-se de representações sobre o mundo do vivido, do visível e do experimentado, mas também se apoia sobre os sonhos, desejos e os medos de cada época, isto é, sobre o não tangível nem visível, que passa, porém, a existir e a ter força de real para aqueles que o vivenciam” (CHARTIER, 1988, p. 19; PESAVENTO, 2008, p. 14). Assim sendo, foi possível deduzir que a ideia formulada por Iole sobre Porto Alegre não tinha como referência o visual ou o material, mas o sentido e o imaterial, que pertencem ao campo das sensibilidades.

Por outro lado, as lembranças da infância na cidade natal são materiais, visíveis e riquíssimas. Sua visão política é particularizada a partir de sua experiência, “[...] *naquela época era tudo de graça. Era na época do Mussolini. Fascismo*” (TREDICE, 2010, p. 5). Tratava-se do regime político implantado na Itália por Benito Mussolini (1919-1943), que se caracterizava pelo culto ao *Duce*<sup>45</sup>. O depoimento de Iole aponta fatos específicos mencionados por Ismael Sanz Campos (1999).

Um desses fatos indica a familiaridade da mulher do norte da Itália com as guerras: “*A minha mamma ficou viúva, e a gente não tinha dinheiro. Então era minha mamma que lutava para ganhar dinheiro e dar comida aos filhos.*” (TREDICE, 2010, p. 5). Outro fato era a carestia e a falta de abastecimento nos mercados locais em consequência da Segunda Guerra. O comércio fechou as portas; os moradores de Pescia buscavam provisões nas cidades vizinhas, demonstrando que, de modo geral, as zonas do conflito foram castigadas pela carestia.

Ao afirmar que a memória é social e familiar, Ecléia Bosi (1983) ratifica as palavras de Iole, quando ela relata que todos os homens de sua família participaram das guerras: “*Eu tinha três deles que foram militares: meu pai fez a Primeira Guerra, meu irmão fez a Segunda Guerra, não fez a outra porque ele estava na Rússia, onde ficou com os pés quase congelados, e meu marido fez a Segunda Guerra.*” (TREDICE, 2010, p. 9). As lembranças relacionadas à Segunda Guerra possuem uma riqueza de detalhes guardados na memória que

---

<sup>45</sup> “Orquestramento do culto ao *Duce* e à *religião da pátria*, para impulsionar a nacionalização das massas, para beneficiar-se de todas essas contribuições ao regime, para controlar a educação popular e a socialização da juventude, para assumir a tarefa da formação de uma nova elite dirigente. [...] A especificidade do fascismo apoiou-se em sua capacidade para envolver-se, no positivo e no negativo, com amplíssimos setores da população. Alguns desses setores são, social e politicamente, claramente reconhecíveis, mas outros, mais amplos, estavam constituídos – não nos esqueçamos – por homens e mulheres, que também faziam sua história, tinham seus próprios interesses e sua própria racionalidade.” (CAMPOS, 1999, p. 271-272).

está em contínua reelaboração. Para isto, Iole se vale da ajuda de suportes da memória, como seus vínculos sociais, a sua casa e os vestígios preservados em arquivos fotográficos, em jornais, documentários, músicas e filmes, constantemente manuseados pelo esposo.

Figura 30 – Pedro e Iole em um momento de evocação da memória



Fonte: Correio do Povo (2009).

Existem ainda, como suportes de memória, os encontros sistemáticos na Associação de Ex-combatentes da FEB que ocorrem no último domingo do mês junto com amigos do marido que combateram na Itália. Reunidos eles contam e recontam histórias da Segunda Guerra para eles, os familiares e para os convidados que se renovam a cada encontro. Esses eventos remetem a uma memória compartilhada dentro e fora de um determinado grupo, mas que apenas pode ser repassada individualmente e servem para reforçar identidades, sejam elas da esfera particular ou coletiva (PORTELLI, 1996, p. 127).

Essa memória também se manifesta durante as festividades comemorativas de episódios da Segunda Guerra, onde Iole revive, ano após ano, sua história de amor associada a um acontecimento histórico e a sua italianidade. Nesses eventos realizam-se exposições de imagens do casal, imagens dos locais que marcaram a história dos dois, na Itália, em São Paulo, em Caçapava do Sul e na cidade de Porto Alegre. Em São Paulo Iole participou do quadro “História de Amor”, que foi ao ar no dia 26 de novembro de 1995. Em Caçapava do Sul também foi homenageada pelo comando local do exército. Em Porto Alegre sua história é sempre lembrada nos eventos alusivos à Semana da Pátria, quando os jornais da capital produzem reportagens alusivas ao casal em cadernos especiais.



Figura 31 – Iole sendo entrevistada.  
por Silvio Santos– Canal SBT – 26/11/1995



Fonte: Acervo do LAPHO

Figura 32 – Solenidade do monumento Ten.  
Miguel Pereira - Passo Fundo/RS – 2008



Fonte: YOUTUBE.COM.

### 2.1.2. Região da Calabria

#### a) Maria Di Gesú

Maria Di Gesú nasceu no dia 22 de fevereiro de 1928, na cidade de Morano Calabro, região da Calabria. Quando contava com dois anos seu pai imigrou para o Brasil, radicando-se na cidade de Porto Alegre onde passou a trabalhar como proprietário de restaurante. Somente reencontrou o pai quando tinha dezoito anos, já que o mesmo retornara à Calabria para buscar a família que ficara na terra natal. Lembra que além do pai, sempre ausente, a família era composta pela mãe, ela e a irmã. De sua infância fala pouco mencionando que cursou o colegial numa escola de freiras onde descobriu habilidades como canto, música, pintura e xilogravura voltada para temas religiosos.

Figura 33 – Pietro Di Gesú (pai), Rosa Rimo Di Gesú (mãe) e Maria Di Gesú.



Fonte: Acervo do LAPHO.

Maria menciona ainda que era jovem na época de Mussolini e alguns homens eram contra seu governo. Muitas pessoas saíram de lá porque não gostavam de viverem vigiados pela polícia secreta, outros porque temiam o chamado para a guerra. Lembra que tanto os jovens como as crianças eram obrigados a usar um distintivo nas cabeças (DI GESÚ, 2013, p. 9).

*Toda juventude era obrigada a se uniformizar, conforme o tamanho da criança. Balilla os menores, Jovem Fascista os maiores, os Vanguardista eram os mais velhos. E todos iam para o campo esportivo, que chamam aqui de ginásio. Tinha palestra, e tínhamos que marchar. Devia ter discurso. Não lembro direito, depois se executava a saudação Viva Mussolini! E cada um ia para casa, mas a gente era obrigado e vigiado pela milícia. (DI GESÚ, 2013, p. 10).*

Crescera sem o pai do qual quase não sentia falta, já que na cidade a maioria das crianças era criada sem o pai, porque eles imigravam para outros países. Alguns deles nunca mais voltavam, tendo, inclusive, constituído uma nova família. Quando veio para o Brasil sofreu muito, pois estava noiva e o noivo não pode vir, porque houve mudança na lei de imigração. Viajou de navio na primeira classe, “*viagem paga tinha tudo, baile, missa...*”, entretanto, sofreu muito nos vinte e um dias, por causa do balanço do mar (DI GESÚ, 2013, p. 2).

Figura 34 – Maria Di Gesú



Fonte: Acervo do LAPHO.

Da partida Maria fala com tristeza, ao mencionar a separação das colegas, pois juntas haviam superado os traumas sofridos com a guerra e, quando estavam tentando recomeçar a vida, teve que partir. Nesse sentido, a partida foi uma interrupção da continuidade, efetuando um rompimento abrupto e traumático com o passado. Maria fala que o Brasil foi um país acolhedor, entretanto sempre esteve ligada à sua terra. “*Agora, por exemplo, moro aqui e moro lá. Sei tudo o que acontece por lá e por aqui. Tenho duas pátrias, amo a Itália e o Brasil com a mesma intensidade*”. (DI GESÚ, 2013, p. 3).

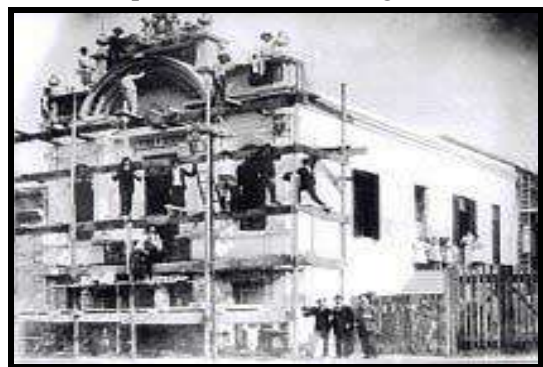
Maria conta que, ao chegarem à cidade de Porto Alegre, foram residir na antiga Rua Havaí, localizada na área central. Aos domingos ia no cinema e depois ao barzinho, sempre acompanhada por um familiar mais velho. Recorda que o pai e o tio eram donos Restaurante Bela Vista situado na Rua Washington Luiz, esquina com a Rua Espírito Santo, no final da linha do trem. Os tios tinham casa em Ipanema, na Rua Mampituba, onde toda família veraneava. Observa que no bairro moravam muitos italianos instalados na Rua Demétrio Ribeiro e na Rua Espírito Santo faziam fogueiras no meio da rua na época de São João e São Pedro.

Figura 35 – Antiga Rua Havaí<sup>46</sup>



Fonte: Acervo do IBGE<sup>47</sup>.

Figura 36 – Società Italiana di Beneficenza  
Principessa Elena Montenegro



Fonte: ITALIAOGGI.COM. BR.

Ainda sobre sua integração à comunidade de italianos que residiam na capital, após a chegada à cidade, Maria fala que “[...] *as pessoas ficavam sentadas na rua, as mocinhas na janela, os namorados embaixo da janela, enquanto as crianças brincavam de roda no meio da rua*”. Logo que a família chegou a capital passou a frequentar a Sociedade Italiana Elena de Montenegro<sup>48</sup>, na Rua General Montana. Nas dependências da sociedade jogavam ping-pong, dançavam e participavam dos bailes de escolha da rainha. “*No Brasil vivíamos um momento de paz, pois aqui era o paraíso*”. (DI GESÚ, 2013, p. 4).

As atividades artísticas de Maria iniciaram quando eclodiu a Segunda Guerra Mundial, tanto no campo música como na pintura, na cerâmica e no desenho. Nessas três últimas categorias artísticas Maria pode ser

<sup>46</sup> DOKTORCLUB.BLOGSPOT.COM.BR.

<sup>47</sup> Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

<sup>48</sup> “A história da sociedade se confunde com a trajetória de muitos imigrantes que se estabeleceram em Porto Alegre, no final do século XIX. Tudo começou quando quatro italianos criaram uma associação para prestar auxílio aos imigrantes que chegavam à capital. Desse modo, surgiu a Bella Aurora, em 1893, quando a comunidade já representava 10% da população local, equivalendo a seis mil habitantes. Três anos depois a sociedade passou a se chamar Società Italiana di Beneficenza Principessa Elena de Montenegro, que sobreviveu à II Guerra Mundial e, em 1961, transformou-se em centro ítalo brasileiro e em noventa assumiu a denominação Associação Italiana do Rio Grande do Sul.” (ITALIAOGGI.COM.BR).

Considerada uma das últimas representantes da arte naïf no Estado. Também conhecida como arte primitiva moderna, o estilo adotado pela artista é caracterizado por não apresentar preocupações acadêmicas em sua execução ou grandes formalidades técnicas, sendo classificada, muitas vezes, como arte ingênua. Na obra de Maria Di Gesú, essa característica pode ser encontrada também na temática da artista, que reproduz coloridas imagens de sua infância, da simplicidade do cotidiano e da religiosidade – sempre baseada nas lembranças de sua cidade natal e na mescla de culturas brasileira e italiana. (ESTADO. RS.GOV. BR).

No campo da música seus estudos iniciaram na terra natal, com o maestro Battista Lotufo, músico da comunidade local. O pai de Maria trouxe a família para o Brasil em 1947 por intermédio de redes parentais<sup>49</sup>. No bairro onde foram residir já moravam outras famílias italianas, em número significativo, com o predomínio dos comerciantes calabreses. Na época Maria ainda não trabalhava fora, apenas dedicava-se aos estudos artísticos ligados à música e às artes plásticas e iniciou sua integração social participando do corpo de cantores do coral quando começou a participar da comunidade da Igreja do Carmo.

Em 1953, ingressou no Instituto de Belas Artes; em 1955, já integrava o Coral da Orquestra Sinfônica de Porto Alegre (OSPA), onde começou a tocar piano, atuando até 1960. No ano seguinte ingressou no corpo docente do Liceu Musical Palestrina<sup>50</sup>, de Porto Alegre, onde ministrou aulas por três anos. Posteriormente, entre os anos de 1987 e 2005, juntou-se ao corpo de músicos da Orquestra Sinfônica de Caxias do Sul e também atuou na orquestra Bruno Kiefer, de Novo Hamburgo. Integrou o grupo de músicos da Orquestra de Câmara de Gravataí e o Grupo de Cordas da Vila Assunção, na capital gaúcha, e a Orquestra de Cordas Musicâmara, da Maestrina Gília Gerling<sup>51</sup>. Em 1962 fez curso de xilogravura com Francisco Stockinger e Danúbio Gonçalves. A partir de 1963 fez parte do grupo de professores do Instituto Musical Paganini, ao mesmo tempo atuava como violinista na Orquestra Sinfônica de Porto Alegre. Fez aperfeiçoamento em escultura com Vasco Prado e em violino com o Prof. Antonio Marques, de Montevideú.

<sup>49</sup> Essas redes envolviam parentes de sangue (tios, sobrinhos, primos, filhos irmãos etc.) que vinham para o Brasil com recursos próprios (VENDRAME, 2010, p. 70).

<sup>50</sup> “O Liceu Musical Palestrina, fundado em 1938, formou diversas gerações de músicos, tornando-se referência na educação artística no Rio Grande do Sul. A escola foi uma criação do professor, músico e compositor Angelo Crivellaro (1891 – 1957), nascido em Tombolo, no norte da Itália, que havia chegado em Porto Alegre em 1927. A denominação é uma homenagem ao compositor italiano Giovanni Pierluigi da Palestrina (c. 1525 – 1594), cujo nome faz referência à cidade onde nasceu. A escola, localizada no número 305 da Rua General Vitorino, em Porto Alegre, caracterizou-se, em sua primeira fase, pela expansão no interior do Estado, com filiais em diferentes cidades.” (ZH.CLICRBS.COM.BR, 2013).

<sup>51</sup> Orquestra composta por: VIOLINOS: Humberto Ede Sullivan Bressan, Rafael S. Guimarães, Maria Di Gesú, Enio Portz, José Roberto Fischer; VIOLAS: José Morschbacher, Juan Carlos Santurion; VIOLONCELOS: Marco Maia, Rafael Guimarães; CONTINUO: Guilherme Mittmann; REGÊNCIA: Gília Gerling.

Figura 37 – Coral da Orquestra Sinfônica de Porto Alegre      Figura 38 – Orquestra de Cordas Musicâmara de Porto Alegre



Fonte: Acervo do LAPHO.



Fonte: Acervo do LAPHO.

Enquanto trabalhava em diversos lugares Maria se aprimorava, aprendendo a tocar outros instrumentos participando de seminários e congressos. Informa que não trabalhava fora, visto que o pai a sustentava, pois era costume entre os calabreses, as mulheres se dedicarem apenas as lides do lar. No discurso da calabresas, percebem-se algumas contradições, por exemplo quando ela lembra que, após o falecimento da mãe e do pai, “*me assumi, mas já trabalhava fora enquanto o pai era vivo, já lecionava no conservatório e fazia porque gostava de trabalhar. E após a morte do pai eu tive que me assumir, pois já tinha idade e optei por permanecer solteira.*” (DI GESÚ, 2013, p. 4). Complementa, relatando:

*Lectionei no conservatório por um bom tempo. Quando saí do conservatório, as alunas me procuravam para ter aulas e então comecei a lecionar aulas particulares na minha casa. Ministrava aulas de pintura, música e restauro em obras sacras. Desse modo, meus rendimentos após o falecimento do pai vinham das aulas e das vendas dos quadros e das xilogravuras que aumentaram em virtude da minha participação nas mostras de arte. (DI GESÚ, 2013, p. 4).*

Entre 1971 e 2006 fez várias exposições individuais em entidades, como o Instituto Italiano de Cultura Dante Alighieri, em recepções aos visitantes que chegavam a capital gaucha vindos de Morano Calabro. Apresentou seus trabalhos na Secretaria de Educação e Cultura como convidada. Sob o patrocínio da mesma Secretaria realizou ainda exposições itinerantes em algumas cidades do interior do Estado. Outras instituições que expuseram suas obras foram a Sociedade Italiana do Rio Grande do Sul, o Museu Júlio de Castilhos, a Câmara Municipal de Porto Alegre, o Centro Calabrês do Rio Grande do Sul, a Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul, o Museu de Arte do Rio Grande do Sul (DI GÉSU, 2012).

Entre os anos de 1956 e 2011, realizou inúmeras exposições coletivas locais regionais; interestaduais no Paraná, Santa Catarina, São Paulo e Rio de Janeiro; e internacionais, na Argentina, Espanha e Itália. Destas, destaca o Salão Nacional de Artes Plásticas, onde é citada

como a única pintora representante do Rio Grande do Sul, com as obras “Abrindo as espigas de milho”, “Como se faz o azeite” e “Colheita de trigo”, em figurações típicas e de eloquente primitivismo, conforme destaca o jornal Zero Hora (1982) e o Diário Popular (jan./1983). Maria também recebeu, entre os anos de 1962 e 2010, várias homenagens e premiações locais, nacionais e internacionais, tanto pela produção de uma única peça como também pelo conjunto de sua obra.

Figura 39 – Maria Di Gesú no Salão Nacional



Fonte: Zero Hora (1982)

Suas produções estão espalhadas em acervos institucionais pelo Brasil, em acervos particulares na Alemanha, Argentina, Holanda, Itália, Portugal e Uruguai, entre outros. É citada em verbetes relativos às artes plásticas no Brasil. Como musicista rege e executa solos de piano, teclado, gaita, violino, bandolim, violão, violoncelo, flauta. Como artista plástica produz obras em cerâmica, pedra, pinta nas mais variadas técnicas. Sergio Ribeiro Rosa ressalta que a arte de Maria “[...] reflete permanente coerência com suas raízes itálicas [...] e a profusão de suas imagens denotam a impressão que o barroco peninsular deixou na artista” (ROSA apud DI GESÚ, 2013, p. 8). Dante de Laytano, em sua crítica sobre a artista, complementa, afirmando que:

Maria Di Gesú é uma artista que [...] montou a infraestrutura do pensamento estético italiano. As origens itálicas estão presentes no seu traço, no seu desenho, na sua cor e aculturando-se pela inspiração da nova terra brasileira recria temas [...]. Mas não perde nunca os traços que lhe proporcionaram sua origem peninsular. (LAYTANO, 1977 apud DI GESÚ, 2013, p. 10).

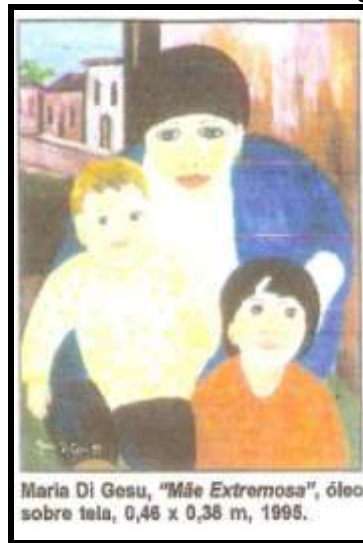
Os trabalhos de Maria ressaltam aspectos familiares, religiosos e também dizem respeito a sua origem, como a pintura de sua cidade natal. Essa característica pode ser observada nos temas escolhidos para seus quadros, como “Madona”, “Mãe Extremosa” “13 de junho – Procissão de Santo Antonio”, e as pinturas e xilogravuras que reproduzem Morano Calabro.

Figura 40 – Madonna



Fonte Acervo do LAPHO.

Figura 41 – Mãe Extremosa



Fonte: Acervo do LAPHO.

Figura 42 – 13 de junho



Maria Di Gesu, “13 de Junho – Procissão de Santo Antônio”, óleo sobre tela, 0,50 x 0,70 m, 1996.

Fonte: Acervo do LAPHO.

Figura 43 – Morano Calabro – óleo s/ tela



Fonte: Acervo do LAPHO.

Figura 44 – Morano Calabro – xilogravura



Maria di Gesu: Morano Calabro (detalhe)

Fonte: Acervo do LAPHO.

O conjunto de imagens acima reproduz algumas obras de arte da pintora. Nas pinturas da cidade de Morano Calabro observa-se, além do conjunto de montanhas, um portal com elementos clássicos e uma fonte de água. Na constituição da obra a artista selecionou elementos da antiguidade que configuram sua origem e a identificam com seu grupo. Desse modo, ela inscreve sua história na história da cidade, como portadora de uma cultura, mais que italiana, uma cultura latina. Nesse processo deve-se considerar que continuidade, tradição

e transformação coexistem e concorrem para a construção de uma nova ordem real ou imaginada que sempre pressupõe um retorno (TETI, 2001, p. 577).

As outras imagens retratam a composição familiar, tema recorrente das obras; estas ainda mostram festas religiosas que remetem à tradição religiosa de sua cidade. Através delas Maria aponta uma dimensão micro da cidade em uma ruazinha rodeada por casas que, de modo geral, possuem dois andares e o povo celebrando retratando geográfica e socialmente sua terra natal. A presença da igreja apontando contra o céu cheio de nuvens brancas e suas torres com campanários sinalizam para a religiosidade e o ritmo cotidiano do tempo. A mesma religiosidade também se apresenta nas práticas do dia a dia, marcando a construção de sua identidade vinculada com as raízes assentadas no passado. Maria lembra, enquanto mostra o quadro: *“comecei a cantar no coral da Igreja do Carmo, que ficava a poucos metros de casa. Comecei a cantar lá, depois tocar lá, sempre me dedicando para melhorar”* (DI GESÚ, 2012, p. 6).

Através do acervo das obras de Maria Di Gesú é possível entender que é a memória que complementa as imagens: *“a imagem se transforma na lembrança e muitas vezes a lembrança se fixa na imagem”* (LEITE, 1993, p. 130). O acontecimento reproduzido permanece presente na memória e é revivido através da imagem. Muitas vezes o momento lembrado é aquele que a imagem evidencia, já que é o que está diante dos olhos.

#### **b) Dalva Di Martino Cassará**

Figura 45 – Dalva Di Martino Cassará – 1955



Fonte: Acervo do LAPHO

Dalva Di Martino Cassará nasceu no ano de 1929, na cidade de Morano Calabro, Calabria, Província de Cosenza, deixou a terra natal em setembro de 1950, quando tinha 14 anos. Filha de Giovanni Di Martino, comerciante radicado na cidade de Porto Alegre. Dalva



partiu da Itália, em companhia da mãe, uma das irmãs e o irmão, rumo ao Brasil, no dia dos festejos de São Roque<sup>52</sup>. A irmã mais velha partiu anos depois, com o marido e o filho. Suas raízes estão assentadas na região de origem que passara, até 1940, por um processo de imigração em massa, decorrente das dificuldades econômicas e sociais que duraram mais de 40 anos e somente arrefeceu durante a guerra.

A família partiu para o Brasil através das ligações que uniam os que já tinham mudado para Porto Alegre e aqueles que ficaram na Itália com a intenção de percorrer a mesma rota em direção ao Brasil. Dalva e a família imigraram no início da década de 1950 a bordo do Navio Colombo, no período que ocorreu a segunda onda de imigração para o Brasil. Chegando ao Rio de Janeiro embarcou no Navio Itambé<sup>53</sup> em direção à capital gaúcha. Foram residir na Rua Demétrio Ribeiro, em uma casa confortável que o pai prepara para a chegada da família (CASSARÁ, 2010, p. 7).

Figura 46 – Navio Colombo



Fonte: Acervo do LAPHO.

Figura 47 – Rua Demétrio Ribeiro – 1950



Fonte: PORTOIMAGEM.WORDPRESS.COM..

Dalva recorda que, na sua terra, estudava em colégio de freiras e tivera uma infância feliz. Mesmo com a ausência do pai a vida da família transcorria na expectativa constante do seu retorno ao lar. Ao lembrar-se da infância fala que um grande número de famílias na sua terra viviam uma situação semelhante à sua, pois fazia parte do cotidiano da comunidade a vinda dos homens para a América.

*Não era só a minha mãe que estava longe do marido, um estava no Brasil, outro estava na Argentina, outros estavam na Colômbia, outros na Guatemala e outro Costa Rica. Muitas mulheres viviam o mesmo que a minha mãe.* (CASSARÁ, 2010, p. 6).

<sup>52</sup> Evento religioso que ocorre anualmente no dia 16 de agosto, considerado um dos acontecimentos mais importantes da Calabria, que reúne milhares de fiéis de todas as cidades vizinhas da Província.

<sup>53</sup> O Navio Itaimbé foi construído por Chantiers de Normandie, Rouen, França, circulou entre 1927-1962. Pertencia à Companhia Nacional de Navegação Costeira, conhecida popularmente como Costeira; fazia navegação de cabotagem, transportando cargas e passageiros de norte a sul do Brasil. (PROJETOMEMORIA.ORG, 2011).

As imagens mentais elaboradas por Dalva sobre a cidade de Porto Alegre tiveram como suporte as descrições das pessoas que vivenciaram o movimento migratório destinado ao sul do Brasil desde antes das guerras<sup>54</sup>. Esses imigrantes criaram condições para o surgimento das chamadas redes sociais entre imigrantes e se distinguem pelo “[...] fato de serem ações proporcionadas, por pessoas com experiência própria, conhecedoras da condição de imigrante, o que possibilita a elas uma relação com o outro, em situação de semelhança; e por isso tendem a ser específicas e singulares” (CARLEAL, 2004, p. 7).

A capital gaúcha se tornara atrativa para os imigrantes, pois a economia centrava-se na industrialização, acentuando o processo de urbanização. Esse contexto favorecia as atividades do pai de Dalva, Giovanni Di Martino, que tinha um pequeno restaurante próximo à Santa Casa. Mudou de ramo depois da Segunda Guerra, quando depredaram o estabelecimento, montando um armazém perto da Usina do Gasômetro. O novo estabelecimento prosperou, pois a usina tinha um parque de manutenção onde trabalhavam mecânicos, eletricitas, torneiros e outros tantos operários encarregados da manutenção do sistema, que incrementaram sua carteira de clientes. Grande parte desses operários era composta por italianos, como o Sr. Frederico Rossi, que trabalhara na construção da chaminé da Usina. Terezinha Rossi, filha deste, narra que foi seu pai e uma equipe de italianos que executaram a obra (ROSSI, 2011, p. 5).

Figura 48 – Vista aérea da Usina do Gasômetro – 1955



Fonte: RONALDOFOTOGRAFIA.BLOGSPOT.COM.BR (2010).

---

<sup>54</sup> Informações relativas à presença de imigrantes nos centros urbanos do RS, a partir de 1870, podem ser encontradas nos arquivos da Santa Casa, nos assentamentos de batismos, nos códices policiais e nos jornais.

O comércio de produtos do armazém do pai de Dalva fazia com que ele se deslocasse de tempos em tempos, indo e vindo da Calabria para Porto Alegre e vice versa. Nesse período a imigração majoritária era de trabalhadores calabreses e familiares destinados aos centros urbanos brasileiros. Esses deslocamentos ocorriam desde o século XIX, como evidencia a documentação, demonstrando o predomínio dos imigrantes calabreses no espaço porto-alegrense, os quais desempenhavam profissões diversificadas na cidade, sobressaindo-se no desenvolvimento de atividades comerciais (CONSTANTINO, 1999, p. 57). Em seu depoimento, Dalva confirma os registros, contando que.

*[...] vir para a América era uma coisa normal. Não era só a minha mãe que estava longe do marido. [...] Muita gente vivia a mesma situação que a minha mãe. [...] Primeiro veio a minha mãe, com duas filhas. Tinha uma irmã casada com um filho que o meu pai trouxe primeiro porque estava desempregado. Depois veio a mãe dele e minha irmã que era casada (CASSARÁ 2010, p. 6).*

O momento da partida de sua terra foi traumático, porque deixara suas amigas, a escola e seu ambiente no período que estava entrando na adolescência. A mãe, acostumada a fazer tudo, quando chegou à Porto Alegre se sentia deslocada, nunca mais saiu de casa, nem para ir à missa, pois havia perdido as referências que haviam fundamentado a sua maneira de ser. E a consciência de ser é que faz com que o ser humano sempre esteja voltado fundamentalmente nas suas origens à questão do ser, sendo considerada esta a dimensão da espiritualidade. O aspecto da exclusão e solidão deve ser destacado, pois o imigrante, dependendo de sua posição, pode viver isso de forma radical quando chega a um país em que a língua, os hábitos, os costumes e os valores são muito diferentes (MAALOUF, 2005, p. 23, 43).

Dalva desembarcou no porto da capital juntamente com a mãe e os irmãos no mês dos festejos farroupilhas. A cidade mostrava sinais de modificações propiciadas pelo afluxo cultural resultante dos intercâmbios entre grupos, oriundos de várias partes do mundo, que vieram atrás de melhores condições de vida. Ainda recorda do pai falando sobre a cidade. Dizia que “[...] *Porto Alegre, era uma cidade grande não era uma cidade como Morano; era uma cidade que oferecia muitas chances para crescer na vida*”. Dalva explica que a ausência do pai por longos períodos decorria dos negócios em Porto Alegre. Lembra de parentes, como Rocco Gallo, por parte do pai, e os parentes por parte de mãe que vieram para a capital anteriormente, incentivando a vinda do restante da família (CASSARÁ 2010, p. 1).

Figura 49 – Batismo de Dalva di Martino – da esquerda para a direita: Rocco Gallo e Vicentina Galo (tio e padrinho), pai e mãe (Dalva é a criança no colo da mãe), tia, prima e irmãs



Fonte: Acervo do LAPHO.

Dalva narra que a primeira rua que conheceu na cidade foi a Riachuelo. O seu padrinho e tio Rocco recebeu a família. Na rua onde foram morar havia muitas meninas da sua idade e com algumas delas estudou no Colégio Sévigné<sup>55</sup>. Quando era jovem, junto com as amigas passeavam na Rua da Praia, iam ao cinema e frequentavam os bailes da Reitoria que:

[...] ocorriam no salão de traços modernistas inaugurado em 1957 na cidade de Porto Alegre que ainda despertava para as primeiras modernidades daqueles “anos dourados”. Nas noites de festa na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, os rapazes bem vestidos chegavam e se posicionavam perto das paredes. Já as moças – devidamente acompanhadas – normalmente se sentavam em volta das mesas, onde ficavam à espera do convite para dançar. Entre os personagens dos Bailes da Reitoria, o mais lembrado é Norberto Baldauf, pianista e líder do conjunto que leva o seu nome e até hoje toca em festas. O grupo animou muitas noites memoráveis no então recém-inaugurado espaço social. (UFRGS. BR).

Quando fala sobre trabalho, Dalva recorda que as moças, na sua época, costumavam fazer curso de taquigrafia. Com ela não foi diferente; fez o curso e, após ter concluído, submeteu-se ao exame para ingressar como taquígrafa no Hospital Beneficência Portuguesa, por indicação de um vizinho português chamado Antonio; entretanto, o pai não permitiu que fosse trabalhar. Recorda que anos mais tarde começou a ensinar italiano.

<sup>55</sup> O nome *Sévigné* foi uma homenagem à escritora francesa Marie de Rabutin-Chantal, a Marquesa de Sévigné. O Colégio foi fundado no dia 1º de setembro de 1900 pela madame francesa Emmeline Courteilh, esposa do agente consular da França em Porto Alegre, Octave Courteilh. Em 1906, Emmeline passou a direção para as Irmãs de São José. (CORREIODOPOVO.COM.BR).

*Minhas amigas queriam estudar italiano, pois estava em voga. Então comecei a dar aulas de italiano. No começo foi assim: umas aulinhas, umas palavrinhas, canções, interpretavam as músicas. Um dia eu li no jornal que a ACIRS: Associação Cultural Italiana do Rio Grande do Sul estava fazendo teste para contratar novos professores. O papai e a mamãe tinham falecido. O marido não se importava que eu fosse trabalhar fora: “ué tu quer fazer, faz” era um pouco mais aberto que o pai. Fiz o teste, uma semana depois, fui chamada e até hoje ministro aulas de italiano na Associação. (CASSARÁ, 2010, p. 12).*

Leciona italiano há trinta anos e neste tempo fez vários cursos de reciclagem. Um dos mais importantes para sua carreira ocorreu em Perugia, com o Prof. Catarinof, onde ele ensinava novas didáticas de italiano. Posteriormente, foi introduzido o método Chiu-Chiu do Professor. Silvestrini, e atualmente utiliza o método Rette. Dalva encerra seu depoimento salientando que sua história de vida está dividida entre Morano Calabro e Porto Alegre.

### c) Amália Morelli Aita

Amália nasceu no ano de 1930, na cidade de Morano Calabro, e veio para o Brasil em 1950. Após o término da Segunda Guerra Mundial conheceu e se apaixonou por Salvatore Aita, ex-combatente do exército italiano e irmão de uma amiga de sua escola. Terminada a Segunda Guerra Salvatore imigrou para o Brasil à procura de oportunidade de trabalho. O irmão que morava no país facilitou a viagem e a integração com a comunidade de italianos radicados na cidade de Porto Alegre. Escolheu o Brasil porque os parentes que aqui já estavam diziam que podiam trabalhar e ganhar dinheiro. Tempos depois da vinda, casaram por procuração e Amália embarcou para o Brasil com destino à cidade de Santos, onde o Sr. Salvatore a esperava; de lá rumaram para Porto Alegre.

Figura 50 – Amália e Salvatore – 1950



Fonte: Acervo do LAPHO.

Figura 51 – Salvatore Aita – 1943



Fonte: Acervo do LAPHO.

Chegando à cidade de Porto Alegre, Amália oficializou o casamento na igreja, com vestido de noiva e a benção do padre para certificar a união. Após o casamento foi morar na

casa de uma tia do seu marido localizada na Vila São Luiz, no Jardim Botânico, e na época conheceu e passou a frequentar a Sociedade Italiana, da qual participa até hoje. Teve algumas dificuldades com o idioma superadas graças aos parentes, amigos e da convivência social, nas festas, no trabalho atrás do balcão. Aprendeu a falar corretamente sem perder o sotaque italiano.

Figura 52 – Amália Morelli Aita e Salvatore Aita (1955)



Fonte: Acervo do LAPHO.

Amália estudou até o terceiro ano escolar e sobre este tempo ressalta que era graças a Mussolini, que era uma pessoa boa que ajudava todo mundo. O ensino era gratuito, todos tinham acesso ao comércio que funcionava em forma de cooperativa comunitária. Amália conta que no começo estranhou a fala diferente dos italianos que aqui residiam, o que aponta para uma gama de dialetos existente na capital gaúcha já conhecida por sua diversidade polifônica decorrente das imigrações.

Recorda com tristeza do falecimento do pai uma semana após seu casamento e a alegria da vinda da mãe e do irmão em 1952. Sobre a vida cotidiana na capital ela lembra que os divertimentos eram sempre em família “[...] *nas comemorações de aniversários e festas de matar porco onde realizavam brincadeiras e cantorias, todo mundo cantava, os homens dançavam*” (AITA, 2013, p. 9). No começo frequentavam a Igreja São Jorge, na Avenida Protásio Alves. Depois que mudaram a residência para a Rua Ramiro Barcelos a família passeava na Redenção e participava da comunidade da Igreja Santa Terezinha.

Quando o marido veio para o Brasil, ainda solteiro, trabalhava no comércio, vendendo bilhetes de loteria sem pagar impostos. Depois do casamento ele resolveu montar o próprio negócio na Rua Thomas Flores, juntou as economias de anos e montou um estabelecimento de comércio denominado Açougue & Fiambreria Itália. Ela trabalhava no estabelecimento,

executando as mais variadas atividades, embora em seu depoimento tenha dito que nunca trabalhou fora. Sobre o negócio da família e seu trabalho ela diz:

*Tinha tudo lá, até que eu também ajudava naquela época. Sim, eu também trabalhava junto com eles, ali na frente vendendo bilhetes, a mesma coisa que estavam fazendo. E depois, tinha um balcão em casa. Também alugamos uma peça ao lado e montamos uma sapataria. [...] Eu atendia e vendia. Eu pesava as carnes conheço todos os cortes (tipos) de carne. Além desses tinha outros produtos como queijos e salames. Trabalhei nessa atividade mais de dez anos. (AITA, 2013, p. 7-8).*

Figura 53 – Açougue & Fiambreteria Itália e Sapataria Bela Roma



Fonte: Acervo do LAPHO.

Sobre a alimentação aqui no Brasil, Amália conta que o pessoal, os vizinhos de onde ela mora, apreciam muito, os pratos feitos por ela como massas, pizzas e a “polpetta” que aqui chamam de almôndega. Na Itália a comida, como o nhoque, por exemplo, tinha outro gosto, e que até hoje não gosta da comida daqui. Do feijão preto nunca gostou mesmo, prefere o feijão vermelho; por outro lado, elogia as propriedades dos pratos feitos por ela, dizendo que é mais diversificada com vários tipos de verduras e legumes, como brócolis e couve, abobrinha e berinjela.

Relata que o marido ele integrara as tropas de Mussolini participando da missão na África, antes de se conhecerem. Ele também lutara na Segunda Guerra Mundial. “*Sim, ele lutou e inclusive levou um tiro na mão. [...] a guerra foi terrível, nem quero lembrar, dá arrepios (se emociona e começa a lacrimejar) por tudo o que passamos. E isso que eu era pequena e não sabia nada, mas muitos parentes meus morreram*” (AITA, 2013, p. 10).

Retornou a Itália quatro vezes a passeio, porque era um desejo do marido, não pensa em voltar definitivamente, pois tem filhos e netos nascidos no Brasil, o que a torna do lugar. Esse sentido de pertencimento à sociedade porto-alegrense está fundamentando a construção de sua identidade, que tem como base a comunidade, os laços pessoais de reconhecimento mútuo e o sentimento de adesão a princípios e visões de mundo comuns, que faz com que as pessoas se sintam participantes de um espaço-tempo comum (MOURÃO, 2009, p. 15).

#### **d) Carmela Serra Gallicchio**

Carmela Serra Gallicchio nasceu na cidade de Morano Calabro, Província de Cocenza, no ano de 1930, filha de Bernardino Serra e Angela Maranguello, agricultores que plantavam e criavam gado. Tinha 14 anos quando a mãe faleceu sob os cuidados do Doutor Depascoale Gotz, que atendia os moradores locais. Quando a mãe morreu o irmão que tinha 21 anos, estava na Segunda Guerra; assim, ela e a irmã tiveram que ajudar o pai a cuidar da chácara onde havia um pomar com grande variedade de frutas.

Figura 54 – Carmela Serra Gallicchio



Fonte: Acervo do LAPHO.

Mesmo pequena, recorda que durante a guerra precisavam manter as luzes de casa apagadas para evitar ataques aéreos e para os soldados perceberem a presença de pessoas no interior da casa (GALLICCHIO, 2014, p. 1-7). Menciona que na época da Segunda Guerra diminuiu a população do vilarejo, pois os homens em sua maioria tinham imigrado, alguns para fugir da guerra; depois que terminou a guerra eles voltaram para casa. Tempos depois surgiu “[...] *o rumor da outra guerra e todo mundo queria fugir daquele lugar porque além da carestia ainda havia o medo da morte. Por causa desses boatos os patrícios que estavam*



*no Brasil e tinham filhos na Itália começaram a chamar as famílias, os parentes, para vir morar aqui”* (GALICCHIO, 2014, p. 11).

Carmela lembra que, na época da guerra, muitos parentes vieram para a América. Recorda que eles desapareciam e algum tempo depois mandavam notícias através do consulado, o que ocorreu com um irmão, o cunhado, um primo e um vizinho. Sugere em sua fala que a situação da guerra só melhorou após a deposição de Benito Mussolini, quando Badoglio assumiu a chefia do governo provisório como primeiro-ministro da Itália, negociando a paz com os aliados através do Armistício de oito de setembro de 1943.

Figura 55 – La Stampa – Notícia sobre Badoglio – 1943



Fonte: EBAY. IT (1943).

Carmela casou com Vicente Gallicchio<sup>56</sup> em sua terra natal, no ano de 1949. Da união nasceram três filhos, Rafaelle e Conceição, nascidos na Itália, e Angela, que nasceu no Brasil. O marido tinha vindo em 1954 para o Brasil a chamado de um primo que já estava aqui. Como outros conterrâneos, veio para fugir da guerra e buscar melhores condições de vida, porque com a “[...] *carestia não havia trabalho, além disso, no norte algumas fábricas foram incendiadas, lembra que na sua cidade não tinha fábrica, mas por causa destes eventos as mercadorias não chegavam*” (GALLICCHIO, 2014, p. 8-9). Quando o marido veio para o Brasil ela ficou morando com o pai.

Um ano depois de ter vindo, o marido mandou chamá-la, juntamente com os filhos. Na época o governo italiano e o brasileiro fizeram um acordo e as passagens ficaram acessíveis, pois o Brasil precisava de mão de obra pra trabalhar nas indústrias. A viagem no Navio

<sup>56</sup> Vicente Gallicchio foi a denominação dada à antiga Rua “C” do Loteamento Jardim Vila Nova, Bairro Vila Nova, conforme decreto assinado pelo Prefeito Municipal Olívio Dutra, no dia 23 de julho de 1991. O decreto determinava que na placa abaixo do nome Vicente Gallicchio deveria ter os seguintes dizeres “Sindicalista e Humanista. (Acervo do LAPHO).

Florenza, de Nápoles a Santos, para ela foi temerosa por que a cabine onde estavam não trancava. Na mesma viagem vieram patrícios de outras regiões da Itália. Não entendia o que eles conversavam, já que falavam um dialeto diferente do falado na Calabria. Também recorda que ao chegarem a Santos perceberam que as malas onde ela trazia o enxoval foram abertas e estava tudo revirado (GALLICCHIO, 2014, p. 17-18).

Figura 56 – Carmela com os filhos – 1955 – Rafaelle (4 anos) e Conceição (3 anos)



Fonte: Acervo do LAPHO.

Viajaram mais quatro dias de trem de Santos para Porto Alegre e, chegando à capital, foram residir em uma casa de madeira alugada na Rua Botafogo, no Bairro Bom Fim. Naquele tempo a prefeitura proibira os moradores de construir latrinas no pátio das casas por causa do mau cheiro em função da quantidade de famílias de moradores aglomerados em um mesmo terreno. “Então todo dia o homem da prefeitura pegava os dejetos em uma carrocinha que tinha uma vasilha, ele usava uma capa escura para proteção, recolhia nas casas e levava os dejetos para atirar no mar (rio Guaíba).” (GALLICCHIO, 2014, p. 40). Desde a fundação da capital gaúcha, os porto-alegrenses têm o lago Guaíba como o seu principal manancial e destino dos dejetos da cidade, que não recebiam qualquer tratamento. Sete meses depois mudaram para a Av. Oscar Pereira, antiga estrada da Cascata, quando o local era apenas mato e chão batido, sem infraestrutura para moraradias; precisavam pegar o bonde e se deslocar ao centro para ir até o Menino Deus para (GALLICCHIO, 2014, p. 18-31).

O povoamento do local onde a família foi morar se acelerou a partir das décadas de 1950 e 190 com a abertura de novos acessos à região (vindos da localidade onde hoje são os bairros Vila Nova e Belém Velho). Esses acessos concorreram para o desenvolvimento local, com a instalação de transportes mais eficientes e abrangentes, penetrando pelos morros e atendendo as reclamações dos moradores do bairro. Assim, a ocupação que antes se restringia às cercanias da Av. Oscar Pereira começou a se expandir pelas encostas dos morros da Polícia e da Cascata através de loteamentos dessas áreas.

Carmela conta que o marido trabalhava vendendo bilhetes de loteria e somente parou com a venda de bilhetes quando começou a trabalhar vendendo roupas por encomenda; era “[...] *jogo de lençol, jogo de mesa, corte de vestido, fatiota, essas coisas assim*”. Ela trabalhava fazendo e vendendo roupas de tricô e as mais famosas eram as roupas de bebê *dei piccolli* como se dizia, na Itália, espécie de meias que iam até abaixo do joelho, que eram vendidas nas escolas (GALLICCHIO, 2014, p. 40). Quanto às características laborais de Carmella e do esposo ressalta-se que os meridionais encontravam afazeres no artesanato, no comércio e nos trabalhos marginais urbanos (TRENTO, 1989, p. 40).

O lugar que moravam não possuía infraestrutura, a água era de poço, não havia banheiros e ficava distante de tudo. O proprietário do loteamento era um senhor chamado Eduardo; precisaram se associar com outros patrícios para financiarem os terrenos. As mulheres da comunidade, de origem italiana, construíram uma cozinha comunitária, onde faziam pizzas e massas para venda e consumo. Convocaram o Sr. Eduardo e reivindicaram a construção de um prédio onde funcionasse uma escola para seus filhos (GALLICCHIO, 2014, p. 40).

Carmela recorda que saía uma vez por mês, ou para ir a Teresópolis ou ia ver a Rosa, uma conterrânea amiga de infância; nunca foi ao cinema, também não ouvia música, porque a vila não tinha luz. Assim, a única forma de convívio social era com os vizinhos e com alguns patrícios que estavam radicados na cidade. Carmela conta que plantavam no quintal da casa tudo o que a família necessita de alimentação. Compravam somente açúcar, arroz e farinha do Moinho Esperança, que ficava próximo ao aeroporto, no bairro São João (GALLICCHIO, 2014, p. 50).

Figura 57 – Moinho Esperança: saca antiga de Farinha Especial



Fonte: PRODUTO.MERCADOLIVRE.COM.BR.

Voltou à terra natal para passear quando a filha era jovem. Chegou e tudo estava diferente: as mulheres casadas estavam trabalhando fora, falavam uma língua diferente, não era a mesma que falavam quando ela morava lá. A cidade tinha modificado para o trânsito dos automóveis. Lembra que as transformações tinham começado quando ela veio em 1955, mas não era uma mudança tão expressiva quanto a que constatara quando retornou a passeio, no ano de 1982. O depoimento de Carmela nos aponta para uma constatação, que retornar ao local de origem é uma nova imigração, desta vez mais dolorosa, pois.

[...] volta-se a um local que se acredita conhecer, mas de onde se saiu e não acompanhou as mudanças. No imaginário daquele que retorna tudo está parado no tempo, à época da emigração e a frustração pode causar mais problemas do que os encontrados no local de destino quando da partida. (SAYAD, 2000, p. 11-12).

Também se percebe nela que não se retorna somente ao lugar em si, mas a uma sociedade modificada por eventos vitais, conseqüentemente não se retorna à mesma estrutura de coisas e eventos que vivia no passado, que foi deixado para trás. Entretanto, se percebe que ao imigrar os indivíduos levam um pouco do seu local de origem. Embora Carmela tenha construído uma nova vida na cidade de Porto Alegre, preservou a língua e os hábitos alimentares, através da manutenção das relações de amizade e parentesco que foram transplantadas da sua terra natal para a capital gaúcha. Carmela e Vincenzo viveram num

espaço geográfico restrito, social e economicamente, e nele foram atuantes como sujeitos sociais.

Figura 58 – Placa da Rua



Fonte: Acervo do LAPHO.

Vicenzo foi uma figura marcante na comunidade onde viveram, tanto assim que recebeu homenagem através de denominação de rua com seu nome, tendo o reconhecimento por sua atuação junto à comunidade e suas associações sindicais, conforme se observa na placa.

Figura 59 – Capa da Biografia de Carmela



Fonte: Acervo do LAPHO.

Carmela, por sua trajetória familiar, foi homenageada pelos filhos, que escreveram um livro contendo sua biografia quando ela completou 80 anos de idade. Essa italiana ainda mora no mesmo lugar, que hoje está densamente povoado. Preserva ainda os hábitos de sua região de origem e mantém a mesma rotina, vivendo em função dos filhos e dos netos. Sai eventualmente para visitar a amiga Rosa ou ir ao chá mensal das senhoras que é promovido sistematicamente pela ACIRS.

### 2.1.3 Região dos Abruzzos

#### a) Maria Cristina Prando

Maria Cristina nasceu em janeiro de 1946, na Província L'Aquila, região dos Abruzzos, filha de Umberto Liberatore e Assunta, e foi criada em Ateleta<sup>57</sup>, cidade próxima de onde nascera. Logo depois que a guerra terminara, a população local tentava se reestruturar com a ajuda do governo italiano, pois a cidade ficara destruída com a guerra.

Figura 60 – Maria Cristina Prando – s/d



Fonte: Acervo do LAPHO.

*“A cidade onde fui criada fica no meio das montanhas, tem mais ou menos dois mil anos e foi totalmente destruída durante a guerra. então foi refeita depois da guerra. Tentaram manter as mesmas estruturas, mas claro, um pouquinho mais modernas, fizeram banheiros dentro, antes não tinha”* (PRANDO, 2011, p. 06). O trauma da guerra, a carestia, o temor de outra guerra fez com que muitos moradores decidissem ir embora para outros países, em busca de uma vida melhor. No período correspondente aos anos de 1950 e 1957 houve uma imigração em massa de populares para a Bélgica e a Venezuela; eles iam trabalhar nas minas ou reunir-se com seus familiares. A maioria dos imigrantes era proveniente de regiões da Campanha, da Sicília, da Puglia e de Abruzzos (LAMBO 2014, p. 15).

<sup>57</sup> Ateleta encontra-se em uma colina chamada Colle Sisto, em um vale situado no lado esquerdo do rio Sangro, ao longo da fronteira que divide Abruzzo de Molise. Durante a guerra, em novembro de 1943, os bombardeiros alemães quase destruíram o lugar e os alemães, antes de se retirarem, mataram parte da população, inclusive velhos e crianças, em um lugar chamado Pietransieri. Depois da guerra a aldeia foi totalmente reconstruída. (ITALYHERITAGE.COM).

Figura 61 – Ateleta – s/d



Fonte: Acervo do LAPHO.

Se registrava, em 1950, a saída de 8.863 italianos originários das Províncias de L’Aquila, Chieti, Pescara e Teramo, que se dirigiram para as Américas ou para a Austrália. O Brasil, no período, recebeu um total de 3.085 imigrantes entre 1950-1953. Desses indivíduos, 924 eram de Pescara, 852 teramani, 829 teatini e 480 aquilani (BENEDINI; ARQUILLA, 2007, p. 17). Cristina integrou o contingente da “imigração espontânea” que veio para o Brasil através de chamado dos familiares residentes no país.

Conta que a vinda da família foi direcionada ao Brasil porque um tio, irmão de sua mãe, era padre e trabalhava em Guaporé, no Rio Grande do Sul. A viagem foi assistida pelos padres scalabrinianos<sup>58</sup>, que auxiliaram a vinda da família. Primeiro veio o pai, em 1951, para ensinar o ofício de sapateiro aos meninos do Orfanato Educandário São Luiz, mantido pela congregação de Don Guanella<sup>59</sup>. A sede da congregação se localizava na cidade de Porto Alegre. Dois anos mais tarde vieram os outros membros da família, a mãe, ela, com sete anos de idade, e o irmão Giacomo, com onze anos. Durante sete meses os padres ajudaram a família, fornecendo abrigo e refeições para todos. O pai abriu uma sapataria na Lima e Silva

<sup>58</sup> Comunidade internacional de religiosos que acompanham os migrantes das mais diversas culturas, crenças e etnias. Fundada em 1887 por João Batista Scalabrini, Bispo de Piacenza (Itália). Fundada no período da grande imigração da Itália para as Américas atuou e atua de forma socialmente marcante nos processos migratórios. (SCALABRINI.ORG).

<sup>59</sup> O Educandário São Luiz teve início em 1947, numa casa de madeira na Avenida General Lima e Silva, no bairro Cidade Baixa, em Porto Alegre. Como o espaço era pequeno, começou a procura de um outro lugar mais amplo e surgiu na Vila Ipiranga a localização ideal. Na época os proprietários da área, Irmãos Benno e Frederico Mentz, da Urbanizadora Mentz, estariam loteando suas terras e doaram um terreno para a edificação do Educandário São Luiz. A nova sede foi inaugurada em 28/10/1952. No início os meninos eram abrigados em regime de internato, anos mais tarde adotou-se o sistema de semi-internato. Hoje o Educandário atende no Turno Inverso à Escola em regime de SASE – Serviço de Apoio Socioeducativo. (OBRASSOCIAISDOMGUANELLA1.BLOGSPOT.COM.BR).

e, com recursos provenientes da mesma, comprou terreno e construiu uma casa na Vila Ipiranga.

Figura 62 – Assunta Ciotola Liberatore com os filhos<sup>60</sup>



Fonte: Prando (2010, p.136).

Quanto aos trâmites de partida, recorda que levaram meses para liberarem a família por causa de uma conjuntivite que ela contraíra antes da vinda. A mãe inclusive recorreu ao cônsul em Roma mas, sua tentativa de liberação não obteve êxito já que, segundo as normas de imigração, todos deveriam estar em perfeitas condições físicas e mentais. Após a terceira tentativa obteve permissão e foram para o porto de Gênova para embarcar rumo ao Brasil. Foram dezessete dias de viagem em que a mãe permaneceu na enfermaria do navio. Grande parte dos passageiros que iam para São Paulo e Argentina era imigrante e foram solidários ajudando a cuidar dela e do irmão (PRANDO, 2011, p. 8).

Desembarcaram em Santos, onde os padres scalabrinianos os acolheram e hospedaram em um colégio na cidade de São Paulo; depois prosseguiram a viagem de trem até Passo Fundo, de lá rumaram para Porto Alegre de ônibus. Lembra que, quando chegaram, a mãe chorava muito, ficou desiludida, por que o pai não construía a casa para a família, tinha apenas comprado um terreno. “[...] no começo ficaram hospedados em uma peça no colégio dos padres e faziam as refeições no refeitório junto com internos, para a mãe foi um choque. E comer arroz e feijão todo o dia...” (PRANDO, 2011, p. 9). Alguns imigrantes tiveram suas expectativas frustradas ao chegarem ao Brasil; em geral, as mulheres mais velhas tiveram uma cota de sofrimento marcada pelas mudanças e alterações de hábitos cotidianos.

<sup>60</sup> Giacomo Liberatore (11 anos) e Maria Cristina Liberatore (07 anos). Foto do passaporte na vinda para o Brasil em 1953.



Ao chegarem à cidade de Porto Alegre Maria Cristina foi estudar em um colégio na Lima e Silva. No ano seguinte mudaram para a Vila Ipiranga onde continuou os estudos no colégio interno das freiras carlistas na cidade de Bento Gonçalves. Retornou para a capital e continuou os estudos no Colégio Bom Conselho. Foi nessa escola que enfrentou preconceito relativo à sua condição financeira que dificultou o relacionamento com algumas colegas de classe. Encontrou amizade nas patrícias oriundas de Morano Calabro, que tinham uma condição financeira proeminente. Desse modo, consolidou sua rede de relacionamentos na região central da cidade de Porto Alegre, onde predominavam as casas dos imigrantes calabreses.

Cristina recorda que suas relações se ampliaram quando começam suas atividades sociais além do espaço familiar. Até então seu único divertimento era passear com o pai, com a mãe e com o irmão na Praça da Alfândega, frequentar os cinemas que funcionavam no entorno da praça (PRANDO, 2011, p. 12). Os cinemas ficavam na Rua da Praia em frente à Praça e próximo ao Clube do Comércio. Eles garantiram que durante muitos anos o local onde estavam localizados e seu entorno fosse o principal *point* da cidade para o *footing*. Nas tardes dos sábados e domingos dos anos 1950 e 1960 os jovens estacionavam seus carros na diagonal, ao meio-fio da praça – e, sentados sobre os para-lamas, observavam as meninas que desfilavam na calçada oposta.

Na época os cinemas proliferavam na capital gaúcha, e Cristina, frequentava a maioria deles. Não recorda o nome de todos, mas havia salas na Avenida Assis Brasil, no Rosário, na Avenida Getúlio Vargas, no Quarto distrito, na Avenida Azenha e na Avenida Salgado Filho. Cristina lembra com saudades, por que a maior parte deles não existe mais. Agora estão localizados nos *shoppings*<sup>61</sup>, “[...] imagine todas as coisas que tinha naquela época e hoje em dia não tem mais nada...” (PRANDO, 2011, p. 15). Através das suas lembranças é possível perceber algumas transformações que a modernidade trouxe à capital gaúcha e que suas lembranças têm como referência o presente, onde busca parâmetros comparativos de mudanças que ocorreram através do tempo.

---

<sup>61</sup> A era de Shopping Centers no Brasil começou formalmente em novembro de 1966, com a inauguração do Shopping Center Iguatemi, em São Paulo. Projeto idealizado e desenvolvido pelo empreendedor, Alfredo Mathias, com fundos de investidores que foram arrecadados através de um sistema de quotas vendidas de “porta-a-porta”. O Iguatemi no início contava com uma área de 25.425 m<sup>2</sup> de área bruta para locação – hoje essa área é de 33.825m<sup>2</sup>. Entretanto, a indústria nacional dos shoppings se consolidou somente na década de 1970, com o Matarazzo e o Ibirapuera. Desde então houve uma proliferação do ramo em todo o país e o primeiro a ser construído no Rio Grande do Sul foi o Iguatemi, em Porto Alegre. (SEMMA.COM.BR).

Figura 63 – Rua da Praia – 1950



Fonte: WP. CLICRBS. BR

As mudanças se refletiam no ofício do pai, em decorrência das novas demandas do mercado; passou de “ofício” de sapateiro, que era designativo daquele que fabricava artesanalmente o sapato, para a atribuição de sapateiro/consertador, denominação de quem fazia pequenos reparos nos calçados. A partir da década de 1950 ocorreu a intensificação do processo de industrialização do setor calçadista, com a implantação de modernas técnicas de produção, voltadas para o aumento da produtividade. Essas transformações já se operavam em sua terra natal quando o pai percebera a escassez de trabalho e a desvalorização de sua mão de obra em detrimento dos calçados industrializados que não requeriam habilidade manual.

Figura 64 – Maria Cristina Prando (ao centro) e alunos do Curso de italiano (ACIRS) – s/d



Fonte: Acervo do LAPHO.

Dentro desse cenário de mudanças Cristina concluiu sua formação no Instituto de Educação, no curso de Pedagogia. Trabalhou a vida inteira com educação e se aposentou como orientadora educacional. Entretanto, seu espírito inquieto não se conformava em ficar em casa. Recebeu convite para lecionar na Associação Cultural Italiana do Rio Grande do Sul (ACIRS), fez curso de aperfeiçoamento e passou a ministrar aulas de italiano. Somente retornou à Itália para um curso de capacitação de patrocinado pela Associação.

*Foi a primeira vez que eu voltei. A primeira vez fui com aquela emoção, louca pra voltar, pra rever minha cidade... Claro que também cheguei lá e me decepcionei, porque eu tinha saído de lá pequena, quando se é pequena tudo é grande. Chegando lá e não é bem assim... As pessoas já não moram mais lá, muitas se foram... (PRANDO, 2011, p. 15).*

Cristina apresenta o confronto entre a Itália imaginada e a vivida, que se manifesta através das expectativas frustradas quando o imigrante efetua um retorno ao lugar onde nasceu. Deve-se levar em conta que são expectativas de uma menina dimensionadas pelas lembranças a partir do seu lugar social e espacial. Ela congelou suas lembranças no tempo e, ao voltar, percebeu que nunca se retorna ao estado original das coisas e lugares.

A memória de Cristina aponta para uma busca constante de suas origens fomentada pelas atividades culturais que participa ativamente desde o casamento. Relata que, com o marido, de origem veronesa, natural de Nova Bassano, ajudou a fundar e tornou-se presidente da Sociedade Veronesa, que atualmente está com as atividades suspensas. Juntamente com o marido e outras doze famílias, fundou a Associação dos Italianos dos Abruzzos, da qual ainda é representante:

*A associação foi fundada no dia 5 de agosto, desde então, sempre se promove um encontro anual com o grupo de associados para comemorar a vinda desses imigrantes e na ocasião convidamos também membros de outras comunidades. Já fizemos muitos encontros [...] como missa na igreja da Pompeia, apresentações sobre a região na ACIRS, na Sociedade Italiana, degustações de vinhos e de produtos típicos da região feitos por nós... Nessas ocasiões decoramos o local da festa com materiais e folders sobre a região. (PRANDO, 2014).*

A imagem que segue representa um desses momentos. Foi tirada durante uma festa em Florianópolis, no Estado de Santa Catarina, onde um grupo de mulheres italianas e descendentes participou apresentando a região do Abruzzo (PRANDO, 2014). Nela, Maria Cristina e uma amiga aparecem vestindo trajes típicos de Abruzzo. Sobre a mesa se observam pratos típicos, bebidas e objetos, como a “conga”<sup>62</sup>, que fazem referência à região de

---

<sup>62</sup> Vasilha utilizada pelas mulheres para buscar água na fonte.

procedência da imigrante. Quanto ao traje típico<sup>63</sup>, Maria informa que era usado pelas mulheres da península em modelos e materiais diversificados<sup>64</sup>, que variavam conforme a região. Ressalta que a roupa de cada pequena localidade tinha uma característica singular.

Figura 65 – Festa das etnias em Florianópolis



Fonte: Acervo do LAPHO.

#### 2.1.4 Região do Vêneto

##### a) Maria Faccin –

Maria nasceu no ano de 1936, em Ponzano, na Província de Treviso, na região italiana do Vêneto. Lembra que, junto com os irmãos, tivera uma infância feliz. Moravam em uma casa grande que pertencera aos avós, juntamente com outras 30 pessoas, entre homens, mulheres e crianças da mesma família. Desde que os avós morreram seu pai era o chefe da família e todos trabalhavam cultivando a terra e criando gado. Ela e os irmãos frequentaram a escola somente até a quinta série, porque o governo italiano fornecia ensino gratuito. Seu período escolar foi o mesmo da Segunda Guerra Mundial, “*a professora fazia leitura das fichas dos soldados mortos na guerra. Ela lia o nome e o lugar onde o fato tinha ocorrido e, no dia seguinte, devíamos entregar um resumo da ficha lida.*” (FACCIN, 2012, p. 10).

<sup>63</sup> Na região não existe um só, mas vários tipos, o que seria a vestimenta do local onde vivem, portanto, cada paesetto tem seu traje típico, mas se observares bem verá que a conga está sempre presente. Era o objeto usado para buscar água na fonte, a única forma de ter água potável nas casas. O traje típico que eu uso é o da uma cidadezinha perto da minha que é Ateleta, essa cidade se chama Pescocostanzo, conhecida pelo seu artesanato: trabalham muito com objetos de ouro, com filigrana e com a tombola, uma espécie de bilro (PRANDO, 2014).

<sup>64</sup> Para conhecer as vestimentas das regiões italianas consultarem o site. (ITALYREVISITED.ORG).

Figura 66 – Maria Faccin – 1953



Fonte: Acervo do LAPHO.

As lembranças de Maria sobre esse período vão dos toques de recolher durante o conflito, com a população se abrigando nos campos, até o som dos bombardeiros. Lembra-se de um dia em que passavam aviões bombardeiros e os canhões acertaram um destes aviões. Durante a queda a aeronave começou a voar em círculos e parecia que ia cair em cima da casa onde viviam. Era um aparelho americano com dois aviadores. Eles saltaram, foram perseguidos e não foram encontrados. Contavam na aldeia que tinham sido acolhidos por uma família de camponeses que os abrigou no paiol (FACCIN, 2012, p. 12).

Figura 67 - Integrantes da família em frente à casa Patriarcal em Ponzano – s/d  
(Maria é a primeira menina da esquerda para a direita)

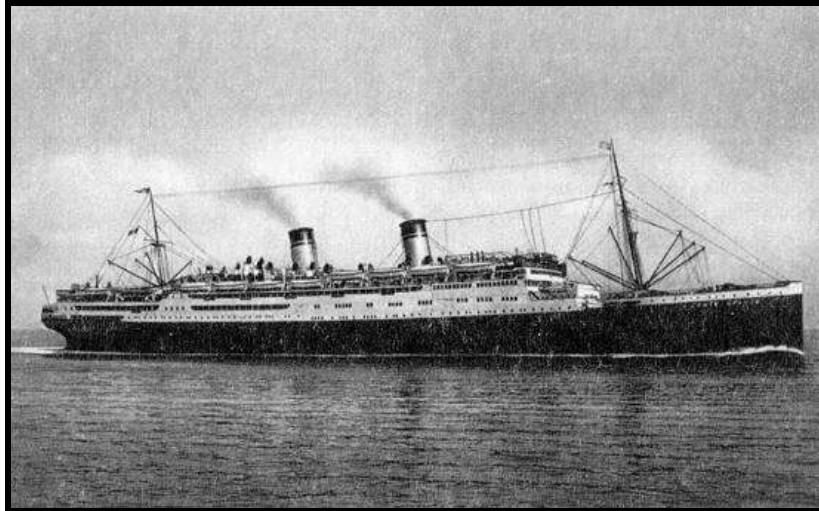


Fonte: Acervo do LAPHO.

Quando a guerra terminou Maria foi trabalhar de babá em um povoado próximo a Ponzano, permanecendo no emprego até 1949, quando tinha 13 anos, e a família imigrou para o Brasil, com destino a Porto Alegre. Maria viajou na companhia de seus pais, Arturo Faccin

e Regina Rossi Faccin, e seu irmão Antonio. Giovanni, o irmão mais velho, já viera anteriormente, chamado pelo tio Frederico Rossi. Sobre a viagem conta que fizeram o percurso de Treviso a Genova de trem onde embarcaram no navio Conte Grande<sup>65</sup> com destino ao Brasil.

Figura 68 – O Conte Grande com as cores da Italia di Navigazione



Fonte: NOVOMILENIO. INF. BR.

Maria narra que no navio colocaram a família em um alojamento para 100 pessoas, mesmo o pai tendo comprado passagens em camarotes para no máximo dez pessoas. Passaram dois dias naquele espaço apertado, depois de muita discussão, foram conduzidos, para a enfermaria, onde viajaram até Santos. Maria descreve as dependências internas do navio em minúcias, contando, inclusive, sobre os bailes e falando sobre o salão de festas. Para continuarem a viagem até Porto Alegre tiveram que esperar uma semana pela chegada de outro navio menor. Sobre este recorda que era um cargueiro pequeno:

*Quando entramos, nos apavoramos. Havia somente beliches em péssimas condições. Não tinha lençol, nem coberta; apenas colchão forrado com lã grossa e mal cheirosa. Não tinha banho, somente o vaso sanitário e a pia para lavar as mãos e o rosto. Viajava somente à noite porque durante o dia parava para carga e descarga. Foram doze dias de uma viagem horrível. Tínhamos que buscar a comida na parte superior, pois viajavamos no porão. Os pratos e canecas eram de ferro esmaltado, meio descascado. O café parecia uma água suja e no almoço era servido arroz, feijão e carne, sem salada. (FACCIN, 2012, p. 17-18).*

A narrativa concorre com outras, apontando para as condições paupérrimas dos imigrantes, que eram enganados pelos agentes de imigração. Muitos aproveitavam a boa-fé deles que vendiam passagens em navios com lotação acima da média. Maria conta que, apesar

<sup>65</sup> O Conte Grande foi construído no Estaleiro Stabilimento Tecnico Triestino. Seus portos de escalas eram: Nápoles e Gênova (Itália), Cannes (França), Barcelona (Espanha), Lisboa (Portugal), Dacar (Senegal), Rio de Janeiro (RJ), Santos (SP), Montevidéo (Uruguai) e Buenos Aires (Argentina). A capacidade de transporte era de 1.588 passageiros, em quatro classes. (PORTOGENTE.COM. BR).

dos transtornos da viagem, quando chegaram a Porto Alegre, após a longa viagem, estavam à espera da família no porto, além do seu irmão Giovanni, seu tio Frederico e sua tia Laura, suas primas Angelina e Tereza e o padre Lino, vigário da Paróquia São Judas Tadeu<sup>66</sup>, na Vila João Pessoa do Bairro Partenon, onde foram morar. As ligações familiares demonstram que a manutenção dos vínculos parentais criam subsídios para reduzir as dificuldades oferecendo

[...] suporte e proteção aos que ficavam e aos que partiam. Nesse sentido, uma parentela ampla, solidária e coesa (envolvida na emigração de algum de seus membros) parece ter sido a norma em áreas rurais da Itália onde predominava a pequena propriedade. (VENDRAME, 2010, p. 70).

Foram essas relações familiares que promoveram a manutenção de costumes como ajuda mútua e casamentos entre imigrantes oriundos da mesma localidade, conforme se constata no relato:

*O meu namorado, Sergio Mestriner, veio da Itália em fins de 1950... casamos em 1951, um ano depois, compramos um terreno num loteamento chamado Morro da Cruz<sup>67</sup> e meus pais emprestaram mil cruzeiros para a compra do material de construção, como madeira e telhas. (FACCIN, 2012, p. 21).*

O Morro da Cruz era núcleo populacional composto principalmente por imigrantes e conhecido antigamente como Chácara José Murialdo (atual Vila São José). O núcleo se desenvolveu no bairro São José, que, por sua vez, se originou do antigo Arraial de São José, loteamento implantado em 1875 em Porto Alegre.

Figura 69 – Loteamento Morro da Cruz – Vila São José.  
Primeiras casas e primeiros moradores do local



Fonte: Acervo do LAPHO.

<sup>66</sup> A Igreja São Judas Tadeu foi criada em 1943 para atender o núcleo de famílias da Vila João Pessoa, que havia surgido em função da migração da população do Arraial São José para o local, e quando abrigara os moradores marginais do Rio Guaíba após a inundação de 1940. (IGREJASAOJUDASTADEUPOARS.BR).

<sup>67</sup> Local conhecido antigamente como Chácara José Murialdo, atual Vila São José.

Maria recorda que quando chegaram à capital a família foi morar na Praça Francisco Alves, em uma das casas de um conjunto de três propriedades do seu tio Frederico. A família morava na casa da frente, nos fundos havia duas pequenas residências, numa morava um casal sem filhos e na outra uns rapazes descendentes de italianos com quem falávamos em dialeto. *“Eu e minha mãe lavávamos e passávamos as roupas deles ganhando alguns cruzeiros para ajudar na casa, no aluguel e na comida.”* (FACCIN, 2012, p. 20). Maria conta que nesse período também trabalhava na casa de sua tia Laura, esposa do Sr. Frederico, fazendo faxina, cortando lenha, lavando roupa e limpando a casa uma vez por semana. Recorda que na “[...] época lavava o chão, passava cera, lustrava de joelhos com pano de lã. Até aos domingos eu ia lavar louça. Depois de uns sete ou oito meses eu fui trabalhar numa fábrica de massas Adria, localizada no centro” (FACCIN, 2012, p. 19).

Após o casamento, passou a trabalhar na fábrica de massas do Senhor Pappalardo, músico que tocava flauta na Banda Municipal<sup>68</sup> e também na Orquestra Sinfônica. Desse modo, quem administrava a fábrica eram as mulheres da família: *“Quem mandava na fábrica era a mulher e a filha do Sr. Pappalardo”*. (FACCIN, 2012, p. 21). Maria conta que por algum tempo trabalhou na cozinha dos Irmãos Maristas, onde hoje é a PUCRS; sua função era preparar o almoço e jantar para os estudantes do Colégio Champagnat. Conta que só parou de trabalhar porque o marido não permitiu que ela tivesse atividade externa ao lar; este era carpinteiro e com seu rendimento contava em dar conta do sustento da casa. Entretanto, após o quinto filho o salário do marido não era suficiente para suprir as necessidades da família. Maria começou a trabalhar em casa para ajudar a pagar as despesas. Sobre essa fase, ela resume:

*Passei então a lavar roupa para uma família que morava no Bairro Petrópolis [...] durante muito tempo ainda ajudei meu marido trabalhando junto com ele em várias obras, carregando telhas para perto das casas em que ele fazia os telhados. [...] Muitas vezes ajudei a fazer massa para assentar as pedras dos alicerces e a pintura das casas. Fazia vezes de office-boy, pagava as contas no banco de água, luz, INSS do marido e dos empregados.* (FACCIN, 2012, p. 22, 30).

Maria morou na mesma comunidade desde que chegou à Porto Alegre, constituiu família, trabalhou e deu estudo aos filhos. Após quarenta e oito anos de casamento, separou-se

---

<sup>68</sup> “Quanto aos integrantes das duas formações musicais, Corte Real (1984, p. 50) informa que, em 1924 o intendente Otávio Rocha incumbiu José Corsi de fundar uma banda municipal. Corsi viajou para Buenos Aires em busca de músicos e fez contato com o regente italiano Gino Marinuzzi, que se encontrava em turnê na cidade portenha. Este indicou José Leonardi para assumir o encargo de diretor da Banda Municipal de Porto Alegre. O maestro viajou para a Itália em busca de profissionais e formou uma banda com 57 músicos, favorecendo o ingresso de novos musicistas, como também de novos imigrantes italianos meridionais que se somaram à “colônia” urbana existente na cidade de Porto Alegre.” (CONSTANTINO, 2007, p. 41).



do marido e aos setenta e seis anos escreveu sua autobiografia<sup>69</sup>. O incentivo dos filhos foi fundamental para Maria escrever sua história de vida. Sua narrativa reproduz, segundo seu irmão Antônio, “[...] *parte de sua vida, pois há uma fase não consignada e nem mencionada, como a passagem pelo distrito da Picada São Paulo, em Morro Reuter, ou ainda os veraneios na casa de Cidreira*” (FACCIN, 2012, p. 5).

Provavelmente, na ausência de toda possibilidade de se fazer compreender, o silêncio sobre si própria – diferente do esquecimento – pode mesmo ser uma condição necessária (presumida ou real) para evitar o sofrimento decorrente das lembranças de uma fase traumática em sua vida.

### **b) Clara de Villa Gotter Francia**

Clara de Villa Gotter Francia nasceu em novembro de 1921, em Costalta de Cadore, Província de Beluno, na Itália. A aldeia fica localizada nos Alpes, divisa com a Áustria. “*O lugar onde eu nasci era lindíssimo, porque era na encosta, ficando embaixo, onde tinha outras aldeias, olhando para cima era uma maravilha. E depois tinha um bosque em cima e uma igreja muito bonita.*” (FRANCIA, 2002, p. 4).

Figura 70 – Costalta di Cadore – Província di Belluno



Fonte: DIGILANDER. LIBERO.IT.

Sobre sua infância, Clara lembra que era a caçula de seis irmãos. Ela e os irmãos frequentavam a escola na época de Mussolini. “*Era muito pequena, mas lembro de que a*

<sup>69</sup> A autobiografia é uma história de vida escrita pela própria pessoa sobre si mesma, ou registrada por outrem concomitantemente com a vida descrita, na qual o narrador se esforça para exprimir o conteúdo de sua experiência pessoal (CHIZZOTTI, 2006, p. 102).

*gente botava um traje, a picola italiana, ia fazer ginástica, cantar e essas coisas... Mussolini para cá, Mussolini para lá.”* (FRANCIA, 2002, p. 7). A família tinha um armazém onde a mãe e uma das irmãs trabalhavam. Também criavam gado e uma das irmãs ajudava na criação junto com os empregados contratados. Os três irmãos eram construtores e trabalhavam junto com o pai, que era empreiteiro. Durante a primavera erguiam construções nas cidades próximas com a divisa da Áustria, na Zona de San Candido<sup>70</sup> e também do Brennero. Voltavam no outono quando começava o frio que os impedia de trabalhar devido ao rigor da neve. (FRANCIA, 2002, p. 2). Havia muita procura de mão de obra no Império Austro-Húngaro e na Alemanha, tradicionais mercados de trabalho para a imigração temporária do norte da Itália, e, sobretudo, do Vêneto (LAZZARINI, 1981, p. 187).

Clara fala que durante a Primeira Guerra o irmão mais velho ficou prisioneiro dos alemães, mas os irmãos e o pai sempre trabalhavam na divisa e na Áustria falando alemão fluentemente. Quando o irmão foi feito prisioneiro serviu de intérprete entre os prisioneiros e o exército. Permaneceu no campo por algum tempo e depois fugiu. Outro irmão foi considerado mutilado de guerra porque na Primeira Guerra, quando ainda era adolescente, subiu a montanha em meio a brincadeiras com o primo e encontrou alguns objetos que o exército tinha deixado. Pegou um artefato na mão com a intenção de ver como funcionava. A bomba explodiu, danificando seus dedos, e um dos estilhaços atingiu seu olho direito que precisou ser extirpado. Em decorrência disso o governo lhe deu uma pensão (FRANCIA, 2002, p. 6). Clara narra o episódio..

*[...] o irmão chegou a casa com um lenço enrolado na mão, minha mãe levou ele imediatamente a aldeia chamada Santo Stéfano onde tinha o comando austríaco. Ali ela entrou e disse, “olha eu trago aqui um ferido” e a sentinela entrou (provavelmente na sala de comando) e disse [inaudível] tinha raiva de italianos, que o capitão dissera para ela esperar que o filho iria com o primeiro caminhão que chegasse com os feridos do front e iriam para o hospital. Quando embarcaram disseram que iria para o hospital que ficava numa zona que falavam alemão.* (FRANCIA, 2002, p. 6-7).

Como Clara nasceu, no ano de 1921, as lembranças evocadas referem-se àquelas vivenciadas por sua mãe, ou seja, é uma memória herdada ou recebida, que se processa no cotidiano, a que se constrói pelo contato dos mais jovens com os mais velhos, principalmente com os familiares. Esse processo de construção demonstra que o caráter social e hereditário da memória está ligado ao sentimento de identidade (POLLAK, 1992, p. 200-212). A identidade se manifesta no trecho descrito do encontro da mãe com o soldado austríaco,

<sup>70</sup> San Candido e Brennero são comunas italianas da região do Trentino –Alto Ádige, província de Bolzano.

quando demonstra seu estranhamento em relação ao outro e ao cenário onde se desenrolam os acontecimentos, e que tem o idioma e o espaço geográfico como marcadores de diferenças culturais. Sobre a Segunda Guerra, suas lembranças são limitadas. Recorda que um dos irmãos foi lutar na Sicília, ficou doente no hospital e de lá voltou para casa, dispensado do serviço militar (FRANCIA, 2002, p. 7).

Sobre sua juventude ela conta que os amigos se encontravam na igreja para o terço, na volta se reuniam na praça e cantavam, pois lá todo mundo cantava bem. Faziam corais maravilhosos que executavam as canções tradicionais e modernas. Reuniam-se no inverno, que era maravilhoso, porque tinha neve de até dois metros, andavam de trenó, esquiavam pelas ruas e volta e meia faziam *gara corrida*<sup>71</sup> na neve. Cada menino ou menina tinha seu esqui. No inverno o trabalho escasseava então os irmãos e o pai também aproveitavam para fazer caçadas e vender as peles para prover a família. Além disso, possuíam criação de porcos destinados à produção artesanal de salames e salsichas (FRANCIA, 2002, p. 12).

Clara morou na aldeia onde nasceu até seu casamento, aos 25 anos. Seu marido, Mario, era originário da aldeia de Santo Stefano, que ficava próxima. Quando eles se conheceram, o marido estudava na Bolonha, fazendo curso de Veterinário. Após o casamento, foi morar na casa do sogro. Em 1946 nasceu o primeiro filho, a menina nasceu em 1949. Embarcou para o Brasil um ano após a partida do marido, que imigrara por intermédio do amigo Rodolfo, missionário scalabriniano. Este conseguira junto à Secretaria da Agricultura um chamado de trabalho para Mario que foi trabalhar no Instituto de Pesquisas Veterinárias, localizado na cidade de Guaíba (FRANCIA, 2002, p. 15).

A família foi acolhida pelos missionários na sede do bairro Vila Nova, em Porto Alegre. Conhecida como *Vila Nova Itália* foi fundada em 1897 por imigrantes italianos que se radicaram na capital. Entretanto, anteriormente Rodovino Rizado já chamava a atenção para o número de famílias existentes no local. Segundo ele, a “[...] imigração italiana na localidade foi tão grande, que em pouco tempo aí residiam 150 famílias”. As primeiras que se estabeleceram no local foram as de Luiz Dalla Riva e Ângelo Passuelo, chegadas, respectivamente, em 1893 e 1894, procedentes da região do Vêneto<sup>72</sup> (RIZARDO, 1975, p.

<sup>71</sup> Corrida de esqui na qual se utiliza um bastão para impulsionar o corpo, de forma que o esquiador ganha mais velocidade.

<sup>72</sup> Emilio Franzina (2006) e Angelo Trento (1989) afirmam que a região do nordeste da Itália que mais contribuiu para o estoque de italianos no Brasil e Osvaldo Truzzi (2008) destaca que a literatura italiana aponta para essa região um histórico anterior de emigração a países vizinhos, sobretudo à França, num movimento que pode ser caracterizado como de emigração local ou circular. Essa tradição ou cultura da emigração, a partir da penúltima década do século XIX, facilitou o deslocamento ao Brasil nos quadros de uma emigração em cadeia, onde parentes, conterrâneos e agentes de propaganda, agiam como uma corrente transmissora de informações que alimentavam os deslocamentos.

106). Os mesmos padres scalabrianos ou carlistas que possibilitaram a vinda da família de Clara já auxiliavam os imigrantes italianos em Porto Alegre, na Vila Nova Itália, desde 11 de junho de 1939, quando a Paróquia São José<sup>73</sup> foi confiada à Congregação<sup>74</sup>. Entre as atribuições dos missionários estavam as de acolher, documentar, conseguir emprego, moradia, escola, atender outras necessidades básicas e acompanhar os imigrantes no processo de integração à sociedade (BOLETIM DO CIBAI, set. 1985 e jul. 2003<sup>75</sup>).

Ainda na época da vinda de Clara o marido conseguiu uma representação da Bayer no sul do Brasil. Em decorrência disso a família morou em cidades de Santa Catarina e na cidade gaúcha de Passo Fundo, onde nasceu a terceira filha. Depois se fixaram definitivamente na cidade de Porto Alegre na Av. Getúlio Vargas, no Bairro Menino Deus, onde compraram um apartamento em 1958 onde moraram por vinte e seis anos, mais tarde construíram casa no Bairro Cristal contudo, Clara lembra que foi no bairro Menino Deus que fez as primeiras amizades e onde conheceu algumas famílias italianas.

Recorda que as pessoas que moravam na rua travavam relações e sentavam na frente das casas para conversar. Os encontros com os moradores da comunidade aconteciam no salão da igreja, na Barros Cassal, quando se reuniam depois das missas dominicais para o almoço (FRANCIA, 2002, p. 20). Lembra que, quando vieram para Porto Alegre viviam em situação financeira melhor, “[...] *tinha uma empregada muito boa que era de origem italiana, oriunda lá também dos padres da colônia. Ela era solteira. Veio morar comigo e me ajudou a criar meus filhos, já que aqui nasceu outra menina e depois nasceu outro menino mongoloide*”<sup>76</sup> (FRANCIA, 2002, p. 18-19). Os filhos se criaram e estudaram no bairro: um se formou em engenharia mecânica na PUCRS e trabalha na Petrobrás, uma filha é psicóloga e psicanalista, a outra filha é pediatra e a caçula é bancária e trabalha no Banrisul e o Ricardo depende dos outros até para lavar as mãos.

<sup>73</sup> A Paróquia São José da Vila Nova foi erigida em 16 de setembro de 1929.

<sup>74</sup> A Congregação dos missionários de São Carlos – Scalabrianos – é uma comunidade internacional de religiosos que acompanham os migrantes das mais diversas culturas, crenças e etnias. Fundada em 1887 por João Batista Scalabrini, Bispo de Piacenza (Itália). Fundada no período da grande imigração da Itália para as Américas atuou e atua de forma socialmente marcante processos migratórios. (SCALABRINI.ORG).

<sup>75</sup> Informação na obra de ZAMBERLAN, Jurandir et. al. 50 anos de serviços com os imigrantes. Paróquia da Pompéia – Missão Scalabriniana (1959 -2009). Porto Alegre: Sólidus, 2009. (CIBAIMIGRACOES.COM.BR).

<sup>76</sup> Antiga denominação popular utilizada para designar crianças que nasciam com síndrome de Down, distúrbio genético causado pela presença extra total ou parcial do cromossomo 21.

### 2.1.5 Região da Sicília

#### a) Maria Scavuzzo – costureira e lojista (empreendedora)

Maria nasceu em 21 de abril de 1933, em Adrano, Província de Catânia, na Sicília, filha de Francesca Fallica e Giuseppe Scavuzzo, sapateiro. “*A minha Itália passava por um momento de carestia onde os produtos da campanha tinham pouco valor em virtude da industrialização e do surgimento das fábricas.*” (SCAVUZZO, 2004, p. 3). Sobre a época da guerra lembra que

*O tempo da guerra é horrível. Como era uma zona agrícola começaram a plantar um tipo de trigo que o pão ficava preto e que por conter fibras servia para matar a fome, mas a mãe não nos dava do pão preto<sup>77</sup>. Ela dizia: - Não, meus filhos não podem comer isto aí. Ela comia aquele preto que era duro e não tinha muito gosto e o pão bom ela dava para nós.*

A fala de Maria demonstra que a resistência ao pão de guerra não era um fenômeno estritamente brasileiro; ele também foi solução na Itália para combater a escassez. O pão mais escuro não foi bem aceito porque a população já havia internalizado o pão branco como um ideal matutino (CYTRYNOWISZ, 2007, p. 54-55). Reafirma que “[...] *o tempo da guerra é horrível! Os alemães chegaram a ocupar alguns lugares como a área onde morava a minha vó, um lugarzinho bem pequenino e tinha um posto alemão*” (SCAVUZZO, 2004, p. 21). Ao mesmo tempo ressalta que depois da Segunda Guerra a situação piorou, pois o pai se viu sem trabalho, em dificuldades para colocar o pão na mesa para alimentar a família.

Figura 71 – Maria Scavuzzo



Fonte: Acervo do LAPHO.

Então, em meio à dificuldade de sobrevivência surgiu a oportunidade de mudar para o Brasil quando, em 1948, o Senhor Pappalardo, que era músico e possuía uma fábrica de

<sup>77</sup> “Como as sementes eram distribuídas pelo governo deduz-se que a distribuição da mesma estivesse dentro de um projeto de combate à escassez e à fome como o que ocorreu em São Paulo com o lançamento do pão de guerra pelo governo federal.” (CYTRYNOWISZ, 2007, p. 54-55).

massas, situada no Bairro Partenon, na cidade de Porto Alegre, foi passear na Itália e fez uma visita ao pai de Maria, amigo de infância (SCAVUZZO, 2004, p. 4). Ao tomar conhecimento das dificuldades que a família do amigo enfrentava convidou-o para vir para o Brasil, sugerindo que aqui teriam um futuro maravilhoso. Como Giuseppe não tinha recursos o amigo enviou dinheiro para custear a viagem. Esses fatos tornam possível afirmar que em alguns casos as experiências concretas e contatos entre as pessoas que se encontravam em ambos os lados do oceano influenciaram na decisão de abandonar a península itálica e no modo de organizar as transferências (VENDRAME, 2014, p. 183).

Naquela época para imigrar para o Brasil precisava: “[...] *pagar a passagem, uma certidão de trabalho, uma pessoa que se responsabilizasse pela permanência no Brasil; e precisava um atestado da igreja dizendo que o imigrante era católico e não era comunista*” (SCAVUZZO, 2004, p. 5). As palavras de Maria endossam a afirmação de Angelo Trento, ao dizer que quem queria deixar o país devia apresentar ou um contrato de trabalho já assinado ou o “ato de chamada”, devidamente visado pelo Consulado, pelo qual os parentes residentes se comprometiam a sustentar eventualmente o imigrante durante os primeiros tempos (TRENTO, 1989, p. 410).

Figura 72 – Família Scavuzzo<sup>78</sup> – 1950



Fonte: Acervo do LAPHO.

<sup>78</sup> Roberto (cirurgião), Pedro (alfaiate), Maria (empresária), Angelo (desenhista publicitário e artista plástico), Giuseppe (pai-sapateiro), Francesca Fallica (do lar), Adelina (aposentada).

No início o pai trabalhava com o senhor Pappalardo na fábrica de massas. Então, surgiu o boato de uma nova guerra, como na última, ele tinha perdido dois irmãos, teve medo que o filho Pedro fosse convocado e mandou buscá-lo em fevereiro de 1950. A eminência de um novo conflito permeava o

[...] estado de espírito de quem imigrava, talvez com medo que um novo conflito pudesse ainda sacudir a Europa – em particular depois da guerra fria – ele refletia o horror pelas devastações e pelos sacrifícios humanos o sofrimento e o desespero que por tanto tempo, havia assinalado o destino da pátria. (TRENTO, 1989, p. 450).

Pedro veio para o Brasil quando as novas correntes migratórias se revitalizavam com indivíduos provenientes de várias localidades e se intensificaram. Na pátria o trabalhador que se transferisse para outro país significava um consumidor a menos e suas remessas de divisas, um produtor a mais. No país de adoção o setor produtivo e a indústria lucrariam com sua experiência e capacidade (BLANDO, 1947 apud TENTO, 1989, p. 408). Nesse contexto Pedro imigrou para a capital gaúcha onde conseguiu colocação como alfaiate no setor de montagem das Lojas Renner. Comandava uma equipe de 25 mulheres que produziam em torno de 500 peças por dia.

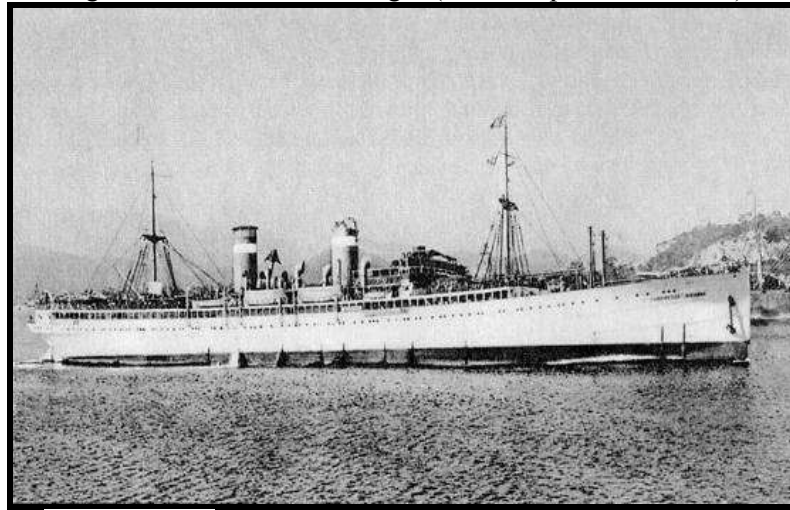
Figura 73 – Fábrica Renner – sessão de montagem



Fonte: Axt; Bueno (2013, p. 133).

Após alguns meses Pedro procurou o dono da loja, Sr. Jacó, solicitou empréstimo visando trazer a mãe para o Brasil juntamente com os quatro irmãos, que haviam ficado na Itália. Em dezembro de 1950 a família embarcou no navio San Giorgio (ex-principesa Giovana) (SCAVUZZO, 2004, p. 6). Maria relata que “[...] a viagem foi um horror! O navio estava abarrotado de gente, em torno de oitocentas pessoas. Predominava no ar um cheiro forte de comida. Não se podia passar perto da cozinha, porque a refrigeração dos alimentos era péssima e tinha um cheiro terrível” (SCAVUZZO, 2004, p. 6).

Figura 74 – Navio San Giorgio (ex-Princesa Giovanna)



Fonte: NOVOMILENIO INF.BR.

A chegada em Porto Alegre compensou a viagem e a primeira impressão foi de uma cidade maravilhosa. Foram residir no Bairro Partenon, em uma casa de madeira. No começo estranhou, pois, apesar das dificuldades, eles moravam em casa construída com pedras. As lembranças de Maria se avivam quando ela evoca as atividades sociais. Quando chegava o domingo o pai arrumava os filhos com os sapatos bem pintados e iam à Praça da Matriz, onde sempre havia música no Auditório Araújo Viana. Lembra claramente desses momentos de lazer: “*Meu pai nos sentava naqueles bancos de pedra, e nós escutávamos encantados o maestro Angelo Merollilo*<sup>79</sup>, que foi um grande mestre.” (SCAVUZZO, 2004, p. 12).

Figura 75 – Auditório Araújo Vianna



Fonte: WP.CLICRBS.COM.BR.

<sup>79</sup> Professor Maestro Angelo Merollilo imigrou para o Brasil em 1926, vindo da Calabria, Itália, com a esposa Maria e as filhas Anna e Esterina, radicando-se e trabalhando em Porto Alegre como maestro. (ZH.CLICRBS.COM.BR).



O auditório ficava na esquina da Rua Duque de Caxias com a Praça da Matriz (Marechal Deodoro), terreno hoje ocupado pelo Palácio Farroupilha, sede da Assembleia Legislativa. Projetado pelo italiano Armando Boni, foi implantado exatamente naquela esquina e inaugurado em 1927. No início dos anos de 1960 deu lugar ao edifício da Assembleia e o local de espetáculos foi transferido para o novo prédio, inaugurado em 1964, no Parque Farroupilha. Maria, além da banda, recorda dos bailes da Sociedade Italiana Princesa Elena di Montenegro<sup>80</sup>, localizada no bairro Bom Fim. Também se lembra dos passeios e piqueniques<sup>81</sup> nos arrabaldes de São Leopoldo e Novo Hamburgo e dos finais de semana na praia.

Decorridos alguns anos, Pedro economizou e comprou para a família um apartamento num conjunto residencial. Nesse período estavam abrindo novas avenidas que ligariam os bairros ao centro. Surgiram os primeiros conjuntos residenciais com casas e apartamentos destinados aos trabalhadores da indústria. Um dos primeiros foi o Conjunto Habitacional do Passo d'Areia, também conhecido como Vila dos Industriários – hoje informalmente chamado de IAPI<sup>82</sup>, em alusão ao antigo Instituto de Aposentadorias e Pensões dos Industriários. Construído entre 1946 e 1952 era considerado um dos projetos mais modernos da época.

Figura 76 – Vila IAPI



Fonte: FACEBOOK.COM.

No mesmo ano que mudaram para a Vila IAPI, Maria decidiu ir trabalhar e foi procurar emprego no Jornal Correio do Povo. Conseguiu colocação na Alfaiataria Adriática,

<sup>80</sup> “Fundada em 1893, era no Bairro Bom Fim, com o nome inicial de ‘Bella Aurora’, a sociedade que tomou o nome definitivo de ‘Princesa Elena di Montenegro’ em 1896, em homenagem às núpcias da futura rainha da Itália. Mais tarde foi transformada em Centro Ítalo-Brasileiro e, em 1961, adquiriu a denominação que possui até os dias atuais – Sociedade Italiana do Rio Grande do Sul. (SOCIEDADEITALIANA-RS.COM.BR).

<sup>81</sup> Passeios ao ar livre, nos quais as pessoas levam alimentos para serem desfrutados por todos.

<sup>82</sup> TRINITY.RITTERDOSREIS.BR.

localizada na Rua José Montauri. A Alfaiataria pertencia a um senhor de origem portuguesa, e a matriz era no Rio de Janeiro. A filial de Porto Alegre possuía a oficina cheia de tecidos, onde confeccionavam uniformes para os trabalhadores da Carris<sup>83</sup> e da Varig<sup>84</sup>.

Figura 77 – Alfaiataria Adriatica



Fonte: MEMORIA. BN.BR.

Maria leu um anúncio no uma empresa precisava de uma menina, então se apresentou para a vaga. Não sabia falar nada em português, porém havia um funcionário chamado Roberto que falava italiano que facilitou a comunicação. Ela explicou porque tinha ido e ele disse que ela estava empregada (SCAVUZZO, 2004, p. 13). O pai relutou em permitir, pois iria trabalhar no meio de muitos homens; por fim aceitou, mas levava e buscava a filha no trabalho.

*Daí eu comecei a trabalhar. Foi meu primeiro e o último emprego. Eu trabalhei lá, me ensinaram como se pega a tesoura e outras coisas. Trabalhei quase dez anos. Juntava todo o dinheirinho que podia porque eu queria ir para a Itália. Sempre fui fanática para voltar a minha terra.* (SCAVUZZO, 2004, p. 14).

Decidida a ir para a Itália, nove anos depois Maria solicitou uma licença de três meses na empresa, que não concedeu. Diante da negativa pediu demissão do trabalho, recebeu a indenização pelos anos trabalhados e também uma premiação em dinheiro pelo desempenho durante aquele período. Maria viajou a passeio para a Itália com o irmão Ângelo. Sobre seu retorno ela lembra:

*Cheguei à Itália e fiquei deslumbrada com a minha cidade, aquelas lojas, os jovens em turma andando de automóvel Fiat. [...] Eu fiquei espantada... Meu Deus a América é aqui, porque a Itália começou a desenvolver e eu tinha uma prima que tinha uma loja. Todas as tardes eu ia lá, via o pessoal arrumando a loja e quando voltei falei para o meu pai que não queria mais*

<sup>83</sup> Companhia de transporte coletivo autorizada para funcionar em Porto Alegre no dia 19 de junho de 1872, pelo Decreto nº 4.985 assinado por Dom Pedro II que, inicialmente se denominava Carris de Ferro Porto-Alegrense. (CARRIS.COM.BR).

<sup>84</sup> Primeira companhia aérea do Brasil, fundada em sete de maio de 1927, na cidade de Porto Alegre, sob o nome de Viação Aérea Rio Grandense pelo alemão Otto Ernst Meyer.

*trabalhar para os outros eu quero abrir uma loja.* (SCAVUZZO, 2004, p. 15).

Maria voltara para o Porto Alegre trazendo na mente a visão de progresso da Itália que se reconstruía depois da Segunda Guerra e com um sonho formulado mentalmente, de abrir o próprio negócio, o que, em síntese, caracteriza seu espírito empreendedor<sup>85</sup>. Várias são as definições para empreendedor, dentre as quais se destacam as de Dolabela e Chiavenato: Dolabela propõe o conceito de que “[...] é empreendedor, em qualquer área, alguém que sonha e busca transformar seu sonho em realidade” (DOLABELA 2003, p. 38). “[...] Chiavenato (2006, p. 3) define o empreendedor como ‘a pessoa que inicia e/ou opera um negócio para realizar uma ideia ou projeto pessoal assumindo riscos e responsabilidades e inovando continuamente’” (CHIAVENATO, 2006 apud CERIZA; VILPOUX, 2013, p. 5).

Partindo desse princípio, entende-se que a maioria das empresas iniciam com ideias, o empenho e o investimento de indivíduos empreendedores e seus parentes. Mesmo sem dinheiro, escolheu uma loja na Cristóvão Colombo, que estava fechada há vários anos. Ganhou uns móveis usados de alguns patrícios que anteriormente tiveram estabelecimentos comerciais. Como estava sem dinheiro, Maria chamou seu irmão Pedro, que saiu da Renner e se associou à Maria no empreendimento. Seu irmão Angelo emprestou algumas economias e ela vendeu uma corrente e uma pulseira. Juntado o capital para iniciar o negócio recorreu aos atacados da Rua Voluntários da Pátria, comprando um sortimento de tecidos (SCAVUZZO, 2004, p. 15-16).

A mãe emprestou uma máquina que ela colocou atrás do balcão e começou a pegar encomendas. No início quando surgiram as primeiras calças femininas. Maria confeccionava *pantalonas*<sup>86</sup> femininas sobmedida. Maria foi à Itália e trouxe de lá as modelagens e começou a produção personalizada para as mulheres da elite porto-alegrense. Como tinha conhecimento da moda europeia também era ela que fazia as roupas para a temporada de veraneio dessas mesmas mulheres. Pedro, irmão e sócio encarregava-se da confecção de *casquinhas de bebês*<sup>87</sup>, para os quais eram utilizadas sobras de retalhos da Alfaiataria Adriática e das Pernambucanas. Eram modelos especiais de inverno, que trouxeram da Itália,

<sup>85</sup> Segundo Bom Ângelo (2003, p. 24-25), o termo *entrepreneur* é antigo. A raiz da palavra tem mais de 800 anos. Trata-se do verbo francês *entreprendre*, que significa fazer algo ou empreender. Etimologicamente: entre + prendre, entre (do latim *inter*) designa espaço de um lugar a outro, ação mútua, reciprocidade e iteração; prendre (do latim *prehendere*) significa tomar posse, utilizar, empregar, tomar uma atitude.

<sup>86</sup> Modelo de calça feminina muito usada entre a década de 60 e 70. Extremamente elegante para mulheres sofisticadas de estatura alta.

<sup>87</sup> “Na década de 1960, iniciou-se o processo de descobrimento de tendências, através do meio social, alterando o caminho da moda infantil. Nesse processo as crianças da década de 60 foram beneficiadas com novos tecidos utilizados no seu vestuário tornando as roupas infantis mais confortáveis.” (KERN, 2010, p. 399-427).

mais confortáveis e com abertura nas costas, de modo a proteger melhor as crianças contra o frio. Maria lembra que, na época, não tinha loja de moda infantil.

O pós-Segunda Grande Guerra Mundial marcou uma grande mudança para o mercado infantil, com o descobrimento de tendências, através do meio social, alterando o caminho da moda infantil. A partir de então ocorreu uma modificação na indumentária infantil e deixou de reproduzir os padrões adultos masculinos e femininos para um modelo unissex e as crianças ainda foram beneficiadas, com novos tecidos mais leves e confortáveis (KERN, 2010, p. 420-425). As mudanças decorrentes da evolução tecnológica industrial abriram um nicho no mercado da moda que favoreceu o investimento de Maria.

Maria recorda que, uma patricinha que residia na cidade de São Paulo veio visitar a família e sugeriu que ela juntasse algum dinheiro para comprar mercadorias na cidade de São Paulo e revender em Porto Alegre. Fez isso e na primeira semana já tinha recuperado o dinheiro investido. Lembra também que na época que chegaram ao Brasil as calças *Lee*<sup>88</sup> introduzidas no mercado pelos americanos. Eram confecções sem modelagem e os clientes queriam que fossem ajustadas, devendo manter a costura original, o que não era possível com a máquina doméstica, já que o brim americano era muito grosso.

O Brasil, nessa época, importava não só ciência, arte e tecnologia, mas também o estilo de vida da América, que foi nos moldando aos seus padrões, a fim de consumir e produzir, o que lhes era mais favorável. Houve uma introdução massiva e maciça de elementos culturais norte-americanos, tanto materiais quanto imateriais, no dia a dia de quase todos nós, transformando-nos em milhões de brasileiros americanizados. Tratava-se de uma penetração cultural planejada e elaborada de forma pacífica da cultura norte-americana que possibilitou uma série de mudanças e inovações na sociedade (ALVES, 1988, p. 21).

Seguindo essa tendência, em uma das idas à Itália Maria comprou uma máquina industrial para costurar as calças Lee, pois percebeu que este era um nicho para aumentar o faturamento. Dessa forma chegavam a consertar de cem a duzentas calças por dia; não tinham folga nem nos finais de semana (SCAVUZZO, 2004, p. 17). Essas atitudes demonstram que o empreendedorismo de Maria se caracteriza pela

---

<sup>88</sup> No início dos anos 50, com o crescimento do mercado de jeans, a empresa inaugurou, em 1954, a divisão internacional para cuidar das vendas de seus produtos para outros países. Era o início do processo de internacionalização da marca LEE. Foi também nesta década que a LEE deu seus primeiros passos no segmento de roupas casuais, com o lançamento de uma linha esportiva de calças e camisetas. Durante a década de 60 a empresa se expandiu para 51 países; inaugurou sua primeira fábrica no exterior, localizada na cidade belga de Waas, em 1954. Abriram inúmeras outras fábricas pelos Estados Unidos; e, em 1969, foi adquirida pela VF Corporation. A nova proprietária modernizou as unidades fabris e expandiu a marca LEE para outros mercados internacionais. (MUNDODAS MARCAS.BLOGSPOT.COM.BR, 2006).

[...] capacidade de identificar uma oportunidade e criar algo inovador sob condições de incertezas assumindo os riscos aí envolvidos. Persistência e visão do futuro envolvem o processo de empreender que tem como resultantes uma nova maneira de realizar um trabalho – um novo produto, serviço ou atividade. (JONATAN; SILVA, 2007, p. 77).

Maria não temia correr riscos, fetuou a compra da máquina no período que a Itália e o Brasil firmaram um novo acordo, no qual o governo brasileiro estabelecia câmbios para remessas dos imigrantes ao exterior e concedia isenção de taxas alfandegárias para ferramentas. Em contrapartida, o governo italiano autorizava a exportação de bens de imigrantes, como instrumentos de trabalho e máquinas operatrizes, tanto para artesãos como para artífices de profissão qualificada, bicicleta, motocicleta, motoneta, máquina de costura e máquina de malharia e toda espécie de máquinas agrícolas (ACORDO, 1960, p. 10). Maria recorda que com o lucro da loja eles compravam um apartamento por ano em Porto Alegre e, depois de trabalharem durante trinta e três anos no mesmo endereço, fecharam as portas, mesmo o comércio estando no auge do movimento.

*Arrependi-me de ter fechado a loja, nela a gente tinha amizades, conversava, se inteirava das novidades e fazendo o que gostava ainda ganhava dinheiro. Nós não podíamos ir ao mercado que alguém gritava – “O Nicoletta”, não éramos nada, não sabiam o nosso nome, chamavam de Nicoletta, que era o nome da loja. (SCAVUZZO, 2004, p. 18).*

O designativo da loja absorveu as qualidades dos proprietários, como italiana, trabalho, competência, eficiência etc. e as atribuições que caracterizaram a loja foram incorporadas pelos proprietários – qualidade, crescimento, respeitabilidade. Desse modo, houve uma fusão dos conceitos atribuídos aos proprietários com o objeto, no caso, a Nicoletta, e vice-versa, onde um identifica o outro.

Maria lembra ainda que escolheu o nome de Nicoletta para a loja em homenagem ao padroeiro da cidade onde nasceu, que se chama São Nicola. Lá o santo é festejado do dia 02 ao dia 07 de agosto. É a festa dos adranitos. Nesta semana, muitos que partiram retornam para homenagear o santo (SCAVUZZO, 2004, p. 19). Mesmo residindo no Brasil, sempre manteve contato com a família que ficou na sua cidade natal. Tanto assim que, além de ir para a Itália sistematicamente, mandava ajuda financeira para a tia, irmã de sua mãe, e inclusive comprou uma casa próxima a casa desta, onde passa temporadas anuais (SCAVUZZO, 2004, p. 24). Para a siciliana, os melhores momentos são aqueles vividos na cidade onde nasceu. Sempre que retornava à sua terra os familiares falavam: “*E ritornata a Brasiliana.*” A brasileira chegou!

*Sou brasileira. Tenho orgulho de morar na cidade de Porto Alegre, o Brasil é minha segunda pátria. Porém, quando eu chego lá, encontro calor*

*humano. Que eu vou à praça e sento num banco ou vou num café, vem alguém e paga. Não conheço ninguém aqui. [...] Sinto que não me esqueceram, mesmo tendo ficado cinquenta anos fora da Itália. Quando vou às festas da sociedade em que meu pai era sócio os antigos amigos dele me dão a cadeira para sentar e convidam para ficar junto deles. É algo que toca muito. (SCAVUZZO, 2004, p. 2).*

A fala de Maria insinua que a intersubjetividade está no diálogo entre a pessoa e o meio, na compreensão e na aproximação de herança sociocultural. “A intersubjetividade sugere a situação herdada que circunda a vida diária que pode ser compreendida como um processo em movimento, pelo qual os indivíduos continuam a criar seus mundos sociais.” (BUTTIMER, 1982, p. 182). Desse modo, a percepção de Maria sobre ela mesma no seu espaço de origem lembra que os imigrantes que vieram para o Brasil não negaram a sua pátria, sua língua ou sua identidade. A maioria, assim como Maria, veio em busca de condições de trabalho e sobrevivência, que era precária em sua terra natal. Assim, tanto a ligação de Maria com sua cidade natal quanto com a cidade de Porto Alegre tem a ver com lugar de pertencimento, que se estrutura na relação do “eu” com o “outro”, o palco da nossa história, em que se encontram as coisas, os outros e a nós mesmos (MOREIRA; HESPANHOL, 2011, p. 51).

Depreende-se em Maria que, o momento de partida, não era o início de uma ruptura, nem de um perda. A vinda para o Brasil inicialmente era temporária, já que pressupunha um retorno. Ao retornar, Maria não se deparou com o que ficara para trás, o que havia se perdido; ao contrário, ela encontrou o progresso, demonstrando que as condições econômicas haviam melhorado. Encontrou na cidade natal o acolhimento caloroso dos amigos e parentes semelhante àquele recebido pela família quando chegaram a Porto Alegre. Dessa maneira, houve uma confirmação do fortalecimento desses laços pelo retorno que se renova uma vez por ano, quando Maria passa uma temporada de quatro meses em sua terra natal.

### **b) Francesca Coniglio Ducceschi**

Francesca Coniglio Ducceschi, filha de Pietro Coniglio e Anna Lupo, nasceu em 1920, em Palermo, na região da Sicília. Cresceu numa família de tradição militar e vivenciou um período intenso de conflitos. Teve a infância marcada pelas ideias fascistas<sup>89</sup> de Mussolini, já que seu pai integrara a Milícia Voluntária da Segurança Nacional<sup>90</sup>. Em consequência da

<sup>89</sup> Consultar obra de SASSOON, Donald. **Mussolini e a ascensão do fascismo**. Tradução de Clovis Marques. São Paulo: Agir, 2009, estudo que se constitui como exemplo de excelente síntese de história política sobre a elevação do fascismo a regime político na Itália, berço do movimento.

<sup>90</sup> “Milícia Voluntária para a Segurança Nacional foi um grupo paramilitar da Itália fascista que mais tarde passou a ser uma organização militar. Devido à cor de seu uniforme, seus membros ficaram conhecidos como

atividade do pai viveu sua infância e juventude mudando constantemente de cidade. Quando contava com cinco anos a família foi morar na Líbia, visto que o pai foi indicado para o comando das tropas para resolver os problemas provocados pelo reforço da presença italiana que gerou rebeliões na população local. Desde que Mussolini assumira o governo, em 1922, houve um encorajamento do estado para assentamento de italianos visando cultivar as terras da costa do mediterrâneo; com isso, deslocaram populações nativas para assentar os colonos, o que gerou um conflito interno que durou até 1931.

Figura 78 – Francesca Coniglio Ducceschi



Fonte: Acervo do LAPHO.

Como o pai de Francesca integrava as forças de combate, a família, nesse processo, residiu em três localidades, a capital Trípoli<sup>91</sup>, El-Azizia, centro comercial situado a cinquenta e cinco quilômetros da capital, e Iefren, num espaço de sete anos. Foi nesses anos que Francesca iniciou seu aprendizado com o pai ou em escolas ítalo-árabe e praticava técnicas de recitação com os soldados. Após retornar concluiu os estudos e diplomou-se no Instituto de Arte de Palermo.

Entre 1940 e 1945, período da Segunda Guerra, parte de sua família foi para Bolonha, já que o irmão mais velho estava lutando na Albânia e o pai estava na Sicília. Mesmo em meio às incertezas do conflito Francesca frequentou o Magistério d'Arte de Florença, se

---

camisas negras. Organizados por Benito Mussolini como um instrumento violento de seu movimento político. Os fundadores foram intelectuais nacionalistas, jovens latifundiários que se opunham aos sindicatos de trabalhadores e camponeses do meio rural, ex-oficiais militares, membros especiais dos *Arditi* (não eram soldados da infantaria, mas foram considerados uma força de combate separada. Seus integrantes eram simpatizantes do anarquismo, comunismo e socialismo). (CHARÃO, 2011, p. 66)

<sup>91</sup> Região ocupada pela Itália entre 1912 e 1941

especializou em afresco e conheceu Ermanno Ducceschi, colega de estudos nascido na província de Pistóia, na Toscana.

Figura 79 – Casamento de Francesca e Ermanno



Fonte: Ducceschi (2010, p. 56).

Com o avanço das tropas aliadas na cidade, a família fugiu para Le Piastre, província de Pistóia. A retirada dos alemães na direção norte e o medo de ficar entre o fogo cruzado provocou o retorno para Florença. Francesca e Ermanno casaram-se nesse contexto turbulento e, ao terminar a guerra, os conflitos acirrados entre fascistas e comunistas persistiam, gerando insegurança, que ela sintetiza no episódio descrito abaixo.

*Foram à nossa casa quando tínhamos terminado de mobiliar. Lembro que ra tipo um porão contendo duas peças, um quarto e uma sala. Então chegou um comunista com a família, e perguntou: “Quantas peças tem em sua casa?” Respondi: duas, mas você quer saber por quê? O homem retrucou: Terá que dar uma peça para mim. E eu disse: “como eu tenho que dar uma peça para o senhor!” Como? Eu e meu marido só temos duas peças uma para dormir e outra para nos alimentarmos, e ele disse: “mas aquela que a senhora faz as refeições, vai ter que nos dar para morar!” (DUCCESCHI, 2010, p. 6).*

Um ano pós a guerra, em 1946, nasceu o filho Giovanni; entretanto, antes do nascimento do filho, Ermanno, traumatizado pela guerra, resolveu buscar uma vida melhor para a família. Deixou Francesca, grávida, aos cuidados dos pais e embarcou para o Brasil; na bagagem trazia poucos trocados e alguns quadros para serem vendidos. Sem conhecer ninguém inicialmente passou muito trabalho, instalou-se e expôs suas obras no Rio de Janeiro. Como não se adaptava ao calor, mudou-se para São Paulo, onde também estranhou a umidade. Aconselhado por conhecidos, mudou-se para Porto Alegre, onde o clima era mais ameno. Da capital gaúcha viajava frequentemente para a Argentina e Uruguai, participando de exposições de arte<sup>92</sup>.

<sup>92</sup> Para conhecer a trajetória do marido de Francesca consultar DUCCESCHI, Francesca Coniglio. **O catavento da vida**. Porto Alegre: PROSAPIENS, 2010.



Em 1948, Ermanno enviou dinheiro para a vinda da família. Francesca e o filho partiram no mesmo ano de navio de Gênova para o Rio de Janeiro. Do Rio até Porto Alegre vieram de avião, numa viagem que desde a partida até a chegada durou um mês. Esse fato aponta para um deslocamento aonde os imigrantes vinham para o Brasil trazendo um pouco de dinheiro para iniciarem uma nova vida. Ao chegarem, Francesca estranhou, pois as casas eram de madeira. Como a casa não tinha estrutura recebeu ajuda do consulado, do Sr. Angelo Ricci<sup>93</sup>, do Sr. Angelo Petinni, que era engenheiro e trabalhava no Hospital Beneficência Portuguesa, demonstrando uma rede de relações pautada nas amizades que se consolidam na vida cotidiana.

Figura 80 – Francesca e o filho Giovanni em exercícios de salvamento no navio



Fonte: Ducceschi (2010, p. 98).

Passaram a residir na Av. Praia de Belas, em frente ao Estádio Beira Rio, onde existiam dois blocos residenciais. O terreno era de Walter Guingue e da irmã dele e haviam construído uma meia dúzia de casas de madeira. A casa tinha poucas peças – o quarto, com espaço para a cama, a cozinha, uma sala de visitas e o banheiro, que ficava na rua, fora da casa, e era utilizado por todos os inquilinos. Francesca lembra que “[...] *havia como moradores: uma senhora polaca se chamava madame Lisa, uma senhora fugida da Rússia no tempo da revolução Russa, uma família alemã, que morava em cima da casa da dona do lugar. E nós italianos*” (DUCCESCHI, 2010, p. 4). Na nova terra os grupos de imigrantes de origens distintas se unem e desenvolvem mecanismos de ajuda mútua ou de solidariedade para se protegerem de alguma maneira da sociedade que os vê como o “outro”, o “diferente”; neste caso podem-se visualizar estes mecanismos. Todos que ali moravam eram estrangeiros

<sup>93</sup> Angelo Ricci, professor de Língua e Literatura Italiana, veio da Toscana para Porto Alegre em 1947, a convite da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade Católica, para ministrar aulas de Italiano e Literatura Italiana pelo Consulado. Assumiu a cadeira de Letras Neo Latinas na Católica e na Estadual. Cinco anos depois se naturalizou e assumiu o cargo de Professor Titular. Foi diretor da UFRGS durante a ditadura militar, quando teve seus direitos cassados. (MONTIN; CASOLINO, 1999, p. 54).

vindos de vários lugares, logo, falavam vários idiomas no mesmo espaço, o que demonstra uma polifonia<sup>94</sup> decorrente da retomada de fluxos migratórios pós-Segunda Guerra, ou seja, uma variedade de sons, cheiros e sabores que podiam ser percebidos nos espaços da cidade de Porto Alegre.

Logo que chegou começou a trabalhar pintando e vendendo pequenos quadros para um senhor judeu, que os comprava e revendia por todo o Brasil; também lecionava italiano, ensinava técnicas de bordado e de pintura e sua primeira aluna foi Beatriz Oderich, da família proprietária da fábrica de salsichas e nora do Sr. Petini. Também ensinava técnicas italianas de bordado e piano (DUCCESCHI, 2010, p. 8). Com a renda dos quadros compraram um sítio na cidade de Viamão, onde nasceu a filha Iara. Em virtude da falta de conhecimento em produção rural começaram a ter prejuízo e decidiram voltar para Porto Alegre (DUCCESCHI, 2010, p. 5).

Figura 81 – Casa feita por Ermanno em Viamão<sup>95</sup>



Fonte: Ducceschi (2010, p. 104).

Retornando à capital, se instalaram no Guarujá, construíram uma casa e, para compor a renda familiar, Francesca assumiu um contrato com o governo do Estado, passando a lecionar Geometria e Desenho Artístico na cidade Rio Pardo, onde exerceu o magistério por dois anos, com muita dificuldade, conforme lembra:

*Fui destacada para lecionar na cidade de Rio Pardo. Naquela época não tinha a barca. Então, levantava cedo pegava o ônibus do Guarujá para a Assunção, depois para Rio Pardo e o inverso para voltar. Chegava à escola ao meio-dia. Ao retornar para Porto Alegre chegava tarde em casa, às vezes quando estava iniciando a madrugada. (DUCCESCHI, 2010, p. 8).*

Insatisfeita com essa situação e preocupada com o bem-estar dos filhos, solicitou permissão na Secretaria de Educação para os filhos frequentarem a mesma escola, no que foi

<sup>94</sup> “Polifonia é uma multiplicidade de vozes independentes, imiscíveis e superpostas.” (ROMAN, 1992, p. 210).

<sup>95</sup> Na foto estão Ermanno, Francesca, o filho e a família Ricci.

atendida. Entretanto, com o tempo percebeu que a remuneração mensal não cobria as despesas que tinha, e decidiu sair da escola. Como era habilitada no curso de Assistência Social Hospitalar, solicitou encaminhamento na PUCRS para trabalhar na Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre, onde permaneceu por três meses. Desenvolveu trabalho de Laborterapia com os doentes, o que rendeu matéria em jornais e o convite da Secretaria de Educação para retornar ao quadro funcional do Estado.

Figura 82 – Afresco Etrúria<sup>96</sup>



Fonte: Correio do Povo (2008).

Anos depois revalidou os títulos no Instituto de Belas Artes do Rio Grande do Sul. “Fiz um afresco em um edifício Etrúria que construíram na Rua Marcelo Gama, 594, em Porto Alegre, em homenagem ao meu marido que era de origem etrusca. E pensei comigo mesma que aquele era um momento bom para lecionar cerâmica na escola de surdos”. (DUCCESCHI, 2010, p. 10). Francesca formou-se em Pedagogia, se aposentou como Supervisora Educacional e quando foi coletado seu depoimento, em 2010, ministrava curso de idioma italiano e dava aulas práticas e teóricas de cerâmica em sua residência.

### c) Vincenza Nani

Vincenza Nani, natural de Raddusa, na Sicília, nasceu em março de 1939. Sua infância foi marcada pela convivência com o avô, que tinha um sítio onde cultivava oliveiras, figos, nozes, amêndoas. No local as crianças brincavam e trabalhavam ajudando na época da colheita. A cada criança era destinada uma árvore para colher os frutos. Havia uma árvore de pera, espécie chamada San Joanina, semelhante à cereja. Recordações estas permeadas de alegrias evocadas a partir da família, visto que as imagens reproduzem o lugar e as pessoas que fizeram parte de sua vida nesse período.

<sup>96</sup> Os etruscos eram uma população pré-romana. Informações complementares sobre a história da Etrúria consultar TORELLI, M. *Storia degli etruschi*. Bari: Laterza, 1981.

Figura 83 – Vincenza Nani – 1958



Fonte: Acervo do LAPHO.

Vincenza imigrou para o Brasil em 1955, aos 16 anos, juntamente com sua família: pai, mãe, irmã e irmão Concetto. Seu pai era agricultor, proprietário de terras, que perdeu todos os bens na Segunda Guerra Mundial, conforme ela narra momentos vividos pelos seus pais transmitidos por sua mãe:

*Meu pai era agricultor, tínhamos alguns lotes de terras, vivíamos muito bem até começar a guerra, quando ele perdeu tudo. Porque do período de guerra, lembro certas coisas que os meus pais contavam, uma época em que eu tinha 5 a 6 anos de idade. O governo chegava nas casas para recolher enxovais, joias para sustentar a guerra. O pai precisou vender as terras para comprar as sementes e depois na época da colheita vinham os caminhões do exército que carregavam a colheita sem dar nenhuma satisfação, então perdeu tudo. Ele precisou se tornar empregado no campo onde lá eles chamam de giardino<sup>97</sup>, que possuía todo tipo de planta parreiras, oliveiras entre outras. (NANI, 2011, p. 2).*

Nessa passagem emerge a memória de episódios vividos pela mãe, desse modo, quando Vincenza fala “eu lembro” na narrativa está evocando uma “memória herdada”, que é construída social e individualmente, ou seja, memórias de experiências ou fatos vivenciados pelos pais, que ela toma para si como se as lembranças fossem dela e tem uma ligação estreita com o sentimento de identidade (POLAK, 1992, p. 204). Esse fenômeno se percebe porque enquanto ela reconstrói o episódio que vem na lembrança vai esclarecendo dentro da narrativa como ele foi mentalmente internalizado. Por outro lado ao recordar episódios de eventos

<sup>97</sup> No caso, ele cuidava dos parreirais e das oliveiras.

históricos vivenciados por ela quando era pequenina, ressalta o caráter identitário e indiciário das suas lembranças:

*Eu me lembro de uma vez que eu estava em cima de um colina, e assistia um grupo de soldados andando enfileirados. E de repente, um dos soldados saiu da fila, e veio até mim. Ele me pegou no seu colo abraçando-me e me beijou e saiu chorando. E me deu de presente uma lata de leite condensado Eu não sei te dizer, se ele era americano ou italiano. Essa é a única coisa que me lembro da guerra, pois naquela época eu era muito pequena. Porque para nós era algo diferente ouvir o barulho das bombas. (NANI, 2011, p. 8).*

A decisão da família de imigrar para o Brasil, segundo ela, ocorreu por duas razões, uma em função de buscar condições menos rigorosas de trabalho e sobrevivência, e a outra para fugir da guerra<sup>98</sup>, pois havia o temor de outra e a possibilidade de o irmão ser convocado. Sobre isso lembra sua mãe falando: “[...] *mas eles nunca que vão matar meu filho! Nós vamos para o Brasil*” (NANI, 2011, p. 1). A escolha recaiu sobre a capital gaúcha, porque atenderam ao chamado do tio Giuseppe Stravalace, que viera antes da guerra e mantinha correspondência com a família em Raddusa. O que demonstra a manutenção de laços entre os italianos que ficaram e os que partiram, através das relações de parentesco, bem como o papel desempenhado pelos homens e mulheres que compunham as famílias dos imigrantes que se fixaram na cidade de Porto Alegre (VENDRAME, 2010, p. 70).

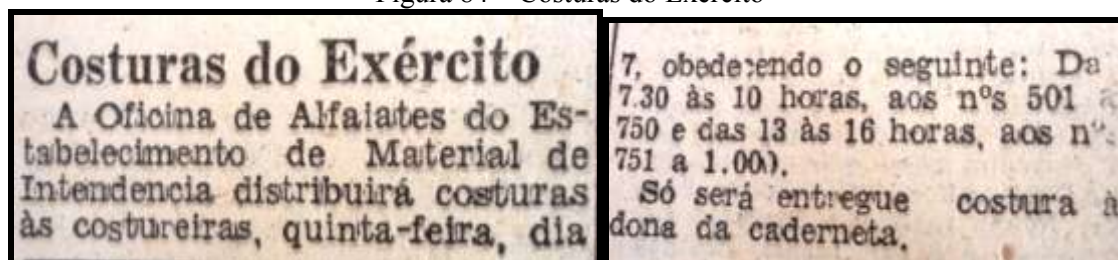
Inicialmente foram morar com os tios no Bairro Glória, porque eles eram os responsáveis pela família. Vincenza conta que “[...] *chegaram e foram procurar trabalho para conseguir sobreviver e não depender dos tios*” (NANI, 2011, p. 7). O imigrante, quando decidia mudar, tornava-se dependente daqueles que o ajudavam na empreitada, fosse financeira ou moralmente. Por isso tinha que seguir padrões de conduta existentes nas relações, tanto familiares como de trabalho.

Vincenza conseguiu colocação em uma fábrica de trancelim<sup>99</sup>, posteriormente, junto com a irmã, foi trabalhar em uma fábrica de balas. A mãe comprou uma máquina de costura e fazia uniformes para o Quartel da Brigada Militar. “*A mãe trabalhava em casa, costurava as roupas para o quartel. Ela trabalhava até de madrugada porque se ganhava por peça produzida.*” (NANI, 2011, p. 4). A oficina de alfaiates do exército “terceirizava” alguns serviços, conforme se verifica no anúncio abaixo.

<sup>98</sup> Terminada a Segunda Guerra, as condições de vida se tornaram muito difíceis e ficou pairando no ar a ameaça de uma nova guerra. O medo de perderem os filhos que sobraram torna-se um dos motivadores para a mudança de muitas famílias para o Brasil.

<sup>99</sup> Espécie de renda utilizada para fazer acabamento e enfeites nos trajes femininos e infantis.

Figura 84 – Costuras do Exército



Fonte: Folha da Tarde (1946).

Recorda que depois foi trabalhar no laboratório Kraemer localizado n Bairro Glória, onde permaneceu por seis anos. Ela saía dos empregos para passar para outro que pagava melhor. Nani fez acordo e saiu do laboratório recebendo a indenização como se tivesse sido demitida, até porque naquele tempo era mais difícil fazer acordo demissional, pois havia uma relação direta entre empregado e patrão.

Figura 85 – Almanaque Iza Laboratório Kraemer – 1959



Fonte: Acervo particular da autora.

Em seguida foi trabalhar, então, na Cestari<sup>100</sup>, fábrica de massas. Ela lembra como eram distribuídas as despesas da família: o dinheiro do pai era para rancho, o dos irmãos e o

<sup>100</sup> Carlos Cestari veio de Caxias do Sul para Porto Alegre, onde a família já trabalhava no ramo, na segunda metade dos anos 1920. Assim que chegou, Carlos e os irmãos Jacó, Luiz e José fundaram a Padaria Cestari, na Avenida Protásio Alves, 300, em frente onde hoje está o Hospital de Clínicas (na foto abaixo, ainda em construção). (CORREIO DO POVO, 1920, p. 4). Anos depois ele fundou, sem a participação dos irmãos, outro estabelecimento, a Padaria Cruzeiro, igualmente famosa pela qualidade dos seus confeitos. A Cruzeiro iniciou suas atividades no início de setembro de 1939, coincidentemente quando começava também a Segunda Guerra Mundial. O endereço era na mesma Protásio Alves, só que no número 674. Cestari, até 1974, foi sinônimo de padaria e bom pão. (WP. CLICRBS.COM. BR, 2011).

dela era para as prestações da casa e o da mãe era para comprar alguma coisa que precisassem. *“Quando nós terminávamos de pagar a prestação do fogão, comprávamos depois panelas e bule e abandonamos as latas de azeite utilizadas para o preparo do café. Pouco a pouco, nós fomos progredindo.”* (NANI, 2011, p. 4).

Figura 86 – Cestari S.A.



Fonte: WP. CLICRBS.COM.BR.

Saiu da Cestari para casar, porque o meu marido queria que ela se dedicasse integralmente ao lar. Então, depois só trabalhou para a família. Quando casaram, com o marido comprou uma fruteira, onde a “família toda trabalhava”. Tiveram quatro filhos e anos mais tarde se separaram. Ao longo do seu depoimento, discorre sobre sua cidade de origem, que se assemelhava à cidade de Viamão; lembra que quando chegaram à cidade de Porto Alegre saíam muito pouco, pois tinham que trabalhar. O pai era muito rígido, não permitindo nem que fossem à igreja, segundo ele *“Deus está em todo o lugar, não precisa ir até a igreja ou até o padre, pode rezar aqui em casa”* (NANI, 2011, p. 5). O que leva a pensar que nem todos os imigrantes eram católicos praticantes.

Vincenza fala sobre as dificuldades com o idioma na fase de adaptação à cidade, sobre as relações familiares, sobre Porto Alegre. Sobre a alimentação, diz que era a mesma coisa, pois convivia com patrícios e entre eles a massa era um prato comum. *“A diferença é que a carne lá da Sicília era melhor que a daqui. Lá se corta a carne com máquina que aqui se usa para cortar frios. O café, por exemplo, quando se fala em café brasileiro, todos ficam querendo, mas o nosso café daqui é refugo da produção, o melhor vai para eles.”* (NANI, 2011, p. 6). Quando efetua essas comparações entre um lugar e outro demonstra que sua memória parte da realidade presente, portanto, a lembrança é em larga medida uma

reconstrução do passado com a ajuda de dados emprestados do presente (HALBWACHS, 2004, p. 85).

Lembra os doces que sua mãe fazia, como a *pasta de mandorle*<sup>101</sup> e doces com figos, como a *Cuccidata*, um doce feito com massa de biscoito recheado com figo. Recorda, também, de uma comida que mãe fazia chamada *Panatta*, um tipo de pão recheado com acelga e com tudo que se possa imaginar, como salame, queijo e uma série de alimentos variados. Sabores e odores, além de constituírem manifestação de formas culturais, consubstanciam estímulos sensoriais que agem como fatores de evocação da memória, estimulando a imaginação e desencadeando sentimentos profundos que se materializam em importantes elos entre o passado e o presente (OLIVEIRA, 2006, p. 1). Desse modo, a memória de Vincenza está fortemente ligada ao paladar, porque a cultura alimentar está muito arraigada na vida quotidiana dos italianos.

Vincenza retornou à Itália a passeio, porque a família perdeu o comércio em um incêndio, e o seguro não tinha sido renovado. Isso abalou profundamente o marido e o médico aconselhou ele a viajar para não enlouquecer. A recepção dos familiares que lá se encontravam foi emocionada e desde lá eles se alternam nas visitas. Essa passagem demonstra que nem todos os imigrantes lograram sucesso; alguns sofreram tragédias financeiras também no Brasil. Vincenza encerra o relato dizendo que há 56 anos vive no Brasil e é mais brasileira que italiana, tem mais tempo de vida aqui que na Itália.

#### **d) Maria Antonina Vinciprova (Dona Nina)**

Antonina nasceu no ano 1930, em Leonforte, Província de Enna, Região da Sicília, e emigrou para o Brasil em 1955, junto com a irmã Maria Vinciprova, irmão Antonino e seu cunhado Ignazio Mancuso. Chegando à cidade de Porto Alegre, a família foi residir na Av. Ceará, 454, com a outra irmã chamada Francesca e seu marido Nunzio Mazzola, onde permaneceram até comprarem a casa na Rua Dona Margarida. Sua irmã viera quatro anos antes e depois chamou os outros que haviam ficado na Itália. Logo que chegaram arrumaram trabalho, com a indicação dos irmãos que já moravam e trabalhavam na Arrozeira.

Constata-se, assim, que os migrantes estabelecidos geralmente integram o recém-chegado ao mercado de trabalho no qual se encontram afiliados. Através das relações com patrões, companheiros de serviço e outros conterrâneos, esses trabalhadores encontram

---

<sup>101</sup> Composto à base de amêndoas utilizado na preparação de doces de confeitaria da cozinha siciliana.



facilidade de se tornarem os principais agenciadores de empregos para os novos (SERTÓRIO; SANTOS, 2010, p. 5).

Figura 87 – Maria Antonina – 1955



Fonte: Acervo do LAPHO.

Antonina lembra que na cidade natal, a família vivia uma vida mediana, nem rica, nem pobre, e como trabalhavam na colônia se encontravam aos domingos para as reuniões familiares e sociais. Vieram para o Brasil depois da Segunda Guerra atendendo ao chamado de sua irmã Francesca e seu cunhado Nunzio Mazzola, visto que a cidade de Leonforte encontrava-se na miséria e havia o temor de o irmão ir lutar na guerra, conforme ela mesma lembra “[...] *o motivo pelo qual viemos é devido à miséria causada pela guerra. O meu pai trabalhava sozinho na terra, o meu irmão já havia recebido a carta para servir. Ele escapou de ir servir, quando nós viemos*” (VINCIPROVA, 2010, p. 4).

A viagem que durou dezoito dias de navio, foi desagradável<sup>102</sup> e divertida ao mesmo tempo e na chegada ao Rio de Janeiro foram surpreendidas, pois, s “[...] *vimos gente estranha com a palma da mão branca, e o resto do corpo negro, perguntei-me para onde estamos indo? Por que saímos da nossa terra?*” (VINCIPROVA, 2010, p. 4). Essa passagem dimensiona seu estranhamento, que se manifesta como forma singular de ver e apreender o mundo e aquilo que o constitui, porque choca e modifica as ideias pré-concebidas sobre as próprias concepções da realidade (LEPRANTINE, 2003, p. 12). Do Rio de Janeiro foram

<sup>102</sup> Desagradável, pois ela foi acometida do mal do mar, que provoca enjoos e vômitos nas pessoas.

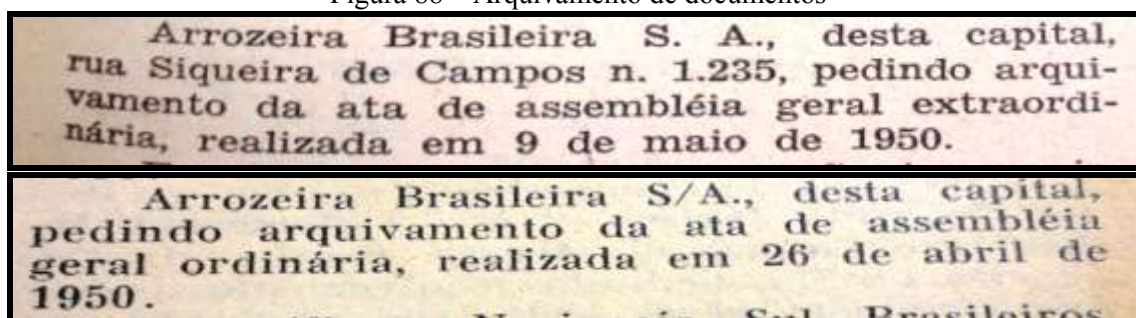
para Santos, passaram pelo Centro de Imigração e, após esperarem alguns dias, embarcaram no trem para Porto Alegre. Chegaram a Porto Alegre no dia 14 de setembro e começaram a trabalhar no começo de outubro. Dona Antonina Vinciprova conta:

*Logo que chegamos fomos trabalhar. Eu fui trabalhar na Arrozeira Brasileira. [...] uma fábrica de beneficiamento de arroz que tinha um setor com tecelagem, fiação e costura para produção de sacas. Nós produzíamos sacos de uma espécie de estoffa<sup>103</sup>. O galpão onde as costureiras trabalhavam se localizava nos fundos do Colégio Navegantes. (VINCIPROVA, 2010, p. 5).*

Antonina recorda que quem arrumou para ela ir trabalhar na Arrozeira foi a irmã Francesca, pois conhecia o encarregado, que era um senhor italiano. No local trabalhavam muitas brasileiras, polonesas e italianas “[...] como a minha irmã, uma cunhada, outra amiga, a tia da Maria Mazzola, que era irmã da mãe, onde todo mundo que eu conhecia com o tempo a gente se entrosou. Até porque no primeiro momento, eu não sabia falar o português” (VINCIPROVA, 2010, p. 6). O setor onde ela começou era da fiação e muitas mulheres estrangeiras trabalhavam na fábrica, além das brasileiras. Descreve em detalhes sua atividade diária:

*Eu trabalhava na fiação. A gente fazia aquelas estopas com a ajuda das máquinas. Bem, a máquina fazia todo o processo, nós cuidávamos para que o processo de produção transcorresse bem. Tirávamos os carrocelos<sup>104</sup> vazios, os colocávamos cheios nas máquinas, carregávamos os fios para pesar. Esse era o trabalho que nós fazíamos na fiação. (VINCIPROVA, 2010, p. 6).*

Figura 88 – Arquivamento de documentos



Fonte: Trabalho, Indústria e Comércio (03 maio 1950, p. 613(9)).

Como esse era um período de transformações tornou-se comum as mulheres solteiras trabalharem e para as imigrantes pode-se pensar que o que as levava a trabalharem fora era a questão de caráter econômico, que tornava o trabalho remunerado feminino aceitável. Nesse

<sup>103</sup> Uma espécie de pano rudimentar feito de sobras do filamento da estopa dos quais se confeccionavam sacos para armazenamento de arroz que chegava a granel.

<sup>104</sup> Carretéis.

sentido a participação profissional das mulheres no mercado de trabalho propiciou, juntamente com outros fatores, o surgimento das escolas profissionais.

No período que trabalhava na Arrozeira havia greves que se caracterizavam pela paralisação das atividades dentro da fábrica (VINCIPROVA, 2010, p. 6). Trabalhou na Arrozeira durante nove anos e depois foi para a Renner. “[...] fui para a loja Renner, onde também fiquei outros nove anos no setor de fiação e tecelagem onde permaneci até me aposentar” (VINCIPROVA, 2010, p. 2-3).

Lembra ainda que, em virtude do trabalho, a família tinha pouco tempo para se relacionar com os vizinhos; suas relações se limitavam a outras duas famílias de imigrantes que moravam na mesma rua. As famílias se reuniam esporadicamente aos sábados e domingos. As dificuldades com a língua, que provocava um entrave na comunicação, o qual só foi amenizando ao longo dos anos com a prática (VINCIPROVA, 2010, p. 6).

Entretanto, nas festas familiares, como aniversários, batismos e casamentos, as famílias sempre utilizavam o dialeto para se comunicar. Mas vale ressaltar que essa prática não perpassou a geração dos filhos daqueles que primeiro chegaram à capital gaúcha. Sempre procuraram se relacionar com outros italianos, como os Cassará e os Cherin. Desse modo, fortaleciam os laços de amizade com os seus conterrâneos. Se encontravam na Praça da Alfândega, passeavam na Rua da Praia. Os atrativos se limitavam a olhar as vitrines e ir ao cinema Vitória ou a muitos outros cinemas que existiam na época. Sempre davam preferências para as películas italianas de fácil entendimento prática (VINCIPROVA, 2010, p. 6).

Figura 89 – Praça da Alfândega – 1955



Fonte: WP. CLICRBS.COM.BR.

Figura 90 – Cinema Vitória – 1957



Fonte: CARLOSADIB.COM.BR.

Nesse período já se verificava a mudança nos hábitos dos elementos citadinos que apresentava uma diminuição da atividade teatral em detrimento das visitas aos cinemas. Também se percebe que os locais de passeios familiares mudaram dos arrabaldes da capital

para as cercanias das cidades vizinhas; entretanto, ainda permanecia o *footing* na Rua da Praia (CARNEIRO; PENNA, 1992, p. 129). Esse era o passeio predileto das famílias de imigrantes, principalmente daquelas que haviam chegado há pouco tempo e dispunham de recursos financeiros limitados.

**e) Maria Vinciprova (mãe) - Maria Vinciprova Mancuso (filha)**

Através do relato das duas Marias, mãe e filha, se reconstituirá a história da família a partir do ponto de vista de cada uma. Nessa síntese entrecruzam-se as informações das duas mulheres, levando em conta que a primeira imigrou quando tinha uma família constituída enquanto a segunda era ainda uma menina, pois contava com cinco anos de idade.

Figura 91 – Maria Vinciprova e Ignazio Mancuso



Fonte: Acervo do LAPHO.

Elas apontam para as relações sociais de grupos, espaços e tempos definidos. As narrativas priorizam um grupo composto por indivíduos que compartilham experiências e fatos vividos. Indivíduos modernos nascem e vivem dentro de culturas e tradições particulares, como os seus antepassados de todas as épocas e áreas geográficas. Mas de um modo inédito, estão expostos, são afetados e vivenciam sistemas de valores diferenciados e heterogêneos. (VELHO, 2003, p. 39).

Tanto a mãe quanto a filha se inserem socialmente em níveis de realidades distintos, com fenômenos relacionados, possuem códigos e lógicas que são pertinentes a cada uma e estão em permanente tensão, o que pode ser percebido nos depoimentos, onde elas relatam suas histórias de vida. A matriarca da família, Maria Vinciprova, nasceu em Leonforte, Província di Enna, na Sicília, em 1929, e ali viveu até casar com Inácio Mancuso. Foi também o local onde nasceram os filhos Rosália, Giovanni e Maria Mancuso. A casa onde moravam

era pequena, mas tinha dois pisos e uma sacada e Maria buscava água em uma fonte de vinte e quatro canos<sup>105</sup>.

Figura 92 – Gran Fonte



Fonte: PAESIONLINE. IT.

Maria mudou para o Brasil em setembro 1955. “*Nós viemos porque eu tinha uma irmã chamada Francesca e um cunhado que tinham vindo há mais tempo e mandaram nos chamar*” (VINCIPROVA, 2011, p. 1). Primeiro vieram ela, o marido Inacio e os filhos Rosália, de oito anos, Giovanni, com três meses, e a Maria Mancuso, com seis anos de idade. Na mesma viagem veio o irmão de Maria Vinciprova, Antonino Vinciprova e a irmã Antonina Vinciprova.

A filha recorda que foram de trem até Napoli, onde embarcaram. Foram 17 dias de viagem a bordo do navio Andrea C, em que toda a família passou mal, sofrendo de enjoos (MANCUSO, 2011, p. 2). Contudo, a mãe lembra que o navio tinha cinema, baile, noite de jantar dançante, igreja, tinha tudo, era uma cidade. Chegando a Porto Alegre a família foi morar na Av. Ceará, “[...] onde havia umas casinhas de aluguel e todos os italianos que chegavam iam residir ali por indicação de quem já se encontrava no local” (MANCUSO, 2011, p. 2).

<sup>105</sup> “Monumento encomendado pelo Príncipe Nicolò Branciforte e construído sobre as ruínas de uma antiga fonte entre 1649 e 1652. O local é conhecido pelo nome de “vintiquattru canola” por causa dos 24 bicos de bronze que derramam água para baixo. A obra foi inspirada em outra que existe na cidade de Amsterdã, na Holanda. Projetado por Palermo M. Emery se caracteriza por uma série de arcos ogivais coroados por um frontão com o brasão da família de Branciforte.” (MAZZOLA, 1924, p. 129).

Figura 93 – Andrea C (Porto de Santos)



Fonte: PORTOGENTE.COM. BR..

Maria Vinciprova, a mãe, recorda que quando desceram do navio em Santos ficaram apavorados, porque viram gente negra. *“Nunca tinha visto um negro. Nós vimos quando os americanos entraram na guerra, mas de longe... longe. Era apavorante, parecia que todos queriam o meu filho. E tinha um menino preto que dizia coisa linda.”*<sup>106</sup> (VINCIPROVA, 2011, p. 6). Lembra que a comida na imigração era um horror! *“Nunca tinha visto nem arroz, nem feijão preto que parecia ser ‘mosca’.”* (VINCIPROVA, 2011, p. 6). A irmã que já estava no Brasil tinha aconselhado a trazerem pães na viagem. De Santos a Porto Alegre a viagem foi feita de trem. Segundo ela foram quatro dias de um barulho horroroso. Quando chegou achou a cidade horrível porque não tinha calçada, na rua que foram morar tinha um valão e a casa era um chalé de madeira (VINCIPROVA, 2011, p. 7).

A filha lembra que quando chegaram foram recepcionados pelos parentes e outros italianos que aqui viviam. Também fala que na época sofriam preconceitos pela maneira de falar, por causa de ideias que circulavam sobre a índole dos italianos e porque as pessoas achavam que eles estavam tirando seus espaços.

*Enfrentamos muitos preconceitos, porque na época que nós viemos, porque nós falávamos “patata”<sup>107</sup>, “corremmo”<sup>108</sup>, sofriamos muitos deboches e preconceitos, e também se dizia muito naquela época que: “gli italiani tutti bona gente, però tutti ladri!”<sup>109</sup>, então existia uma forte implicância com o italiano. Então, havia certa discriminação, porque nós estávamos vindo e tirando o lugar dos brasileiros, e que os italianos vinham se instalar aqui, e que faziam dinheiro aqui, então assim nós tivemos uma infância bem difícil.* (MANCUSO, 2011, p. 6).

<sup>106</sup> Conforme estudos de Erica Bastos Arantes (2003) o porto carioca era considerados redutos de negros. (ANPUH.ORG)

<sup>107</sup> Batata.

<sup>108</sup> Corremos.

<sup>109</sup> Os italianos são tudo boa gente, porém são todos ladrões.

No local onde moravam havia famílias italianas calabresas e napolitanas, que tinham suas residências próximas e indicavam uns aos outros para conseguirem trabalho. “Na maioria das vezes para executarem trabalhos rudes, e muitos sem muito estudo, porque muitos vinham da “campagna” (campo) como se diz. Muitos que vieram trabalhavam nos campos.” (MANCUSO, 2011, p. 9). Maria conta que, devido à dificuldade dos pais com o português seguiram falando em casa o mesmo dialeto da região de onde vieram. Não aprendeu o italiano gramatical, tanto assim que, quando foi para a Itália, as pessoas riam, pois ela se utilizava de expressões e termos antigos que já tinham caído em desuso (MANCUSO, 2011, p. 10).

A filha também recorda que, além de não saberem falar, chegaram sem dinheiro, pois a ideia inicial não era de ficar na cidade de Porto Alegre. Entretanto, não foi fácil conseguir emprego e se manter, tanto assim que três anos depois o pai queria voltar. Os cunhados o convenceram a ficar. Por indicação de outro italiano o pai conseguiu trabalho em uma laminação de ferro, localizada na Av. Sertório, onde ficou por 10 anos. Trabalhava dia e noite, das 4hs às 24hs, até que conseguiu comprar uma casa na Rua D. Margarida. Quando saiu da metalúrgica comprou uma fruteira e mais tarde começou a trabalhar na feira livre.

*A feira livre ocorria a cada dia em um lugar da cidade, porque ela é rotativa. Então, ele comprou uma caminhonete e depois um caminhão que ele podia carregar na CEASA<sup>110</sup>. Então, eu e os meus irmãos fomos criados com o nosso pai sendo feirante. E foi nesta profissão que ele ganhou mais dinheiro.* (MANCUSO, 2011, p. 7).

Passaram por mais dificuldades e como as necessidades da família aumentaram, porque o pai comprara um terreno para construir, a mãe, Maria Vinciprova, conseguiu colocação na Arrozeira Brasileira, também por indicação da irmã Francesca. Tanto a mãe como o pai trabalhavam dia e noite para proporcionar melhores condições de vida para a família. Nesse sentido a disciplina, além de permitir a sobrevivência, proporcionava a estabilidade e a ascensão associada à aquisição de imóveis.

*Comecei a trabalhar na Arrozeira quando compramos a casa. Todos que trabalhavam lá eram italianos. Tinha inclusive uma italiana que morava há sete anos na Av. Ceará. Na época que entrei foram contratados junto comigo cento e quarenta pessoas. Eu produzia por duas pessoas. Então trabalhava, trabalhava. Mas eu chorava. O barulho das máquinas... Forte, forte... o pó. Aquele pó da estopa fazia neve no corpo. A gerente era italiana*

---

<sup>110</sup> Centrais de Abastecimento do Estado do Rio Grande do Sul S/A “[...] é uma sociedade por ações de economia mista, tendo capital do Governo do Estado do Rio Grande do Sul (a quem cabe a gestão, através da Secretaria de Desenvolvimento, Rural, Pesca e Cooperativismo) e Prefeitura Municipal de Porto Alegre.” (CEASARS.COM.BR).

*e não deixava utilizar nem um pano para secar o suor do rosto que ficava grosso com o pó que grudava na pele. Dizia: eu não posso fazer contigo diferente dos outros.* (VINCIPROVA, 2011, p. 9).

As costureiras se revezavam em turnos de trabalho intercalados semanalmente, uma semana começavam a trabalhar as seis e encerravam o expediente as quatorze horas; na outra começava às quatorze e só paravam às vinte e duas horas. Ganhava em um mês o equivalente a um dia de trabalho do marido. *“Desgostava-me com o serviço, com o dinheiro, com tudo. Estou ficando surdo não atino mais nada. Trabalhei, trabalhei... até que num acidente quebrei a mão. Não voltei mais na Arrozeira. Encostaram-se A e no seguro e depois de seis anos me aposentaram.”* (VINCIPROVA, 2011, p. 9).

Como se vê na tecelagem Arrozeira Brasileira a jornada normal de trabalho era de dez horas, de segunda a sábado.

Além das jornadas exaustivas, a insalubridade também era problema em muitos setores, e seus efeitos, muitas vezes minimizados no cotidiano de trabalho, se faziam sentir cumulativamente. A juta, a poeira e o barulho intenso das máquinas aliados a pouca segurança minavam a saúde do trabalhador. (FORTES, 2004, p. 75-76).

Embora com todas essas dificuldades Maria recorde que o chefe era italiano e preferia contratar os conterrâneos, pois a Arrozeira, segundo ela, era como uma grande família onde as mães podiam cuidar dos filhos enquanto trabalhavam. Depois que saiu da Arrozeira Maria seguiu trabalhando em casa, fazendo e vendendo artesanato. *“A gente fazia crochê, tricô. Tricô sem olhar... eu trabalhava muito fazendo e vendendo, fiz mais de cem colchas de casal, vinte de solteiro e trabalhava. Fazia luvas, fazia sapatinho, fazia manta. Trabalhava noite e dia.”* (VINCIPROVA, 2011, p. 16).

Retornaram à Itália a passeio depois de dezessete anos, quando a vida estava mais tranquila. Quando chegaram à Sicília recorda que diziam: *“A Maria e o Ignazio do Brasil, estão aqui! E saía uma na porta, saía outra... Trememos de tanta alegria. É um sentimento pior do que o desgosto. Era uma alegria daquela para gente morrer. Ficamos lá três meses. Era um dia na casa de um e outro na casa de outro.”* (VINCIPROVA, 2011, p. 13). Maria recorda que o local estava muito lindo, diferente de quando partiram para o Brasil. É que ela guardava na memória a imagem da cidade quando a deixaram, uma miséria, e agora tudo tinha melhorado. *“Parece que achamos outro mundo e nós é que estávamos em outro mundo.”*

*Lá é tudo diferente, assistência médica, a saúde, de pensione<sup>111</sup>. Uma coisa fabulosa. Se a pessoa está doente, leva para o hospital. Dão cadeira de*

---

<sup>111</sup> Aposentadoria.



*rodas, dão tratamento. Tem até pensão para a pessoa cuidar, se não tem ninguém, manda uma pessoa em casa para fazer serviço, para cuidar o doente. É impressionante o que tem lá. E aqui morre gente na fila... Então achamos tudo diferente. Voltamos com outro ânimo. (VINCIPROVA, 2011, p. 13).*

Maria fala ainda sobre a comida italiana, a carne quando lá moravam era escassa e com cortes diferenciados. Já a carne brasileira, com cortes maiores, era abundante nos churrascos das reuniões de família e amigos aos finais de semana quando moravam na Av. Ceará.

*Todo mundo se reunia no sábado depois de terminado o expediente de trabalho para jogar cartas. Nós, as mulheres, fazíamos a comida, lavávamos roupas... Fazíamos isso. Era uma festa nosso carteado... Ai que coisa boa. Nós passávamos o tempo. [...] Aqui era como é. Fazendo churrascada com toda a família. E sempre fervemos cinco quilos de massa. Não sobrava um fio. Carne. Carne no molho e carne assada. (VINVIPROVA, 2011, p. 15-16).*

Nesse ambiente criou, deu estudos aos filhos, viu nascerem os netos e envelheceu fortalecendo vínculos de pertencimento no mesmo cenário desde a sua chegada, o Quarto Distrito. Nesse bairro da capital desenvolveu suas relações e foi adquirindo novos hábitos, como o churrasco, sem, no entanto, perder de vista aqueles trazidos de sua terra natal, como a massa.

#### **f) Carmela Faro Zucalla**

Carmela nasceu em 1942, em Passopsciario<sup>112</sup>, situada a doze quilômetros da Província de Catania, na Região da Sicília, na encosta norte do Monte Etna. A localidade é conhecida pela indústria do vinho e pelos vinhedos que podem ser encontrados no lugar.

Figura 95 – Mapa com localização de Passopsciario



Fonte: PASSOPSIARO.COM.

Figura 96 – Paisagem de Passopsciario



Fonte: WINESANDWINE.COM.

<sup>112</sup> A origem do nome remonta ao século XVIII, quando um peixeiro que habitava o local foi assassinado pelo bandido Ciccu Zummu Teztazza. A economia local sempre foi baseada na viticultura.

Em 1957, quando tinha dezesseis anos, sua família deixou a cidade imigrando para o Brasil – ela, o pai a mãe e a irmã. Os quatro irmãos tinham vindo antes da Segunda Guerra. No período bélico a situação ficou difícil e eles faziam remessas de dinheiro para ajudar na manutenção da família. Os irmãos trabalhavam com o tio, na oficina onde consertavam e afinavam pianos. “*A gente passou a viver com o que eles mandavam. Lá o meu pai trabalhando na terra não conseguia o sustento*” (ZUCALLÁ, 2009, p. 2, 7). Conta que os irmãos imigraram para o Brasil por intermédio do tio, Salvatore Currenti, músico da Orquestra Sinfônica de Porto Alegre, solista de clarinete que já estava morando havia algum tempo na cidade de Porto Alegre,

*Em uma das visitas à Sicília, o tio retornou para Porto Alegre trazendo um dos meus irmãos. E quando este chegou aqui ele chorava dizendo que não queria ficar aqui sozinho e assim logo veio o outro irmão. Depois, eles disseram que não poderiam aguentar somente os dois aqui e então vieram mais dois irmãos. Mas ficava difícil vir toda a família e assim se passaram sete anos que eles estavam aqui e nós na Sicília. Então conseguiram fazer aquele programa de imigração, onde o governo pagava as despesas de viagem.* (ZUCALLÁ, 2009, p. 1).

Viajaram de navio até Santos e depois desceram direto para Porto Alegre. Quando chegaram já estava tudo pronto, com a casa montada, no Bairro Bom Fim. Mais tarde mudaram para o Bairro Partenon. A vinda deles teve os arranjos facilitados, enquanto que os irmãos<sup>113</sup> tiveram mais dificuldade na vinda para o Brasil. Com 18 anos, começou trabalhando de balconista, enquanto as minhas irmãs trabalhavam como costureiras na Renner. “*No início eu trabalhei de balconista na Thilda, uma loja que ficava na Rua da Praia, e depois fui para a Loja Renner, que ficava na esquina da Otávio Rocha com a Dr. Flores.*” (ZUCALLÁ, 2009, p. 2, 7).

Figura 97 – Loja Renner – esquina da Rua Otávio Rocha com a Rua Dr. Flores – 1950



Fonte: SKYSCRAPERCITY.COM.

<sup>113</sup> Carmela não menciona os nomes dos irmãos no depoimento.

No período que trabalhava na Renner ela conheceu o futuro esposo, que tinha vindo da Calábria, chamado Fortunato e era amigo de um dos seus irmãos. “*Ele tinha um negócio, armazém, bazar. Casamos, saí da Renner, fui trabalhar com ele e continuei pagando a Previdência Social e aos sessenta anos me aposentei.*” Carmela ainda complementa, dizendo que não voltaram para a Itália porque no Brasil viviam melhores, embora as condições financeiras tenham sido diferentes para cada um dos integrantes da família.

*As irmãs eram costureiras e tinham uma boa clientela. E os irmãos trabalhavam com o tio e quando o tio faleceu montaram uma oficina mecânica. Eles seguiram sempre trabalhando, um se deu bem na vida que já faleceu, o outro está aqui, vive bem, mas com um salariozinho. Foram os extremos, um muito bem outro nem tanto. E o outro que já faleceu tinha uma cabecinha melhor! Este que vive aqui próximo já não gostava muito do trabalho, mas graças a Deus encontrou uma brasileira muito boa, então agora está bem. (ZUCALLÁ, 2009, p. 8).*

Carmela conta que, enquanto morava com os pais, a família ainda falava o dialeto em casa, mas, depois que casou, deixaram de falar, pois ela e o marido tinham vindo de regiões diferentes da Itália, portanto, falavam dialetos diferentes. Como tinham três filhos era mais complicado ensinar línguas diferentes, então “[...] resolvemos não ensinar nenhum dos dialetos. Ou aprendiam o italiano ou não aprenderiam, pois os dialetos eras difíceis, tanto o calabrês, como o siciliano, então aprender os dois não dava” (ZUCALLÁ, 2009, p. 2). Outra razão por que optaram por falar apenas o português foi por terem enfrentado restrições, conforme ela relata:

*Naquela época, quando recém chegavam os italianos e falavam apenas italiano as pessoas não gostavam. Elas diziam são uns mortos de fome. E tem certas coisas que é melhor não dizer. Então resolvemos falar apenas o português. E por sinal, naquela época, eu falava muito bem o português. Entre eu e meus primos que viviam comigo o que falava melhor o português era eu. (ZUCALLÁ, 2009, p. 4).*

A fala insere seu portador num estereótipo<sup>114</sup>, que deixa marcas profundas, e o fato de não falar sua língua materna constrange a própria identidade. Não saber a língua majoritária era visto como ignorância, o que deixava as imigrantes envergonhadas desta condição, por isso muitas vezes palavras como “tem certas coisas que é melhor não dizer” são recorrentes entre aquelas que sofreram preconceitos com relação ao sotaque. A lembrança de Carmela destacada acima já demonstra que o preconceito não era somente relacionado à fala, mas, acima de tudo, à condição social dos imigrantes italianos. As relações desenvolvidas na cidade de Porto Alegre sempre foram voltadas para os patricios. Conta que conheceu muitos italianos, pois nos anos 60 eles se encontravam na Praça da Alfândega. Entretanto, suas

<sup>114</sup> Representação mental que um grupo produz a respeito do imigrante italiano.

relações ficaram restritas aos Vinciprova, Campisi, Generalo, Scavuzzo. Mas os laços de amizade mais estreitos foram os desenvolvidos com Maria Vinciprova e com as cunhadas dela, que são todas italianas. Já o marido tem contato com outros italianos. Inclusive em decorrência dessas relações participavam das excursões que o Patronato<sup>115</sup> e a Associação Italiana realizavam durante o ano. Como o marido tinha irmãos, tios, primos, amigos na Argentina frequentemente eles viajavam para lá (ZUCALLÁ, 2009, p. 7).

Carmela conta que as irmãs casaram com sicilianos e foram morar em Nova York, um chamava-se Reccardo e era barbeiro, o outro, o Mannino, era *falegname*<sup>116</sup>. Quanto a ela, permaneceu na capital gaúcha, e de vez em quando visita as irmãs. As viagens fizeram com que ela e o marido providenciassem documentação para os deslocamentos entre Nova York e Argentina. Desse modo, Carmela salienta que todos da família são naturalizados, têm a dupla cidadania (ZUCALLÁ, 2009, p. 7).

*A dupla cidadania nós temos alguns benefícios, pois tu podes, por exemplo, viajar aqui para a Argentina usando apenas a carteira de identidade, ao invés de ter de usar o passaporte. Vamos para Nova Iorque só com o passaporte italiano sem precisar visto. E para a Itália também, mas para lá pode ser qualquer um tanto brasileiro, como qualquer outro. (ZUCALLÁ, 2009, p. 9).*

Para Carmela, o ato de se naturalizar não colocou em questionamento sua identidade, ou seu lugar de pertencimento, apenas foi uma forma de facilitar os deslocamentos que ocorriam relacionados com a sua rede de familiares.

### **g) Epifânia di Fazio**

Figura 98 – Epifânia di Fazio



Fonte: Acervo do LAPHO.

<sup>115</sup> O patronato italiano é um órgão que presta assistência aos italianos e descendentes de italianos.

<sup>116</sup> Carpinteiro.

Epifania di Fazio nasceu em 1940, na cidade de Leonforte, Província de Enna, Sicília, filha de Carmela La Porta. Era a mais velha dentre cinco irmãos. As recordações da infância são escassas; fala que estudou até o quinto ano e fez alguns cursos com a tia, que era costureira. Lembra que antes dos quinze anos já costurava roupas para os irmãos e que a família toda, inclusive ela, trabalhava na terra no tempo da colheita.

Figura 99 – Leonforte – Província de Enna



Fonte: EBAY. IT.

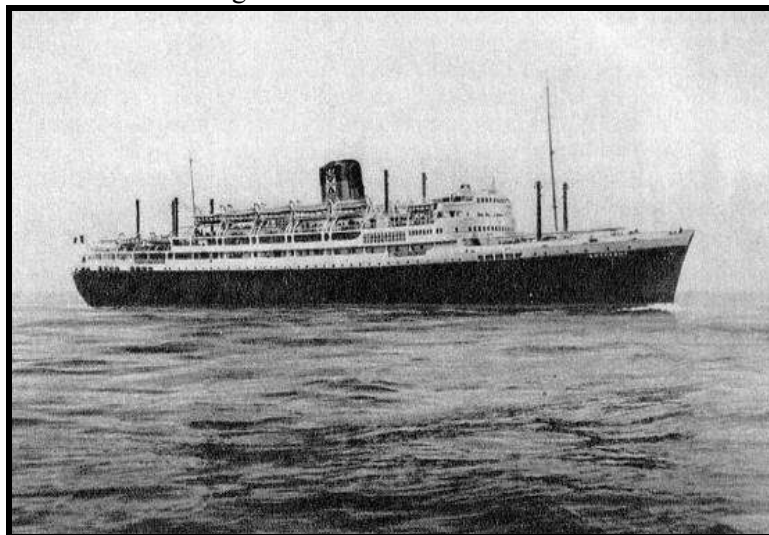
No ano de 1955, quando ela tinha quinze anos, toda a família veio para o Brasil. Mudaram porque depois da guerra perderam tudo; além disso, a cidade de Leonforte ficou destruída, conforme relata, quando estavam fugindo de um dos bombardeios.

*Tinha uma rua que ficou puro fogo assim, sabe e nós saímos da cidade para nos esconder na campanha, nas grutas, o meu pai não entendia de guerra, porque não tinha servido no exército. Atravessamos a rua, pois tinha um soldado no meio do fogo gesticulando com as mãos e indicando por onde deveríamos passar. Então atravessamos a rua, no meio um caminhão queimando, tinha uma pessoa dentro queimando e o soldado disse para passarmos ligeiro. Quando chegamos ao fim da rua começou o tiroteio.* (FAZZIO, 2010, p. 8).

Recorda que depois da guerra os parentes imigraram para o Brasil de forma regular, “[...] primeiro tinha vindo um primo meu, e depois veio uma irmã da mãe desse primo. Seguindo os mesmos passos veio o irmão da minha mãe, irmã da minha mãe e o outro irmão da minha mãe, por fim viemos nós” (FAZZIO, 2010, p. 4). Desse modo se verifica que os imigrantes não se dispersam aleatoriamente pelo mundo, mas seguem os passos daqueles que os precederam, levando a concentração destes em determinados destinos, atraídos por facilidades, como os laços sociais configurados em parentesco e amizade. Foram as condições proporcionadas por esses laços que favoreceram a vinda da família, levando-os a suportarem

vinte dias de viagem dentro de um navio. Após seis meses esperando a liberação de imigração pela inspeção sanitária de imigração a família embarcou no Navio Bretanha, que partiu da cidade de Nápoles em direção ao Brasil.

Figura 100 – Navio Bretanha<sup>117</sup>



Fonte: NOVOMILENIO. INF.BR.

Desembarcaram na cidade de São Paulo e permaneceram durante uma semana na Hospedaria dos Imigrantes. As hospedarias recebiam predominantemente imigrantes europeus, mas também havia árabes e japoneses (a partir de 1908). Muitos destes chegavam com alguma enfermidade e necessitavam ficar em quarentena antes de seguir viagem e as hospedarias eram encarregadas de atendê-los.

A hospedaria de São Paulo teve até mesmo um hospital, localizado no imenso complexo do bairro da Mooca, às margens da linha férrea. Os imigrantes normalmente eram contratados por empresas ou subsidiados pelo governo, portanto, as hospedarias dispunham de intérpretes para possibilitar a comunicação com os estrangeiros.

A maior delas, em tamanho e número de imigrantes recepcionados, foi a Hospedaria do Brás, em São Paulo. Recepcionou 3.500.000 imigrantes entre 1888 e 1978. A edificação tinha dois andares: no andar térreo ficavam os escritórios, a casa de câmbio, a sala médica, as cozinhas, os refeitórios e as salas de armazenagem. No andar superior localizavam-se os dormitórios, que muitas vezes tinham apenas esteiras para as pessoas dormirem (PAIVA; MOURA, 2008).

---

<sup>117</sup> “O *Bretagne* saiu de Marselha, em viagem inaugural ao Atlântico Sul, com escalas em Gênova, Barcelona, Lisboa, Rio de Janeiro, Montevideu e Buenos Aires, em cuja linha permaneceu com efetividade e algumas interrupções. A primeira delas, em 14 de fevereiro de 1955. Durante manobras de atracação em Marselha, abalroou o rebocador *Marseillais-9*. Ambos – navio e rebocador – sofreram avarias ligeiras, cujos reparos foram efetuados durante a estadia naquele porto.” (NOVOMILENIO. INF. BR).

Figura 101 – Hospedaria do imigrante, no Bairro Braz – São Paulo.



Fonte: ACATARBATTISTELLA.COM. BR.

De São Paulo viajaram de trem até Porto Alegre, onde estavam sendo aguardada por parentes na Antiga Estação Diretor Pestana. A Estação Ferroviária Diretor Augusto Pestana era um importante ponto de chegada para passageiros e ficava em outro ponto da Avenida dos Estados. O prédio antigo foi batizado em 1930 e recebeu este nome em homenagem a um dos diretores da Viação Férrea do Rio Grande do Sul. Estava localizado junto à esquina, com a Rua Dona Teodora, em frente de onde ficava a estátua do Laçador. Sua arquitetura combinava o toque futurista dos pórticos de entrada com o ar tradicional da plataforma e dos ambientes internos. Atualmente está localizada atrás da Estação Aeroporto do Trensurb, e vem sendo usada como terminal de carga.

Figura 102 – Antigo terminal da estação Diretor Pestana (no canto inferior esquerdo)



Fonte: WP. CLICRBS.COM.BR.

Chegando à capital, a família foi residir na Av. Ceará, pois a irmã da mãe, Maria La Porta, e o tio Isidoro Castro Giovanni já tinham alugado uma casa para eles. Chegaram num sábado

*Nós chegamos de trem no sábado. Na segunda-feira já comecei a trabalhar na Arroeira Brasileira, pois já tinha emprego arrumado. Todos nós já tínhamos emprego arrumado com os patrícios italianos, era exigência do governo para a nossa vinda. Até uma maninha de oito anos ia cuidar de uma criança, uma patrícia nossa colocou (nos papéis) que ela ia cuidar de uma criança.* (FAZIO, 2010, p. 2).

Desde 1951, quando milhares de camponeses da Itália meridional apresentaram ao consulado brasileiro, em Nápoles, pedidos de vistos, ao saberem que no Brasil necessitavam de trabalhadores, algumas medidas eram impostas pela Direção Geral da emigração que subordinava a saída de pessoas da Itália à apresentação de contrato de trabalho (TRENTO, 1989, p. 422). Percebe-se, através de Epifânia, que essa exigência não era facultada apenas aos trabalhadores destinados às fazendas, ela se estendia também aos que se destinavam aos centros urbanos. Epifânia como grande parte das imigrantes que vieram para Porto Alegre, foi trabalhar na Arroeira Brasileira como costureira. Permaneceu na fábrica durante quatro anos, depois foi trabalhar na Fábrica de Massas Danielli, que ficava na Av. São Pedro. No quarto distrito se concentrava um grande número de fábricas que serviam de atrativos aos imigrantes, que se instalavam nas casas de madeiras com construções precárias e condições insalubres de vida.

Vale lembrar que a partir da década de 1940 ocorreram desmembramentos da região metropolitana a partir de novos núcleos que se criaram entre Porto Alegre e Novo Hamburgo, dando origem aos Municípios de Canoas (1940), Esteio (1954), Sapiranga (1954), Estância Velha (1959), Campo Bom (1959) e Sapucaia do Sul (1961). Nesse período já havia um número importante de loteamentos que começaram

[...] pelos municípios que integram a região metropolitana em consequência da demanda de terra em virtude do crescimento da atividade industrial e, portanto, de população, que iniciou nesses anos, sendo facilitado pelas melhorias de acessibilidade a esses municípios, desde a cidade de Porto Alegre, em decorrência da pavimentação e da ampliação da estrada que até hoje configura o eixo de expansão sul-norte da Região Metropolitana de Porto Alegre: a BR-116, que foi aberta pelo Exército em 1938, duplicada e revestida m 1940-48. (CLICHEVSKY, 1980, p. 6).

Foi na época dessas demandas por novas moradias que a família de Epifânia se mudou de Porto Alegre para Canoas, onde os terrenos dos loteamentos eram ofertados a preços acessíveis e com pagamento facilitado. Epifânia conta que “[...] levava uma hora, hora e meia, que Canoas era uma coisa de nada. Nas ruazinhas estreitas um carro não podia passar. Se vinha andando uma carroça, não passava outra ao lado, pois tinha valo dos dois lados da rua” (FAZIO, 2010, p. 6). A situação de trânsito era precária entre um município e



outro. Entretanto, ela recorda que era o lugar onde a família tinha condições de comprar e isso ocorreu por que.

*[...] tínhamos um patrício, Francisco Russomano, que possuía três terrenos com uns casebres de madeira na cidade de Canoas. Vendeu para nós, pois tínhamos trazido um pouco de dinheiro que demos de entrada e ele financiou o restante. Como trabalhávamos no quarto distrito, na Arrozeira Brasileira, eu e minha tia íamos até lá de bicicleta [...] Já meu irmão e o tio, Antonio Laporta, trabalhavam na Ramiro Barcelos, na fábrica de balas Francisco Romano. (FAZZIO, 2010, p. 6).*

Figura 103 – Epifânia e os filhos (casa em Canoas)



Fonte: Acervo do LAPHO.

No período pós-Segunda Guerra tornou-se mais comum às mulheres trabalharem fora até o casamento; possivelmente o trabalho remunerado era aceito por uma questão de caráter econômico, fosse para contribuir na renda familiar ou para preparar o enxoval para o casamento. Essa participação profissional feminina no mercado de trabalho propiciou o surgimento das primeiras escolas profissionais femininas em Porto Alegre (ROCHA-COUTINHO, 1994, p. 6). Epifânia trabalhou até se casar, quando passou a se dedicar à família. Teve dois filhos e retornou à Itália trinta e sete anos depois, numa viagem de passeio para rever a cidade onde nasceu. Lembra que mostrou aos filhos a rua onde tinha ocorrido o episódio acima mencionado.

## 2.1.6 Região da Lombardia

### a) Nidia Boletta Uriarte

Lidia nasceu em Milão, região da Lombardia, em 1927, filha de Giovanni Bolletta e Lucedalda Gigli. Quando tinha três anos os pais mudaram para Verona, onde viveu até sua

vinda para o Brasil. Fala pouco sobre a infância; suas lembranças são marcadas pelo período da Segunda Guerra Mundial. Quanto à sua vinda para o Brasil, conta que veio no ano de 1955, a convite do irmão, que era diretor técnico da Indústria Vigorelli do Brasil S.A e já estava residindo em Jundiaí, na Vila dos Operários que trabalhavam na empresa. Recorda que veio porque tinha vontade de viajar para o exterior e a Vigorelli financiou as despesas de sua viagem (URIARTE, 2007, p. 1).

Figura 104 – Antiga Indústria Vigorelli – Jundiaí/SP

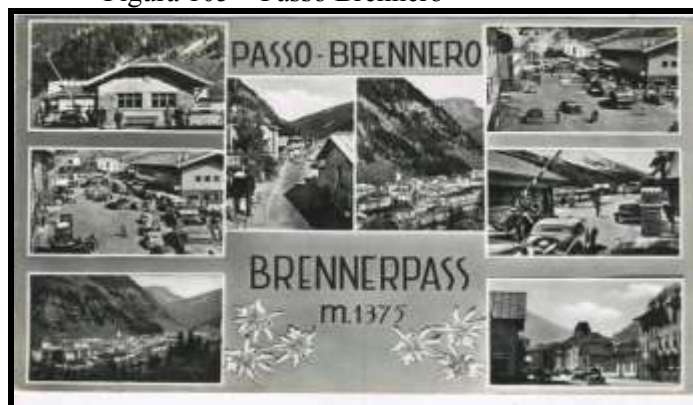


Fonte: PANORAMIO.COM.

Lidia conta que, quando veio para o Brasil, morava em Verona há vinte e cinco anos. Lá não passou por um período bom por causa da guerra, que foi péssima, pavorosa. Quando a guerra começou era adolescente, tinha apenas doze anos. Lembra que no começo do conflito não tinha bombardeios, que eles só começaram a atingir a cidade depois de dois ou três anos. Destruíram quase toda a cidade velha de Verona, principalmente as ferrovias. Ela lembra que ali era o entroncamento do Passo Brennero<sup>118</sup>. *“Na época da guerra a gente não tinha comida, diversão, ganhava pouco. Era uma miséria. Tudo era racionado, um pedacinho de pão, um pouquinho de café, de açúcar e de óleo por mês. Dinheiro havia, mas não havia gêneros e quando havia os preços eram proibitivos.”* (URIARTE, 2007, p. 1-2).

<sup>118</sup> “O passo do Brennero (em italiano *Passo del Brennero* e em alemão *Brennerpass*) é um passo nos Alpes, ao longo da fronteira entre a Itália e a Áustria. Devido à sua altitude relativamente baixa (1370 m), é um dos principais passos na cadeia de montanhas, e um dos poucos na região do Tirol; por este motivo, foi muito cobiçado ao longo da história. Em 1940 foi terminada a construção da usina do lago artificial de Fortezza. A usina fornecia a energia elétrica para a eletrificação da linha de Brennero. No mesmo ano a Itália entrou na guerra ao lado da Alemanha. Com a assinatura de cessar fogo entre a Itália e os aliados, a linha de Brennero tornou-se a linha de fornecimento mais importante de Wehrmacht e veio, portanto, a ser sistematicamente bombardeada. Em novembro de 1944 as estações da linha sofreram graves danos. Em 21 março de 1945 a estação de Brennero foi atingida por uma série de bombas e completamente destruída. Já no fim de junho de 1945 recomeçou o tráfego na linha de Brennero e iniciaram os trabalhos de reconstrução das estações de Brennero e Bolzano. O acordo De Gasperi / Gruber, de 5 setembro de 1946, concedeu o livre trânsito de Innsbruck a Lienz nas linhas de Brennero e de Val Pusteria. Em 1951 e nos anos 60 a estação de Fortezza foi ampliada, principalmente para o transporte de rebanhos de animais da Baviera.” (TECNEUM.EU). [Tradução de Leonardo Conedera].

Figura 105 – Passo Brennero



Fonte: DELCAMPE. IT.

Recorda que Verona foi muito bombardeada. O anfiteatro de Verona servia de refúgio contra as bombas sendo a salvação de todos durante a guerra. Lembra que trabalhava no centro da cidade e quando tocava a sirene era o sinal de que vinham os aviões, as *fortalezas voadoras*, então corriam para a Arena; isso durante o dia. Quando os ataques aconteciam na madrugada saltavam da cama e se vestiam rapidamente. Pegavam a bolsa (já preparada com antecipação), na qual haviam sido guardadas as coisas de valor, e iam para o refúgio que havia perto de casa (URIARTE, 2007, p. 1).

Houve muitas mortes de famílias inteiras. Reitera que a cidade foi alvo de muitos bombardeios, porque era a porta do Brennero, desfiladeiro mais baixo dos Alpes, entre Itália e Áustria, e principal ramal ferroviário de ligação com a Europa central para ir à Alemanha. Era passagem e ali estavam sediados os soldados alemães. Tinha medo daqueles alemães (URIARTE, 2007, p. 7). Sempre às vinte e uma horas tinha o toque de recolher para suas casas e era quando os piquetes alemães marchavam na rua durante a noite. Lembra que era uma menina e tinha medo quando viam os americanos negros: “*Primeira vez que vi negros na minha vida [...] davam-nos chocolate, chiclete e pão branco.*” (URIARTE, 2007, p. 8).

Figura 106 – Passo Brennero – Estação Ferroviária – 1950



Fonte: DELCAMPE. IT.

Ainda está viva em sua memória a passagem de Hitler por Verona, pois durante a guerra tinha o fascismo de Mussolini. *“Ele tinha muita amizade com esse Hitler. Então todas as jovens italianas e os rapazes também tinham que ir a ‘La famosa adunata’”*<sup>119</sup> realizada todos os sábados à tarde. *Se não podiam comparecer precisavam justificar que estavam doentes. Eu tinha 11 ou doze anos quando disseram, lá vem o Hitler, vocês têm que se vestir com ‘La divisa’, uniforme de ‘piccola italiana’ e de ‘Balilla’. Meninos e meninas entre seis e dezoito anos integravam os quadros na ONB (Opera Nazionale Balilla)*<sup>120</sup>. *Chovia, chovia muito, mas mesmo assim fomos até a estação de Verona, onde o Hitler tinha que trocar de vagão. E aí apareceu o Hitler, com aquele bigodinho dele, cantamos um hino e pronto, voltamos para casa.”* (URIARTE, 2007, p. 2).

Figura 107 – Balillas



Fonte: ISTITUTOMASERATI. IT.

Nidia diz que tem lembranças ruins da guerra e decepções amorosas, que foram as piores. E a miséria. *“Olha, se eu não trabalhava não comia. As empresas aproveitavam (que eu era menor) e sempre pagavam muito pouco.”* Contudo, sobreviveu. Lembra que sonhava de ter sido professora, mas a guerra interrompeu seu sonho. O depois da guerra foi pior, segundo ela, sofreu um boicote. Mas recorda que a situação começou a mudar quando

<sup>119</sup> Famosa concentração.

<sup>120</sup> “Inicialmente, o alvo da organização eram os meninos, mas, a partir de 1929, as meninas passaram a fazer parte da ONB, participando das Piccole e Giovani Italiane. A matrícula de todas as crianças e jovens que frequentavam escolas públicas estava automaticamente inscritas nas organizações da juventude do Fascismo. O controle sobre a participação infantil e juvenil na ONB era intenso, e não ter um filho ou uma filha matriculado nela se convertia em um grande problema para os pais, que poderiam ser acusados, inclusive, de antifascistas. Neste sentido, muitos pais não deixavam de inscrever e levar seus filhos nas atividades, mesmo que não fossem obrigatórias.” (ROSA, 2009, p. 626-627).

embarcou em Gênova, no Transatlântico “Giulio Cesare”<sup>121</sup> onde efetuou uma viagem *fabulosa*, na qual passou pela África e aportou em Santos, no Brasil, onde o irmão a esperava. Narra que vieram muitos uruguaios e argentinos (URIARTE, 2007, p. 4).

Na viagem, havia umas poucas mulheres e, entre elas, somente ela era solteira. Lembra que o navio aportou no Rio de Janeiro para reabastecer. Durante a parada do navio os viajantes foram conhecer o Cristo Redentor “*Nunca tinha visto uma cidade como aquela. Na Itália tem belas cidades, mas nem pensar na grandiosidade do Rio.*” (URIARTE, 2007, p. 4).

Figura 108 – Transatlântico Giulio Cesare



Fonte: PORTOGENTE.COM. BR.

Foi residir com o irmão na cidade de Jundiaí, em uma casa confortável, com empregada, e, logo que chegou, começou a estudar para aprender a falar o português. Afinal, sua mãe só falava o dialeto *marchegiano*, de Marche. A referida região se caracteriza pela fragmentação linguística que resulta da combinação de causas étnicas, econômicas, históricas e culturais, favorecendo as diferentes variedades da língua local (DEVOTO; GIACOMELLI, 1991, p. 72).

Em função do aprendizado resolveu ir trabalhar por que o contato com outras pessoas ajudaria a assimilar melhor o idioma e, assim como o irmão, ingressou na Vigorelli do Brasil. Trabalhava na seção de desenho, em que o seu chefe era o engenheiro Luciano Graccioli, um italiano de Verona. Recorda que permaneceu pouco tempo em Jundiaí, já que o irmão recebeu proposta de trabalho na cidade de Volta Redonda. Ao mesmo tempo, recebeu proposta da Importadora Americana<sup>122</sup> para trabalhar na cidade de Porto Alegre. A escolha recaiu sobre a

<sup>121</sup> O transatlântico Giulio Cesare, de 1951, um dos mais conhecidos entre os que gostam de navios de passageiros, na linha da América Latina, em 1952. (PORTOGENTE.COM. BR).

<sup>122</sup> A Importadora Americana foi fundada em 1938 em Porto Alegre / RS, com objetivo de indústria e fabricação de rádios, máquina de costura, entre outros produtos. Na década de 1960 ingressou na comercialização de aços, cujos principais fornecedores são a Usiminas, a CSN e a Gerdau, entre outros. (IMPORTADORAAMERICANA.COM. BR).

capital gaúcha, porque, ao olhar o mapa, eles viram a Lagoa dos Patos e pensaram que fosse o mar, o que os incentivou a optarem pela cidade (URIARTE, 2007, p. 4-5).

A Importadora Americana financiou a mudança, forneceu moradia e carro para a família que foi residir na Av. Brasil, perto da Praça Pinheiro Machado, no Bairro São Geraldo. “No início estranhei que a alimentação era sempre a mesma, bife, feijão, arroz branco e batatinha frita. Na Itália não se comia arroz branco. O arroz vem no risoto, só nele”; também havia feijão de diversas variedades, porém nunca tinha visto feijão preto por lá. Recorda que, quando veio para o Brasil, falavam que ela ia sentir saudades da Itália. Fala que nunca sentiu falta de lá, porque esta era uma terra de progresso, uma terra bendita para ela (URIARTE, 2007, p. 4-5).

Figura 109 – Importadora Americana – 1955



Fonte: Almanaque do Correio do Povo (1955).

Arrumou trabalho na Importadora Americana, no setor de desenho, onde conheceu o marido, um espanhol que elaborava projetos para a empresa. Ela entrou na empresa como auxiliar de desenho no mesmo setor do futuro marido. Conta que eles casaram na Igreja São Geraldo e que o marido sempre proporcionou uma vida boa, já que sua atividade era bem remunerada. Lembra que o marido, depois do casamento, se formou em engenharia mecânica pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Em 1962 o marido foi trabalhar na empresa Rossi<sup>123</sup>, onde implantou a fundição e depois a microfusão. Na época, a Rossi chegara a ter 2.000 operários. Ali ele permaneceu trabalhando por trinta anos, até se aposentar. Nidia

<sup>123</sup> Amadeo Rossi S.A. (ou simplesmente Rossi) é uma fabricante de armas brasileira, fundada em 1889, em São Leopoldo, RS. Famosa pela produção das clássicas garruchas, revólveres adotados em todo o país por civis e forças de segurança e suas armas exportadas mundialmente. É considerada uma das maiores fabricantes de armas do Brasil. (ROSSIUSA.COM).

retornou à Itália a passeio pelo menos umas dez vezes. Ela e o marido tiveram três filhos. Acredita que existem muitos imigrantes que não tiveram a sua sorte, pois conheceu alguns que precisaram voltar para a Itália (URIARTE, 2007, p. 6-8).

### 2.1.7 Região Friuli-Venezia Giulia

#### a) Valéria Novak Paskulin

Valéria Novak Paskulin<sup>124</sup> nasceu em 1930, em Trieste, norte da Itália. Trieste foi cidade eslovena até o fim da Segunda Guerra Mundial; depois, por acordos políticos, se tornou território italiano. Em 1947, foi estabelecido que a região fosse território livre e dividido em duas zonas: Zona A, que incluía a cidade de Trieste, passou a ser administrada pelos britânicos e americanos; e a Zona B, que seria administrada pelo Exército Nacional Iugoslavo. Em 1954, um acordo entre Itália e Iugoslávia foi assinado em Londres e a administração provisória da região passou à Itália e à Iugoslávia.

Figura 110 – Trieste



Fonte: NYTIMES.COM.

Como o local está situado próximo à fronteira com a Slovênia, falavam três idiomas, o francês, o italiano e o esloveno, mas no colégio eram obrigados a falar italiano. Como era uma zona de fronteira, os moradores da região tinham que saber se comunicar em pelo menos duas

<sup>124</sup> Depoimento coletado em 2010, pela acadêmica Cristiane Rolsing Teixeira. Não foram capturadas imagens nem da depoente no dia da entrevista, nem do seu acervo particular.

línguas. “*Meus pais falavam esloveno, mas quando eu frequentava a escola era obrigada a saber italiano, então tinha que saber me virar.*” (PASKULIN, 2002, p. 1).

Valéria recorda o tempo da guerra, quando ela tinha dez anos de idade, e havia carestia e racionamento de alimentos: “[...] *o pão era racionado, a mãe dava cada pãozinho que era de cento e cinquenta gramas e dizia: olha esse aqui é pra você, não tem mais nada*” (PASKULIN, 2002, p. 2). Durante a guerra os nazistas ocuparam a região, se alojando nas casas dos moradores locais:

*Dentro da minha casa veio um oficial alemão, dormia lá num quarto que era da minha irmã. Não sei quantos meses ficaram lá. Acredito que fosse da SS (Tropa de Elite), devia ser austríaco, porque era uma pessoa que se podia conversar. Um dia ele foi transferido para outro lugar.* (PASKULIN, 2002, p. 7).

Também fala das perdas:

*Faltavam poucos dias para terminar a guerra quando os alemães mataram o meu irmão, que era partigiano<sup>125</sup>, aquele que protestava contra o fascismo. [...] Meu irmão foi pego e conseguiu escapar. Tinha 20 anos. Em represália nos levaram como refém, ficamos na cadeia por dois meses, o aprisionaram novamente e o mataram. Ficamos eu, minhas três irmãs e minha mãe sem homem na casa.* (PASKULIN, 2002, p. 2).

Desse modo, quando a guerra terminou, Valéria teve que buscar maneiras de sobreviver. Com 14 anos, conseguiu seu primeiro emprego em um escritório, no qual trabalhou durante dois anos. “*Quando a nossa zona foi considerada Território Livre vieram os aliados e se instalaram na região.*” (PASKULIN, 2002, p. 3). Conheceu seu marido, que morava em uma vila próxima, em 1947; ele tinha prestado serviço militar na Inglaterra e durante a guerra foi feito prisioneiro por três anos. Em 1949, casou-se e, no mesmo ano, recebeu a proposta do dono da empresa para a qual trabalhava para vir para o Brasil. Valéria e o marido partiram da cidade natal em 1951. Ele era técnico de produção de alimentos e foi contratado para montar o maquinário da Fábrica de Massas Adria<sup>126</sup>, em Porto Alegre, no bairro São Geraldo.

<sup>125</sup> Denominação dos membros integrantes do movimento armado de oposição ao fascismo, à ocupação da Itália pela Alemanha nazista e à República Social Italiana – fundada por Benito Mussolini em território controlado pelas tropas alemãs durante a Segunda Guerra Mundial. Utilizavam tática de guerrilha na região da campanha e das montanhas, onde era fácil encontrar esconderijo, e nas zonas urbanas; após os ataques se misturavam as pessoas comuns. (CIUFOLETTI et al, 2008, p. 314).

<sup>126</sup> A fábrica de massas Adria surgiu da experiência de um grupo de jovens imigrantes italianos que, inspirados na culinária de seu país, trouxeram para o Brasil a tradição de uma região famosa pelas melhores massas: a região norte da Itália, próxima ao Mar Adriático. O nome “Adria” surgiu em referência a esse mar (Adriático). Na primeira metade da década de 50, a meta prioritária do governo era intensificar a industrialização no Brasil. Foi nesse cenário que a Adria foi fundada, em 1951, implantando sua primeira fábrica no bairro de São Geraldo, em Porto Alegre, no Rio Grande do Sul. (MUNDODASMARCAS.BLOGSPOT.COM.BR).



Figura 111 – Panorama de Trieste



Fonte: MISTERKAPPA.IT.

Iniciou a viagem em Trieste, com os preparativos para ir até Gênova, onde embarcou no navio. Durante o percurso passou por Nápoles, Portugal, Rio de Janeiro, Santos. O trajeto de Santos a São Paulo foi de automóvel e de lá até Porto Alegre viajaram mais três horas de avião. Chegando à capital gaúcha foram residir na Av. Polônia, no Quarto Distrito, em uma casa nos fundos da fábrica que ficava na Ernesto da Fontoura, onde criaram os filhos e viveram por 27 anos. Valéria conta que, logo após a chegada, foram fazer um passeio de campo nos arrabaldes da cidade de São Leopoldo. O objetivo do passeio era para tirar fotografias que seriam enviadas para os parentes que haviam ficado lá na Itália. Nesse sentido:

A imagem produzida pelos imigrantes sobre o seu cotidiano durante o processo migratório reforça os vínculos indicando aspectos do dia-a-dia, comportamentos e conquistas. Ao mesmo tempo registra as mudanças vivenciadas num determinado tempo e espaço de um contingente de pessoas que ao atuar no novo lugar modificam seu aspecto, reestruturam seus hábitos e atitudes criando novos padrões de comportamentos individuais e coletivos. (SILVA, 2008, p. 193).

A fotografia também pode ser entendida como atestado de bem-estar, conectando os parentes de origem ao novo local de moradia daqueles que partiram em busca de uma vida melhor. Na medida em que ela, a imagem, reproduz o cenário de exuberância natural, reforça representações paradisíacas construídas a respeito do local de chegada. Entre os aspectos cotidianos estão àqueles ligados à tranquilidade e à segurança familiar que aparecem na fala de Valéria quando ela menciona que na rua onde ela morava “[...] *tinha na frente da casa a Praça São Geraldo, as crianças iam à pracinha e eu acompanhava olhando da janela da casa, a gente deixava o portão aberto, não tinha o pavor que tem agora onde todo o pátio tem que estar gradeado*” (PASKULIN, 2002, p. 4). Essas passagens apontam para o fato de que

A cada invocação a memória recebe uma nova roupagem, adquirindo características peculiares; está sempre em intensa reconstrução a partir da

visão do mundo atual. Os fatos passados, embora pareçam evidentes, ao serem revistos já não apresentam a mesma interpretação do passado, modificam-se com o tempo e pela atribuição de novos valores e juízos sociais. (BONAFÉ, 2007, p. 29).

Quanto ao lazer, Valéria conta que se divertia com os amigos que conquistara quando chegara à cidade. Juntos caminhavam na praça, dançavam nos bailes e passeavam na praia. Recorda que não tiveram dificuldades e nem sofreram nenhum tipo de discriminação; entretanto, fala que sabe de histórias de imigrantes que viveram no tempo da guerra e enfrentaram algumas restrições, tanto na área social como na financeira. Valéria recorre ao testemunho de sua experiência anterior e de outros indivíduos que indicam ou destacam aspectos a serem observados (SCHIMIDTI; MAHFOUD, 1993, p. 285).

Nessa interlocução podem ser identificados alguns fatos relacionados às lembranças de outros imigrantes, o que remete a uma memória social e, como todas as atividades humanas, podem ser compartilhadas com o mesmo grupo ou com outros, entretanto ela só se materializa nas reminiscências e nos discursos individuais (PORTELLI, 1996, p. 127). Seu depoimento apresenta aspectos culturais relativos tanto à origem e à identidade quanto ao sentido de pertencimento, quando Valéria afirma:

*Como eu disse eu morava numa fronteira. Quilômetros acima era fronteira com a Eslovênia e mais acima era a Áustria. Então os dois locais tinham pontos de vista diferentes. No tempo da guerra tinha os nazistas, da Áustria, os fascistas e a Opera Nazionale, balilla. Nós sempre em casa falávamos com minha mãe, em esloveno, mas fora de casa tínhamos que falar italiano. Eu sou uma mistura. E quando vim para cá disse: pelo menos aqui, ninguém vai me dizer para falar isso ou aquilo. (PASKULIN, 2002, p. 7).*

Os aspectos acima relatados trazem à tona questionamentos relativos ao pertencimento de um grupo étnico organizado socialmente. Ou seja, são ângulos relacionados com as vivências de cada indivíduo dentro de um grupo étnico. Os grupos étnicos são “[...] categorias de atribuição e identificação realizadas pelos próprios atores e, assim, têm a característica de organizar a interação entre as pessoas” (BARTH, 1998, p. 189). O relato de Valeria permite atribuir uma categoria étnica “de si para si” ou “que os outros atribuem para ele” e acabam sendo externados através da fala e de signos.

Através de seu depoimento se percebe que Valéria não se identifica com nenhum dos grupos de convívio, nem italianos, nem eslovenos e nem porto-alegrenses. Para ela o lugar a que pertence é onde ela se encontra no presente. Entretanto, sua narrativa evidencia as práticas da dominação experimentadas na infância pela depoente que afetaram seu sentimento de identidade e de pertencimento a um grupo específico. Provavelmente o fato de Valeria ter vivido numa época de conturbações políticas e incertezas geográficas tenha influenciado esse

sentimento de não pertencimento a lugar nenhum, transitando dentro de fronteiras<sup>127</sup> indefinidas. Contudo, o espaço geográfico, ou seja, o lugar onde ela nasceu e se criou, está materializado em suas lembranças. Isso se constata quando ela relata sua chegada à capital gaúcha, traçando uma paisagem comparativa entre o local de partida e o local de chegada.

*Quando cheguei encontrei poucas pessoas da minha região, mas também é compreensível já que nós éramos poucos, daquela zona. A maioria dos que estavam aqui ou eram da baixa Itália ou lá de Milão, a parte alta. [...] fizemos amizade com italianos vindos de outras regiões, pois, da nossa zona, a maioria foi para a Austrália. (PASKULIN, 2002, p. 7).*

Quando vieram não faziam nenhuma ideia sobre o lugar, olharam o mapa, viram o lago Guaíba e acharam que a cidade ficava junto ao mar. Como o marido havia se criado em zona litorânea e sentia muita falta da sua terra, optaram por Porto Alegre, já que se assemelhava geograficamente com Trieste.

Figura 112 – Porto de Trieste – Itália



Fonte: BETASOM. IT.

Figura 113 – Ponte móvel do Guaíba – 1955



Fonte: GUASCATUR.COM.

Na cidade de Porto Alegre levava uma vida tranquila, que durou até 1978, ano em que a empresa onde o marido trabalhava foi vendida. Com a mudança de administração muitos funcionários foram despedidos, entre eles seu marido, que conseguiu novo trabalho na Fábrica de Massas Coroa, onde ficou até se aposentar. Também recorda que desejava voltar para a Itália, entretanto quando estava lá não via a hora de retornar ao Brasil. *“Minha casa está lá, mas não moro mais lá, moro aqui, meus afetos e desafetos estão aqui, toda minha vida está aqui.”* (PASKULIN, 2002, p. 6).

<sup>127</sup> “A fronteira é uma zona de articulação entre diferentes culturas, etnias, povos e modos de vida que deseja e enseja o contato e a transculturação. A sua riqueza consiste em possibilitar os processos de intercâmbios entre os homens, e entre os homens e o meio em que vivem.” (NUNES, 1996, p. 35-71).

Figura 114 – Adria Massas Alimentícias – calendário – propaganda antiga (frente e verso)



Fonte: PRODUTOMERCADOLIVRE.COM. BR.

## 2.1.8 Região da Campania

### a) Teresa Mazzeo Lettieri

Teresa Mazzeo, filha de Francesco Mazzeo e Carmela Viterale, nasceu em Rofrano, Província di Salerno<sup>128</sup>, no dia 04 de dezembro de 1942. Rofrano é uma comuna italiana da região da Campania, que se estende por uma área de 58 km<sup>2</sup>. Na localidade Teresa viveu a infância e adolescência, fez as primeiras amizades e cursou as séries iniciais. Também em sua terra conheceu a dureza do trabalho no campo e a falta de perspectiva, o que fez com que ela fosse impulsionada, como outros tantos de sua cidade, a imigrar em busca de um futuro melhor.

Em 1961, aos dezenove anos, saiu da sua terra com destino ao Brasil antes do Natal, por que a localidade era pequena e não tinha uma indústria ou local para trabalhar. Quando partiu não conhecia nada sobre o Brasil, mas veio com esperança de melhorar de vida. O pai não queria que ela partisse, entretanto, a falta de perspectiva em sua terra acenava junto com a possibilidade de mudança, já que no local onde vivia o trabalho se resumia à roça. Tereza lembra que muita gente partia da cidade em busca de melhores condições de vida. “*De madrugada saíam ônibus cheios, com destino ao Brasil, Argentina e Austrália. Muitos patrícios ficavam na cidade de São Paulo, onde já havia um maior número de imigrantes vindos lá da minha cidade.*” (LETTIERI, 2010, p. 6).

<sup>128</sup> “Durante a Segunda Guerra Mundial, Salerno foi bombardeada pelas forças aliadas, que desembarcaram no dia 8 de setembro de 1943 nas praias da cidade. Logo, a cidade obteve um novo aspecto, hospedando a sede do governo entre 10 de fevereiro e 15 de julho de 1944 (com Badoglio como primeiro ministro).” (ITALIAMIX.NET.BR).

Figura 115 – Rofrano – Itália



Fonte: GIORNALEDELCELENTO. IT.

O acordo de 1950, firmado entre Brasil e Itália, facilitou o seu deslocamento. Lembra que veio porque o governo italiano se responsabilizava pelo transporte e o governo brasileiro garantia trabalho, já que o país estava em franco desenvolvimento e necessitava de mão de obra para suprir a demanda de mercado. Contudo, chegando ao Brasil não existiam as vagas de trabalho prometidas e os imigrantes tinham que enfrentar as dificuldades e limitações decorrentes do idioma e procurar seu próprio espaço no mercado de trabalho. Embora os imigrantes na maioria viessem para buscar melhores condições de vida, Teresa recorda que na época “[...] *muita gente também imigrava para saber como era do outro lado oceano, por curiosidade para ver o que encontrariam no Brasil, se era tudo aquilo que falavam na Itália, uma terra de fartura onde todos progrediam*” (LETTIERI, 2010, p. 1), o que demonstra que em algumas situações os imigrantes vinham impulsionados pelo espírito aventureiro.

Teresa veio sozinha, saiu de sua terra natal para não voltar, sem nenhum suporte familiar, veio atendendo ao chamado de uma amiga de infância. “*Estudávamos juntas. Ela tinha os irmãos que já estavam morando na cidade de Porto Alegre. Os irmãos mandaram buscá-la. Dizia antes de vir que quando estivesse no Brasil mandaria me buscar. A amiga providenciou toda a documentação necessária para a minha vinda e nos encontramos aqui no Brasil.*” (LETTIERI, 2010, p. 1). Chegou à cidade de São Paulo em janeiro e de lá rumou para Porto Alegre, onde foi residir no Bairro Floresta.

Um mês depois da chegada começou a trabalhar na fábrica de Massas Adria, uma fábrica italiana localizada na Ernesto da Fontoura, por indicação dos parentes da amiga. Acredita que arrumou serviço porque era italiana como a maioria dos funcionários, das chefias e dos proprietários. Permaneceu na empresa durante um ano, até seu casamento com Salvatore Lettieri, em dezembro de 1962. Conta que não continuou na empresa porque esta não admitia mulheres casadas e algum tempo depois foi despedida (LETTIERI, 2010, p. 2-3).

Como o marido ganhava pouco e eles pagavam aluguel ela arrumou trabalho na Fabrica de Massas Damiani<sup>129</sup>, também de propriedade de italianos, que ficava na Av. Pernambuco. Entretanto, a chefe de sessão descobriu que ela era casada por intermédio da delação de outras colegas que haviam trabalhado na Adria e ela foi despedida<sup>130</sup>. O que demonstra também que os imigrantes lançavam mão de artifícios ilegais quando se viam em dificuldades. Teresa fala que ela e o marido passaram muito trabalho no começo, “[...] *a gente achava que ia ser outra coisa. Achava que ia viver melhor, passamos trabalho*” (LETTIERI, 2010, p. 3). A

Tereza aponta para fato de que nem todos os italianos lograram sucesso; muitos vieram despreparados, na expectativa de uma vida melhor. Na capital gaúcha, que passava por uma dinâmica de transformação, aqueles que vieram sem qualificação, oriundos de regiões rurais, se deparavam com subempregos, onde a remuneração era ínfima e as condições de moradia péssimas. Além disso, no mesmo período houve uma intensa imigração interna, que provocou, além do aumento da população urbana, uma grande oferta de mão de obra com pouca qualificação.

Apesar das dificuldades foi aprendendo a falar o idioma, por que as pessoas de seu relacionamento eram na maioria brasileiros. Desse modo, ela foi ampliando o círculo de amizades no local de chegada e começou a trabalhar por conta, vendendo Avon e outras coisas que carregava em uma sacola. Tereza conta que no início moravam de aluguel em uma pecinha de madeira. Os donos eram italianos e era uma casa comprida, com entradas independentes, onde moravam três famílias. Seguidamente havia confusão entre os moradores sobre a distribuição entre eles da luz e da água. Mais tarde compraram um terreno com uma casinha de madeira no Bairro Chateaubriand e aos poucos foram melhorando.

Anos depois, souberam que as condições de vida estavam melhores na Itália e resolveram fazer o caminho inverso. Decidiram retornar para trabalhar temporariamente. Ficaram na Itália por dois anos, juntaram dinheiro e voltaram ao Brasil, onde, com o dinheiro amealhado, reformaram a casa e compraram um Fusca e a partir de então começaram a melhorar de vida (LETTIERI, 2010, p. 5-7). De um modo geral o projeto migratório está assentado em três pilares: emigrar, ganhar dinheiro e retornar em condições econômicas melhores. O retorno é constitutivo do projeto migratório, mesmo que ao longo do tempo não

---

<sup>129</sup> “Fábrica pertencia ao avô do Prof. Dr. Irajá Damiani Pinto, professor de Ciências Naturais da UFRGS. Em algumas incursões de pesquisas o Dr. Irajá utilizava o caminhão da fábrica, conforme se verifica no acervo do museu.” (MUSEUMIN.UFRGS.BR).

<sup>130</sup> A empresa assinou sua carteira de trabalho, pois ela ainda não havia alterado seu nome, que constava como solteira.

se concretize. Esse movimento populacional produz marcas no território de origem, de destino e nos sujeitos que dele participam.

Retornar é mais difícil que partir, é uma frase recorrente entre os emigrantes. Entretanto, esse princípio de retorno definitivo não existiu para Tereza, visto que, quando veio para o Brasil, não tinha a intenção de retornar à terra natal. Entretanto, suas pretensões de melhorar de vida não alcançaram suas expectativas. Como eles mantiveram laços de ligação na Itália tiveram notícias do desenvolvimento crescente e por isso resolveram fazer o caminho inverso, em busca de recursos para melhorar suas condições de vida no Brasil.

### **b) Nidia Giordano**

Nidia Giordano nasceu no ano de 1940, em Pocillipo, bairro residencial de Nápoles, no sul da Itália, localizado ao longo da costa norte do Golfo de Nápoles. Filha do Maestro Alfredo Giordano<sup>131</sup> e de Elisa Di Pinto veio com a mãe e os irmãos para o Brasil aos oito anos de idade, depois que terminou a Segunda Guerra. Embora com tenra idade, Nidia lembra alguns episódios da guerra, nos quais a cidade foi bombardeada, e que ficaram gravados em sua memória. Algumas lembranças são de fatos vividos evocados por ela, outras são lembranças transmitidas, que dizem respeito às experiências da mãe e da avó.

Figura 116 – Nidia Giordano e a filha Marina



Fonte: Acervo do LAPHO.

Os episódios narrados, relativos aos bombardeios da cidade, dos quais ela não sabe a data do ocorrido, mas deixaram marcas profundas que a acompanham até hoje. O primeiro

---

<sup>131</sup> O Maestro o é referido como uma das revelações da Rádio Difusora de Santa Cruz. (DIFUSORASANTACRUZ1180.COM.BR).

deles refere-se aos alertas das sirenes avisando dos bombardeios e o retorno às casas ou ao que sobrou das construções:

*Nunca esqueço que a gente subiu, pois a casa tinha mais um andar e a nona falava assim: Meu Deus! Todo mundo impressionado que tinha ficado tudo ruído, tinha uma parte do primeiro andar que estava só o piano, uma caminha que era minha, estava cheia de pedras e do lado do piano um copo que a mãe me dava com fragula também cheio de terra com a fruta ao lado. (GIORDANO, 2014, p. 1).*

Outro foi quando bombardearam a cidade:

*Todos estavam no abrigo e uma das bombas estourou a tubulação que passava pelo córrego, as águas subiram transbordando rapidamente e a mãe caiu com a força da água segurando os filhos para não morrerem. A água nos arrastou por dentro dos tubos com a mãe segurando eu com dois anos num braço e meu irmão com ano e pouco no outro braço. No percurso passávamos por pessoas mortas boiando enquanto a mãe gritava “aiuto<sup>132</sup>”! Até que veio o socorro com um soldado alemão. Eles gritavam “lasce, lasce” para ela largar os filhos, mas ela relutava. Depois de muito tempo amarraram uma corda nos três e puxaram para cima. (GIORDANO, 2014, p. 2).*

Figura 117 – Nápoles – Atentado de 1943<sup>133</sup>      Figura 118 – Nápoles – Pocillipo – 1950



Fonte: NAPOLIUNPLUGGED.COM.



Fonte: EBAY. IT.

Nápoles, durante a Segunda Guerra Mundial, foi a cidade italiana que sofreu maior número de atentados, com aproximadamente 200 ataques aéreos dos aliados (incluindo reconhecimento e bombardeio), com um número de mortos estimado entre 20 e 25 mil pessoas, a maioria delas civis.

Algumas lembranças dessa época se perderam na memória; no entanto, em Nidia ficaram traumas da guerra, que se manifestam fisicamente até hoje; por exemplo, quando

<sup>132</sup> Socorro.

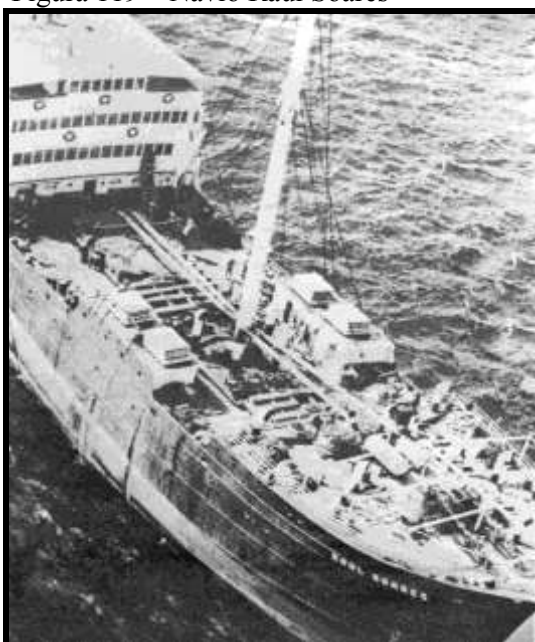
<sup>133</sup> Foto tirada no território italiano, que pertence ao domínio público, porque os direitos reservados expiraram antes de 1995, há mais de vinte anos, segundo as leis italianas. (NAPOLIUNPLUGGED.COM).



pressente sinal de perigo seu corpo se contrai e ela agacha até o pavor passar. Provavelmente esse ato instintivo de medo e autoproteção decorra do barulho dos bombardeios e dos aviões no momento dos ataques na cidade (GIORDANO, 2014, p. 2).

Entre as lembranças marcantes da infância de Nidia estão àquelas relacionadas ao pai e à mãe. O pai passava viajando em turnês, tocando piano. Quando retornava sempre trazia presentes e balas, entretanto, estava ausente a maior parte do tempo e quem cuidava do sustento da casa era sua mãe. Quando terminou a guerra o pai veio para o Brasil juntamente com dois tios, depois de estabelecido chamou a família para junto dele (GIORDANO, 2014, p. 2).

Figura 119 – Navio Raul Soares<sup>134</sup>



Fonte: MEMORIASANTISTA.COM. BR.

A mãe providenciou os papéis com o governo italiano e embarcou com os filhos, em 1948, para o Brasil. No transcurso da viagem fizeram um transbordo para o navio Raul Soares e desembarcaram no porto de Santos, onde o pai os esperava e ali ficaram residindo até a separação dos pais, que ocorreu três anos depois (GIORDANO, 2014, p. 3).

---

<sup>134</sup> “O ‘Raul Soares’ foi construído no ano de 1900, pela empresa alemã Hamburg-Sud. Batizado como Cap. Verde, tinha a função de transportar imigrantes da Europa para a América do Sul. Em 1925, foi adquirido pelo Lloyd Brasileiro a denominação foi dada em homenagem ao primeiro ministro civil da Marinha Brasileira (*Raul Soares de Moura, 1877-1924*). Aqui se tornou responsável pela condução de muitos migrantes que vinham do Norte e Nordeste do país para o Porto de Santos.” (MEMORIASANTISTA.COM.BR).

Figura 120 – Elisa Di Pinto e Maestro Alfredo Giordano



Fonte: Acervo do LAPHO.

Para manter economicamente a família, durante muito tempo escreveu crônicas para a Revista Grande Hotel. Nidia conta que, na folha do meio, tinha histórias verídicas, só mudava o nome (o autor usava pseudônimo). “*Geralmente eram histórias da guerra que ela escrevia. Naquela época tinha que entregar os manuscritos em mãos na editora. [...] acho que nem à máquina era o texto era escrito à mão*” (GIORDANO, 2014, p. 4). Foi nessa época que conheceu Francisco Gutierrez, com quem casou contrariando a vontade da família dele, que, além de ter uma posição social definida, não aprovava o casamento com uma moça mais velha, que já tinha filhos Nidia lembra que a mãe exerceu várias atividades de trabalho, teve uma revenda de joias, uma pensão, um armazém, uma pequena loja (armarinho) e ainda ministrava cursos. Tudo lá na cidade de São Paulo (GIORDANO, 2014, p. 4-5).

Figura 121 – Revista Grande Hotel – 1956 – Editora Vecchi Ltda.



Fonte: ASFOTONOVELAS. BLOGSPOT.COM.BR.

Francisco rompeu relações com a família e, como era contador, foi convidado pelo cunhado Rômulo a integrar a sociedade da oficina mecânica Estrela D'Italia, o que aceitou de pronto, entrando com capital em espécie. Passados alguns meses Francisco percebeu que o

cunhado estava subtraindo dinheiro do caixa. Houve discussão acirrada a qual sua mãe encerrou, dizendo que entregaria o assunto nas mãos de Deus e que este o castigaria. Acontece que o sobrinho que estava a caminho da oficina sofreu um acidente e morreu na mesma hora. O irmão da mãe a responsabilizou pela morte do filho, atribuindo a morte às palavras da mãe de Nidia, chamando-a de bruxa e jurou matar um dos filhos dela.

*A partir dali, eu tinha na época uns 12 anos, em 1952, uma semana depois nós mudamos de Santos e viemos para o sul. Primeiro para Porto Alegre e depois meu pai conseguiu emprego em Pelotas, aí o tio descobria, não sei como se pela escola onde nós estávamos. Então a minha mãe trocou o nome, falsificando a certidão para o tio não descobrir e também se ele a denunciasse, ela tinha casado com o seu Francisco, quando ainda estava casada com outro Alfredo Giordano, o pianista. Ela poderia ser presa como bigama. (GIORDANO, 2014, p. 5).*

A família tinha um amigo em Santos que avisava quando o tio descobria onde estavam e, como não tinham paz, resolveram mudar para Montevidéu. Começou uma vida completamente diferente, onde a mãe alterou inclusive os nomes nas certidões de nascimento. Em Montevidéu foram morar em um cortiço junto com outras famílias e o pai não podia trabalhar como contador por causa do idioma. Ele foi trabalhar de lava pratos, ajudante em um restaurante. A mãe, que nunca tinha lavado uma roupa, comprou uma máquina de lavar roupas e começou a lavar umas camisas para uns rapazes. “*A gente foi sobrevivendo lá e a vingança do tio caiu no esquecimento. Nunca mais vimos esse tio.*” (GIORDANO, 2014, p. 5).

Figura 122 – Nidia e Alberto Gutierrez



Fonte: Acervo do LAPHO.

Nesse período Nidia já estava com 17 anos e conseguiu seu primeiro emprego, de acompanhante de uma senhora idosa. Posteriormente foi trabalhar como atendente em uma sorveteria onde conheceu marido, Alberto, um uruguaio com quem se casou mais tarde. Como o pai não conseguia trabalho em Montevideu a família resolveu voltar para o Brasil. Fizeram um sorteio para verem em que lugar iria morar e caiu a cidade de Maringá, no Paraná. Na época já fazia um ano que Nidia namorava Alberto e ele resolveu vir junto para o Brasil. Logo que chegaram ao destino, o pai arrumou trabalho e ela se casou com Alberto. Pouco tempo depois do casamento Nidia e o marido vieram para Porto Alegre porque o marido era técnico em motores de avião e arrumou trabalho na Varig (GIORDANO, 2014, p. 6-7).

Alberto fez cursos de aperfeiçoamento e trabalhou na COENSA<sup>135</sup> e na SIEMENS<sup>136</sup>, empresas que se localizavam na cidade de Canoas, enquanto a família morava na capital. Anos depois conseguiu emprego na cidade de São Paulo, como chefe da equipe de engenheiros de uma empresa alemã de containers, chamada Fruenhauer. Nidia trabalhava em casa, vendia perfumes roupas etc., sempre achava um jeito de ajudar a complementar a renda familiar. Com o marido desempregado resolveram investir num antigo sonho, que era montar o próprio negócio. Fundaram uma fábrica de miniaturas de desenho animado como Popeye e Olivia Palito. Atendiam pedidos e forneciam para as lojas de departamento, como a Loja Brasileira, por exemplo, chegando a ter em torno de trinta funcionários. Entretanto, por falta de estrutura e capital de giro ficaram impossibilitados de atender tanta demanda e fecharam as portas, encerrando as atividades (GIORDANO, 2014, p. 8).

Quando Alberto faleceu a família já tinha retornado para Porto Alegre e Nidia passou a receber uma pensão, entretanto, os trâmites legais demoraram e o valor começou a ser depositado seis meses após a solicitação do benefício. Enquanto isso, Nidia trabalhava por conta, fazendo massagem estética, cabelos, limpeza de pele e maquiagem. O que foi possível

---

<sup>135</sup> Empresa italiana Coemsa, instalada em Canoas (RS) no ano de 1961 para atuar no mercado de equipamentos elétricos pesados (SILVA, 2005 apud SILVA, 2014, p. 76).

<sup>136</sup> “A *Siemens and Halske Telegraf Building Company* foi fundada no dia 12 de outubro de 1847 na cidade de Berlim na Alemanha pelo jovem engenheiro e inventor Werner von Siemens, pelo mecânico Johann Georg Halske e por Johann George Siemens para instalar linhas telegráficas e fabricar o produto que desenvolveriam no ano anterior, o telégrafo de ponteiro. Durante a Segunda Guerra Mundial a empresa passou por grandes dificuldades, amargando perdas enormes e vivendo os piores momentos de sua gloriosa história. Novamente com as importações prejudicadas, a produção regional se tornou iminentemente necessária. Para manter os estoques, a SIEMENS montou várias oficinas de manufatura voltadas para seu próprio consumo. A empresa passou a produzir eletrodos, disjuntores e transformadores em lugares onde antes apenas os instalava. Com o fim da guerra, a SIEMENS foi aos poucos sendo reorganizada e praticamente sendo reconstruída. Com o boom econômico vivenciado no período pós-guerra, a empresa resolveu investir em outras áreas de negócios, como em 1957, quando fundou a divisão elétrica Siemens-Electrogeräte AG responsável pela fabricação de eletrodomésticos e aparelhos elétricos.” (MUNDODASMARCAS.BLOGSPOT.COM.BR). “No Rio Grande do Sul a empresa foi fundada em Canoas, em 1964, com a razão social de Iriel Indústria e Comércio de Sistemas Elétricos Ltda. – com linhas de produção: Interruptores e tomadas e centros de distribuição de energia elétrica.” (RELATORIOANUAL2013.COM.BR).

porque ela havia se capacitado nos cursos profissionais oferecidos pelo Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial – SENAC. Aproveitando a clientela também vendia roupas e produtos de beleza da marca Natura e fazia comida italiana congelada e vendia salgados e alimentos sob encomenda, como raviólis, massas e molhos. Além disso, trabalha até hoje como *free lancer*, integrando a equipe de uma agência de modelos onde faz propagandas em revistas, desfiles de modas e participações como atriz figurante em peças de teatro. Nidia teve três filhos; a mais velha, Marina, que mora nos Estados Unidos; Tito, que mora na capital de São Paulo; e Bruna, que mora com ela em Ipanema até hoje (GIORDANO, 2014, p. 9).

Figura 123 – Nidia em alguns de seus trabalhos<sup>137</sup>



Fonte: Acervo do LAPHO.

A história de Nidia se assemelha à de sua mãe no que se refere à presença de espírito. Ficou em sua memória a capacidade de sua mãe de suprir as necessidades da família, superando as dificuldades e criando situações novas para resolver os problemas que surgiam: a mãe de Nidia foi professora de italiano e também ministrava cursos de artesanato na cidade de São Paulo e do interior paulista. No interior ela falava com o padre e o prefeito, oferecendo cursos que seriam ministrados por ela, dos quais a renda arrecadada era dividida entre ela e a igreja. Após fechar as turmas ela viajava para São Paulo e se capacitava em dez dias para ministrar os cursos nas cidades das quais já tinha combinado com o padre ou prefeito.

Quando não via saída para ganhar dinheiro criava uma demanda ou inventava um produto que não estava no mercado. Feito isso mandava os filhos procurarem o produto nos mercados próximos; ela então o produzia, levava o produto no armazém e oferecia ao dono que comprava todo o sortimento, pois os “clientes” já estavam procurando (GIORDANO,

<sup>137</sup> Desfilando, fotografando para propaganda em revistas e atuando como figurante de teatro.

2014, p. 7-8). A mãe de Nidia, para alcançar seus objetivos e poder manter a família, utilizava artifícios pertinentes aos empreendedores, ou seja, identificava e produzia a necessidade de um produto ou serviço que não existia no mercado até aquele momento.

Quadro 3 – Imigrantes italianas – empresas e atividades de trabalho

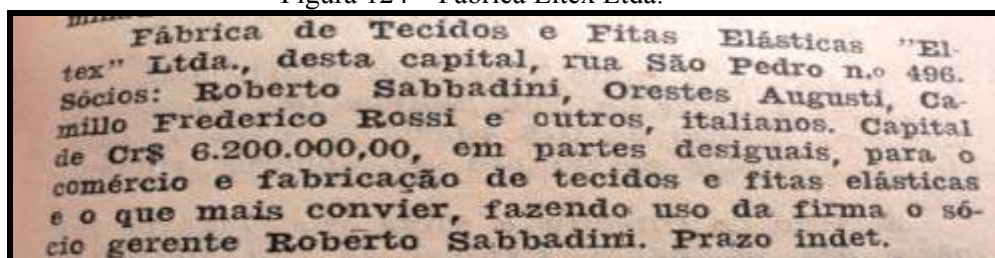
Nome	Local de Origem	Ano da imigração	Ramo de trabalho	Empresa
Iole Tredice	Pescia, Província de Pistóia – Região da Toscana.	1948	Doméstica	Dona de casa Ajudava o marido na administração de hotel e pensão
Maria Di Gesù	Morano-Calabro/Calábria	1947	Musicista (Violinista) Artista plástica Restauradora	Profissional liberal
Dalva Di Martino Cassará	Morano Calabro	1948	Professora	ACIRS
Amalia Morelli Aita	Morano Calabro	1950	Atendente	Açougue e fiambreteria Sapataria
Valeria Novak Paskulin	Trieste – Região de Friuli-Venezia Giulia	1951	Doméstica	Massas Adria
Francesca Coniglio Ducceschi	Palermo/Sicília	1948	Assistência social Artes plásticas Educadora	Hospital, Profissional Liberal, Governo do Estado.
Nidia Giordano/Lidia Gutierrez	Posillipo Napoli	1948	Atriz, modelo fotográfico e manequim.	<i>Free Lancer</i>
Maria Cristina Liberatore Prando	Ateleta/Abruzzo	1953	Professora	Italiano
Vincenza Nani	Ragusa Sicília	1954	Produção	Fábrica de Trancelin Fábrica de balas Francisco Romano Laboratório Kraemer Fábrica de massas e confeitaria Cestari
Maria Vinciprova (mãe)	Leonforte/Enna	1955	Produção	Arrozeira Brasileira Renner
Maria Vinciprova Mancuso (filha)	Leonforte/Enna	1955	Advogada	Profissional liberal
Maria Antonina Vinciprova	Leonforte/Enna	1955	Produção	Arrozeira Brasileira Lojas Renner
Epifânia Di Fazio	Leonforte/Enna	1955	Costureira	Arrozeira Brasileira Fábrica de massas Danielli
Clara de Villa Gotter Francia	Costalta di Cadore/Província de Belluno	1950 Brasil 1955 Porto Alegre	Não trabalhava fora Contratou os serviços de empregada italiana	Doméstica
Maria Scavuzzo	Adranno Catânia-Sicília	08/12/1950	Costureira Lojista (proprietária)	Alfaiataria Adriatica Loja Nicoletta
Nidia Bolleta Uriarte	Milão Lombardia (Verona)	1951 1954	Auxiliar de desenho	Vigorelli do Brasil – Jundiá-SP Importadora Americana
Carmela Faro	Passo Picciaro	1957	Balconista	Loja Thilda

Zucallá	Província de Catânia Sicília		Negócio c/ marido	Lojas Renner Armazem e Bazar
Teresa Mazzeo Lettieri	Rofrano Província de Salerno Nápoles	1961	Operária Vendedora	Fábrica de massas Vendas de cosméticos
Maria Faccin	Ponzano, Região do Vêneto Província de Treviso.	1949	Cozinheira	Fábrica de Massas Pappallardo Massas Adria
Carmela Serra Gallicchio	Morano Calabro	1955	Artesã – produzia picolli italiana (meia de lã)	Fazia tricô para fora

### 2.1.9 Notícias de outras italianas em Porto Alegre

Notícias de outras imigrantes que mudaram para Porto Alegre são fornecidas por pessoas que mantiveram e mantém relações sociais e de amizade com as mesmas. Uma destas mulheres é Angelina Maria Landonio Colombo, natural de Marmate, Milão, na Lombardia, filha de sapateiro. Em Milão trabalhava como secretária em uma indústria e mudou-se para o Brasil quando o marido veio trabalhar como técnico da Empresa Eltex S. A. Tecidos e Fitas Elásticas. A fábrica de elásticos se localizava na Avenida São Paulo, 722, no 4º Distrito, em Porto Alegre.

Figura 124 – Fábrica Eltex Ltda.



Fonte: Trabalho, Indústria e Comércio (25 jun. 1949, p. 462(10)).

Figura 125 – Embalagem de elástico



Fonte: Acervo da autora.

Figura 126 – Capa do livro *I Secreti della mia Cucina*



Fonte: LABANDEIBROCOLI.COM

Trouxe como bagagem um baú e o livro *I Segreti della mia Cucina*, indicativo da importância da alimentação para a manutenção de sua cultura. Angelina e o marido logo que chegou à cidade Porto Alegre se integrou ao grupo que participava da Sociedade Suíça. Com espírito empreendedor criou, no início da década de 1960, a Lancol – Indústria e Comércio de Vestuário – Confecções Unissex, localizada na Avenida Pará, pioneira na fabricação de moda praia sob medida. Trouxeram da Itália o estilo e o design e com o tempo acrescentaram toques de brasilidade em suas peças. Com a entrada da segunda geração, a empresa ampliou seus horizontes, iniciando um trabalho de exportação. Hoje a marca é encontrada em países como: Itália, Alemanha, França, Espanha, Canadá, México, Israel e Hong Kong.

Figura 127 – Lancol – Indústria e Comércio de Vestuário – Confecções Unissex<sup>138</sup>



Fonte: MAREBLU.COM. BR.

Angelina teve dois filhos com formação universitária em pela PUCRS. Trabalha até hoje com o marido e nessas cinco décadas a fábrica incorporou mudanças advindas das transformações de mercado. Mudanças que se refletiram, inclusive, na razão social do estabelecimento e definindo novas estratégias de atuação, as quais favoreceram a internacionalização do empreendimento.

Outra italiana que veio para o Porto Alegre foi Edi Stobaus, comadre de Angelina, que veio da Toscana e trabalhava como secretária na Eltéx S. A. Tecidos e Fitas Elásticas. Seu marido, também italiano, tornou-se sócio e fundador da TTL – Transporte e Turismo Ltda. Fundada em 1955, a TTL iniciou seus serviços fazendo o transporte de passageiros em excursões no trajeto Porto Alegre – Montevidéu, percorrendo uma rota de estradas de chão batido e passagens por rios feitas por meio de balsas. As excursões tornaram-se tão frequentes

<sup>138</sup> Sede da fábrica, na Av. Pará, em Porto Alegre.



que motivaram a implantação de uma linha regular e diária neste trajeto, ficando a TTL como a empresa permissionária pioneira neste serviço.

Em 1964 a TTL já inaugurava outro serviço inédito nesta linha e a nível internacional, introduzindo modernos ônibus leito no trajeto Porto Alegre – Montevideu, o que ainda hoje representa opção exclusiva nesta rota. Quando ficou viúva, Edi Stobaus fundou, juntamente com seu filho que possui formação em arquitetura, uma empresa de confecção de miniaturas de maquetes de arquitetura.

Figura 128 – TTL antigo 16 (Salomão Jacob Golandski)



Fonte: SHW. BARRAZABUS.FOTOPAGES.COM.

Outra italiana que se estabeleceu com o marido na cidade de Porto Alegre foi a artista plástica Amélia Testani, que veio de Roma, no Lazio, e fundou, juntamente com o marido, uma fábrica de cabos de vassouras cuja sede se localiza na cidade de Viamão, próximo de Porto Alegre.

Figura 129 – Amélia Testani



Fonte: FACEBOOK.COM.

Não foram encontradas referências sobre as obras de Amélia. As poucas informações conseguidas foram aquelas fornecidas por Vanessa Johnson, que, inclusive, enviou fotos. No conjunto de fotografias é integrado por três imagens: a primeira está uma menina vestida de tirolesa e segurando um tambo de leite tendo como pano de fundo a paisagem a cidade de São Francisco de Paula. Através dos signos presentes nas pinturas percebe-se a aglutinação de duas culturas, da região do tirol, que fica ao norte da Itália, simbolizada pela roupa, e da região da serra gaúcha, simbolizada pelo Pinheiro que aparece ao fundo da imagem. A segunda retrata o rosto de uma menina correndo sobre um campo de trigo. E a terceira é uma paisagem rural reproduzida na cidade de Viamão, no local onde funcionava a fábrica de cabos de vassouras.

Figura 130 – Conjunto de Pinturas de Amélia Testani



Fonte: Acervo particular de Vanessa Johnson.

Já a imigrante Luciana Martelli, oriunda da Lombardia e prima do marido de Angelina Landonio, foi funcionária dos correios italianos e veio para o Brasil junto com o marido, estabelecendo-se na cidade de Porto Alegre. Inaugurou a conhecida Cantina Roma, um dos primeiros restaurantes italianos da capital, situado na Av. Cristóvão Colombo, e também foi proprietária da extinta Casa de Massas Mamma Luciana, na Dr. Valle.

Semelhante à Luciana Martelli, com empreendimento no ramo alimentício, foi Gilda Bianchini, que veio da região do Vêneto – foi uma exímia confeitadeira, dona da extinta Confeitaria Veneto, na Silva Só, perto da Avenida Protásio Alves. A casa era famosa em Porto Alegre pelas tortas cobertas com tecido de chocolate. Gilda morava em Belém Velho e

fazia panetone, amaretti e bigné para vender no fim do ano. Gilda teve dois filhos, a filha não quis seguir o negócio e preferiu viver de renda, dos imóveis que foram adquirindo.

Todos os depoimentos e informações contidos nesta pesquisa apontam para um número significativo de imigrantes trabalhando em Porto Alegre, o que se confirma no levantamento dos registros de casamentos realizados na 1ª, 2ª e 3ª Zona de Porto Alegre. Os referidos quadros ressaltam uma movimentação constante e sistemática de indivíduos provenientes da Calábria e da Sicília, sul da Itália, em direção a Porto Alegre, já constatado por Núncia Constantino e Leonardo Conedera, respectivamente, nos estudos anteriores sobre a presença de calabreses e sicilianos na cidade (CONSTANTINO, 2008; CONEDERA, 2012).

Quadro 4 – Quadro descritivo dos Registros de Casamento – 1ª Zona de Porto Alegre

<b>Nº R. Casamento</b>	<b>Data</b>	<b>Nome da nubente</b>	<b>Idade</b>	<b>Naturalidade</b>	<b>Profissão da Nubente</b>	<b>Profissão do Nubente</b>
36.227	15/01/1955	Giuseppina La Menza	1922	Morano- Calabro	Doméstica	Comerciário
35. 438	12/02/1955	Domenica Forte	1922	Saracena- Calábria	Modista	Padeiro
36.730	16/04/1955	Maria Dapiran	1931	Italia	Doméstica	Indústria
37.945	15/10/1955	Pia Anele	1937	Morano Calabro	Doméstica	Comerciante
39.891	08/09/1956	Clara Mainieri	1927	Morano Calabro	Cirurgiã Dentista	Economista
41.961	S/data	Giuseppina Vitola	1938	Morano Calabro	Domestica	Comerciante
43.461	14/06/1958	Stella Antonio Maurello	1937	Morano Calabro	Doméstica	Industriário
43 492	20/06/1958	Franceschina Cartolano	1932	Morano Calabro	Comerciária	Farmacêutico
44. 549	24/01/1959	Hortencia Guma	1915	Morano Calabro	Bancária	Guarda Livros
4569	12/12/1959	Filomena Romano	1938	Morano Calabro	Doméstica	Açougueiro
46.386	14/07/1960	Nunziata Rosito	1932	Morano Calabro	Doméstica	Comerciário
48.045	22/01/1962	Florenza Gallicchio	1922	Morano Calabro	Doméstica	Comerciante
50.304	21/02/1964	Annamaria Gallo	1932	Italia	Doméstica	Alfaiate
51.043	28/11/1964	Carmela Tiperi	1942	Morano Calabro	Doméstica	Comerciante
51.251	09/01/1965	Domenia Magno		Morano Calabro	Doméstica	Comerciante
57.729	23/01/1971	Maria Tiberi	1945	Moramo Calabro	Professora	Comerciário
61.900	16/03/1974	Francesca Guaragna	1943	Morano Calabro	Dona de casa	Comerciante

Fonte: Elaborado pela autora.

Quadro 5 – Quadro descritivo dos Registros de Casamento – 2ª Zona de Porto Alegre

<b>Nº R. Casamento</b>	<b>Data</b>	<b>Nome da Nubente</b>	<b>Idade</b>	<b>Naturalidade</b>	<b>Profissão da Nubente</b>	<b>Profissão do Nubente</b>
16.826	23/10/1954	Nunziata Teresa Perusino	1931	Morano Calabro	Doméstica	Açougueiro
15.187	19/05/1956	Filomena Blando	1934	Morano Calabro	Doméstica	Comerciante
15.390	14/06/1956	Maria Celia	1917	Italia	Doméstica	Comerciário
15.703	27/10/1956	Paolina Gabrielli	1935	Verona - Itália	Doméstica	Pintor
16.034	21/01/1957	Maria Mainieri Ginnari	1926	Italia	Doméstica	Comerciário

16.826	23/10/1957	Nunziata Terezinha Severino	1931	Morano Calabro	Doméstica	Açougueiro
17.721	26/07/1958	Maria Nani	1937	Raddusa - Sicília	Industriária	Comerciário
19.127	08/10/1959	Filomena Spina	1934	Morano Calabro	Doméstica	Comerciante
20.165	17/09/1960	Stella Mauro	1934	Morano Calabro	Costureira	Comerciário
20.457	14/11/1960	Giuseppina Di Marco	1940	Itália	Doméstica	Comerciante
22.328	16/06/1962	Rosária Severino	1934	Morano Calabro	Costureira	Comerciante
23.159	26/01/1963	Alessandra Norci	1942	Padova - Veneto	Doméstica	Industriário
23.666	29/06/1963	Filomena D'Agostino	1943	Morano Calabro	Doméstica	Comerciante
26.474	11/09/1965	Domenica Cosenza	1944	Morano Calabro	Doméstica	Comerciante
23.941	21/09/1963	Vittoria Claudia Coseriza	1931	Laino Borgo - Calabria	Modista	Comerciante
23.950	21/09/1963	Maria Aita	1942	Morano Calabro	Doméstica	Comerciante
24.012	30/10/1963	Maria Severino	1938	Morano Calabro	Doméstica	Comerciante
24.796	16/05/1964	Berta Berto	1921	Padova - Veneto	Doméstica	Pracista comercial
26.789	18/12/1965	Francesca Forte	1943	Morano Calabro	Professora	Comerciário
27.020	05/02/1966	Elisabetta Bevilacqua	1946	Bogliuno - Provincia di Pola	Cabeleireira	Eletricista
27.824	22/02/1966	Antonietta Ferraro	1944	Morano Calabro	Afazer Domésticos	Comerciário
27.179	02/04/1966	Giuseppina Colombo	1932	Morano Calabro	Afazer Domésticos	Sapateiro
27.217	23/04/1966	Giovanna Forte	1937	Mesoraca - Calabria	Afazer domésticos	Comerciante
28.405	08/04/1967	Dina di Marco	1939	Morano Calabro	Afazer domésticos	Comerciário
29.245	16/09/1967	Carmela Marino	1919	Cassano - Cosenza	Afazer domésticos	Comerciante
30.103	20/06/1968	Lucia Galtieri	1958	Orsomarço - Cosenza	Afazer domésticos	Comerciante
30.104	20/07/1968	Maria Laurito	1949	Morano Calabro	Doméstica	Comerciante
30.691	23/12/1968	Maria Assunta Campilongo	1941	Castrovillari - Cosenza	Pesquisadora social	Professor
38.921	31/05/1969	Gemma Mammarella	1948	Chieti - Abruzzo	Auxiliar de Laboratório	Motorista
31.635	26/07/1969	Annunziata Barletta	1946	Morano Calabro	Professora	Bancário
33.705	12/12/1970	Maria Edelia Candia	1946	Verbicaro Scalo - Cosenza	Afazer domésticos	Industriário
34.259	24/03/1971	Lucia Giuseppina Esposito	1946	Castelo Frentano - Provincia Chieti - Abruzzo	Estudante de Filosofia	Médico
35.448	15/05/1971	Anna Schifino	1947	Morano Calabro	Afazer domésticos	Professor
34.783	08/07/1971	Margherita Maria Lo Prete	1949	Castrovillare - Cosenza	Afazer Domésticos	Estudante de Engenharia
35.057	11/09/1971	Angiolina Galtieri	1951	Orsomanso - Cosenza	Afazer domésticos	Garçon
35.082	18/09/1971	Marias Luisa de Maria	1951	Salerno - Campania	Estudante	Militar
36.772	05/08/1972	Flora Marzano	1948	Morano Calabro	Afazer domésticos	Açougueiro

36.855	30/08/1972	Maria Luigia Giuliano	1949	Morano Calabro	Industriária	Estudante
37.345	02/12/1972	Amalia Castellano	1949	Morano Calabro	Afazeres domésticos	Bancário
39387	22/12/1973	Maria Antonieta Vitola	1947	Morano Calabro	Comerciária	Industriário
39.630	19/01/1974	Teresa Laurito	1950	Morano Calabro	Estudante	Comerciante
39924	16/03/1974	Filomena Aita	1948	Morano Calabro	Professora	Medico
40.042	13/04/1974	Conceta Stravalace Maciel (Viuva)	1918	Catania - Sicília	Afazeres Domésticos	Militar Reformado
42.018	20/03/1975	Carmela Lo Prete	1951	Castrovillari - Cosenza	Dona de Casa	Comerciário

Fonte: Elaborado pela autora.

Quadro 6 – Quadro descritivo dos Registros de Casamento – 3ª Zona de Porto Alegre

Nº R. Casamento	Data	Nome da nubente	Idade	Naturalidade	Profissão da Nubente	Profissão do Nubente
19.554	11/05/19(?) )	Carmela Colantuono	1930	Napole - Capânia	Doméstica	Mecânico
21.070	22/05/1957	Domenica Rosito	1930	Cosenza - Calabria	Doméstica	Alfaiate
24.714	02/01/1960	Concetta Guerrieri	1941	Salerno - Capânia	Doméstica	Militar
24.750	16/01/1960	Maria Caterina Lettieri	1934	Salerno - Capânia	Industriário	Industriária
25.367	15/06/1960	Carmela Ferzola	1940	Italia	Industriária	Motorista
26.222	14/01/1961	Carmela Rosito	1916	Itália	Industriaria	Comerciante
27.231	23/09/1961	Domenica Anna Mennella	1927	Salerno - Campania	Comerciária	Comerciário
27.346	21/10/1961	Angelina Mennella	1937	Salerno - Capânia	Metalúrgica	Metalúrgico
27.704	09/01/1962	Elvira Lettieri	1941	Rofrano - Capânia	Doméstica	Mecânico
30.340	21/09/1963	Catarina Ferzola	1942	Napole - Capânia	Industriária	Motorista
32.277	19/12/1964	Giuseppina Grillo	1943	Torraca- Capânia	Doméstica	Tranviário
32.945	13/02/1965	Pierina Amato	1943	Salerno - Capânia	Comerciária	Comerciário
33.671	11/12/1965	Maria Rizzo	1944	Morano Calabro	Doméstica	Comerciário
34.484	04/06/1966	Antonietta Ferzola	1946	Napole - Capânia	Comerciária	Comerciário
37.904	19/10/1968	Maria Olga Guaragna	1949	Morano Calabro	Professora	Comerciante
39.252	26/07/1969	Clara Rosito	1946	Morano Calabro	Doméstica	Garçon

Fonte: Elaborado pela autora.

Até o início da Primeira Guerra nos deslocamentos existia o predomínio do contingente masculino. De modo geral vinham os homens, fugindo das guerras e da fome, posteriormente seguidos de parentes e familiares. Após a Guerra houve uma mudança no perfil dos imigrantes e as mulheres passaram a integrar em número significativo essa nova leva, que, além de priorizar as suas demandas, supria as necessidades de mão de obra e capital de investimento para a cidade que crescia.

### 3 INSERÇÃO NO MUNDO DO TRABALHO

Para compreender o conteúdo dos depoimentos das mulheres em questão utilizou-se a Análise Textual Discursiva. Seu uso é indicado para materiais impressos, pois pode ser feita quantas vezes forem necessárias. Trata-se da “[...] manipulação de mensagens (conteúdo e expressão), para evidenciar os indicadores que permitam inferir sobre outra realidade que não a da mensagem” (MORAES, 2003, p. 191). As etapas de uma análise textual são constituídas por três elementos: unitarização, categorização e comunicação. São atividades não estruturadas que não seguem ordem cronológica. Na primeira etapa realiza-se uma leitura em profundidade, da qual se retiram as primeiras impressões, ou seja, a primeira leitura permite uma incursão sobre a leitura (MORAES, 2003, p. 192). Nesse caso, os textos já estão postos, são depoimentos e narrativas escritas por imigrantes italianas contando as experiências desde percurso ultramarino até o estabelecimento na capital gaúcha.

Como parte do processo de análise, o autor indica a categorização, como maneira de fazer os recortes de unidades representativas, enumerá-las e classificá-las em categorias. A categorização é uma operação de classificação dos elementos constitutivos de um conjunto, por diferenciação e, seguidamente, por reagrupamento segundo o gênero (analogias), com os critérios previamente definidos. Ou seja, a categorização estabelece relações, reúne os semelhantes e constrói categorias; é um processo de comparação constante entre unidades definidas no processo inicial de análise, do qual emerge um novo texto (MORAES, 2003, p. 201). Neste trabalho a categorização inclui recortes da história individual das mulheres para posterior análise e conclusão.

A segunda etapa da análise textual é a inferência. Se a unitarização é a primeira etapa necessária e a categorização é a última fase, a comunicação é o processo do qual emergem novos significados. Na inferência, que é a parte dedutiva do estudo, busca-se fazer uma análise das categorias preestabelecidas na primeira fase da pesquisa, visando encontrar, por lógica ou dedução, fatores de agrupamento, comparação ou até mesmo diferenciação entre os conteúdos apresentados nos textos. Neste ponto da pesquisa localizam-se informações na pré-análise e elaboram-se outras (MORAES, 2003, p. 201). Utilizando esse método, elaborou-se a análise dos depoimentos das imigrantes dos quais, além da história familiar, sobressaíram conteúdos relacionados entre si.

Os conteúdos identificados trazem informações sobre as cidades de origem de cada uma das imigrantes, sobre a Segunda Guerra e a situação econômica e política da Itália e sobre os arranjos de deslocamentos. Sobre Porto Alegre, as imigrantes ressaltam os locais de

convívio, os habitantes, as ruas, as relações sociais, as transformações do espaço urbano decorrentes do desenvolvimento. Esses conteúdos foram identificados e pontuados na narrativa individual de cada uma delas, sabendo que são pontos de vista diferentes.

Levando em conta a problemática da investigação se destacará a inserção e atuação das imigrantes no mundo do trabalho, na cidade de Porto Alegre, ressaltando algumas categorias como: inclusão e sociabilidade, capacidade de promover iniciativas, diversidade de ocupações, divididas em tópicos e subtópicos, os quais serão abordados na sequência.

### 3.1 INCLUSÃO E SOCIABILIDADE

Evidentemente o investimento privado direto estrangeiro já se fazia sentir na infraestrutura (produção e transmissão de energia elétrica) e nos setores tradicionais da indústria (têxtil, de calçados, moinhos). Somente a partir dos anos 50 os investimentos se diversificaram, visando também o setor secundário: montadoras de veículos foram atraídas pelo segundo governo Vargas e depois pelo de Kubitschek; empresas de bens de capital se instalaram incentivadas pelas novas refinarias de petróleo e barragens hidrelétricas, enquanto indústrias de alimentos, químicas e farmacêuticas abriram filiais no Brasil, incentivadas pela política cambial (Instrução 113 – decreto que favoreceu investidores estrangeiros) e pelo mercado urbano em formação (LEOPOLDI, 2000, p. 253-254). O novo panorama do mercado atraiu e favoreceu a vinda de muitos imigrantes que

[...] desembarcaram de forma espontânea nos centros urbanos, muitas vezes, individualmente com vistas a trabalharem no comércio e pequenas indústrias. De posse de uma técnica manual de trabalho mais elaborada, tornava-se viável passar da condição de trabalhador especializado a proprietário de pequena oficina e mesmo a industrial, ou fixar-se nas oportunidades industriais oferecidas pelas cidades. (SEYFERTH, 1990 apud GROSSO, 2010, p. 02).

Nesse mesmo cenário, desde o início do século já se tinha notícias de algumas mulheres produzindo, nos domicílios italianos, salgados, doces, petiscos que eram comercializados na rua ou revendidos por pequenos estabelecimentos da capital. Os produtos eram feitos sob encomenda e destinados a uma clientela específica. Dentre eles estavam os embutidos, como mortadela, linguiça, salame e as massas e pães. Em geral esse era o primeiro passo para a constituição de um pequeno negócio familiar como comércio ou fábrica. Como exemplo desses negócios familiares, na cidade de Porto Alegre se pode citar a Padaria Cestari, o restaurante Jardim Itália e as fábricas de Massas Pappardo e Adria.

Figura 131 – Cestari Ltda.



Fonte: Trabalho, Indústria e Comércio (09 set. 1950, p. 989(9)).

Figura 132 – Restaurante Jardim Itália



Fonte: Correio do Povo (12 mar. 1946).

Esses indícios podem ser constatados tanto nos jornais quanto no semanário Trabalho, Indústria e Comércio, sucessor de outro jornal do gênero, O Orientador, que, em 1947, completava o seu 9º aniversário. Dirigido por seu proprietário, Dr. Armando Gomes Ferreira, a revista era fonte de orientação e informação sobre serviços e atividades industriais e comerciais desenvolvidas no Rio Grande do Sul (Anexo E). Nela eram publicados processos trabalhistas com decisões judiciais; registros de contratos e distratos de firmas, emancipações e autorizações para comerciar e transformações de sociedades. Também eram publicadas leis contendo teores de acordos comerciais e cambiais e internacionais.

Figura 133 – Semanário sucessor do “O orientador”

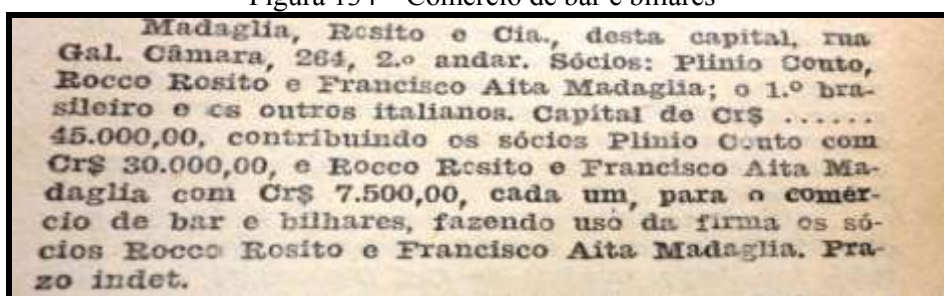


Fonte: Trabalho, Indústria e Comércio (18 jan. 1947).



Através de uma mostra preliminar é possível verificar, entre 1947 e 1950, um número expressivo de registros de firmas constituídas por italianos em ramos diversificados de atividades. Salienta-se que grande número desses estabelecimentos era constituído por sociedades familiares. Essa forma de organização já era recorrente na cidade de Caxias, ressalta Vânia Herédia quando trabalha a industrialização da zona colonial italiana. Segundo a autora as empresas atuavam organizadas em grupos familiares, independentemente da forma jurídica, grupos ligados em geral por laços de família foram formas frequentes de organização do capital (HERÉDIA, 1997, p. 16). Outra parte dos italianos constituía-se de sociedade com imigrantes de outras etnias e também com os habitantes locais.

Figura 134 – Comércio de bar e biliars



Fonte: Trabalho, Indústria e Comércio (10 dez. 1949, p. 963(7)).

Tendo em vista o período desses registros é necessário levar em conta as restrições aos imigrantes no período bélico, que diminuíram e limitaram suas áreas de atuação. Em virtude disso aqueles imigrantes que possuíam comércio ou empreendimentos procuraram suporte legal, como a cidadania brasileira ou sociedades comerciais com cidadãos brasileiros a fim de preservarem seus estabelecimentos (Anexo B). Outros alteravam o registro na junta comercial, incluindo outros sócios com capital financeiro desse modo podendo continuar comerciando de forma legal.

Outro artifício utilizado pelos imigrantes para não terem os direitos de comerciar restringidos foi inserir legalmente as esposas e filhas no comando dos empreendimentos familiares através de autorizações e sociedade no negócio. Essa medida garantia a respeitabilidade de seus comércios por parte da polícia e legalizava a prática recorrente de trabalho que até então mantinha as mulheres imigrantes invisíveis no cenário cotidiano de Porto Alegre. Evidentemente que se deve lembrar que as mulheres casadas necessitavam de autorizações (Anexo D) dos responsáveis para comerciar (pai ou marido), já que pela legislação eram proibidas de registrarem negócios e estabelecimentos comerciais em seus nomes (Trabalho, Indústria e Comércio, 27 maio 1950, p. 555(7)).

Somente as viúvas podiam assumir responsabilidades na condução de negócios ou empreendimentos. Contudo, esse entrave não impediu que um grande número de mulheres

fossem proprietárias de seus próprios negócios, o que também pode ser inferido nos jornais e semanário aludido e nos depoimentos e nas autobiografias analisadas.

### 3.2 CAPACIDADE DE PROMOVER INICIATIVAS

Entre as imigrantes italianas que solicitaram autorizações e se estabeleceram com casas comerciais foram encontradas: Rosina Iolanda Marranghello Bossle e Genoveva Carrazoni; esta solicitou autorização em 14/01/1959 e registrou sua firma em 21/01/1950, como Comércio e Armazém, estabelecendo-se na Rua Paulo Chaves, 519. Já Maria Rosa Malvásio também se estabeleceu na capital gaúcha com comércio e fabricação de barracas e artefatos de lona, couro e acessórios, com um capital de Cr\$ 30.000,00. Na mesma data também foi comunicado o estabelecimento do comércio de representações, consignações e comércio de conta própria da Vva. Henrique Cogo, com um capital de Cr\$ 50.000,00, localizado na Rua Senhor dos Passos, nº 70<sup>139</sup>.

Pela mostra dos registros de casamentos da 1ª Zona de Porto Alegre as certidões de casamento indicam que as mulheres que vieram da Calábria para Porto Alegre casavam com calabreses comerciantes e exerciam atividades dedicadas aos “afazeres domésticos”, isto é, cuidavam da casa e da família, além de auxiliarem no comércio familiar. O comércio em geral era armazém de secos e molhados, hotéis, restaurantes, fruteiras, mercearias, leiterias, bar e botequim, padarias, fábricas de massas e pensões com ou sem fornecimento de refeições. Esses estabelecimentos na maioria das vezes funcionavam em um cômodo anexo à residência familiar. Desse modo, deduz-se que as italianas trabalhavam junto com os maridos ou no atendimento dos clientes, no preparo dos pratos, nos cortes de carne, nos cuidados com as verduras, além de toda a rotina familiar.

Das calabresas que atuaram com os maridos em seus empreendimentos comerciais, além das depoentes Amalia Morelli Aita, que trabalhava com o marido no Açougue e Fiambreteria Itália e na Sapataria Bela Roma, e Carmela Serra Gallicchio, que ajudava trabalhando por conta, se tem notícia de Esterina Merolillo Vontobel, que imigrou para o Brasil no ano de 1926, vinda da Calabria, Itália, com a mãe, Maria, a irmã, Anna, e o pai, o maestro e professor Angelo Merolillo. Esterina faleceu no dia 13 de agosto de 2010, aos 86 anos, no Hospital Mãe de Deus, na cidade de Porto Alegre. Quando Esterina faleceu já era

---

<sup>139</sup> Informações coletadas em várias edições do jornal Trabalho, Indústria e Comércio, de Porto Alegre.

viúva do industrial Arno Vontobel<sup>140</sup>, com quem casou e fundou, na década de 1940, a empresa Mu-mu<sup>141</sup>, que posteriormente passou a integrar o Grupo Vonpar<sup>142</sup>.

Figura 135 – Esterina Merolillo Vontobel



Fonte: ZH. CLICRBS.COM.BR.

Figura 136 – Placa da Mu-Mu



Fonte: ZH.CLICRBS.COM.BR.

Nos registros da 2ª Zona ainda predominam as calabresas, contudo, aparecem algumas italianas provenientes do norte da Itália, e provavelmente pertençam às famílias que constituíram a Vila Nova Itália. Os registros da 3ª Zona apresentam um número maior de imigrantes oriundas de outras regiões da península. Através da descrição da ocupação pode-se notar que as mulheres passaram a exercer atividades diversificadas de trabalho ligadas ao comércio, à indústria, ao ensino e à saúde. Tanto homens como mulheres em grande número apresentam uma qualificação profissional, demonstrando que o novo perfil do imigrante se transformara após a Segunda Guerra. Nesse novo perfil podem ser enquadradas as depoentes sicilianas Maria Scavuzzo e Francesca Ducceschi, Lidia Bolletta Uriarte, da Lombardia, e Nidia Giordano, da Campania, que apresentam algum aspecto que permite incluí-las na categoria de qualificadas em alguma atividade profissional, seja pela formação prática ou através de estudos específicos.

Nos depoimentos orais identificam-se três mulheres, que, movidas por um sonho, realizaram empreendimentos comerciais bem sucedidos na capital gaúcha: Maria Scavuzzo,

<sup>140</sup> “Arno Vontobel (1919-1978) deixou a região das Missões no início dos anos 1940 e veio para a Capital. Associou-se a Edgar Müller e criou uma empresa alimentícia, que primeiramente foi denominada Beija-Flor e posteriormente Cardeal, para industrializar doces e mel. Em 1947, Arno casou-se com Ester Merolillo, e um ano depois os irmãos Vontobel leem um anúncio recrutando interessados em representar o refrigerante Marabá. Foi o ingresso deles no novíssimo mercado de bebidas gaseificadas e engarrafadas. (WP.CLICRBS.COM.BR, 2014).

<sup>141</sup> Criada na década de 1940 a empresa era especializada na produção de doce de leite, doce de frutas, geleias, barras de cereais e leite. A marca Mu-Mu, criada por Arno e a esposa, tornou-se sinônimo de qualidade em doces.

<sup>142</sup> O Grupo Vonpar atua até hoje nos seguimentos de bebidas e de alimentos por meio de duas operações distintas e independentes: Divisão de Alimentos (Mu-Mu, Wallerius e Neugebauer) e Divisão de Bebidas (Vonpar Refrescos). (VONPAR.COM.BR).

criadora da Alfaiataria Nicoletta; Angelina Landonio, com a Lancol – Indústria e Comércio de Vestuário – Confeções Unisex; e Luciana Martelli, com a Cantina Roma. Os três empreendimentos, para se tornarem realidade, tiveram o envolvimento familiar, tanto econômico quanto social. Surgiram para atender uma demanda crescente no ramo dos alimentos e da indústria e comércio, onde havia um espaço vazio apropriado para atender as demandas do mercado em crescimento.

A Nicoletta, além da prestação de serviço especializado em consertos de roupas, trabalhava com produção de modelos exclusivos infantis e femininos. A Lancol adentrou na indústria e comércio da moda de praia. Tanto a Nicoletta quanto a Lancol atendiam ao mercado da moda que estava expandido em nichos que quase não eram explorados na capital gaúcha. Já a Cantina Roma, especializada em culinária italiana, como pizzas e massas italianas, surgira para atender a demanda crescente em função do aumento do contingente de imigrantes que vinham da Itália e se estabeleciam na cidade de Porto Alegre.

### 3.3 DIVERSIDADE DE OCUPAÇÕES

A partir dos movimentos feministas a mulher foi passando por grandes mudanças marcadas por três momentos: a chegada dos métodos contraceptivos, a entrada da mulher na universidade ou até mesmo na escola e seu engajamento no mercado de trabalho. A chegada dos métodos contraceptivos possibilitou às mulheres o controle do número de filhos e o planejamento do ambiente familiar. Já sua entrada nas universidades foi um grande salto, pois ali foi possível desenvolver habilidades através das quais puderam relatar e escrever sua própria história. Exemplo disso é a imigrante italiana Francesca Ducceschi, artista plástica formada em Artes e Assistência Social na Universidade de Florença, que escreveu sua autobiografia aos 90 anos de idade.

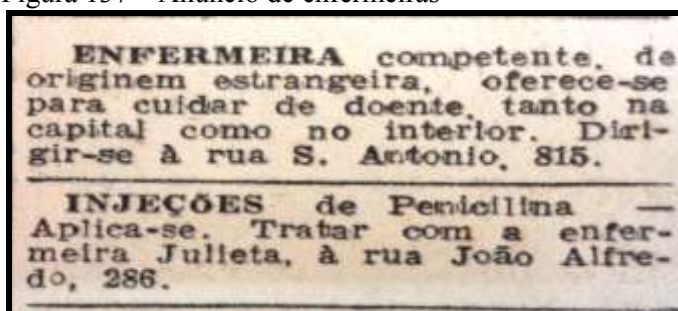
O engajamento no mercado de trabalho, sem dúvida, foi o maior avanço do feminismo e a entrada da mulher no mercado de trabalho começou a acontecer de fato, segundo Juliana Falcão (2001) com a Primeira e a Segunda Guerras Mundiais (1914-1918 e 1939-1945, respectivamente), quando os homens iam para as frentes de batalha e as mulheres passavam a assumir os negócios da família e a posição dos homens no mercado de trabalho. Foi quando as mulheres tiveram que deixar as casas e os filhos para assumirem os projetos e o trabalho que eram realizados pelos maridos. Também foi nesse momento que as imigrantes começaram a ganhar visibilidade nos espaços urbanos.

Esse acontecimento foi um dos muitos que levaram a mulher a se inserir na atividade profissional. Assim, após esse período, a mulher começou a participar no mercado de trabalho também em função das transformações que ocorreram.

[...] no século XIX, com a consolidação do sistema capitalista inúmeras mudanças ocorreram na produção e na organização do trabalho feminino. Com o desenvolvimento tecnológico e o intenso crescimento da maquinaria, boa parte da mão-de-obra feminina foi transferida para as fábricas. (PROBST, 2005, p. 2).

O que, em compasso com o mundo, favoreceu, segundo Hahner (1978, p. 95), que o número de empregadas aumentasse nas indústrias brasileiras, especialmente nas têxteis, sendo que seus salários ainda estavam muito abaixo dos já pequenos vencimentos pagos aos homens. Alguns autores lembram que a entrada da mulher no mercado profissional ocorreu recentemente e mobilizou demais grupos sociais em situação de preconceito a se defenderem. No Brasil, mais especificamente na cidade de Porto Alegre, as primeiras profissões exercidas pelas mulheres foram de professoras, enfermeiras e secretárias. Esse fato pode ser verificado nos anúncios dos jornais que circulavam na capital gaúcha, os quais apontavam um número expressivo de imigrantes exercendo essas profissões.

Figura 137 – Anúncio de enfermeiras



Fonte: Correio do Povo (5 mar. 1946, p. 9).

Apesar da predominância das imigrantes nas atividades femininas pioneiras observa-se que o mercado, de um modo geral, se amplia depois da Segunda Guerra. Esse fenômeno decorre da intensificação da produção industrial, promovida pelo desenvolvimento tecnológico na produção de bens de consumo. Esse fator concorreu para a diversificação das atividades femininas, possibilitando o surgimento de novos espaços de trabalho nos centros urbanos, provocando uma demanda intensa de mão de obra, nos quais as imigrantes italianas vão se inserir.

Outro fator que favoreceu a vinda das mulheres foi o Acordo de Migração firmado entre o governo italiano e o Brasil, em 1950 (Anexo C), de uma imigração que englobava tanto as migrações espontâneas, as de sociedades, de cooperativas ou de grupos de trabalho, ou, ainda, sob a forma de migração dirigida. O acordo estabelecia que poderiam imigrar

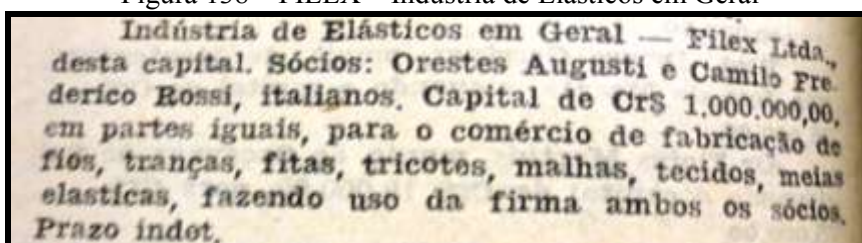
aqueles que tivessem parente residente no Brasil que se responsabilizasse pelo recém-chegado e deveriam exercer atividade de trabalho para qual houvesse oferta em empresas estabelecidas no Brasil. Também poderiam vir com auxílio do governo brasileiro no caso de transferências de sociedades, cooperativas ou grupos de trabalho. As despesas na Itália ficavam a cargo do governo italiano e o transporte era financiado pelo governo brasileiro. As atividades para imigrantes foram divididas em três categorias: trabalho agropecuário, regime de trabalho por conta própria e regime de trabalho assalariado para trabalhador industrial, operário especializado ou técnico.

Dentro desse contexto podem ser inseridas as depoentes e os parentes que vieram do norte da Itália, como Maria Faccin, Clara de Vila Gotter Francia, Valeria Novak Paskulin e Tereza Mazeo Lettieri; e também as depoentes e parentes do sul, como Vincenza Nani, Maria Antonina Vinciprova, Maria Vinciprova, Maria Mancuso, Maria Di Gesù, Dalva Di Martino Cassará e Maria Cristina Prando. Todas elas, embora fosse exigido que soubessem alguma atividade, não tinham qualificação nenhuma, sendo a maioria procedente de zonas rurais. Desse modo elas tiveram seu aprendizado dentro dos estabelecimentos que contrataram seus serviços.

### 3.3.1 Operárias nas fábricas

Foi no período desse acordo que Vincenza Nani veio para Porto Alegre e começou trabalhando como operária na Fábrica de Trancelin, provavelmente a Filex. Posteriormente, por indicação de conhecidos italianos e pretendendo melhorar a remuneração salarial, foi trabalhar na fábrica de balas de Francisco Romano e mais tarde foi para o Laboratório Kramer, e ainda trabalhou na Fábrica de Massas e Confeitaria Cestari.

Figura 138 – FILEX – Indústria de Elásticos em Geral



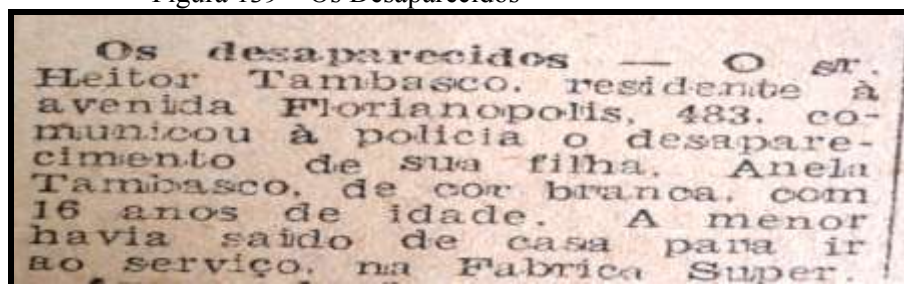
Fonte: Trabalho, Indústria e Comércio (07 jan. 1950, p. 18(18)).

A flexibilidade de mudança dos locais de trabalho demonstra que havia uma demanda por mão de obra feminina de imigrantes, o que tornava possível escolher a empresa que melhor remunerava os funcionários. Além do mais,

O trabalho, enquanto uma virtude étnica é algo muitas vezes naturalizado, essencializado e associado ao “sangue”, fazendo com que os indivíduos acreditem que os herdariam por natureza. Contudo, ao se trabalhar com esta literatura e se conviver com os descendentes de italianos, o que se observa é que o trabalho é algo ensinado desde a mais tenra infância, ou seja, é um valor apreciado e, por isto, ensinado, fazendo parte do habitus grupal. Ele pode ser compreendido como uma herança (simbólica) do ponto de vista das sagas familiares, ou seja, como um legado a ser transmitido entre gerações, mas não como algo que seja vivido sem conflitos. (ZANINI; SANTOS, 2009, p. 192).

Algumas famílias de imigrantes, em função das exigências legais ou ainda porque obtiveram sucesso financeiro logo que chegaram à cidade de Porto Alegre, permitiram que jovens menores se inserissem no trabalho, compondo a renda familiar, conforme indica o depoimento de Maria Scavuzzo, que foi trabalhar ainda menor de idade na Alfaiataria Adriática. Outro indício que aponta o trabalho de meninas imigrantes menores de vinte e um anos trabalhando nas fábricas é o anúncio no Jornal Folha da Tarde, na qual o Sr. Tambasco comunica o desaparecimento de sua filha Anela, de dezesseis anos de idade, que não retornou para casa depois de ir para o serviço na Fábrica Super.

Figura 139 – Os Desaparecidos



Fonte: Folha da Tarde (13 set. 1946).

Os depoimentos indicam que todos os membros da família deveriam ter emprego garantido. Desse modo, havia situações em que algumas famílias submetiam as filhas a empregos nas residências e comércios de familiares e patrícios, como é o caso de Maria Faccin, executando tarefas domésticas. Já os meninos trabalhavam como engraxates, carregadores e entregadores nos pequenos comércios, como operários nas fábricas e como vendedores de jornais nas esquinas das ruas, não apenas na cidade de Porto Alegre, mas em todos os centros urbanos brasileiros.

### 3.3.2 Costureiras

A mãe de Vincenza Nani trabalhava como costureira confeccionando uniformes para o quartel em seu domicílio, ganhando por peça produzida. Desse modo, ela não tinha horário determinado, quanto mais produzia mais ganhava. O trabalho a domicílio de modo geral era

efetuado pelas mulheres italianas mais velhas, que já vieram da Itália com a família constituída e tinham dificuldades de comunicação em função do idioma. Trabalhar em casa, sem horário estipulado, fazia com que as mulheres garantissem que não fossem prejudicados os cuidados com a família e os afazeres da casa e ainda recebiam um rendimento para compor a economia familiar.

Muitos desses ganhos serviam para ajudar nas despesas diárias ou no pagamento de terrenos que adquiriam para construir suas casas. Dessa forma, fugiam dos aluguéis que haviam encarecido em função das demandas advindas não apenas dos imigrantes que vinham da Europa, mas também das migrações internas do campo para a cidade, que ocorriam paralelas ao desenvolvimento industrial urbano.

Figura 140 – Empregada a domicílio

(TRT-12/47).  
 "Empregada, por peça a domicílio, tem contrato de trabalho com fisionomia própria, não sendo de mister a exigência de horário, nem tampouco monopólio de atividades desde que, é certo, se cumpram, e com exatidão, tarefas que lhe são confiadas. E' de se lhe anotar, assim a carteira profissional."

Fonte: Trabalho, Indústria e Comércio (10 dez. 1949, p. 965(9)).

As imigrantes solteiras tinham a possibilidade de trabalhar fora de casa e se empregavam nas fábricas de roupas, como a Fábrica Formosa, Guaspari e alfaiatarias, como a Alfaiataria Adriática, a Tecidos e Artefatos Fischer S.A, Loja Thilda, na oficina da Arrozeira Brasileira, na oficina das Lojas Renner ou como costureira para as modistas famosas da capital.

Figura 141 – Anúncios solicitando costureiras

**COSTUREIRAS e colarinheiras,** em domicilio, para camisaria, precisam-se. Tratar: rua da Conceição, 365; ou rua Santana, 321.

---

**COSTUREIRAS a maquina,** precisam-se com muito pratica. Fabrica Formosa, Rua Caldas Jr. 393, esquina Riachuelo.

---

**COLARINHEIRA e Costureiras** — Precisam-se, é preciso que tenham pratica, paga-se o melhor preço da praça. Tratar segunda-feira, Rua do Rosario n. 30 — 7.º andar — Apto. 73.

Fonte: Correio do Povo (03 mar. 1946, p. 5).

Algumas imigrantes aprendiam a profissão na prática, pois uma das exigências para entrarem no país era que tivessem colocação de trabalho e um responsável por ela na cidade



de acolhimento. Ocorre que algumas empresas arregimentavam trabalhadores para as fábricas. Em sua totalidade eram parentes de funcionários que já estavam trabalhando no local ou fábrica e intermediavam a vinda, financiando a viagens de parentes de funcionários. Essa prática era recorrente, como se pode verificar nos depoimentos de Maria Scavuzzo, Maria Mancuso e Antonina Vinciprova.

Essas exigências do acordo de imigração fizeram com que houvesse no segundo pós-guerra uma diversificação dos lugares de procedência dos imigrantes. As empresas que se instalavam na capital gaúcha buscavam profissionais oriundos da região de onde tinham vindo seus fundadores ou gerentes. Por exemplo, a Fábrica de Produtos Alimentícios Adria trazia trabalhadores técnicos do norte da Itália. Na empresa Arroeira Brasileira, fiação e tecelagem de juta e engenho de arroz a mão de obra era oriunda da Sicília e sul da Itália. Já a Rafael Guaspari confecções de roupas, a Eltex S.A. produção e comércio de elásticos e fitas oportunizaram a vinda de italianos de outras regiões.

### **3.3.3 Domésticas / cozinheiras**

Algumas imigrantes reproduziam suas ocupações do quadro doméstico, como cozinhar, lavar, passar e engomar num ganho extra para ajudar a manutenção econômica da família. Apesar do parco pagamento essas duas ocupações foram exercidas por muitas imigrantes provenientes do Vêneto, como Maria Faccin, sem formação profissional, que trabalhavam para patrícios solteiros, ajudando o marido a pagar o aluguel e comprar comida para a família.

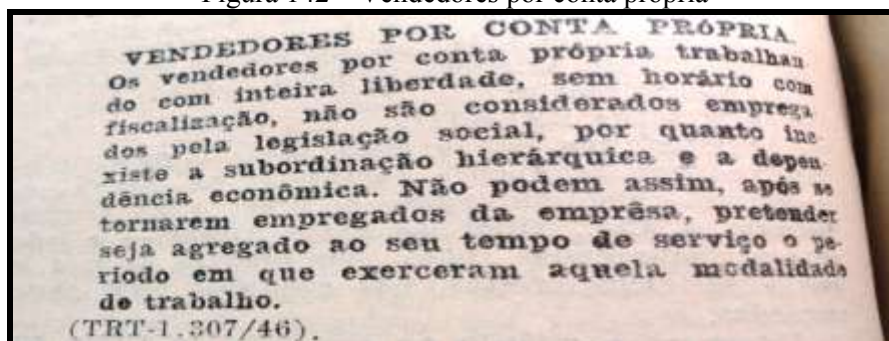
Além disso, Maria ainda trabalhava como empregada doméstica de sua tia, semelhante à empregada de Clara de Villa Gotter Francia, de origem italiana, que viera da região colonial. Maria trabalhou ainda na fabricação de pães e massas dos Pappalardo e como cozinheira no Colégio Champagnat. Ainda se pode enquadrar nessa categoria a imigrante Iole Tredici, que, embora afirme nunca ter trabalhado, ajudava o marido quando este foi chamado para gerenciar hotéis e restaurantes na cidade de São Paulo. Em geral, Iole comandava o trabalho na cozinha e na lavanderia do hotel onde ele trabalhava.

### **3.3.4 Por conta /a domicílio**

Outra atividade exercida pelos imigrantes italianos era o trabalho por conta e a domicílio. Nessas atividades se destacaram Carmella S. Gallicchio e o esposo. Ele iniciou trabalhando com a venda de bilhetes de loteria e, posteriormente, também trabalhou como

vendedor ambulante, comercializando vestuário, tecidos, roupas de cama, mesa e banho.

Figura 142 – Vendedores por conta própria



Fonte: Trabalho, Indústria e Comércio (03 dez. 1949, p. 941(9)).

Por seu lado, Carmela trabalhava confeccionando e vendendo peças de tricô para fora. Entre os produtos por ela produzidos e comercializados estavam roupas de bebê e meias de lã popularizadas entre as mães do bairro onde residia e vendidas nas escolas, sempre sob encomenda. Carmela ainda produzia e comercializava massas, pizzas e molhos italianos para os conterrâneos e vizinhos.

Outra mulher que trabalhava no mesmo sistema, embora em seu depoimento afirme nunca ter trabalhado, era Amália Morelli Aita. Junto com o marido ela atendia os clientes do Açougue e Fiambreteria Itália e da Sapataria Bela Roma. Também Carmela Faro deixou de ser empregada para trabalhar com o marido, atendendo no Armazém e Bazar que ficava na parte frontal do domicílio. Ainda Tereza Mazzeo Lettieri que, após alguns empregos em fábricas, passou a trabalhar como vendedora e representante de cosméticos.

Já o casal Ducceschi trabalhava elaborando quadros a óleo; ele pintava e expunha de forma itinerante seus quadros viajando pelo Brasil e pelos países da América do Sul, como Uruguai, Argentina e Paraguai. Ela produzia quadros à óleo para serem comercializados por um senhor judeu que os revendia nas casas comerciais e residências por todo o Brasil. Paralelamente com seu trabalho artístico, em ministrava aulas particulares em sua residência, sobre as quais se discorrerá a seguir.

### 3.3.5 Professoras / artistas plásticas / musicistas

A atividade predominante entre as imigrantes italianas que tinham qualificação é a de professora. Maria Cristina Prando, formada pedagoga pela PUCRS, após a aposentadoria continuou ministrando aulas de italiano na Associação Cultural Italiana do Rio Grande do Sul (ACIRS). Dalva Di Martino Cassará passou parte de sua vida ministrando aulas de italiano a domicílio. Quando os filhos ficaram adultos ela foi convidada para lecionar língua italiana na

ACIRS. Para isso fez cursos de aperfeiçoamento em gramática e técnicas de ensino do idioma italiano na Itália.

Francesca Ducceschi, com formação superior em Florença, na Itália, iniciou suas atividades educativas como professora de italiano e depois foi contratada pelo Estado para lecionar geometria e desenho artístico. Ainda validou seu diploma de arte na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, especializando-se em afresco e cerâmica. Desde então passou a trabalhar em projetos de Assistência Social no Hospital São Lucas, além de ministrar aula de arte e escultura na universidade e em sua residência, juntamente com as aulas particulares de piano e italiano.

Figura 143 – Francesca assinando Afresco no Edifício Etrúria



Fonte: Acervo do LAPHO.

Figura 144 - Esculturas



Fonte: Acervo do LAPHO.

Em geral, para as mulheres italianas algumas atividades artísticas fazem parte da formação educacional que começa antes de elas ingressarem nas escolas. Entre as atividades destacam-se, além dos trabalhos manuais, como pintura, bordado, tricô e crochê, aulas de canto, tocar um instrumento musical, geralmente o piano. Na pintura Francesca Ducceschi e Maria Di Gesú conseguiram destaque na sociedade gaúcha. Francesca realizou mostras e possui obras espalhadas em prédios e casas de alguns porto-alegrenses. Nota-se nos trabalhos das duas italianas a presença de signos que remetem a suas raízes, eles são representativos das experiências interiores, que constituem a identidade, acabam projetados no mundo exterior, transformando a experiência de vida em representações perceptíveis que constroem uma identidade étnica buscando elementos na tradição (DI CARLO, 1986, p. 4).

Maria Di Gesú, educada com os mesmos princípios, define-se como artista primitivista e ainda hoje realiza exposições pelo Brasil, tendo, inclusive, participado do Salão Nacional de Artes, no Rio de Janeiro. Seguidamente realiza exposições individuais em espaços culturais

de Porto Alegre, como o Museu de Artes do Rio Grande do Sul e o Centro Cultural Erico Veríssimo. Neste ano de 2015, realizou, no mês março, uma exposição com a retrospectiva de sua carreira artística, com quadros, xilogravuras, fotografias, jornais. Através dos quadros de Maria se pode refletir acerca da importância do discurso religioso e moral e sobre o trabalho em si que, para indivíduos sem capital econômico, se torna a grande forma de ascensão e sobrevivência. Para sobreviverem, Maria e Francesca ainda trabalharam ministrando aulas de instrumentos musicais em suas residências, tonando-se respeitadas na sociedade gaúcha como professoras, artistas plásticas e musicistas.

Figura 145 – Maria Di Gesú – tocando, cantando e pintando.

Fonte: Acervo do LAPHO.



Fonte Acervo do LAPHO.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa, partindo de experiências singulares de um grupo de imigrantes italianas, abordou temas ligados à imigração italiana, com ênfase na inserção destas mulheres no trabalho entre os anos 1945 e 1965, tendo como pano de fundo a cidade de Porto Alegre, no Rio Grande do Sul. A principal intenção do trabalho foi entender os mecanismos e as estratégias utilizadas para se inserirem no mercado de trabalho.

A investigação se fundamentou em afirmações teóricas sobre História da Imigração, História e Memória, História Oral e História Cultural, História Italiana, História de Porto Alegre. Para sua elaboração, seguiu-se o princípio indiciário de Carlo Ginzburg e trabalhou-se com fontes múltiplas.

Ao longo do trabalho, analisou-se o movimento migratório pós-guerra, fomentado não apenas por redes familiares e pela necessidade de mão de obra para as empresas, mas também pelo rápido desenvolvimento urbano que oportunizou o surgimento de novas demandas, criando espaços e condições para a atuação dos imigrantes, fossem eles qualificados ou não. Nesse sentido, ressalta-se que a dinâmica urbana influenciou a mobilidade migratória no que tange à ampliação das regiões italianas de procedência. Ao mesmo tempo, propiciou uma intensificação e diversificação das possibilidades de inserção profissional para as mulheres imigrantes, então facilitadas pelas procuras de mercado, e pelas políticas de incentivos financeiros de ambos os governos, brasileiro e italiano.

As imigrantes italianas participaram intensamente desse processo de transformação e modernização da cidade, colaborando com um capital de trabalho, em parte mantido até hoje no anonimato ou no “esquecimento”. Os relatos e documentos apresentados nesta pesquisa demonstram em que medida as imigrantes contribuíram social e economicamente, promovendo iniciativas e atuando em diversas ocupações.

As fontes indicam que o aumento considerável da população de Porto Alegre gerou oportunidades para atividades comerciais e de abastecimento. No setor de alimentos surgiram estabelecimentos de pequeno e médio porte, como armazéns de secos e molhados, açougues, vendas, padarias, mercearias e pensões com ou sem refeições, em que as mulheres aproveitavam as próprias casas para instalar seus negócios. A participação feminina nesses negócios foi determinante, mesclando o espaço público e o privado entre as atividades do lar e o comércio da família, onde elas trabalhavam duramente nos balcões e na cozinha. Contavam com a ajuda de outros italianos e parentes que se colocavam sob sua tutela, constituindo assim o sistema de redes triangular que conciliava deslocamento, família e trabalho.

Ainda constatou-se que as imigrantes italianas se empregaram como operárias de máquinas das fábricas, como costureiras, como domésticas e cozinheiras em casas familiares ou em fábricas de massas e gêneros alimentícios. Elas também eram encontradas em escritórios de representações; trabalhando por conta e a domicílio; gerindo com o marido seu pequeno comércio; como educadoras tanto em escolas do governo, como particulares e de associações; enfim, produzindo cultura.

Um dos pontos abordados foi a estratégia utilizada pelas mulheres para se inserirem no mercado de trabalho, com ou sem incentivos governamentais. Entre os fatores determinantes se encontram as redes migratórias sustentadas por um conjunto de condições que facilitaram a vinda das italianas nesse segundo fluxo, que se intensificou a partir de 1950. Os dados demonstram que as cadeias se sustentaram não apenas pelas clássicas lógicas de parentesco ou amizade, mas também em função das oportunidades oferecidas pelas novas empresas surgidas a partir do processo de industrialização de Porto Alegre. Processo esse que ampliou o conceito e as dinâmicas das redes migratórias, pois, como demonstraram os estudos de Constantino, até os primeiros anos do século XX, a vinda de imigrantes italianos era ligada quase exclusivamente à inserção profissional em pequenos estabelecimentos familiares.

Ao mesmo tempo, não foram negligenciadas as formas de trabalho a domicílio, que permitiam combinar as atividades do lar com as ocupações remuneradas. Nesse exercício, as mulheres empregavam habilidades realizadas em casa, como costuras, bordados, rendas, aulas de piano, aulas de pintura, aulas de italiano e preparação de alimentos para venda. Também se ocupavam da costura e da montagem de peças para fábricas, oficinas de lojas e uniformes para empresas. Algumas trabalhadoras ofereciam e buscavam serviços nos jornais, como indicam os depoimentos. Também é possível afirmar que, através das fábricas e oficinas, formaram-se redes de recrutamento sustentadas por laços de parentesco, vizinhança, amizade e origem étnica.

A base da pesquisa foi fornecida pelos depoimentos orais das mulheres imigrantes que possibilitaram a construção das fontes para o trabalho. Trata-se de mulheres idosas que, através de suas experiências de vida colaboraram, ajudando a escrever a história, e ao lembrar o passado se ocuparam conscientemente da substância de sua própria vida. Nesse sentido, as depoentes são sujeitos da história, indivíduos reais que possuem nomes e experiências esclarecedoras.

Quanto às lembranças, se pode afirmar que são individuais, entretanto, possuem similaridades relacionadas a eventos ou fatos históricos que podem ser entendidos a partir de uma memória coletiva, como: a Segunda Guerra, o movimento migratório, o local de partida e

o local de chegada. As mulheres detêm uma multiplicidade de lembranças que foram ao longo de suas narrativas categorizadas em tipologias. Essas memórias são compartilhadas entre seu grupo social e possibilitam um novo entendimento dos fatos referidos, que tem a ver com a construção do sujeito e sua identidade.

Para contribuir com esse entendimento, o paradigma indiciário favoreceu um trabalho de investigação minuciosa, em que os pequenos detalhes são os mais relevantes. Isso se relaciona ao que se chama de excepcional, que se opõe ao uso restrito de fontes em séries. Nesse sentido, o excepcional é uma fonte singular, particular. Seu uso é relevante porque se constata que a utilização de fontes em série pode ocultar alguns aspectos da realidade.

As mulheres imigrantes expressam-se de maneiras distintas, algumas são comedidas na fala, outras se beneficiam da gestualidade. Algumas recorrem às imagens para ativarem mecanismos de memória. As imagens em geral são ordenadas de forma particular, cronológica ou hierarquicamente em álbuns de fotografias ou em quadros distribuídos cronologicamente na parede das salas de suas residências. Uma narrativa é mais carregada de emoção, outras são mais contidas, entretanto, em todas elas se percebe, além de uma veracidade introjetada e manifestada, uma carga imaginária interligando espaços vazios ou mesmo o silêncio do esquecimento decorrente de algum trauma.

Todas as imigrantes experimentaram estranhamento, que foi descrito como um sentimento de medo e pavor por terem encontrado uma grande quantidade de afrodescendentes quando chegaram ao Brasil transitando tanto nos portos, como nas ruas das cidades de chegada e nos locais de trabalho na capital gaúcha. Evidentemente que essa percepção deve ser pensada a partir da diversidade étnica encontrada no Brasil, e que muitas vezes era desconhecida por algumas delas até a Segunda Guerra, quando tomaram contato com os americanos. Quanto à dificuldade de comunicação, verificou-se que foi superada através do convívio de trabalho ou das amizades, da convivência e da interação em espaços comunitários, como praças, ruas, mercados e trabalho. Vale lembrar que as calabresas mantiveram a tradição de falar o dialeto devido ao grande número de imigrantes oriundos da Calábria anteriormente ao período investigado, o que possibilitou o aglutinamento da comunidade e a preservação da tradição do local de origem.

A análise permite afirmar que após a Segunda Guerra as imigrantes de outras regiões se integraram em associações de outras etnias, como os austríacos, os alemães ou mesmo brasileiros. Dessa forma, assimilaram mais rapidamente novos hábitos alimentares e o idioma que se manifesta em suas falas não tem presença de sotaque, ou este é quase imperceptível. Bem verdade que a aquisição da língua portuguesa por cada uma das imigrantes ocorreu em

condições variáveis, como a idade da vinda para o Brasil e os grupos de convivência social, como família, bairro, trabalho, associações etc.

Ao mesmo tempo, foi possível, através da investigação, tomar conhecimento da existência de uma comunidade rural oriunda da região do Vêneto, fundadora da comunidade de Vila Nova Itália, em Porto Alegre, que merece um olhar mais atento por parte dos estudiosos de imigração urbana. Os depoimentos também evidenciam o surgimento de associações e bairros interétnicos em decorrência dos loteamentos nos arrabaldes da cidade, onde se percebe a predominância ou equivalência da presença de imigrantes italianos.

Chama-se a atenção que, para a maioria das imigrantes investigadas, o fato de serem italianas foi um facilitador na hora de arranjar colocação de trabalho, aliado, evidentemente, à elaboração da mentalidade do italiano trabalhador. Percebe-se nos depoimentos que essa representação se reelabora constantemente como base para a construção de suas identidades. Ainda quanto ao trabalho, as fontes analisadas permitiram evidenciar o grande número de pequenas empresas italianas e alemãs estabelecidas em Porto Alegre. Nessa perspectiva torna-se evidente que a própria condição de imigrantes era um fator determinante na hora de contratar um trabalhador. Por outro lado, geralmente as empresas italianas de pequeno e médio porte trabalhavam produzindo bens e serviços com equipes constituídas por mulheres e homens de múltiplas etnias, coordenadas ou gerenciadas por italianos, o que facilitava também a socialização das trabalhadoras.

Outro fator que fica evidente na pesquisa é que parte das imigrantes veio para o Brasil sem nenhuma qualificação. Aprendiam o ofício com a prática, ajudadas pelas colegas. Trabalhavam em condições muitas vezes insalubres, em atividades que requeriam frequentemente mais de doze horas por dia e onde a remuneração era irrisória. Depreende-se que a necessidade de compor a renda familiar fazia com que assim trabalhassem, até se equilibrarem financeiramente. Para as mulheres empreendedoras, foi fundamental a participação familiar na realização do empreendimento, entretanto, somente se mantiveram no mercado aquelas empresas consolidadas em uma ideologia familiar calcada nos valores e na tradição familiar italiana.

Finalmente, para concluir, ressalta-se que a investigação cumpriu seu papel ao desconstruir o senso comum de que as imigrantes italianas eram as *mammas* dedicadas apenas às tarefas do lar, famosas pelo papel desempenhado no espaço privado como agregadoras familiares e ótimas cozinheiras. Essa representação foi sendo engendrada desde o início da colonização, em função do grande número de filhos necessários para labutarem na terra.



Embora as imigrantes dessa época também exercessem atividades agrícolas, eram mais valorizadas pelo trabalho executado no interior das casas.

Desse modo, partindo do presente estudo e das fontes apresentadas nesta investigação, constata-se que as mulheres imigrantes tiveram papel preponderante, não apenas nas zonas rurais, mas também no desenvolvimento econômico da cidade de Porto Alegre e, conseqüentemente, do Rio Grande do Sul.

## REFERÊNCIAS

### Fontes Bibliográficas

- ADAS, Melhen. **Panorama geográfico brasileiro**. Gráfico de imigrantes entrados no Brasil – 1808/1973. São Paulo: Moderna, 2004.
- ALVES, Júlia Falivene. **A invasão cultural norte-americana**. São Paulo: Moderna, 1988.
- ARANTES, Erika Bastos. Negros do Porto: o cotidiano dos trabalhadores do porto carioca na primeira década do século. In: XXII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA. ANPUH. João Pessoa, 2003. **Anais**. Disponível em: <[http://anpuh.org/anais/wp-content/uploads/mp/pdf/ANPUH\\_S22.213.pdf](http://anpuh.org/anais/wp-content/uploads/mp/pdf/ANPUH_S22.213.pdf)>. Acesso em: 21 mar. 2014.
- AXT, Gunter; BUENO, Eduardo. **A. J. Renner 1884-1966 Capitão de Indústrias**. Porto Alegre: Paiol, 2013.
- AZZI, Riolando. Família e valores na sociedade brasileira numa perspectiva histórica (1870-1950). **Síntese**, n. 41, p. 87-109, 1987. Disponível em: <<http://faje.edu.br/periodicos2/index.php/Sintese/article/viewFile/1908/2212>>. Acesso em: 21 jun. 2014.
- BAKHTIN, Mikhail. **Questões de literatura e estética: a teoria do romance**. Trad. Aurora Fornoni Bernardini *et al.* São Paulo. Editora da Unesp; Hucitec, 1988.
- BARTH, Fredrik. Grupos étnicos e suas fronteiras. In: POUTIGNAT, Philippe e STREIFFENART, Jocelyne. **Teorias da etnicidade: seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth**. São Paulo: Fundação da Unesp, 1998. p. 87-227.
- BASSANEZI, Carla. Mulheres dos anos dourados In: DELPRIORE, Mary (Org.). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2000. p. 607-639.
- BENEDINI, Giuseppe Frederico; ARQUILLA, Matteo. **Na toca do Jaguar**. História da imigração italiana nas colônias agrícolas da Bahia. *Archivio Storico dell'Emigrazione Italiana/Edizione Sette Città*. Quaderni 11-12, 2007. Disponível em: <[https://books.google.com.br/books?id=rF\\_FCAAAQBAJ&printsec=frontcover&hl=pt-BR#v=onepage&q=editora&f=false](https://books.google.com.br/books?id=rF_FCAAAQBAJ&printsec=frontcover&hl=pt-BR#v=onepage&q=editora&f=false)>. Acesso em: 25 abr. 2015.
- BLINKHORN, Martin. **Mussolini e a Itália fascista**. Tradução de Ivone C. Benedetti. São Paulo: Paz e Terra, 2010.
- BOM ANGELO, E. **Empreendedor corporativo: a nova postura de quem faz a diferença**. Rio de Janeiro: Campus, 2003.
- BONAFÉ, Marileni De Carli. **Memória, literatura e cultura: as vozes de mulheres italianas**. Passo Fundo: UPF, 2007.
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**. São Paulo: T.A. Queiroz, 1983.
- BRANDÃO. Nadja dos Santos. Da tesoura ao bisturi, o ofício das parteiras 1897-1967. 1998. Dissertação (Mestrado em História). Porto Alegre: PUC-RS/PPG História, 1998

BRANCALEONE, Cássio. Comunidade, sociedade e sociabilidade: revisitando Ferdinand Tönnies. **Revista de Ciências Sociais**, Fortaleza, v. 39, n. 2, p. 98-104, 2008.

BRASIL. Ministério das Relações Exteriores. **Acordo de Imigração entre Estados Unidos do Brasil e a Itália**, de 5 de julho de 1950. Coleção de Atos Internacionais n. 499. Serviço de Publicações. [s/d].

\_\_\_\_\_. Ministério das Relações Exteriores. **Acordo de Imigração entre o Brasil e a Itália**, de 9 de dezembro de 1960. Coleção de Atos Internacionais n.726. Serviço de Publicações, [s/d].

BRITO, F.; SOUZA, R. **Migração e mobilidade na expansão da região metropolitana de Belo Horizonte**: o caso de Nova Lima. Belo Horizonte: UFMG, 2005.

BRITO, Fausto. Ensaio sobre as migrações internacionais no desenvolvimento do capitalismo. **Revista Brasileira de Estudos Populacionais**, Campinas, v. 12, n. 1/2, p. 21-34, 1995.

BUTTNER, Anna. Aprendendo o dinamismo do mundo vivido. In: CHRISTOFOLLETTI, Antônio (Org.). **Perspectiva da geografia**. São Paulo: Difel, 1982. p. 165-193.

CAMPOS, Ismael Saz. **Repensar o fascismo**. Tradução de Vincent. S. Olmos. São Paul: Perspectivas, 1999.

CARELI, Sandra da Silva. **As transformações no ofício de partejar nas décadas iniciais da República no Rio Grande do Sul**. 2008. Disponível em: <[http://eeh2008.anpuh-rs.org.br/resources/content/anais/1212240040\\_ARQUIVO\\_ANPUH2008.pdf](http://eeh2008.anpuh-rs.org.br/resources/content/anais/1212240040_ARQUIVO_ANPUH2008.pdf)>. Acesso em: 4 set. 2014.

CARLEIAL, Adelita. **Redes sociais entre imigrantes**. Disponível em: <[http://www.abep.nepo.unicamp.br/site\\_eventos\\_abep/PDF/ABEP2004\\_640.pdf](http://www.abep.nepo.unicamp.br/site_eventos_abep/PDF/ABEP2004_640.pdf)>. Acesso em: 19 set. 2010.

CARNEIRO, Luiz Carlos; PENNA Rejane, Porto Alegre de Aldeia a Metr pole. Porto Alegre: Márcia Oliveira/ Oficina de História, 1992, p.129.

CARVALHO, Vânia Carneiro de; LIMA, Solange Ferraz de. Fotografias: usos sociais e historiográficos. In: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tânia Regina de (Org.). **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2009. p. 29-60.

CASTRO, Amanda Motta Angelo; EGGERT, Edla. Notas sobre o trabalho de mulheres tecel s: brasileiras no fio da invisibilidade. **Rev. Ed. Popular**, Uberlândia, v. 12, n. 1, p. 100-111, jan./jun. 2013. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/reveducpop/article/viewFile/20290/12517>>. Acesso em: 11 set. 2014.

CENNI, Franco. **Italianos no Brasil**. São Paulo: Martins, EDUSP, 1975.

CERIZA, Andréia de Alcântara; VILPOUX, Olivier François. Empreendedorismo e empreendedores: uma revisão bibliográfica. In: XIII SIMPÓSIO DE ENGENHARIA DE PRODU O. **Anais**. Disponível em: <[http://www.simpep.feb.unesp.br/anais/anais\\_13/artigos/520.pdf](http://www.simpep.feb.unesp.br/anais/anais_13/artigos/520.pdf)>. Acesso em: 10 fev. 2013.

CERVO, Amado Luiz. **As relações históricas entre o Brasil e Itália: o papel da diplomacia.** Brasília: UNB, 1992.

CHARÃO, E. C. **Mobilidade e a interação social em Francesca.** Oficina do Historiador, Porto Alegre: EDIPUCRS, v. 4, n. 2, dez. 2011. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/oficinadohistoriador/article/view/10369> Acesso em: 23 out. 2014.

CHARPE, Jim. A história vista de baixo. In: BURK, Peter (Org.). **A escrita da história – novas perspectivas.** São Paulo: UNESP, 1992. p. 39-62.

CHARTIER, Roger. **A história cultural.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988.

CIUFOLETTI, Zeffiro; BALDOCCHI, Umberto; BUCCHIARELLI, Stefano; SODI, Stefano. **Dentro la storia.** Eventi, testimonianze e interpretazioni. Firenze: Casa Editrice, 2011.

CYTRYNOWISZ, Roney. **Guerra sem guerra: a mobilização e o cotidiano em São Paulo durante a Segunda Guerra Mundial.** São Paulo: Geração, 2007.

CLICHEVSKY, Nora. **Política urbana e mercado de terras na RMPA: 1950-79.** Porto Alegre: UFRGS/PROPUR, 1980. Relatório de Pesquisa.

CONEDERA, Leonardo de Oliveira. **A imigração italiana no pós-guerra em Porto Alegre.** 155 fls. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, PUCRS, Porto Alegre, 2012.

CONSTANTINO, Núncia Santoro de. **Caixas no porão: vozes, imagens, lembranças.** Porto Alegre: BIBLOS, 2004.

\_\_\_\_\_. Italianos na cidade. Porto Alegre (1850-1914). In: DAL BÓ, Juventino; IOTTI, Luiza Horn; MACHADO, Maria Beatriz Pinheiro (Org.). **Imigração italiana e estudos ítalo-brasileiros.** Caxias do Sul: EDUCS, 1999. p. 55-64.

\_\_\_\_\_. Nas entrelinhas da narrativa: vozes de mulheres imigrantes. **Revista de Estudos Ibero-Americanos,** Porto Alegre, v. XXXII, n. 1, p. 1-225, jun. 2006.

\_\_\_\_\_. **O italiano da esquina: meridionais na sociedade porto-alegrense e permanência da identidade entre moraneses.** Porto Alegre: EST, 2008.

COSTA, José Carlos da. **O indivíduo na biografia e na autobiografia: uma perspectiva sociológica.** Paraná: UNIOESTE, 2010, Disponível em <https://pendientedemigracion.ucm.es/info/especulo/numero45/indibilog.html>. Acesso 22, jan., 2014.

DE CLEMENTI, Andreina. **Il prezzo della ricostruzione: le emigrazione italiana nel secondo dopoguerra.** Bari: Laterza, 2010.

DE RUGGIERO, Antonio. Os italianos nos contextos urbanos do Rio Grande do Sul. In: VENDRAME, Maira e outros (Org.). **Micro-história, trajetórias e imigração.** São Leopoldo: OIKOS, 2015. p. 162-181.

DEVOTO, Giacomo; GIACOMELLI, Gabriella. **Os dialetos das regiões de Itália**. Florença: Sansoni, 1991.

DI CARLO, Angelo; DI CARLO, Serena (Org.). **I luoghi dell'identità**. Milano: Agnelli, 1986.

DIÉGUES JUNIOR, Manuel. **Imigração, urbanização e industrialização**: estudo sobre alguns aspectos da contribuição cultural do imigrante no Brasil. Rio de Janeiro: Instituto Nacional de Pesquisa Educacional, 1964.

DOLABELA, F. **Pedagogia empreendedora**. O ensino de empreendedorismo na educação básica, voltado para o desenvolvimento sustentável. São Paulo: Cultura, 2003.

FACCHINETTI, Luciana. **A imigração italiana do segundo pós-guerra e a indústria brasileira nos anos 50**. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

FALCÃO, Juliana. **Elas realmente não fogem à luta**. Disponível em: <[http://carreiras.empregos.com.br/carreira/administracao/comportamento/090301-historico\\_mulher.shtm](http://carreiras.empregos.com.br/carreira/administracao/comportamento/090301-historico_mulher.shtm)>. Acesso em: 12 ago. 2014.

FORTES, Alexandre. **Nós do Quarto Distrito**: a classe trabalhadora porto-alegrense e a era Vargas. Caxias do Sul: Educus; Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

FRANZINA, Emilio. **A grande emigração**: o êxodo dos italianos do Vêneto para o Brasil. Campinas: Unicamp, 2006.

FREITAS, Sônia Maria de. Prefácio. In: THOMPSON, Paul. **A voz do passado**: história oral. São Paulo: Paz e Terra, 1992. p. 14-19.

\_\_\_\_\_. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: \_\_\_\_\_. **Mitos, emblemas, sinais, morfologia e história**. Tradução de Frederico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. p. 281.

GROSSO, Carlos Eduardo Millen. Relações interétnica, classe e gênero: a construção socio-cultural da identidade (Porto Alegre, 1890-1930). Florianópolis, 2010. **Anais**. Fazendo Gênero 9 Diásporas, Diversidades, Deslocamentos. 23 a 26 de agosto de 2010). Disponível em: <[http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1277832000\\_ARQUIVO\\_textocompleto.fazendogenero.2010.carloseduardomillengrosso.pdf](http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1277832000_ARQUIVO_textocompleto.fazendogenero.2010.carloseduardomillengrosso.pdf)>. Acesso em: 24 maio 2013.

HAHNER, June E. **A mulher no Brasil**. Tradução de Eduardo F. Alves. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2004.

HARRES, Marluza Marques. Aproximações entre história de vida e autobiografia: os desafios da memória. **Revista História**, Unisinos, São Leopoldo - RS, v. 8 n. 10, p. 143-156, jul/dez 2004.

HERÉDIA, Vania. **A industrialização da zona colonial italiana**: um estudo de caso da indústria têxtil do nordeste do Rio Grande do Sul. Caxias do Sul: EDUCS, 1997. Disponível em: <<http://cdn.fee.tche.br/jornadas/1/s3a7>>. Acesso em: 25 jun. 2015.

HOBBSAWM, Eric. **A era dos extremos**. O breve século XX 1914-1991. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

JARDIM, Paulo Sérgio Fioravanti. **Voices e notícias das ruas de Porto Alegre do início dos anos cinquenta**. 2004. 195 f. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, PUCRS, Porto Alegre, 2004.

JONATAN, Eva G.; SILVA, Taisa M. R. da. Empreendedorismo feminino: tecendo a trama das demandas conflitantes. **Psicologia & Sociedade**, São Paulo, v. 19, n. 1, p. 77-84, jan./abr. 2007.

KERN, T. M.; SHEMES, C; ARAUJO, C. D. A moda infantil no século XX: representações imagéticas na revista globo (1929-67). **Diálogos**, Maringá: DHI/PPH/UEM, n. 14, p. 399-427, 2010.

KERPEN, Karina dos Reis. A razão urbana fotografada: imagens do aterro da Avenida Beira-Rio por Léo Guerreiro e Pedro Flores (1950-1960). **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais**, São Leopoldo, v. 3, n. 5, p. 90-99, jul. 2011.

LAMBO, Lisa. **Italiano e spagnolo a contatto nell'emigrazione in Venezuela**. Tesis de grado en la Universidad de Verona Italia, 2014.

LAZZARINI, A. **Campagne Venete de emigrazione di Massa (1866-1900)**, Vicenza: Instituto para a Pesquisa da História Social e História Religiosa, 1981.

LEITE, Miriam Moreira. **Retratos de família: leitura da fotografia histórica**. São Paulo: Edusp, 1993.

LEOPOLDI, Maria Antonieta P. **Política e interesse na industrialização brasileira**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

LEPRANTINE, Françoise. **Aprender antropologia**. São Paulo: Brasiliense, 2003.

MAALOUF, Jorge Fouad. **O sofrimento dos imigrantes: um estudo clínico sobre o desenraizamento no self**. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

MAESTRI, Mário. A travessia e a mata: memória e história. In: DAL BÓ, Juventino; IOTTI, Luíza Horn; MACHADO, Maria Beatriz (Org.). **Imigração italiana e estudos ítalo-brasileiros**. Caxias do Sul: EDUCS, 1996. p. 190-207.

MALATIAN, Tereza. Imprensa italiana em São Paulo e o fascismo: o Fanfulla (1921-1942). **História**, Franca, v. 34, n. 1, jan./jun. 2015. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-90742015000100195&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-90742015000100195&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 22 jul. 2015.

MANN, Michael. **Fascistas**. São Paulo: Record, 2008.

MAZZOLA, Giovanni. **Notizie storiche Sulla Vetusta Tavaca e Sulla Moderna Leonforte**. Leonforte: Nicosia Tipografia Editrice del Lavoro, 1924.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; HOLANDA, Fabíola. **História oral: como fazer, como pensar**. São Paulo: Contexto, 2007.

MONTEIRO, Charles. **Breve história de Porto Alegre**. Porto Alegre: Suliani Editografia Ltda., 2012.

\_\_\_\_\_. Porto Alegre no século XX: crescimento urbano e mudanças sociais. In: DORNELLES, Beatriz (Org.). **Porto Alegre em destaque: história e cultura**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. p. 51-74.

MORAES, Roque. Uma tempestade de luz: a compreensão possibilitada pela análise textual discursiva. **Ciência & Educação**, Bauru, v. 9, n. 2, p. 191-211, 2003.

MOREIRA, Erika Vanessa; HESPANHOL Rosângela Aparecida de Medeiros. O lugar como uma construção social. **Revista Formação**, Presidente Prudente, v. 2, n. 14, p. 48-60, 2011.

MOTTIN, Antonio S.; CASOLINO. **Angelo Bianchini Ricci**. In: CLEMENTE, Elvo Ir. (Org.) Italianos no Brasil: contribuições na Literatura e na ciência, séculos XIX e XX. In EDIPUCRS: Porto Alegre, 1999.

MOURÃO, Lais. **Pertencimento**. Brasília: CENTRANS (Centro de Educação Transdisciplinar), 2009 (Universidade de Brasília). Disponível em: <[http://cetrans.com.br/artigos/Lais\\_Mourao.pdf](http://cetrans.com.br/artigos/Lais_Mourao.pdf)>. Acesso em: 14 nov. 2014.

NUNES, João Arriscado. Fronteiras, hibridismo e mediatização: os novos territórios da cultura. **Revista de Ciências Sociais**, Coimbra, n. 45, p. 35-71, maio 1996.

OLIVEIRA, Flávia Arlanch Martins de. Padrões alimentares em mudança: a cozinha italiana no interior paulista. **Rev. Bras. Hist.**, São Paulo, v. 26, n. 51, jan./jun. 2006. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-01882006000100004](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882006000100004)>. Acesso em: 22 maio 2015.

PAIVA, Odair da Cruz ; MOURA, Soraya **Hospedaria de Imigrantes de São Paulo**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2008.

PENA, Maria Valéria Junho. **Mulheres e trabalhadoras**. Presença feminina na constituição do sistema fabril. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

PEREIRA, S. M. Ser italiano no Brasil ou como viver entre dois mundos. In: MARTINS, I. L.; HECKER, Alexandre (Org.). **E/imigrações: histórias, culturas e trajetórias**. São Paulo: Expressão e Arte, 2010. p. 48-54.

PEREIRA, Syrléia Marques. **Entre histórias, fotografias e objetos: imigração italiana e memória de mulheres**. Tese (Doutorado em História) – Departamento de História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2008.

SCOTT, Joan. Experiência. In: Falas de Gênero. SILVA, Alcione Leite da; LAGO, Mara Coelho de Souza Lago; RAMOS, Tânia Regina Oliveira Ramos (Org.) e Editora Mulheres, Santa Catarina, 1999 Pp. 21-55

PESSAVENTO, Sandra Jatay. História cultural: caminhos de um desafio contemporâneo In; PESSAVENTO, Sandra Jatay; SANTOS, Nadia Maria Weber; ROSSINI, Miriam de Souza (Orgs.) **Narrativas Imagens e Práticas sociais**. Porto Alegre: Asterisco, 2008. p. 11-18.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992. Disponível em: <[http://www.pgedf.ufpr.br/downloads/Artigos%20PS%20Mest%202014/Andre%20Capraro/memoria\\_e\\_identidade\\_social.pdf](http://www.pgedf.ufpr.br/downloads/Artigos%20PS%20Mest%202014/Andre%20Capraro/memoria_e_identidade_social.pdf)>. Acesso em: 07 out. 2010.

PORTELLI, Alesandro. Entrevista. **Revista Historiar**, Sobral: Universidade Estadual Vale do Acaraú, v. 4, n. 4, jan./jun. 2011. [[www.uvanet.br/revistahistoriar](http://www.uvanet.br/revistahistoriar)] Disponível em: <<file:///C:/Users/EGISELDA/Downloads/53-97-1-SM.pdf>>. Acesso em: 05 maio 2014.

\_\_\_\_\_. O massacre de Civitella Vai di Chiana (Toscana, 29 de junho de 1944): mito, política e senso comum. In: AMADO, Janáina e FERREIRA, Marieta Morais (Org.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996. p. 103-130.

PROBST, Elisiana Renata. A evolução do trabalho da mulher no mercado de trabalho. **Revista Leonardo**, Pós, Florianópolis, n. 2, jan./jun. 2003, p. 1-8. Disponível em: <<http://www.posuniasselvi.com.br/artigos/rev02-05.pdf>>. Acesso em: 06 fev. 2013.

RIZZARDO, Rodovino. **A longa viagem**. Porto Alegre: Sulina, 1975.

ROCHA-COUTINHO, Maria Lucia. **Tecendo por trás dos panos: a mulher brasileira nas relações familiares**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

ROMAN, A. R. O conceito de polifonia. **Letras**, Curitiba: UFPR, n. 41/42, p. 207-220, 1992/1993.

ROSA, Cristina Souza da. Pequenos soldados do fascismo: a educação militar durante o governo de Mussolini. **Antíteses**, Londrina, v. 2, n. 4, p. 621-648, jul./dez. 2009, pp. 621-648. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/antiteses>>. Acesso em: 22 jun. 2013.

SANTOS, Marínes Ribeiro dos. As mulheres e o espaço doméstico na Revista Casa e Jardim. **Fazendo Gênero**. Florianópolis, 2008, p. 1-2. Seminário Internacional Fazendo Gênero 8: Corpo, Violência e Poder. Florianópolis, 25-28 ago. 2008. Disponível em: <[http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST48/Marines\\_Ribeiro\\_dos\\_Santos\\_48.pdf](http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST48/Marines_Ribeiro_dos_Santos_48.pdf)> Acesso: 12 dez. 2014.

SASSOON, Donald. **Mussolini e a ascensão do fascismo**. Tradução de Clovis Marques. São Paulo: Agir, 2009.

SAYAD, Abdelmalek. O retorno: elemento constitutivo da condição do migrante. **Travessia – Revista do Imigrante**, São Paulo, n. 13 (número especial), p. 7-32, jan. 2000.

SCHIMIDTI, Maria Luíza Sandoval e MAHFOUD, Miguel. Halbwachs: memória coletiva e experiência. **Psicologia**, São Paulo, USP, v. 10, n 1/2, p. 285-298, 1993.

SCHUELER, Alessandra Frota Martinez de. O Rio de Janeiro oitocentista, suas escolas e seus professores (1854-1890): notas de pesquisa. In: XXIII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA DA ANPUH. **Anais**. Londrina, 2005.



SERTÓRIO, Lidiane Bruno; SANTOS, Miriam de Oliveira. Relações entre trabalho, educação, gênero e migração. In: VIII SEMINÁRIO DO TRABALHO. Trabalho, educação, políticas sociais no século XXI, Marília, SP, UNESP, 2010. **Anais**. Disponível em: <[http://www.estudosdotrabalho.org/anais-vii-7-seminario-trabalho-ret-2010/Lidiane\\_Bruno\\_Sertorio\\_e\\_Miriam\\_de\\_Oliveira\\_Santos\\_relacoes\\_entre\\_trabalho\\_educacao\\_genero\\_e\\_migracao.pdf](http://www.estudosdotrabalho.org/anais-vii-7-seminario-trabalho-ret-2010/Lidiane_Bruno_Sertorio_e_Miriam_de_Oliveira_Santos_relacoes_entre_trabalho_educacao_genero_e_migracao.pdf)>. Acesso em: 12 abr. 2013.

SILVA, Denise Terezinha da Silva. **Fotografias que revelam imagens da imigração: pertencimento e gênero como faces identitárias**. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Faculdade de Comunicação, UNISINOS, São Leopoldo, 2008.

SILVA, Márcia Andréia Schimidt da. **Uma comunidade eslava ortodoxa: russos e ucranianos em Porto Alegre: 1948, 1996**. 134 f. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1996.

SILVA, Marcos Aurélio da. A indústria de equipamentos elétricos do sul do Brasil: crítica da história fetichista, processo de internacionalização. **Revista NECAT**, Florianópolis, a. 3, n. 5, p.71-94, jan./jun. 2014.

SILVA, Paula Rafaela da. **Ladies no batente: a representação do trabalho feminino na revista Lady: a companheira da mulher (1956-1959)**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.

SINGER, Paul. **Desenvolvimento econômico e evolução urbana: análise da evolução econômica de São Paulo, Blumenau, Porto Alegre, Belo Horizonte e Recife**. São Paulo: Nacional, 1968.

TETI, V. Emigrazione, alimentazione, cultura popolare. In: BEVILACQUA, P.; DE CLEMENTI, A.; FRANZINA, E. **Storia dell'emigrazione italiana**. Roma: Donzelli, 2001. p. 575-597.

TORELLI, M. **Storia degli etruschi**. Bari: Laterza, 1981.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral**. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

TRENTO, Angelo. **Do outro lado do Atlântico**. Tradução de Mariarosaria Fabris (capítulos 2 a 5) e Luiz Eduardo de Lima Brandão (capítulos 1, 6 e 7). São Paulo: Nobel, 1989.

TRUZZI, Osvaldo. Redes em processos migratórios. **Tempo Social**, Revista Sociológica da USP, São Paulo, v. 20, n. 1, p. 299-218, 2008.

VELHO, Gilberto. **Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1994

\_\_\_\_\_. **Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

VENDRAME, Maíra Inês. A trajetória de dois imigrantes italianos no Brasil Meridional (1878-1900). **Revista Latino-Americana de História**, São Leopoldo: PPGH-UNISINOS, v. 3, n. 11, set. 2014. Disponível em: <<http://projeto.unisinos.br/rla/index.php/rla/article/viewFile/446/425>>. Acesso em: 12 mar. 2015.

\_\_\_\_\_. Nós partimos pelo mundo, mas para viver melhor: redes sociais, família e estratégias migratórias. **Metis: história & cultura**, Caxias do Sul, v. 9, n. 17, p. 69-82, jan./jun. 2010.

VICENTINI, Paulo Fagundes. **As Guerras Mundiais (1914-1945)**. Porto Alegre: Leitura XXI, 2003.

VICO, G. **Princípios de (uma) ciência nova**: acerca da natureza comum das nações. 3. ed. Tradução de Antonio Lázaro de Almeida Prado. São Paulo: Abril Cultural, 1984. Coleção Os Pensadores.

VINCENT, Andrew. **Ideologias políticas modernas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

VON MÜHLEN, Caroline. “**Levantou-se dentro da sala forte barulho seguido de gritos e choro...**”: a venda como espaço de transações comerciais e desentendimentos (São Leopoldo/1846-1865). Disponível em: <<http://ephispucrs.wordpress.com/st-7-imigracao-e-imigrantes/>>. Acesso em: 10 set. 2014. Colocado no lugar

WEBER, Regina. **Imigração e identidade étnica**: temáticas historiográficas e conceituações. Porto Alegre: UFRGS, 2006.

ZANINI, Maria Catarina C.; SANTOS, Miriam de Oliveira. O trabalho como “categoria étnica”: um estudo comparativo da ascensão social de imigrantes italianos e seus descendentes no Rio Grande do Sul (1875-1975). **Rev. Inter. Mob. Hum.**, Brasília, a. XVII, n. 33, p. 175-196, jul./dez. 2009.

### Fontes da Web

ACATARBATTISTELLA.COM. BR. **Hospedaria do Imigrante**. São Paulo. Imagem. Disponível em: <<http://www.acatarbattistella.com.br/hospedaria-de-imigrantes>>. Acesso em: 12 mar. 2015.

ASFOTONOVELAS. BLOGSPOT.COM.BR. **Revista Grande Hotel**. 1956. Imagem. Disponível em: <<http://asfotonovelas.blogspot.com.br/2010/12/grande-hotel-n-484-1956-raridade.html>>. Acesso em: 23 jul. 2013.

BARRAZABUS. FOTOPAGES.COM. **TTL antigo\_16 (Salomao Jacob Golandski)**. Imagem. Disponível em: <<http://shw.barrazabus.fotopages.com/21566044/TTL-antigo-16-Salomao-Jacob-Golandski.html>>. Acesso em: 23 mar. 2015.

BETASOM. IT. **Trieste** – Itália. Navio no Porto em Trieste. Imagem. Disponível em: <<http://www.betasom.it/forum/index.php?showtopic=30714>>. Acesso em: 03 fev. 2015.

CARLOSADIB.COM. BR. **Cinema Vitória**. Imagem. Disponível em: <[http://www.carlosadib.com.br/poa\\_fatos.html](http://www.carlosadib.com.br/poa_fatos.html)>. Acesso em: 22 jun. 2014.

CADERNOSP.COM. BR. **Jornal Fanfulla**. Imagem. Disponível em: <<http://www.cadernosp.com.br/mooca/688/fanfulla-um-centen%E1rio-com-olhos-para-o-futuro/>>. Acesso em: 21 fev. 2015.

CARRIS.COM. BR. **Carris**. Disponível em:  
<[http://www.carris.com.br/default.php?reg=1&p\\_secao=61](http://www.carris.com.br/default.php?reg=1&p_secao=61)>. Acesso em: 23 mar. 2015.

CEASARS.COM. BR. Disponível em: <<http://www.ceasars.com.br/historia>>. Acesso em: 23 mar. 2015.

CIBAIMIGRAÇÕES.COM. Disponível em:  
<[http://www.cibaimigracoes.com.br/arquivos/9\\_50\\_anos\\_servico\\_migrantes.pdf](http://www.cibaimigracoes.com.br/arquivos/9_50_anos_servico_migrantes.pdf)>. Acesso em: 12 set. 2013.

DELCAMPE. IT. **Passo Brennero**. Estação Ferroviária. 1950. Imagem. Disponível em:  
<<http://www.delcampe.it/items?catLists%5B%5D=818&language=I&layoutForm%5BlistitemPerPage%5D=50&page=1>>. Acesso em: 12 mar. 2014.

\_\_\_\_\_. **Passo do Brennero**. Imagem. Disponível em:  
<<http://www.delcampe.it/items?language=I&searchString=+brennero+&cat=0&catLists%5B%5D=-2&searchOptionForm%5BsearchMode%5D=extended&searchOptionForm%5BtermsToExclude%5D=&searchOptionForm%5BsearchTldCountry%5D=it&searchOptionForm%5BsearchInDescription%5D=N>>. Acesso em: 12 mar. 2014.

DIFUSORASANTACRUZ1180.COM. BR. **Maestro Alfredo Giordano**. Disponível em  
<<http://difusorasantacruz1180.com.br/inicia.asp?pagina=paginas&id=10>>. Acesso em: 22 mar. 2015.

DIGILANDER. LIBERO.IT. Costalta Di Cadore – Belluno. Imagem. Disponível em:  
<<http://digilander.libero.it/costalita/geogr.html>>. Acesso em: 22 mar. 2015.

DOKTORCLUB. BLOGSPOT.COM.BR. **Antiga Rua Havaí**. Acervo do IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em:  
<<http://doktorclub.blogspot.com.br/2012/11/porto-alegre-antiga-acervo-do-ibge.html>>. Acesso em: 12 jan. 2014.

EBAY. IT. **Leonforte** – Provincia de Enna. Imagem. Disponível em:  
<[http://www.ebay.it/itm/ENNA-LEONFORTE-02-Cartolina-viaggiata-1953-/390979358996?pt=LH\\_DefaultDomain\\_101&hash=item5b082f9114](http://www.ebay.it/itm/ENNA-LEONFORTE-02-Cartolina-viaggiata-1953-/390979358996?pt=LH_DefaultDomain_101&hash=item5b082f9114)>. Acesso em: 25 jun. 2014.

\_\_\_\_\_. **Nápoles. Pocillipo** – 1950. Imagem. Disponível em:  
<<http://www.ebay.com/itm/NAPOLI-Posillipo-Circa-1950-PC-Real-Photo-Vera-Foto-/261450537823>>. Acesso em: 22 jun. 2015.

\_\_\_\_\_. Notícia sobre Badoglio – 1943. Imagem. **La Stampa**, a. 77, n. 137, luglio 1943. Disponível em: <[http://www.ebay.it/itm/1943-LA-STAMPA-Pietro-BADOGGIO-nuovo-capo-del-Governo-Giornale-/360519269566?pt=LH\\_DefaultDomain\\_101&hash=item53f09f7cbe](http://www.ebay.it/itm/1943-LA-STAMPA-Pietro-BADOGGIO-nuovo-capo-del-Governo-Giornale-/360519269566?pt=LH_DefaultDomain_101&hash=item53f09f7cbe)>. Acesso em: 03 fev. 2014.

ESTADO.RS.GOV.BR. **Exposição Comemorativa dos Cinquenta Anos de Arte de Maria Di Gesù**. Disponível em: <<http://www.estado.rs.gov.br/conteudo/156142/margs-inaugura-dia-9-a-mostra-de-maria-di-gesu>>. Acesso em: 22 ago. 2014.

FACEBOOK.COM. **Amelia Testani**. Disponível em:

<<https://www.facebook.com/amelia.testani.9/about?section=education>>. Acesso em: 15 jul. 2015.

\_\_\_\_\_. **Vila IAPI**. Imagem. Disponível em: <<http://www.facebook.com/pages/Nossa-Porto-Alegre/218265241634401>>. Acesso em: 13 jun. 2014.

FONTE DOSABER.COM. **Bens de capital**. Disponível em: <<http://www.fontedosaber.com/?s=bens+de+capital+e+bens+de+produ%C3%A7%C3%A3o&x=0&y=0>>.

Acesso em: 22 set. 2011.

FOTOS.SA,PO.PT. **Cortiço da Galeria Caldwell**. Bairro Menino Deus. Imagem. Disponível em: <<http://fotos.sa.po.pt/jaimemuller/fotos/?uid=VtDuyyyZ9QTA2G8Fw7S8>>. Acesso em: 22 set. 2014.

FOTOSANTIGAS. PRATI.COM.BR. **Vila São José**. 1956. Antigo Morro da Cruz.

Disponível em:

<[http://fotosantigas.prati.com.br/fotosantigas/PortoAlegre/Porto\\_Alegre\\_Bairro\\_Partendon\\_Vila\\_S%25C3%25A3o\\_Jos%25C3%25A9\\_1956.htm&docid=oXMe49jDEwp1WM&imgurl=htp](http://fotosantigas.prati.com.br/fotosantigas/PortoAlegre/Porto_Alegre_Bairro_Partendon_Vila_S%25C3%25A3o_Jos%25C3%25A9_1956.htm&docid=oXMe49jDEwp1WM&imgurl=htp)>. Acesso em: 22 set. 2014.

GIORNALEDEL CILENTO. IT. **Rofrano**. Província de Salerno, Itália. Disponível em:

<[http://www.giornaledelcilenton.it/it/rofrano\\_viterale\\_voler\\_bene\\_all\\_italia\\_voler\\_bene\\_a\\_rofrano\\_una\\_manifestazione\\_per\\_riscoprire\\_i\\_gioielli\\_che\\_si\\_nascondono\\_dentro\\_i\\_nostri\\_piccoli\\_paesini.html###.VVfDprlViko](http://www.giornaledelcilenton.it/it/rofrano_viterale_voler_bene_all_italia_voler_bene_a_rofrano_una_manifestazione_per_riscoprire_i_gioielli_che_si_nascondono_dentro_i_nostri_piccoli_paesini.html###.VVfDprlViko)>. Acesso em: 22 jul. 2015.

GUASCATUR, COM. **Ponte móvel do Guaíba** – construção 1955 Disponível em:

<<http://www.guascatur.com/2014/06/lago-guaiba-porto-alegre.html>>. Acesso em: 05 maio 2015.

HERRERA, José Dias. **Navio Transatlântico Giulio Cesare**. Imagem. Acervo L. J. Giraud.

Disponível em: <<https://portogente.com.br/colunistas/laire-giraud/assim-era-o-porto-de-santos-3-5472>>. Acesso em: 31 out. 2014.

IMPORTADORA AMERICANA.COM.BR. **Historia**. Disponível em:

<[http://www.importadoraamericana.com.br/site/?page\\_id=7](http://www.importadoraamericana.com.br/site/?page_id=7)>. Acesso em: 19 out. 2014.

INFOESCOLA.COM. **Bens de consumo**. Disponível em:

<<http://www.infoescola.com/economia/bens-de-consumo>>. Acesso em: 12 set. 2011.

IGREJAS AO JUDASTADEUPOARS.BR. **Igreja São Judas Tadeu**. Disponível em:

<<http://igrejasaojudastadeupoars-historico.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 23 jan. 2012.

ISTITUTOMASERATI. IT. **Balillas**. Imagem. Disponível em:

<[http://www.istitutomaserati.it/albero\\_scuola/ipertesto/ONB.htm](http://www.istitutomaserati.it/albero_scuola/ipertesto/ONB.htm)>. Acesso em: 23 jun. 2015.

ITALIAOGGI.COM.BR. **Sociedade Italiana Benficiente Princesa Helena de Montenegro**.

(Società Italiana di Beneficenza Principessa Elena Montenegro). Imagem e História.

Disponível em: <[http://www.italiaoggi.com.br/not04\\_0608/ital\\_not20080628a.htm](http://www.italiaoggi.com.br/not04_0608/ital_not20080628a.htm)>. Acesso em: 12 jan. 2014.

ITALIMIX. NET.BR. **Província de Salerno e a II Guerra**. Disponível em:  
<[http://www.italiamix.net.br/rivista/Revista\\_ItaliaMix15.pdf](http://www.italiamix.net.br/rivista/Revista_ItaliaMix15.pdf)>. Acesso em: 22 mar. 2015

ITALYHERITAGE.COM. **Alteleta**. Disponível em:  
<<http://www.italyheritage.com/regions/abruzzo/laquila/ateleta.htm>>. Acesso em: 17dez. 2013.

ITALYREVISITED.ORG. **Vestimenta típica das regiões italianas**. Disponível em:  
<[http://www.italyrevisited.org/photo/Traditional\\_Clothing/page5](http://www.italyrevisited.org/photo/Traditional_Clothing/page5)>. Acesso em: 17 dez. 2014.

LABANDDADEIBROCCOLI.COM. **I segreti della mia cucina**. Disponível em:  
<<http://labandadeibroccoli.com/2013/10/the-dark-side-of-the-moon-alias-merendine-al-cioccolato.html>>. Acesso em: 16 jul. 2014.

MAREBLU.COM. BR. **LANCOL** – Indústria e Comércio de Vestuário – Confecções Unissex. Imagem. Disponível em: <<http://www.mareblu.com.br/site/>>. Acesso em: 16 jul. 2014.

MAUXHOMEPAGE.COM. **Associações de ex-combatentes**. [s.a] [s.d.]. Disponível em:  
<<http://www.mauxhomepage.com>>. Acesso em: 18 set. 2010.

MEMORIASANTISTA.COM. BR. **Navio Raul Soares**. Imagem. História. Disponível em:  
<<http://memoriasantista.com.br/?p=778>>. Acesso em: 16 jul. 2014.

MOSCHETTI, Lydia. **Produção literária**. Disponível em:  
<<http://www.oriundi.net/site/oriundi.php?menu=noticiasdet&id=19578>>. Acesso em: 11 dez. 2012.

MUNDODASMARCAS.BLOGSPOT.COM.BR. **Fábrica de Massas Ádria**. Disponível em:  
<<http://mundodasmarcas.blogspot.com.br/2006/08/adria-brasileira-com-gostinho-europeu.html>>. Acesso em: 15 maio 2012, 23 ago. 2013.

\_\_\_\_\_. **Siemens**. Disponível em:  
<<http://mundodasmarcas.blogspot.com.br/2006/06/siemens-global-networkof-innovation.html>>. Acesso em: 15 maio 2014.

\_\_\_\_\_. **LEE**. Informação sobre a marca de brim americano. Disponível em:  
<<http://mundodasmarcas.blogspot.com.br/2006/07/lee-brand-that-fits.html>>. Acesso em: 23 ago. 2014.

MUSEUMIN. UFRGS.BR. **Fábrica Adria**. Disponível em:  
<[http://www.museumin.ufrgs.br/Mem\\_Historia\\_Curso.htm](http://www.museumin.ufrgs.br/Mem_Historia_Curso.htm)>. Acesso em: 25 jun. 2014.

MISTERKAPPA. IT. **Panorama de Trieste**. Imagem. Disponível em:  
<<http://www.misterkappa.it/cvf-cadel09.html>> Acesso Dez 2014>. Acesso em: 21 fev. 2015.

NAPOLIUNPLUGGED.COM. **Nápoles. Atentado de 1943**. Imagem. Disponível em:  
<<http://www.napoliunplugged.com/wp-content/uploads/2013/09/napoliunpluggedquattrogiornate2.jpg>>. Acesso em: 15 maio 2015.

NAVIO Almirante Aceguai. Imagem. **A Tribuna**, Santos, 23 maio 1930. Disponível em:  
<<http://www.novomilenio.inf.br/santos/h0087a.htm>>. Acesso em: 24 ago. 2014.

NOVOMILENIO. INF.BR. **Marcella Gallinati**. Imagem. Disponível em:  
<<http://www.novomilenio.inf.br/santos/fotos284.htm>>. Acesso em: 22 abr. 2014.

\_\_\_\_\_. **Navio Bretanha**. Imagem e história. Disponível em:  
<<http://www.novomilenio.inf.br/rossini/bretagne.htm>>. Acesso em: 26 ago. 2014.

\_\_\_\_\_. **Navio Conte Grande**. Imagem. Disponível em:  
<<http://www.novomilenio.inf.br/rossini/contegra.htm>>. Acesso em: 21 maio 2014.

\_\_\_\_\_. **Navio San Giorgio** (Ex-Principessa Giovanna). Disponível em:  
<<http://www.novomilenio.inf.br/rossini/pgiovann.htm>>. Acesso em: 2 maio 2015.

NYTIMES.COM. **Trieste** – Região de Frul-Veneza Júlia. Mapa. Disponível em:  
<<http://www.nytimes.com/2011/05/01/travel/01trieste-italy.html?pagewanted=all>>. Acesso em: 21 maio 2014.

OBRASSOCIAISDOMGUANELLA1. BLOGSPOT.COM.BR. **Educandário São Luiz**. Disponível em: <<http://www.obrassociaisdomguanella1.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 15 abr. 2014.

PAESIONLINE. IT. **Gran Fonte**. Disponível em:  
<[http://www.paesionline.it/sicilia/leonforte/foto\\_dettaglio.asp?filename=3992\\_leonforte\\_gran\\_fonte](http://www.paesionline.it/sicilia/leonforte/foto_dettaglio.asp?filename=3992_leonforte_gran_fonte)> Acesso em: 07 nov. 2014.

PANORAMIO.COM. **Antiga Indústria Vigorelli**. Jundiaí – SP. Disponível em  
<<http://www.panoramio.com/photo/16125164>>. Acesso em: 22 nov. 2014.

\_\_\_\_\_. **Norte da Ponte del Duomo**. Imagem. Disponível em:  
<<http://www.panoramio.com/photo/5292413>>. Acesso em: 22 nov. 2014.

\_\_\_\_\_. **Pescia**. Imagem e história. Disponível em:  
<<http://www.panoramio.com/photo/5292413>>. Acesso em: 12 set. 2013.

PASSOPSIARO. COM. **Mapa de localização de Passopsiaro**. Disponível em:  
<<http://www.passopsiaro.com/contatti/>>> Acesso em: 18 nov. 2014.

PORTOALEGRE. RS.GOV.BR. **FIATECI** – Companhia Fiação e Tecidos Porto Alegre. Projeto Viva o Centro, Secretaria Municipal de Turismo de Porto Alegre. Disponível em:  
<<http://www.portoalegre.rs.gov.br/vivaocentro>>. Acesso em: 1 mar. 2014.

PORTOGENTE.COM. BR. **Andrea C**. Disponível em:  
<<https://portogente.com.br/colunistas/laire-giraud/os-prospectos-dos-navios-anna-c-e-andrea-c-20365>>. Acesso em: 22 jul. 2014.

\_\_\_\_\_. **Navio Conte Grande**. História. Disponível em:  
<<https://portogente.com.br/colunistas/laire-giraud/o-esplendoroso-conte-grande-68933>>. Acesso em: 4 abr. 2013.

\_\_\_\_\_. **Navio Giulio Cesare**. História e imagem. Disponível em:  
<<https://portogente.com.br/colunistas/laire-giraud/assim-era-o-porto-de-santos-3-5472>>. Acesso em: 31 out. 2014.

PORTOIMAGEM.WORDPRESS.COM. **Rua Demétrio Ribeiro**. 1950. Imagem. Acervo Laudelino T. de Medeiros. Disponível em: <<http://portoimagem.wordpress.com/2012/07/17/fotos-antigas-de-porto-alegre-acervo-laudelino-teixeira-de-medeiros/>>. Acesso em: 22 fev. 2011.

PRODUTO.MERCADOLIVRE.COM.BR. **Adria Massas Alimentícias**. Calendário Propaganda Antiga. Imagem. Disponível em: <[http://produto.mercadolivre.com.br/MLB-682510777-adria-massas-alimenticias-calendario-propaganda-antiga-\\_JM](http://produto.mercadolivre.com.br/MLB-682510777-adria-massas-alimenticias-calendario-propaganda-antiga-_JM)>. Acesso em: 13 maio 2015.

\_\_\_\_\_. **Moinho Esperança**. Saca antiga: Farinha especial. Imagem. Disponível em: <[http://produto.mercadolivre.com.br/MLB-637703181-saca-antiga-farinha-especial-moinho-esperanca-\\_JM](http://produto.mercadolivre.com.br/MLB-637703181-saca-antiga-farinha-especial-moinho-esperanca-_JM)>. Acesso em: 13 maio 2015.

PROJETOMEMORIA.ORG. **Navio Itaimbé**. História. Disponível em: <<http://www.projetomemoria.org/2011/03/navios-da-classe-ita/>>. Acesso em: 5 fev. 2013.

PUCRS. BR. **Cândido Norberto Santos**. Projeto Vozes do Rádio. Jornalismo. Disponível em: <<http://www.pucrs.br/famecos/vozesrad/candido.htm>>. Acesso em: 24 set. 2010.

PUFAL.BLOGSPOT.COM.BR. **Pierina Trenti**. 1893. Fotografia. Disponível em: <<http://pufal.blogspot.com.br/2009/11/pierina-giovanna-trenti-canova.html>>. Acesso em: 4 nov. 2013.

\_\_\_\_\_. **Italianos no Rio Grande do Sul**. . Disponível em: <<http://pufal.blogspot.com.br/2009/11/pierina-giovanna-trenti-canova.html>>. Acesso em: 04 nov. 2013.

RELATORIOANUAL2013.COM.BR. **Siemens no Brasil**. Disponível em: <<http://relatorioanual2013.com.br/siemens-no-brasil/fabricas#sthash.02FVN6Ad>>. Acesso em: 14 fev. 2014.

RODILONTEIXEIRA.BLOGSPOT.COM.BR. **FIATECI**. Disponível em: <<http://rodilonteixeira.blogspot.com.br/2010/12/fiateci-antiga-fabrica-de-fios-e.html>>. Acesso em: 05 nov. 2013.

RONALDOFOTOGRAFIA.BLOGSPOT.COM.BR. **Vista aérea da Usina do Gasômetro**. 1955. Imagem. Disponível em: <[http://ronaldofotografia.blogspot.com.br/2010\\_10\\_01\\_archive.html](http://ronaldofotografia.blogspot.com.br/2010_10_01_archive.html)>. Acesso em: 22 maio 2011.

ROSSIUSA.COM. **Amadeu Rossi. S.A.** Disponível em: <<http://www.rossiusa.com/history.cfm>>. Acesso em: 15 fev. 2015.

SCALABRINI.ORG. **Congregação dos Missionários de São Carlos**. Disponível em: <<http://www.scalabrini.org/pt/component/content/article/86-scalabrini/the-scalabrinian-family/45-missionari-scalabriniani>>. Acesso em: 25 jun. 2014.

SKYSCRAPERCITY.COM. **Loja Renner**. Imagem. Disponível em: <<http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=1438276&page=2>>. Acesso em: 05 fev. 2015.

SEMMA.COM. BR. **Shopping Centers**. Disponível em: <<http://www.semma.com.br/historia-dos-shopping-centers-no-brasil/>>. Acesso em: 12 set. 2014.

SHW. BARRAZABUS.FOTOPAGES.COM. **TTL antigo 16** (Salomão Jacob Golandski) Imagem. Disponível em: <<http://shw.barrazabus.fotopages.com/21566044/TTL-antigo-16-Salomao-Jacob-Golandski.html>>. Acesso em: 15 jul. 2015.

SOCIEDADEITALIANA-RS.COM. BR. Disponível em: <<http://sociedadeitaliana-rs.com.br/admin/documento/arquivos/SIRGS-Uma%20Historia%20Secular1.pdf>>. Acesso em: 23 set. 2013.

SOMOSTODOSRESPONSAVEIS. BLOG.COM. **Instituto Santa Luzia**. Imagem. Disponível em: <<http://www.somostodosresponsaveis.blog.com/2011/01/06/grandes-exemplos-de-mulheres-dna-lydia->>. Acesso em: 4 dez. 2013.

TECNEUN. IT. **Passo do Brennero**. Disponível em: <[http://www.tecneum.eu/index.php?option=com\\_content&task=view&id=1061&lang=it](http://www.tecneum.eu/index.php?option=com_content&task=view&id=1061&lang=it)>. Acesso em: 12 dez. 2014.

TEIXEIRA, Rodilon. **FIATECI**. Imagem. Disponível em: <<http://rodilonteixeira.blogspot.com.br/2010/12/fiateci-antiga-fabrica-de-fios-e.html>>. Acesso em: 23 out. 2013.

TRINITY.RITTERDOSREIS.BR. **IAPI**. Conjunto Habitacional do Passo d'Areia, também conhecido como Vila dos Industriários. Disponível em: <<http://www.trinity.ritterdosreis.br/cgi-bin/wxis.exe?IsisScript=phl8/003.xis&cipar=phl8.cip&bool=exp&opc=decorado&exp=IAPI&code=&lang>>. Acesso em: 25 jan. 2015.

TTL.COM. BR. **TTL – Transporte e Turismo Ltda**. Disponível em: <<http://www.ttl.com.br/empresa/historia/>>. Acesso em: 25 jan. 2015.

UFRGS.BR. **Bailes da Reitoria**. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/ufrgs/noticias/dancando-na-reitoria>>. Acesso em: 13 fev. 2010.

\_\_\_\_\_. **Fábrica de Massas Damiani**. Disponível em: <[http://www.museum.in.ufrgs.br/Mem\\_Historia\\_Curso.htm](http://www.museum.in.ufrgs.br/Mem_Historia_Curso.htm)>. Acesso em: 13 fev. 2014.

VONPAR.COM. BR. Grupo Vonpar. Disponível em: <<http://www.vonpar.com.br/corporativo/novidades/detalhes/grupo-vonpar-compra-neugebauer-e-cria-divisao-alimentos->>. Acesso em: 13 jun. 2015.

WINESANDWINE.COM. **Paisagem de Passopisciari**. Imagem. Disponível em: <<http://www.winesandwine.com/winery/passopisciari-16009.html>>. Acesso em: 13 jan. 2015.

YOUTUBE.COM. **Solenidade do Monumento Ten. Miguel Pereira**. Passo Fundo, 2008. Vídeo. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=LFz5KVGcEU>>. Acesso em: 23 abr. 2011.



WP.CLICRBS.COM.BR. **Divisão de Porto Alegre em Distritos** Disponível em <http://wp.clicrbs.com.br/almanaquegaucho/category/porto-alegre/?topo=13,1,1,,77> Acesso 27 maio 2013.

\_\_\_\_\_. **IAPI (Detalhe)**. Disponível em:

<<http://wp.clicrbs.com.br/almanaquegaucho/2012/08/page/5/?topo=13%2C1%2C1%2C%2C%2C13%2Ffeed%2Fpage%1F3%2Ffeed%2Fatom%2Ffeed%2F>>. Acesso em: 22 jun. 2014.

ZH. CLICRBS.COM.BR. **Mande fotos ou historias passadas nas ruas da Capital**.

Disponível em:<<http://zh.clicrbs.com.br/rs/noticia/2009/05/mande-fotos-ou-historias-passadas-na-rua-da-praia-da-capital-2524740.html>>. Acesso em: 05 out. 2013.

\_\_\_\_\_. **O Liceu Palestrina**. Disponível em:

<<http://zh.clicrbs.com.br/rs/entretenimento/noticia/2013/11/disco-com-obras-de-angelo-crivellaro-resgata-trajetoria-do-criador-do-liceu-musical-palestrina-4343303.html>>. Acesso em: 13 jan. 2014.

**Fontes Primárias (Jornais, Depoimentos, Biografias, Autobiografias, Fotos separadas por arquivo).**

#### **Acervo do Laboratório em História Oral do PPGH-PUCRS**

##### **Depoimentos**

AITA, Amalia Morelli. [História de vida] Transcrição do depoimento oral. **Acervo**. Laboratório de Pesquisas em História Oral, Programa de Pós-Graduação em História, PUCRS, Porto Alegre, 25 out. 2012, p. 01-12.

CASSARÁ, Dalva Di Martino. [História de vida] Transcrição do depoimento oral. **Acervo**. Laboratório de Pesquisas em História Oral, Programa de Pós-Graduação em História, PUCRS, Porto Alegre, 2010, p. 01-12.

DI GESÚ, MARIA. [História de vida] Transcrição do depoimento oral. **Acervo**. Laboratório de Pesquisas em História Oral, Programa de Pós-Graduação em História, PUCRS, Porto Alegre, Porto Alegre, 06 nov. 2013, p. 01-11.

DUCCESCHI, Francesca Coniglio. [História de vida] Transcrição do depoimento oral. **Acervo**. Laboratório de Pesquisas em História Oral, Programa de Pós-Graduação em História, PUCRS, Porto Alegre, Porto Alegre, 22 out. 2010, p. 01-13.

FACCIN, Maria. [História de vida] Transcrição do depoimento oral. **Acervo**. Laboratório de Pesquisas em História Oral, Programa de Pós-Graduação em História, PUCRS, Porto Alegre, 12 out. 2012, p. 01-42.

FAZIO, Epifânia Di. [História de vida] Transcrição do depoimento oral. **Acervo**. Laboratório de Pesquisas em História Oral, Programa de Pós-Graduação em História, PUCRS, Porto Alegre, 12 out. 2012, p. 01-42.

FRANCIA, Clara de Villa Gotter. [História de vida] Transcrição do depoimento oral. **Acervo**. Laboratório de Pesquisas em História Oral, Programa de Pós-Graduação em História, PUCRS, Porto Alegre, dez. 2010, p. 01-08.

GALLICCHIO, Carmela Serra. [História de vida] Transcrição do depoimento oral. **Acervo**. Laboratório de Pesquisas em História Oral, Programa de Pós-Graduação em História, PUCRS, Porto Alegre, 12 out. 2014, p. 01-62.

GIORDANO, Nidia. [História de vida] Transcrição do depoimento oral. **Acervo**. Laboratório de Pesquisas em História Oral, Programa de Pós-Graduação em História, PUCRS, Porto Alegre, 18 dez. 2014, p. 01-10.

JOHNSON, Vanessa [Informações sobre italianas que residem em Porto Alegre] Transcrição do depoimento oral. **Acervo**. Laboratório de Pesquisas em História Oral, Programa de Pós-Graduação em História, PUCRS, Porto Alegre, 18 mar. 2015, p. 01-5.

LETTIERI, Teresa Mazzeo. [História de vida] Transcrição do depoimento oral. **Acervo**. Laboratório de Pesquisas em História Oral, Programa de Pós-Graduação em História, PUCRS, Porto Alegre, 2010, p. 01-07.

NANI, Viceza. . [História de vida] Transcrição do depoimento oral. **Acervo**. Laboratório de Pesquisas em História Oral, Programa de Pós-Graduação em História, PUCRS, Porto Alegre, 2011, p. 01-09.

PASKULIN, Valeria Novak. [História de vida] Transcrição do depoimento oral. **Acervo**. Laboratório de Pesquisas em História Oral, Programa de Pós-Graduação em História, PUCRS, Porto Alegre, 2002, p. 01-08.

PRANDO, Maria Cristina Liberatore. [História de vida] Transcrição do depoimento oral. **Acervo**. Laboratório de Pesquisas em História Oral, Programa de Pós-Graduação em História, PUCRS, Porto Alegre, 2011, p. 01-18.

\_\_\_\_\_. Regione Abruzzo. Publicação on-line [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por gisacharao@terra.com.br, em 11 jul. 2014.

ROSSI, Terezinha. [História de vida] Transcrição do depoimento oral. **Acervo**. Laboratório de Pesquisas em História Oral, Programa de Pós-Graduação em História, PUCRS, Porto Alegre, 2011, p. 01-10.

SCAVUZZO, Maria. [História de vida] Transcrição do depoimento oral. **Acervo**. Laboratório de Pesquisas em História Oral, Programa de Pós-Graduação em História, PUCRS, Porto Alegre, 2004, p. 01-30.

\_\_\_\_\_. [História de vida] Transcrição do depoimento oral. Complemento de informações e coleta de imagens. **Acervo**. Laboratório de Pesquisas em História Oral, Programa de Pós-Graduação em História, PUCRS, Porto Alegre, 2014, p. 01-05.

TREDICE, Iole. [História de vida] Transcrição do depoimento oral. **Acervo**. Laboratório de Pesquisas em História Oral, Programa de Pós-Graduação em História, PUCRS, Porto Alegre, 2010, p. 01-15.

URIARTE, Lidia Boletta. [História de vida] Transcrição do depoimento oral. Complemento de informações e coleta de imagens. **Acervo**. Laboratório de Pesquisas em História Oral, Programa de Pós-Graduação em História, PUCRS, Porto Alegre, 2007, p. 01-10.

VINCIPROVA Maria (mãe). [História de vida] Transcrição do depoimento oral. Complemento de informações e coleta de imagens. **Acervo**. Laboratório de Pesquisas em História Oral, Programa de Pós-Graduação em História, PUCRS, Porto Alegre, 2011, p. 01-16.

VINCIPROVA Maria Antonina. [História de vida] Transcrição do depoimento oral. Complemento de informações e coleta de imagens. **Acervo**. Laboratório de Pesquisas em História Oral, Programa de Pós-Graduação em História, PUCRS, Porto Alegre, 2010, p. 01-09.

MANCUSO, Maria (Filha). [História de vida] Transcrição do depoimento oral. Complemento de informações e coleta de imagens. **Acervo**. Laboratório de Pesquisas em História Oral, Programa de Pós-Graduação em História, PUCRS, Porto Alegre, 2011, p. 01-10.

### **Imagens**

AÇOUGUE e Fiambreteria Itália e Sapataria Bela Roma. Imagem **Acervo**. Laboratório de Pesquisas em História Oral, Programa de Pós-Graduação em História, PUCRS, Porto Alegre, 2015.

AMALIA Moreli Aita e Salvatore Aita. 1950. Imagem. **Acervo**. Laboratório de Pesquisas em História Oral, Programa de Pós-Graduação em História, PUCRS, Porto Alegre, 2015.

\_\_\_\_\_. 1955. Imagem. **Acervo**. Laboratório de Pesquisas em História Oral, Programa de Pós-Graduação em História, PUCRS, Porto Alegre, 2015.

ATELETA. Itália. Imagem. s.d. **Acervo**, Laboratório de Pesquisas em História Oral, Programa de Pós-Graduação em História, PUCRS, Porto Alegre, 2015.

BATISMO de Dalva Di Martino. Imagem. **Acervo**, Laboratório de Pesquisas em História Oral, Programa de Pós-Graduação em História, PUCRS, Porto Alegre, 2015.

CARMELA Serra com os filhos. 1955. Imagem. **Acervo**. Laboratório de Pesquisas em História Oral, Programa de Pós-Graduação em História, PUCRS, Porto Alegre, 2015.

CARMELA Serra Gallicchio. Imagem. **Acervo**. Laboratório de Pesquisas em História Oral, Programa de Pós-Graduação em História, PUCRS, Porto Alegre, 2015.

CONJUNTO de Pinturas de Amelia Testani. Imagem. **Acervo**. Laboratório de Pesquisas em História Oral, Programa de Pós-Graduação em História, PUCRS, Porto Alegre, 2015.

CINEMA Garibaldi. Imagem. **Acervo**. Laboratório de Pesquisas em História Oral, Programa de Pós-Graduação em História, PUCRS, Porto Alegre, 2015.

CORAL da Orquestra Sinfônica de Porto Alegre. Imagem. **Acervo**. Laboratório de Pesquisas em História Oral, Programa de Pós-Graduação em História, PUCRS, Porto Alegre, 2015.

DALVA Di Martino Cassará. 1955. Imagem. **Acervo**. Laboratório de Pesquisas em História Oral, Programa de Pós-Graduação em História, PUCRS, Porto Alegre, 2015.

DECRETO do Prefeito Municipal Olívio Dutra. **Acervo**. Laboratório de Pesquisas em História Oral, Programa de Pós-Graduação em História, PUCRS, Porto Alegre, 2015.

ELISA Di Pinto e Maestro Alfredo Giordano. Imagem. **Acervo**. Laboratório de Pesquisas em História Oral, Programa de Pós-Graduação em História, PUCRS, Porto Alegre, 2015.

EPIFANIA, DI Fazio. Imagem. **Acervo**. Laboratório de Pesquisas em História Oral, Programa de Pós-Graduação em História, PUCRS, Porto Alegre, 2015.

EPIFANIA, DI Fazio e filhos. Imagem. **Acervo**. Laboratório de Pesquisas em História Oral, Programa de Pós-Graduação em História, PUCRS, Porto Alegre, 2015.

FAMÍLIA Scavuzzo. 1950. Imagem. **Acervo**. Laboratório de Pesquisas em História Oral, Programa de Pós-Graduação em História, PUCRS, Porto Alegre, 2015.

FRANCESCA Coniglio Ducceschi. Imagem. **Acervo**. Laboratório de Pesquisas em História Oral, Programa de Pós-Graduação em História, PUCRS, Porto Alegre, 2015.

FRANCESCA Ducceschi assinando o afresco no Edifício Etrúria. Mãos esculpida em cerâmica. Imagem. **Acervo**. Laboratório de Pesquisas em História Oral, Programa de Pós-Graduação em História, PUCRS, Porto Alegre, 2015.

FRANCESCA Ducceschi. Escultura. Imagem. **Acervo**. Laboratório de Pesquisas em História Oral, Programa de Pós-Graduação em História, PUCRS, Porto Alegre, 2015.

INTEGRANTES da Família Faccin. Imagem. **Acervo**. Laboratório de Pesquisas em História Oral, Programa de Pós-Graduação em História, PUCRS, Porto Alegre, 2015.

IOLE e Silvio Santos. Rede SBT – 1995. Cópia do vídeo da Entrevista. **Acervo**. Laboratório de Pesquisas em História Oral, Programa de Pós-Graduação em História, PUCRS, Porto Alegre, 2015.

IOLE Tredice (17 anos). Fotografia capturada em 1946. **Acervo**. Laboratório de Pesquisas em História Oral, Programa de Pós-Graduação em História, PUCRS, Porto Alegre, 2015.

IOLE Tredice e Pedro Paz. Fotografia capturada em 1946. **Acervo**. Laboratório de Pesquisas em História Oral, Programa de Pós-Graduação em História, PUCRS, Porto Alegre, 2015.

LOTEAMENTO Morro da Cruz. Vila São José. Primeiras casas e primeiros moradores do local. Imagem. **Acervo**. Laboratório de Pesquisas em História Oral, Programa de Pós-Graduação em História, PUCRS, Porto Alegre, 2015.

MARIA Antonina. 1955. Imagem. **Acervo**. Laboratório de Pesquisas em História Oral, Programa de Pós-Graduação em História, PUCRS, Porto Alegre, 2015.

MARIA Cristina Prando. Imagem. **Acervo**. Laboratório de Pesquisas em História Oral, Programa de Pós-Graduação em História, PUCRS, Porto Alegre, 2015.

MARIA Cristina Prando e alunos da ACIRS. Imagem. **Acervo**. Laboratório de Pesquisas em História Oral, Programa de Pós-Graduação em História, PUCRS, Porto Alegre, 2015.

MARIA Cristina Prando na Festa das Etnias. Imagem. **Acervo**. Laboratório de Pesquisas em História Oral, Programa de Pós-Graduação em História, PUCRS, Porto Alegre, 2015.

MARIA Di Gesú tocando violino. Imagem. **Acervo**. Laboratório de Pesquisas em História Oral, Programa de Pós-Graduação em História, PUCRS, Porto Alegre, 2015.

MARIA Di Gesú tocando, cantando e pintando. Imagens. **Acervo**. Laboratório de Pesquisas em História Oral, Programa de Pós-Graduação em História, PUCRS, Porto Alegre, 2015.

MARIA Di Gesú, Pietro (pai), Rosa (mãe). Imagem. **Acervo**. Laboratório de Pesquisas em História Oral, Programa de Pós-Graduação em História, PUCRS, Porto Alegre, 2015.

MARIA Di Gesú e a Orquestra de Cordas Musicâmara. **Acervo**. Laboratório de Pesquisas em História Oral, Programa de Pós-Graduação em História, PUCRS, Porto Alegre, 2015.

MARIA Di Gesú. Conjunto de imagens das obras. Imagem. **Acervo**. Laboratório de Pesquisas em História Oral, Programa de Pós-Graduação em História, PUCRS, Porto Alegre, 2015.

MARIA Faccin. 1953. Imagem. **Acervo**. Laboratório de Pesquisas em História Oral, Programa de Pós-Graduação em História, PUCRS, Porto Alegre, 2015.

MARIA Scavuzzo. Primeira viagem à Itália. 1958. Imagem. **Acervo**. Laboratório de Pesquisas em História Oral, Programa de Pós-Graduação em História, PUCRS, Porto Alegre, 2015.

MARIA Vinciprova e Ignazio Mancuso. Imagem. **Acervo**. Laboratório de Pesquisas em História Oral, Programa de Pós-Graduação em História, PUCRS, Porto Alegre, 2015.

NAVIO Colombo. Imagem. Cópia da fotografia. **Acervo**. Laboratório de Pesquisas em História Oral, Programa de Pós-Graduação em História, PUCRS, Porto Alegre, 2015.

NIDIA e Alberto Gutierrez. Imagem. **Acervo**. Laboratório de Pesquisas em História Oral, Programa de Pós-Graduação em História, PUCRS, Porto Alegre, 2015.

NIDIA Giordano e a filha Marina. Imagem. **Acervo**. Laboratório de Pesquisas em História Oral, Programa de Pós-Graduação em História, PUCRS, Porto Alegre, 2015.

NIDIA em alguns de seus trabalhos. Imagens. **Acervo**. Laboratório de Pesquisas em História Oral, Programa de Pós-Graduação em História, PUCRS, Porto Alegre, 2014.

PORTO Alegre. Decreto Municipal de 23 de julho de 1991. Rua Vicente Gallicchio. Antiga Rua "C". Loteamento Jardim Vila Nova, Bairro Vila Nova. Cópia. **Acervo**. Laboratório de Pesquisas em História Oral, Programa de Pós-Graduação em História, PUCRS, Porto Alegre, 2015.

SALÃO Nacional de Artes Plásticas. **Diário Popular**, São Paulo, s/n, jan. 1983. **Acervo**. Laboratório de Pesquisas em História Oral, Programa de Pós-Graduação em História, PUCRS, Porto Alegre, 2015.

SALVATORE Aita. 1943. Imagem. **Acervo**. Laboratório de Pesquisas em História Oral, Programa de Pós-Graduação em História, PUCRS, Porto Alegre, 2015.

VICENTE Gallicchio. Placa da rua. Imagem. **Acervo**. Laboratório de Pesquisas em História Oral, Programa de Pós-Graduação em História, PUCRS, Porto Alegre, 2015.

### **Acervo do Museu de Comunicação Hipólito da Costa**

ANÚNCIO de enfermeiras. **Correio do Povo**, Porto Alegre, p. 9, 5 mar. 1946.

ANUNCIO solicitando costureiras, **Correio do Povo, Porto Alegre, p. 5**, 03 mar. 1946.

AO COMÉRCIO. **Jornal do Comércio**, Porto Alegre, s/n, 23 dez. 1891.

CÂNDIDO Norberto e Pedro Paz. Imagem. **Folha da Tarde**, Porto Alegre, p. 117, 11 set. 1946.

CHEGADA de Iole Tredice em Porto Alegre. Imagem. **Folha da Tarde**, Porto Alegre, p. 10, 29 out. 1946.

COSTURAS do Exército. **Folha da Tarde**, Porto Alegre, a. XI, n. 117, 11 set. 1946.

COZINHEIRA. **Jornal Mercantil**, Porto Alegre, n. 2, 03 jan. 1891.

DISCURSO do Deputado Jacinto Rosa. **Diário de Notícias**, Porto Alegre, s/n, p.2, 01 jul. 1948.

GOVERNANTE. Imagem. **Correio do Povo**, Porto Alegre, n. 54, s/p, classificados, 06 mar. 1914.

HISTÓRIA de amor em tempo de guerra. Imagem. **Correio do Povo**, Porto Alegre, n. 306, 02 ago. 2009.

O TRABALHO da mulher. **A Reforma**, Porto Alegre, a. XI, n. 295, s/, 21 jan. 1870.

OS DESAPARECIDOS. Imagem. **Folha da Tarde**, Porto Alegre, a. XI, n. 117, página, 13 set. 1946.

PEDRO e Iole em um momento de invocação da memória. Imagem. **Correio do Povo**, Porto Alegre, a. 114, n. 306, s/p, 2 ago. 2009.

PETRÓPOLIS. Amor em tempo de guerra. **Zero Hora**, Porto Alegre, s/n, 05 jul. 2007.

RESTAURANTE italiano Bom Gosto. **Jornal do Comércio**, Porto Alegre, n. 208, 14 ago. 1891.

RESTAURANTE Jardim Itália. Imagem. **Correio do Povo**, Porto Alegre, s/p, 12 mar. 1946.

SALÃO Nacional de Artes Plásticas. **Zero Hora**, Porto Alegre, s/n, dez. 1982.

AFRESCO Etrúria. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 21 dez. 2008. Caderno Arte & Agenda.

**Acervo do Tribunal Regional do Trabalho de Porto Alegre (TRT 4º)**

ARQUIVAMENTO documentos. **Trabalho, Indústria e Comércio**, Porto Alegre, a. XI I, n. 22, p. 613(9), 03 maio 1950.

AUTORIZAÇÕES para comerciar. **Trabalho, Indústria e Comércio**, Porto Alegre, a. XII, n. 21, p. 555(7), 27 maio 1950.

BOSSLE, Rosina Iolanda Marranghello. **Trabalho, Indústria e Comércio**, Porto Alegre, a. XII, n. 1, p. 22(22), 07 jan. 1950.

CARRAZONI, Genoveva. Concessão do Registro Firma. **Trabalho, Indústria e Comércio**, Porto Alegre, a. XII, n. 3, p. 73(09), 21 jan. 1950.

CARRAZONI, Genoveva. Solicitação de Registro de Firma. **Trabalho, Indústria e Comércio**, Porto Alegre, a. XII, n. 2, p. 42(42), 14 jan. 1950.

CESTARI LTDA. Imagem. **Trabalho, Indústria e Comércio**, Porto Alegre, a. XII, n. 36, p. 989(9), 09 set. 1950.

COMÉRCIO de bar e biliares. Imagem. **Trabalho, Indústria e Comércio**, Porto Alegre, a. XI, n. 50, p. 963(7), 10 dez. 1949.

EMPREGADA a domicílio. Imagem. **Trabalho, Indústria e Comércio**, Porto Alegre, a. XI, n. 1, p. 965(9), 10 dez. 1949.

FÁBRICA de tecidos e fitas elásticas ELTEX. Imagem. **Trabalho, Indústria e Comércio**, Porto Alegre, a. X, n. 24, p. 462(10), 25 jun. 1949.

FILEX – Indústria de Elásticos em Geral. Imagem. **Trabalho, Indústria e Comércio**, Porto Alegre, a. XII, n. 1, p. 18(18), 07 jan. 1950.

MARIA Rosa Malvázio. Registro de firma. **Trabalho, Indústria e Comércio**, Porto Alegre, a. XII, n. 3, p. 299(07), 25 mar. 1950.

MARIA Rosa Malvázio. Registro de firma. **Trabalho, Indústria e Comércio**, Porto Alegre, a. XII, n. 3, p. 299(07), 25 mar. 1950.

SEMANÁRIO sucessor do “O orientador”. Imagem. **Trabalho, Indústria e Comércio**, Porto Alegre, a. IX, 18 jan. 1947

VENDEDORES por conta própria. Imagem. **Trabalho, Indústria e Comércio**, Porto Alegre, a. XI, n. 48, p. 941(9), 18 jan. 1947.

VVA. Henrique Cogo. Registro de firma. **Trabalho, Indústria e Comércio**, Porto Alegre, a. XII, n. 3, p. 299(07), 25 mar. 1950.

## Acervos de jornais disponíveis na Web

ADRIATICA. **Jornal A Noite**. 19 jan. 1941, p. 18. Disponível em:  
<[http://memoria.bn.br/DocReader/Hotpage/HotpageBN.aspx?bib=348970\\_04&pagfis=7340&pesq=&url=http://memoria.bn.br/docreader#](http://memoria.bn.br/DocReader/Hotpage/HotpageBN.aspx?bib=348970_04&pagfis=7340&pesq=&url=http://memoria.bn.br/docreader#)>. Acesso em: 23 jun. 2014.

BORTOLUZI, Floriano. **Fotografia de Lidia Moschetti em frente à obra do Hospital Banco de Olhos**. 15/ 02/ 1967. Disponível em:  
<<http://wp.clicrbs.com.br/almanaquegaucho/2012/08/07/a-vida-e-para-ser-vencida/>>. Acesso em: 25 nov. 2013.

BREITMAN, Sioma. **Araújo Viana**. Imagem. Local ocupado de 1927 ao início da década de 1960. Acervo do Museu Joaquim José Felizardo. Disponível em:  
<<http://wp.clicrbs.com.br/almanaquegaucho/?topo=13,1,1,,13>>. Acesso em: 12 fev. 2015.

COLÉGIO SÉVIGNÉ. **Correio do Povo**, Porto Alegre, a. 116, n. 2, s/p, 2 out. 2010. Disponível em:  
<<http://www.correiodopovo.com.br/Impresso/?Ano=116&Numero=2&Caderno=0&Noticia=203859>>. Acesso em: 5 fev. 2012.

GUERREIRO, Leo. **Rua da Praia**. 1950. Imagem. Informações publicadas no Almanaque Gaúcho da Zero Hora, 03 jul. 2012. Disponível em:  
<<http://wp.clicrbs.com.br/almanaquegaucho/2012/07/03/cinelandia-porto-alegrense/?topo=13,1,1,,13>>. Acesso em: 22 jan. 2014.

WP. CLICRBS.COM.BR. **Almanaque Gaúcho**. Imagem. Ago. 2012. Disponível em:  
\_\_\_\_\_. **Antigo Terminal da Estação Diretor Pestana**. Acervo de Alfonso. Disponível em:  
<<http://wp.clicrbs.com.br/almanaquegaucho/2011/12/07/a-antiga-estacao-diretor-epetana/?topo=13,1,1,,13>>. Acesso em: 23 jun. 2014.

\_\_\_\_\_. **A saga dos Vontobel**. Disponível em:  
<<http://wp.clicrbs.com.br/almanaquegaucho/2014/07/07/a-saga-dos-vontobel/?topo=13,1,1,,13>>. Acesso em: 15 jun. 2015.

\_\_\_\_\_. **Cestari S.A.** Disponível em:  
<<http://wp.clicrbs.com.br/almanaquegaucho/2011/09/30/o-velho-e-bom-pao/?topo=13,1,1,,13>>. Acesso em 18, jun., 2013.

\_\_\_\_\_. **Lydia Moschetti**. Disponível em:  
<<http://wp.clicrbs.com.br/almanaquegaucho/2012/08/07/a-vida-e-para-ser-vencida/>> Acesso em: 12 jan., 2013.

\_\_\_\_\_. **Placa da Mu-mu**. Imagem. Disponível em  
<<http://wp.clicrbs.com.br/almanaquegaucho/2014/07/07/a-saga-dos-vontobel/?topo=13,1,1,,13>>. Acesso em: 15 jun. 2015.

\_\_\_\_\_. **Praça da Alfândega**. Disponível em:  
<<http://wp.clicrbs.com.br/almanaquegaucho/2011/11/14/a-praca-a-praca-e-dos-livros/?topo=13,1,1,,13>>. Acesso em: 22 mar. 2013.



ZH. CLICRBS.COM.BR. **Esterina Merolillo Vontobel**. Imagem. Disponível em: <<http://zh.clicrbs.com.br/rs/obituario/esterina-merolillo-vontobel-14583.html>>. Acesso em: 23 jun. 2015.

\_\_\_\_\_. **Rua da Praia**. Banco de dados do Jornal Zero Hora. Disponível em: <<http://zh.clicrbs.com.br/rs/noticia/2009/05/mande-fotos-ou-historias-passadas-na-rua-da-praia-da-capital-2524740.html>>. Acesso em: 12 maio 2013.

### **Acervo da autora**

ALMANAQUE Iza. Laboratório Kramer, 1959

FORTINI, Archymedes. Da composição manual às modernas Teletypesetter “Comet”. **Almanaque do Correio do Povo 40º ano**, Porto Alegre, p. 109-112, 1955.

EMBALAGEM de Elástico Eltex. Imagem.

IMPORTADORA Americana. Imagem. **Almanaque do Correio do Povo 40º ano**, Porto Alegre, 3ª capa, 1955.

LINOTYPE Teletypesetter – Comet. Imagem. Capturada pela autora no Museu de Comunicação Hipólito José da Costa em abril de 2015.

### **Biografias e Autobiografias**

DUCCESCHI, Francesca Coniglio. **O catavento da vida**. Porto Alegre: PROSAPIENS, 2010. Autobiografia.

FACCIN, Maria. **De Ponzano a Porto Alegre**. Porto Alegre: Edição Independente, 2012. Autobiografia.

GALLICCHIO, Carmela Serra. Uma trajetória de oitenta anos. Biografia de vida. Porto Alegre: Editora Independente, 2011. Biografia.

MOSCHETTI, Lydia. **Autobiografia**. Porto Alegre: s/ed, 1970. Autobiografia.

PRANDO, Maria Cristina Prando. A família Liberatore – do Abruzzo para o Brasil. In: SULIANI, Antonio (Org.). **Construtores da história**. Famílias italianas no RS. Porto Alegre: Est, 2010. p. 130-136. Biografia familiar.

### **Acervo do Arquivo Público do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.**

#### **Manuscritos**

CERTIDÕES de casamento da 1ª, 2ª e 3ª Zonas da Comarca de Porto Alegre. Arquivo Público do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

**Outros**

MAPA Demonstrativo do local de partida e chegada das imigrantes italianas (1935-1962).  
Informações levantadas pela autora com base nos depoimentos orais. Porto Alegre, 2015.

## ANEXO A – Recrutamento e seleção de imigrantes na Europa

NA CAMARA DOS DEPUTADOS

O RECRUTAMENTO E SELEÇÃO DE IMIGRANTES NA EUROPA — A Comissão de Imigração, Colonização e Naturalização da Câmara dos Deputados em uma de suas últimas sessões examinou o ante-projecto de lei que dispõe sobre imigrantes e colonização, cuja discussão havia sido interrompida em o seu artigo 4.º com o término da Convocação Extraordinária do ano passado.

Após discussão e votação, ficaram assim redigidos os seguintes artigos:

Art. 4.º O recrutamento e a seleção de Emigrantes na Europa serão feitos pelo Departamento Nacional de Imigração e Colonização Nacional de Imigração e Colonização (D. N. I. C.), através dos respectivos serviços de seleção no exterior.

§ 1.º Fora da Europa, a seleção será também atribuída aos órgãos de seleção do D.N.I.C., nos lugares em que se formarem movimentos migratórios de utilidade para o Brasil.

§ 2.º Nos demais casos, a seleção será feita pelos cônsules brasileiros, que, para isso, deverão articular-se com o D.N.I.C. segundo as instruções por este baixadas.

Art. 5.º São condições essenciais na seleção para exclusão ou admissão de imigrante:

a) exclusão:

- 1) ser menor de 14 anos de idade, salvo se viajar em companhia dos pais ou responsáveis ou vier residir no Brasil com parentes até 2.º grão;
- 2) ser indigente;
- 3) ser portador de doenças mentais, nervosas e infecto-contagiosas;
- 4) ser nociva à ordem pública, à segurança nacional ou à estrutura das instituições;
- 5) haver sido anteriormente expulso do País, salvo se a expulsão tiver sido revogada;
- 6) haver sido condenado em outro País por crime de natureza que a lei brasileira permita sua extradition; e
- 7) ter maus antecedentes.

b) admissão:

- 1) ser capaz de preservar e desenvolver, no núcleo étnico nacional as características de sua ascendência europeia;
- 2) ter profissão definida;
- 3) não apresentar lesão orgânica ou insuficiência funcional que o invalide para o trabalho ou reduza o rendimento normal de atividade; e
- 4) ter mais de 14 anos e menos de 50.

Art. 6.º — Conceder-se-á visto permanente ao imigrante que satisfaça as condições de admissibi-

348

Trabalho, Indústria

idade, a qual será extensiva às pessoas que vivam sob sua dependência.

Parágrafo único. — Não está sujeita a emblemas a concessão de vistos aquéles que se destinem às atividades agrícolas.

Art. 7.º — Após a seleção, o órgão do D. N. I. C. visará o documento do imigrante, encaminhando-o ao cônsul brasileiro, para a posição do visto permanente.

§ 1.º — O mérito da concessão do visto, nas zonas de atuação dos órgãos de seleção do D. N. I. C. é da competência destes.

§ 2.º — No documento constarão a profissão do imigrante e outros elementos de identificação.

§ 3.º — Não será permitida a entrada de imigrantes sem o visto regular para o Brasil.

Art. 8.º — Não podem obter vistos:

- 1) os que não forem portadores de passaporte ou documento equivalente;
- 2) os que não satisfizerem as condições estabelecidas no art. 5.º; e
- 3) os que não se enquadrarem nas definições do art. 2.º.

Art. 9.º — O imigrante deverá apresentar-se, pessoalmente, ao órgão de seleção do D. N. I. C. ou ao cônsul brasileiro, conforme o disposto no artigo 4.º e respectivos parágrafos.

Art. 10.º — Os órgãos de seleção do D. N. I. C. fornecerão no idioma do país respectivo, informações referentes às principais obrigações a que estão sujeitos os imigrantes no Brasil, condições de trabalho, possibilidade de progresso econômico desenvolvimento social e outros esclarecimentos julgados úteis.

Art. 11.º — O imigrante deverá ser assistido pelo serviço de imigração desde o seu embarque.

Art. 12.º — Somente poderão transportar imigrantes para o Brasil as empresas que para esse

Indústria e Comércio (4)

fim, porem registro ao D.N.I.C. e satisfaça as condições pelo mesmo estipuladas.

§ 1.º A empresa que transportar clandestinos é obrigada a mantê-los e a repatriá-los, sem prejuízo de outras sanções em que incorrer.

§ 2.º As empresas ficam responsáveis pelas bagagens dos imigrantes indenizando-os em caso de extrairio ou violação.

Art. 13.º A embarcação procedente do exterior e que conduzir imigrantes está sujeita à inspeção.

Art. 14.º A entrada de imigrantes existam autoridades que possam examinar seus documentos.

Ainda que com o visto e a documentação em ordem não poderá permanecer no País o imigrante que não preencher as condições exigidas no art. 5.º.

A seguir, pelo adiamento da hora, o Sr. Presidente encerra a sessão.

E, para constar, eu, Paulo Rocha Secretário, lavrei a presente ata, que depois de lida e aprovada, será assinada pelo Sr. Presidente.

Fonte: Jornal O Orientador – Trabalho, Indústria e Comércio, Porto Alegre, a. X, 24/04/1948, p. 347(3)-348(4).

**ANEXO B – Brasileiro Naturalizado****CARTA DE COMERCIANTE MATRICULADO  
DE PELEGRIN FIGUERAS**

O suplente Jorge de Oliveira Castro, em exercício, declarou que se devia exigir do sr. Pelegrin Figueras, no expediente ora em exame, a manifestação expressa de que o requerente é brasileiro naturalizado e não, como está, apenas com a condição de brasileiro. O senhor Presidente pôs em votação a proposta do suplente Jorge de Oliveira Castro, tendo o senhor doutor Diretor-Secretário declarado que mantinha seu parecer no sentido de ser deferido o pedido do mencionado comerciante. Os demais membros da Mesa votaram de acôrdo com o parecer do doutor Diretor-Secretário, sendo assim aprovado o requerimento em apreço. O voto do suplente Jorge de Oliveira Castro ficou constituindo voto vencido, tendo dito voto apoiado seu argumento no fato de que embora os direitos do brasileiro naturalizado estivessem equiparado aos do brasileiro nato, salvo manifestação em contrário da lei, entendia o suplente em referência que seria de uso louvável mencionasse sempre o interessado sua qualidade de brasileiro naturalizado para evitar confusão com a qualidade pura e simples de brasileiro nato.

**SEM EFEITO**

Declara-se sem efeito a referência no título de Contratos, da presente ata, relativa a Amorim, Difini e Cia. Ltda., por não constar a nacionalidade dos sócios.

Fonte: Jornal O Orientador – Trabalho, Indústria e Comércio, Porto Alegre, a. XII, n. 21, 27/05/1950, p. 555(7)

## ANEXO C – Acordos do Brasil com a Itália

para o consumo interno. Não acreditamos.  
 como deuse decréscimo?

## ACÓRDOS ENTRE O BRASIL E A ITÁLIA

*Síntese do seu conteúdo*

1) Firmado em Julho p. p., para orientação e disciplina das correntes imigratórias, o Acórdo Italo-Brasileiro, dentre os diversos preceitos de garantia e proteção ao imigrante italiano, publicados no Diário Oficial, inclui o direito de ser amparado pela legislação trabalhista brasileira, quando trabalhador assalariado, em igualdade de condição com os brasileiros. Os contratos de trabalho obedecerão às leis vigentes no Brasil. Será estudada uma solução para coordenar a legislação e o sistema em vigor nos dois países em matéria de benefícios de previdência e assistência social a fim de compensar prejuízo que possa advir pela transferência dos trabalhadores de um para outro país.

2) Ficaram, igualmente, estabelecidas as bases para trocas comerciais nos próximos doze meses.

Trata-se de um entendimento comercial pelo qual os produtos originários de um dos dois países, quando importados no outro sob o novo regime, serão destinados exclusivamente ao seu consumo interno ou à sua transformação pelas indústrias manufatureiras do país importador.

A concessão de licenças de exportação e importação será feita tendo sempre em vista o princípio básico do equilíbrio razoável nos pagamentos decorrentes do intercâmbio comercial entre os dois países e mantendo, na medida do possível, uma distribuição proporcional entre todos os produtos constantes das listas aprovadas.

Para acompanhar e facilitar a execução do novo entendimento, constituir-se-á no Rio de Janeiro uma comissão mista composta de representantes dos Governos brasileiro e italiano.

As mercadorias que a Itália propõe vender

no Brasil no período de doze meses atingem ao total de US\$ 47.086.000. Dêsse total, a cota mais importante é a de US\$ 9.000.000, para instalações, máquinas e aparelhamentos destinados a fábricas de celulose, alumínio, azoto, refinarias de petróleo e outras. Seguem-se, em ordem decrescente, fornecimentos a serem feitos à Fábrica Nacional de Motores (4 milhões de dólares), material para centrais elétricas, barcos motores, material ferroviário, etc. (4 milhões de dólares) e, por classes, em cotas iguais ou superiores, a um milhão de dólares, azeite puro de oliveira, cimento Portland ou romano comum, fios de lã penteados, tratores agrícolas e implementos, máquinas para moinhos, padarias e pastificios, máquinas têxteis, máquinas para escrever e peças, máquinas diversas para a indústria química, automóveis de turismo, etc. A lista inclui também dezenas de outros artigos, principalmente manufaturas, tradicionalmente ligadas ao comércio italo-brasileiro.

Na lista "B" figuram as mercadorias que o Brasil vai vender à Itália durante os próximos doze meses, no total de US\$ 50.976.500. Dêsse total salientam-se os seguintes artigos:

	US\$
Algodão em rama .....	21.000.000
Café em grão .....	15.000.000
Couros vacuns .....	4.000.000
Cacau em amêndoa .....	1.600.000
Sisal, caroá, piaçaba e outras fibras .....	1.500.000
Sementes de amendoim .....	1.200.000
Carne bovina congelada .....	1.000.000

Os demais artigos figuram em cotas inferiores a um milhão de dólares.

3) Foi também assinado um Acórdo de Investimentos, pelo qual os dois países se propõem intervir no movimento de criação e desenvolvimento, no Brasil, de empresas

---

(8) Trabalho, Indústria e Comércio

econômicas com a co-participação de grupos particulares brasileiros e italianos, com a transferência de capitais italianos. A êsses capitais garantir-se-á, no que diz respeito à transferência de rendimentos, retorno do principal, etc., tratamento não menos favorável que o concedido, em igualdade de condições e circunstâncias, aos capitais e empresas de qualquer país aliado e amigo.

Este Acórdo durará cinco anos, sendo automaticamente prorrogável por quinquênios sucessivos, caso não seja denunciado seis meses antes da data do vencimento de cada prazo.

O convênio prevê, que, em qualquer caso, o tratamento a ser dado às transferências de juros, de lucros e das cotas para retorno do capital, quando liquidada a empresa ou transferida para proprietários brasileiros, será aquele em vigor no ato do registro do capital, a menos que as leis vigentes no momento em que se efetuarem essas transferências outorguem tratamento mais favorável.

901

## ANEXO D – Autorização para comerciar

... de obrigação.

# Interessa a V. S. saber!

## Legislação, doutrina e jurisprudência ao alcance de todos

### AUTORIZAÇÃO PARA COMERCIAR

Para comerciar, necessita a mulher casada, maior de dezoito anos, da autorização marital (art. 1.º n. 4 do Código Comercial e artigo 242 do Código Civil), pois que é o marido o chefe da sociedade conjugal, cabendo-lhe, por isso, o direito de autorizar a profissão de sua mulher e a residência desta fóra do teto conjugal, segundo dispõe o artigo 233 do Código Civil.

Também o menor de 21 e maior de 18 anos, não emancipado, necessita, para comerciar, da autorização dos pais (artigo 1.º n. 3 do Código Comercial).

O menor de 21 anos que fôr associado ao comércio do pai, e o que com a sua aprovação por escritura pública, levantar algum estabelecimento comercial, será reputado emancipado e maior para todos os efeitos legais nas negociações mercantis (artigo 1.º n. 2 do Código Comercial).

Para comerciar, conforme já ficou dito, necessita a mulher casada da autorização de seu marido.

Quer isso dizer que, mesmo que a mulher, quando solteira e menor de 21 e maior de 18 anos, já tenha sido autorizada por seus pais para comerciar, quando solteira, casando-se, ela necessita novamente de ser autori-

zada pelo marido, pois que a primeira autorização a obtivera como menor, filha de família, e, por isso mesmo, cessaram os seus efeitos. De sorte que, desde que ela se case, necessitará de nova autorização por parte do marido.

Já com a mulher viúva o mesmo não se dará, mesmo em tendo ela menos de 21 anos, pois com o casamento torna-se ela emancipada perante a lei e por isso mesmo capaz de exercer pessoalmente todos os atos da vida civil, nos quais necessariamente estão compreendidos os do exercício do comércio.

Indispensável em seu Escritório:

## Vendas e Consignações

**A CONSOLIDAÇÃO DO REGULAMENTO**  
dêse tributo no Estado do Rio Grande do Sul e os textos dos demais decretos e leis federais e estaduais em vigor.  
(com as leis até 21.8.1950)  
32 leis e decretos consolidados!  
26 modelos de formulários!  
Índice alfabético e remissivo!

**Cr\$ 40,00**

A venda na **LIVRARIA SULINA**  
**Av. Borges de Medeiros n.º 1.080**  
**Telefone 9-10-87 — Porto Alegre**  
(Atende pelo Reembolso Postal)

Fonte: Jornal O Orientador – Trabalho, Indústria e Comércio, Porto Alegre, a. XII, n. 21, 27/05/1950, p. 555(7).

ANEXO E – Trabalho, Indústria e Comércio – Semanário sucessor do “O Orientador”

(1614)  
 DR. JACQUES SURLAUX (41)  
 Rua Mostardeiro - 123



**TRABALHO, INDÚSTRIA E COMÉRCIO**

DIRETOR-PROPRIETÁRIO: DR. ARMANDO GOMES FERREIRA  
 Redação e Administração — Dr. Flores, 36 - P. Alegre - R. G. Sul

Successor do "O ORIENTADOR"

ANO IX PORTO ALEGRE, 18 DE JANEIRO DE 1947 N. 1

## O 9º aniversário de Trabalho, Indústria e Comércio

Com este número — o primeiro deste ano da graça de 1947 — assinala TRABALHO, INDÚSTRIA E COMÉRCIO o seu 9º aniversário.

Entretanto no seu 9.º ano de existência, esta revista, dedicada ao serviço dos que labutam nas árduas atividades industriais e comerciais, como fonte informativa e orientação, vence, à custa de um extremo de esforço, não isento de duros sacrifícios, mais uma etapa no cumprimento de seus deveres.

Nunca, por certo, como na atualidade, custará tanto fazer imprensa, especialmente imprensa da natureza desta revista. A escassez e o alto preço do papel, o encarecimento da impressão e de toda espécie de trabalho fazem com que a circulação de um semanário do gênero de TRABALHO, INDÚSTRIA E COMÉRCIO consista num ingente esforço e num autêntico sacrifício. Só mesmo o desejo de levar avante um propósito traçado é que nos impele a não desistirmos do prosseguimento da tarefa encetada.

Para tanto, o que, sobretudo, nos anima e estimula é a boa acolhida com que contamos, por parte dos que, labutando no comércio e na indústria no sul do país, nos honram com a sua preferência. Só esta, ex-

pressa na assinatura da revista, é que pôde assegurar a continuidade de nosso trabalho. E este — não é imodéstia, seguramente, dizê-lo — agora, mais do que nunca, se torna necessário aos empregadores e empregados, nas atividades manufatureiras e mercantis. Porque entramos em uma nova fase da vida nacional, com a reconstitucionalização do país da União, dos Estados e dos Municípios. Novo sistema, novo ritmo legal da marcha dos negócios públicos e privados estão a exigir, por parte dos comerciantes e industriais e de seus auxiliares, o máximo de atenção, quanto aos preceitos constitucionais, às novas leis, editadas pelo Congresso Nacional e pelas futuras Assembléias Legislativas Estaduais e Câmaras Municipais de Vereadores.

De tudo isso TRABALHO, INDÚSTRIA E COMÉRCIO dar-lhes-á, fiel ao seu programa, amplo informe e esclarecimento, continuando a desempenhar o mesmo papel que, desde a circulação do seu primeiro número, vem desempenhando: publicando e interpretando as leis, regulamentos, instruções de interesse do comércio e da indústria, as decisões da justiça trabalhista e do fisco e todas as informações que lhes digam respeito, bem como artigos, notas e notícias que lhes possam, de algum modo, servir.

Fonte: Trabalho, Indústria e Comércio, Porto Alegre, a. IX, 18/01/1947.